

Letícia Silva Azevedo

MOMENTOS DE DISTINÇÃO E ALEGRIA:

representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2024

Letícia Silva Azevedo

MOMENTOS DE DISTINÇÃO E ALEGRIA:

representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos do Lazer

Linha de Pesquisa: História, Memória e Lazer

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Flávia da Cruz Santos

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2024

A994m 2024	Azevedo, Leticia Silva Momentos de distinção e alegria: representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930 [manuscrito] / Leticia Silva Azevedo – 2024. 214 f.: il.
	Orientadora: Flávia da Cruz Santos
	Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
	Bibliografia: f. 203 - 214
	1. Lazer – Teses. 2. Imprensa – História – Belo Horizonte (MG) – Teses. 3. Relações de gênero – Teses. I. Santos, Flávia da Cruz. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.
	CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Lúcio Alves Tannure, CRB 6: nº 2266, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

ATA DA 203ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LETÍCIA SILVA AZEVEDO

Às 09h00min do dia 29 de agosto de 2024, reuniu-se de modo virtual a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "MOMENTOS DE DESTINÇÃO E ALEGRIA: representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	
Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (UNICAP)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos - Orientadora (UFMG)

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)

Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (UNICAP)



Documento assinado eletronicamente por **Flavia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 29/08/2024, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 29/08/2024, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, Usuária Externa**, em 10/09/2024, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3413359** e o código CRC **5DAC521D**.

À Marlene e ao Paulo,
o amor, a compreensão, a torcida e a confiança dos meus pais me sustentam em meus
caminhos.

AGRADECIMENTOS

Essa é a última parte da dissertação que estou escrevendo. Mesmo exausta depois de muito lutar para conseguir escrever, reescrever, acrescentar e retirar as tantas informações e articulações postas aqui, construindo esse que é o meu maior esforço de pesquisa; me sinto em paz deixando os sentimentos prevalecerem, sem os necessários cuidados teóricos e metodológicos. Nesse momento, meu compromisso é com as afetividades que tive a sorte de encontrar ao longo desse processo.

Começo agradecendo aquela que não me permitiu desistir: Andreia. Foi quem segurou minhas mãos, soube tratar as frustrações e momentos de desespero, bem como vibrou comigo em cada trabalho apresentado, em cada incentivo que recebia da orientadora e demais professores. Lembro do brilho do seu olhar ao me ver feliz e realizada, o que foi a maior parte desses dois anos de curso, bem como do seu olhar calmo e sereno quando o meu estava banhado em lágrimas. Obrigada pelas suas tantas formas de amor, por ser acolhida e força.

Quando decidi estudar para o processo seletivo, decidi “fazer mestrado” meus pais, que chegaram até a quarta série do Ensino Fundamental, perguntaram o que era aquilo. Expliquei por diversas vezes, mas desde a primeira eu recebi apoio e confiança e, quando deu certo, vibraram junto comigo. Nesses dois anos, quando me perguntavam para onde eu estava indo, ouviram: “para a UFMG”. Essa nunca foi uma certeza para a nossa família, mas dado meu esforço, dedicação e paixão por estudar, desde pequena, quando meu pai pregou um pedaço de madeira na parede e me deu caixas de giz brancos e coloridos para brincar de professora, talvez não seria algo impossível. Houveram dúvidas, muitas. Mas eu consegui, e muitas vezes graças a eles. Seus gestos, palavras e abraços me deixaram mais forte. Podem não ter instruções formais e diplomas, mas são dotados de uma humanidade que lhes permitem entender e repensar suas crenças e certezas, bem como para apoiar a filha LGBTQIAP+ que quis estudar lazer e gênero na instituição que não puderam almejar para si.

Às outras pessoas da família quero começar agradecendo à minha avó, que mesmo não estando mais presente no momento da pós-graduação, deixou o legado do amor, cuidado e respeito, e seu bordão esteve sempre comigo: “Que Deus te dê juízo, memória e entendimento para aprender tudo quanto for bom.” Obrigada também à Natália e Débora por vibrarem comigo quando eu consegui, por também sempre acreditarem em mim, por dizerem: “eu já sabia que iria conseguir”. Obrigada também à Marcela e Cristiane, pelas parabenizações e por gostarem de escutar e divagar a respeito do que encontramos ao longo das nossas jornadas formativas, é muito bom saber e refletir despretensiosamente a respeito de gestão da saúde,

arquitetura, história e lazer. E, ainda no âmbito familiar, obrigada Larissa, os momentos em que escutei seu apoio também foram muito importantes.

Agradeço também à amizade sincera e a escuta atenta de pessoas que são um presente em minha vida: Carolina Dias, Lorena Santos e Lua Lucas Brandão. Decidi fazer o processo seletivo e eles acreditaram, desde o início, que eu conseguiria. Obrigada pela paciência e por sempre perguntarem como eu estava e como a pesquisa estava seguindo, vocês se colocaram à disposição, se fizeram presentes mesmo que nossas vidas estejam correndo em diferentes direções. Os nossos encontros são sempre fortalecedores. Ainda sobre os amigos, quero agradecer à Fernanda Viana, quem tive o prazer de conhecer durante o mestrado, nossas conversas e encontros foram preciosos, por serem momentos de reflexão e suspiro. Também deixo registrado as trocas com Fábio Henrique, acreditamos um no outro e conseguimos.

Consegui, entrei como aluna da UFMG no PPGIEL. Que lugar era esse? Grande parte dele eu fui descobrindo a partir das reuniões no gabinete da orientadora desse trabalho: Dr^a Flávia da Cruz Santos. O título de doutora eu coloco também nesse texto que não exige formalizações, bem como não se trata de uma distância, o meu destaque é em tons de admiração. As nossas orientações duravam mais de duas horas em seu gabinete. Primeiro ela preparava o ambiente, perguntando e dando espaço para variedades a respeito da vida, transformando o momento de crítica e desenvolvimento do trabalho em um lugar de acolhida. E seguíamos pelo trabalho. O seu conhecimento e a forma como trabalha me inspiraram. Eu deixava a sua sala com vontade de trabalhar. Ela é essa pessoa do trabalho. As tarefas de uma pesquisa são muitas, importantes e complexas, mas é como ela demarcava: é com trabalho e coragem que a gente resolve os nós. Deixo registrado meu agradecimento e felicidade por ter sido orientada por alguém cuja competência segue como valiosa fonte de inspiração.

Com carinho, deixo meus agradecimentos ao Bernardo, Joyce e Luciano. Nossos momentos de estudos e orientação coletiva foram preciosos, engraçados e inspiradores.

Quero também registrar meus agradecimentos aos professores do programa, da banca examinadora e das outras escolas da universidade, que me formam nesse processo. Deixo aqui um agradecimento especial à Maria Cristina Rosa, Ana Cláudia Porfírio Couto, Victor Melo, Hélder Isayama, Thaís Nívea Fonseca e Lídia Rafaela Nascimento dos Santos. Os seus textos e a forma como conduziram as aulas, me ajudaram em termos profissionais e humanos. Ouvi uma frase da Maria Cristina num podcast que me acompanha desde então: “Uma vida simples, mas de muita dedicação.”

Antes de finalizar, também quero agradecer à Edna e ao Rafael, os quais trabalham no Arquivo Público Mineiro e na Hemeroteca Digital, respectivamente. Também quero agradecer

a todos os servidores da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, que desenvolvem um trabalho cotidiano e constante essencial para o funcionamento da escola e o desenvolvimento de tantas pesquisas e outras atividades que compõem a universidade. Por fim, agradeço à FAPEMIG pelo financiamento.

Ainda que seja uma empreitada que se faça por critérios metodológicos e considerando as subjetividades de interesse e capacidade analítica de quem assina a pesquisa, é também algo construído em conjunto. Nas salas de aula, nos eventos acadêmicos e nos bares, a pesquisa vai se constituindo e chegando nesse momento que é muito mais de entrega do que de finalização.

RESUMO

A dissertação que aqui se apresenta se construiu sob o objetivo de analisar as representações de lazer e gênero na revista *Bello Horizonte* ao longo da década de 1930. Esse estudo foi desenvolvido a partir das considerações teóricas e metodológicas da Nova História Cultural e dos Estudos de Gênero, comprometendo-se a contribuir com as produções que se dedicam à história das representações. A revista foi fundada pelo seu primeiro diretor, Augusto Siqueira em 1933 e seguiu com suas atividades até 1953. Sua longevidade de 20 anos constitui-se um marco no contexto da imprensa da cidade, pois na nova capital mineira centenas de revistas e jornais não conseguiram se sustentar. A pesquisa não se dedicou a analisar todos os vinte anos de existência do material, o que não seria exequível para uma dissertação, concentrando-se em analisar as publicações entre 1933 e 1939. Esse recorte temporal foi definido ao considerar que a partir da década de 1940 os lugares de sociabilidade da cidade mudaram significativamente com a inauguração da Lagoa da Pampulha, fazendo surgir na cidade lazeres como esportes aquáticos, cassino, casa de baile e diversos restaurantes. A cidade até 1930 tinha como centralidade urbana a Avenida Afonso Pena e circunscrita à ela estavam as principais e mais elegantes casas de lazer que a revista publicou, como Cine-Theatro Brasil e o Automóvel Club, sendo também na avenida que se desenvolveu o famoso footing. Por essa razão, esse estudo abordou essa última década em que a vida urbana esteve circunscrita ao interior da Avenida do Contorno. As análises identificaram seis grandes variações de lazer: as festas, o footing, os esportes, o rádio, o teatro e o cinema. Para cada uma dessas modalidades foi construído um texto apresentando a análise das fontes e suas variações e definições pautadas no sistema sexo-gênero. No último capítulo, a pesquisa ainda abordou as poucas ocorrências referentes aos populares, os quais não são o público alvo, mas que constituíram o cenário das ações de benevolência festiva da elite mineira. Ao final, concluiu-se que essa revista publicou uma parte da cidade de Belo Horizonte que tinha condições para desfrutar de possibilidades de lazer que se davam em espaços privados, mas que queriam a visibilidade pública para reforço do seu modo de vida e manutenção de uma cidade a partir da lógica burguesa e moderna de divertimento e desenvolvimento. A pesquisa recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

Palavras-chave: Lazer. Gênero. Imprensa Escrita. Belo Horizonte.

ABSTRACT

The dissertation presented here was constructed with the purpose of analyzing the representations of leisure and gender in the magazine *Bello Horizonte* throughout the 1930s. This study was developed based on the theoretical and methodological considerations of the New Cultural History and Gender Studies, committing to contribute to the productions dedicated to the history of representations. The magazine was founded by its first director, Augusto Siqueira, in 1933 and continued its activities until 1953. Its longevity of 20 years constitutes a milestone in the context of the city's press, since in the new capital of Minas Gerais hundreds of magazines and newspapers were unable to sustain themselves. The research did not focus on analyzing the entire twenty years of the material's existence, which would not be feasible for a dissertation, but rather focused on analyzing publications between 1933 and 1939. This time frame was defined by considering that from the 1940s onwards, the city's social spaces changed significantly with the inauguration of Lagoa da Pampulha, giving rise to leisure activities such as water sports, casinos, dance clubs and several restaurants. Until 1930, the city's urban center was Afonso Pena Avenue, and the main and most elegant leisure venues published in the magazine, such as Cine-Theatro Brasil and the Automovel Club, were located there. It was also on this avenue that the famous footing developed. For this reason, this study addressed this last decade in which urban life was limited to the interior of Contorno Avenue. The analyses identified six major variations in leisure activities: parties, footing, sports, radio, theater and cinema. For each of these modalities, a text was written presenting the analysis of the sources and their variations and definitions based on the sex-gender system. In the last chapter, the research also addressed the few occurrences referring to the popular, who are not the target audience, but who constituted the setting for the festive benevolence actions of the Minas Gerais elite. In the end, it was concluded that this magazine published a part of the city of Belo Horizonte that had the conditions to enjoy leisure opportunities that took place in private spaces, but who wanted public visibility to reinforce their way of life and maintain a city based on the bourgeois and modern logic of entertainment and development. The research received funding from the Minas Gerais State Research Support Foundation - FAPEMIG.

Keywords: Leisure. Gender. Written press. Belo Horizonte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: A Revista Bello Horizonte.....	27
Figura 02 - Augusto Siqueira e Juscelino Kubitschek folheando a revista Bello Horizonte...	33
Figura 03 - Aniversário da Revista <i>Bello Horizonte</i>	37
Figura 04 - Festa no Automóvel Club - comemoração da chegada da primavera	45
Figura 05 - Aniversário do governo de Benedito Valladares no Automovel Club.....	46
Figura 06 - 10º Aniversário do Automovel Club.....	48
Figura 07 - Personalidades políticas do poder executivo mineiro da década de 1930.....	49
Figura 08 - No Automovel Club: homenagem ao presidente Getúlio Vargas.....	51
Figura 09 - Festa no Automóvel Club: comemoração de bodas de ouro.....	59
Figura 10 - Bodas de Casamento casal Cerqueira.....	57
Figura 11 - Festa de aniversário Infantil	58
Figura 12 - Festa de amigos no Bar Garibaldi	60
Figura 13 - Aniversário do Chefe de Polícia.....	52
Figura 14 - Chá elegante da senhorinha Soares Filho no Automovel Club.....	65
Figura 15 - Footing no Parque Municipal.....	68
Figura 16 - Mulheres fotografadas no footing na Avenida Afonso Pena.....	72
Figura 17 - Homens da sociedade praticando o footing na Avenida Afonso Pena.....	74
Figura 18 - A filha do diretor da revista fazendo footing na Avenida.....	76
Figura 19 - Benedito Valadares homenageado no Minas Tênis Clube.....	80
Figura 20 - Criança e futebol.....	88
Figura 21 - Futebol e seus times.....	90
Figura 22 - Presidente do clube Athletico Mineiro.....	92
Figura 23 - Mulheres em eventos futebolísticos.....	94
Figura 24 - Treino de natação assistido por uma farta plateia.....	101
Figura 25 - Nadadora na capa da revista <i>Bello Horizonte</i>	102
Figura 26 - Nadadoras na piscina do América.....	103
Figura 27 - Corpos femininos e masculinos na piscina.....	105
Figura 28 - Nadadora Sieglinda Lenk recebida pelos círculos sociais e esportistas da cidade.....	

.....	108
Figura 29 - Treinos masculinos de natação na piscina do Atlético.....	110
Figura 30 - Sociedade elegante reunida no Country Club: destaque aos banhos de piscina..	112
Figura 31 - Jogadoras de vôlei.....	114
Figura 32 - Jogadoras de tênis.....	116
Figura 33 - No Teatro Municipal o Côro Asdrubal Lima.....	127
Figura 34 - A platéia do Teatro Municipal e motivações políticas	133
Figura 35 - Mulheres fotografadas no footing depois da Matinée.....	147
Figura 36 - Angelina Bastane: secretária da revista <i>Bello Horizonte</i>	150
Figura 37 - O rádio como instrumento de alegria para os lares.....	163
Figura 38 - O rádio anunciado como acessível à qualquer lar.....	165
Figura 39 - Criança recebendo prêmio em concurso na rádio.....	167
Figura 40 - Festa de inauguração de mais uma loja de rádios Philips.....	171
Figura 41 - Mara Vasconcelos e demais artistas da Rádio Inconfidência	173
Figura 42 - Elegância feminina e masculina.....	177
Figura 43 - Produtos domésticos e diferenças de raça, classe e gênero em sua oferta.....	174
Figura 44 - Produtos modernos e protagonismo feminino no serviço doméstico	180
Figura 45 - O rádio como acessível a qualquer lar.....	182
Figura 46 - A revista Bello Horizonte nas bolsas dos pequenos jornaleiros.....	184
Figura 47 - Pequenos Jornaleiros.....	186
Figura 48 - Natal do Pequeno Jornaleiro.....	187
Figura 49 - O natal dos pobres.....	191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
LITERÁRIA E NOTICIOSA: UMA REVISTA MODERNA PARA UMA CAPITAL QUE SE QUERIA MODERNA.....	24
2. AS REPRESENTAÇÕES DE LAZER NA REVISTA BELLO HORIZONTE.....	40
2.1 Festas.....	42
2.2. Footing.....	67
2.3 Esportes.....	77
2.4 Teatro.....	117
2.5 Cinema.....	135
2.6 Rádio.....	155
3. POSSIBILIDADES DE LEITURA SOBRE OS POPULARES NA REVISTA BELLO HORIZONTE.....	175
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	204

INTRODUÇÃO

O ser cidadão guarda relações importantes com sua cidade e no viver urbano estabelece relações com a materialidade simbólica. As cidades são dotadas de elementos e marcas simbólicas que definem os contornos do seu ser e se projeta enquanto referência aos habitantes. No caso de Belo Horizonte, as referências simbólicas foram construídas junto de sua materialidade, por tratar-se de uma "cidade do presente" ou "cidade artificial", ao ser planejada sob as idéias do racionalismo positivista. Sua construção se deu sob a supervisão do engenheiro Aarão Reis e, posteriormente, Fernando Bicalho, com contribuições de uma equipe especializada composta por arquitetos, engenheiros, urbanistas e artistas, alinhados às edificações da modernidade que traçaram Paris do século XIX e a capital norte-americana, Washington. Belo Horizonte foi feita em uma malha urbana quadriculada e circunscrita pela denominada Avenida do Contorno. A nova capital construída expressaria o republicanismo em Minas Gerais e sua funcionalidade estaria voltada para a centralização e ordenamento das ações políticas e administrativas do Estado. Antes de ser totalmente finalizada, foi inaugurada em quatro anos de construção, em 12 de dezembro de 1987.

O lugar para esse empreendimento que materializa os modernos ideais republicanos, foi a região do Curral Del Rei, uma pequena cidade, pacata, mas bela e de condições climáticas e estrutura para distribuição de água. Nela, habitavam uma população de 2500 habitantes, distribuídos por casebres, que tinham práticas sócio-culturais consideradas provincianas, como festas religiosas, conversas em vendas e em portas de casas e vielas. A construção da cidade se deu com a demolição do arraial, com forte apelo artificial. O comportamento dos moradores, tanto locais quanto os que se mudaram da então capital ouropretana, foram descartados na tentativa e no desejo de imitar os grandes centros.

A elite da região das minas se comprometeu com uma progressiva transferência de Ouro Preto para a cidade planejada. Em seus primeiros anos, Belo Horizonte, apresentava uma sociabilidade pacata, com ruas arborizadas e amplas que propunham circulação de pessoas, mercadorias e ideias, mas que carecia de uma população que cultivasse os hábitos da metrópole e não de província, como eram acostumados. Em termos de sociabilidade, os trabalhos de Rodrigues (2006) e Vilhena (2008) contam que a cidade era criticada como um lugar de estrutura demasiadamente grande e vazia, pois as pessoas estavam acostumadas a se entreterem em seus próprios espaços. A nova cidade, por sua vez, fora planejada para servir às sociabilidades que desenvolvessem e atribuíssem sentido ao espaço urbano planejado.

Na década de 1930 a vivência no espaço urbano estava se consolidando e já demonstrava alguns avanços. A chamada “Cidade Jardim”, projetada para as atividades administrativas e políticas do Estado e comportando pouco mais de 300 000 habitantes, era também uma cidade de encontros, festividades e programações culturais variadas. E essa é a preocupação desse estudo, os momentos de lazer, contudo, aqueles que chegaram à imprensa. Assim, essa pesquisa se dedicava à análise das representações das práticas de lazer e seu encontro com a categoria gênero na cidade de Belo Horizonte a partir daquela que pretendia ser a revista da cidade, a revista *Bello Horizonte*.

Essa pesquisa surgiu a partir da fonte, ou seja, primeiro tive contato com a revista e, observando seu potencial e meus próprios interesses de pesquisa e oportunidades, construí um projeto de mestrado que originou essa dissertação, visando contribuir com os estudos sobre o lazer e a cidade a partir da imprensa escrita e as problematizações de gênero. Esse potencial também foi verificado observando a produção bibliográfica. Tal periódico não havia sido tomado como fonte principal de estudos para a discussão a partir das problematizações do campo do lazer e a perspectiva de gênero. Essa revista já foi descoberta por outros estudos, mas foi mobilizada de forma combinada com outras fontes, não como fonte principal como é o caso dessa pesquisa. Cedro (2019), a usou para discutir a construção e a presença do lazer na Pampulha; Cota (2016) também consultou suas páginas ao investigar a respeito da Rádio Inconfidência e sua repercussão na imprensa; Mayor (2017) a mobilizou para suas investigações sobre o futebol, entre o amadorismo e o profissionalismo, na capital mineira; e, por fim, Costa (2022), a qual trabalhou essa pesquisa como seu objeto de estudo com o objetivo de estudar a memória gráfica mineira a partir da Revista *Bello Horizonte*.

A preocupação com o lazer e com o gênero se deu pela próprio discurso da revista, em suas páginas li a respeito do desenvolvimento industrial e comercial da cidade, mas me demorei observando as tantas imagens e textos sobre as festas, o cinema, os esportes, o curioso footing, o rádio e também sobre um majestoso e extinto teatro. Nesses espaços, homens e mulheres eram diferentemente representados.

Na década de 1930, a revista publicava uma movimentada vivência urbana. A imprensa na capital mineira atuou no convite e educação dos corpos para as experiências cidadinas. (Vilhena, 2008). Ainda que a cidade de ruas largas e arborizadas ainda não tivesse um movimento frenético que permitissem identificá-la como uma importante metrópole, as publicações dos momentos de lazer na cidade permitem dizer que a cidade estava se empenhando rumo à modernidade que almejava. Aqui, esse movimento também foi observado, mas a partir das experiências de lazer.

A análise da revista, como fonte principal dessa pesquisa, com foco nas suas representações de lazer e gênero, foi desenvolvida entre os anos de 2022 e 2024, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Flávia da Cruz Santos, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, a FAPEMIG. Ainda que presente em outras pesquisas, essa mesma fonte submetida a um olhar e interesses de pesquisa diferentes, origina novas considerações e pontos de vista. Dito isso, seguimos com a construção dessa empreitada que foi desenvolver uma discussão acerca de História, Lazer, Imprensa e Gênero.

Esse estudo se constituiu a partir de um corpus documental composto por 110 revistas da *Bello Horizonte: revista literária e noticiosa*. Essas revistas foram publicadas na década de 1930, e aquelas publicadas nas décadas de 1940 e 1950 foram desconsideradas para esse estudo. O recorte temporal da pesquisa, de 1933 a 1939, inicia-se no ano de fundação da revista e se estende até ao final da década, uma vez que a partir da década de 1940 a cidade da República sofreu uma importante transformação cultural, a construção de uma nova centralidade urbana para a cidade de Belo Horizonte: a Pampulha.

Na década de 1930 os lazeres encontrados foram noticiados no raio da primeira centralidade urbana belo-horizontina, qual seja a Avenida Afonso Pena, sendo as referências de locais de diversão o Automóvel Club, o Teatro Municipal, a Avenida Afonso Pena e seu footing, o Cine Brasil e o Glória, os bares e as repartições públicas e comerciais em seus jantares, banquetes e “cocktails” (coquetéis) comemorativos. A partir de 1940 a cidade se transforma e a então centralidade da Avenida Afonso Pena vai perdendo espaço em razão da construção e desenvolvimento do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, inaugurado em 1942, o qual traz outras sensibilidades e oportunidades de lazer que fartam as páginas da revista.

O Complexo da Pampulha foi projetado como espaço de lazer e sociabilidade, com construções destinadas à criação de luxuosos espaços frequentados pela elite-belo-horizontina. Nesse cenário, a Belo Horizonte da revista conheceu o Iate Golf Club, o Cassino, a Casa do Baile e a Igreja, os quais eram espaços que. “de forma geral, o lazer instituído pelo poder público por meio do Complexo da Pampulha teve recepção e consumo em sua maior parte pela elite belo-horizontina.” (Cedro, 2019, p. 295). Por essa razão, a pesquisa para a presente dissertação se concentra na década de 1930.

As revistas estão disponibilizadas em diferentes acervos, e o mais completo, dispondo de todos os números, é o que está sob a guarda do Arquivo Público Mineiro - APM, cujo acesso se dá sob consulta presencial condicionada à agendamento prévio. Os outros dois arquivos são o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH e a Coleção Linhares, os quais disponibilizam alguns exemplares da revista de que dispõem de maneira unicamente

digital. A Coleção Linhares¹, sob guarda da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, dispõe de alguns números referentes à década de 1930. Outros números da revista ainda puderam ser acessados pelo site da Prefeitura de Belo Horizonte, na aba denominada Acervo, o qual é composto por subseções como: Biblioteca, Coleções, Comissão, Fundos, Guia do APCBH, Relatório de Prefeito e, por fim, Revistas. O site disponibiliza essas informações e documentos a partir do trabalho do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH.

As revistas foram submetidas a etapas de análise, sendo a primeira uma leitura exploratória, a fim de compreender o material e sua proposta editorial. Feito isso, o trabalho direcionou-se para a compreensão de quais práticas de lazer foram veiculadas e a sistematização delas, de forma a agrupá-las pela sua modalidade, reunindo textos que se distribuíram pelas seis categorias definidas pela análise: esporte, festas, cinema, footing, rádio e teatro, cuja problematização é desenvolvida neste trabalho em capítulo específico para cada uma das possibilidades de lazer veiculadas por esse periódico. Ainda foram selecionados alguns textos referentes à cidade de Belo Horizonte, que possibilitaram compreender a dinâmica da cidade a partir da perspectiva dessa fonte, bem como notas em que ela divulga sobre si mesma, permitindo ler como ela se posiciona na cidade pela e para qual fala.

A seguir, apresento os critérios pelos quais os textos foram agrupados em cada categoria.

Os textos referentes à festa, 212 ocorrências, foram os que quantitativamente mais aparecem na revista, por se tratar de celebrações festivas de diferentes motivações, como as sociabilidades entre os clubes, as festas dos calendários festivos, as festas de aniversários, os jantares e banquetes em honra as personalidades políticas, industriais e comerciais e, ainda, os encontros e convites aos chamados “chás-dançantes”, que constituem em sociabilidade em bares que abrigavam comes e bebes ao som de músicas e danças.

O teatro em 1930, na cidade de Belo Horizonte, já não se constituía como uma das principais casas de diversão, como fora no século XIX e nos anos iniciais do século XX, seu poderio estava em cheque pela expansão do cinema, esse lazer moderno e mais acessível às diferentes classes sociais. Sua presença na revista esteve em 22 ocorrências.

O cinema foi representado pela revista em 72 ocorrências, distribuídas por diferentes locais da revista, contando, nos primeiros números, com uma seção específica que

¹Coleção de periódicos do colecionador Joaquim Nabuco Linhares, que reuniu mais de 800 títulos de periódicos que circularam em Belo Horizonte, de 1897 a 1954. Tal acervo está, atualmente, sob a guarda da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

denominada “Chrônica Cinematográfica”. Ao longo da revista, em diferentes páginas, também haviam pequenos textos com notícias sobre Hollywood, suas produções, artistas e expectativas de lançamentos de filmes. Fotos de celebridades também apareciam ao longo das páginas, especialmente as atrizes hollywoodianas, cuja divulgação de seus rostos, corpos, vestimentas e trejeitos, serviam como parâmetro para a beleza feminina. A divulgação das vidas e das obras de tais artistas também contribuíram para a ampliação da autonomia feminina, uma vez que veiculam-nas trabalhando intensamente e com altos graus de liberdade e decisões que não eram permitidos às mulheres comuns, além disso, eram mulheres que ainda dispunham de liberdade para se entregarem em relações afetivas de maneira mais fluida.

O Footing, prática valorizada por promover a circulação de pessoas no espaço público, apareceu na revista em seus dois primeiros anos de existência e não mais. Para ele havia uma seção específica cujo título era “Footing”, página na qual os homens escreviam sobre as mulheres que compareciam nas ruas da Avenida Afonso Pena, dizendo sobre suas roupas, sua beleza e seus comportamentos. O footing também aparece em diversas fotografias, já que haviam fotógrafos da revista em prontidão na calçada da Afonso Pena registrando os movimentos elegantes que se queria publicar e, então, incentivar e ensinar. O footing foi contabilizado em 35 ocorrências na revista.

Os esportes, figurando em 52 ocorrências, diferentes do cinema e do footing, não contaram com uma sessão específica para eles logo no início da revista em 1933, apenas em números do ano de 1935 em diante, com seção denominada “vida esportiva”, cuja permanência era muito efêmera. Ainda assim, figuraram em diferentes páginas, em notícias que informaram a respeito dos jogos de futebol que aconteceram entre os times da capital e dos outros estados. Havia também as páginas referentes à natação, com fotos das piscinas do Atlético, América e do Minas Tênis Clube, como um importante equipamento para a modernização tanto da cidade, quanto dos interesses esportivos; além de fotos das mulheres praticando tal modalidade, a qual era vista como benéfica para o corpo feminino em uma época cujos cuidados com a beleza também perpassam pela atenção para com a saúde. Algumas ocorrências com vôlei e tênis também foram vistas, mas não tratadas pela revista com o mesmo dispêndio gráfico e discursivo como visto com relação ao futebol e à natação.

Ainda temos o rádio, identificado como objeto de adorno, elegância e educação, que foi veiculado na revista em diferentes formatos: anúncios, crônicas e notícias. Sua presença nesse estudo aparece em 1934 e se intensifica a partir de 1936, quando se tem a inauguração de uma das mais importantes rádios do Brasil na época, a Rádio Inconfidência. A quantificação apresentou um total de 37 ocorrências.

As festas eram motivo de nota social na revista, e sua equipe era convidada a participar dos bailes elegantes e dos chás dançantes no clubes, bem como as comemorações mais modestas em bares e restaurantes e, ainda, aquelas que aconteciam nas casas das pessoas aniversariantes ou homenageadas. O pessoal ainda frequentava o cinema, os homens algumas vezes eram aclamados por fazer construir esses espaços e as mulheres eram fotografadas em desfile pela Avenida Afonso Pena depois de uma sessão nos cinemas da cidade. Os artistas de cinema ocuparam importantes páginas dessa revista. Nos esportes, a força masculina e a graciosidade feminina caracterizavam as e os atletas. O passeio pela avenida, era uma atividade que se realizava com os olhares atentos para cada transeunte elegante, produziu textos sobre o footing, a partir da perspectiva masculina, que relatava uma espécie de “raio X” daquelas que desfilavam pela cidade. No meio radiofônico, as mulheres despontaram como importantes artistas do rádio, sendo fotografadas ao microfone, e os homens se constituíram como importantes artistas, radialistas e comerciantes do gênero, conectando a cidade moderna com diferentes regiões do estado, bem como com o restante do país, com alcance para a América Latina. E, ainda, o Teatro Municipal, um imponente edifício que acolhia apresentações das moças e rapazes da “melhor sociedade” e, sem completar três décadas de existência, já era denominado como “velho Municipal”. Foram essas as possibilidades de lazer encontradas em uma das revistas ilustradas de maior longevidade e importância na capital mineira: festas, cinema, esporte, footing, rádio e teatro. Tais práticas ocuparam o periódico de maneira muito diversa, algumas com sessões demarcadas e outras em páginas aleatórias pela revista, mas todas representaram o lazer na cidade de Belo Horizonte e, ao fazerem, atuaram na construção de uma cidade que se queria movimentada, habitada e consumida, por mulheres e homens modernos (os).

A análise de tais textos se fez com atenção às representações de mulheres e homens, os valores a cada um atribuído. Para tanto, atentei-me em não considerar o gênero como sinônimo de “mulheres”. A pesquisa não propõe pensar as representações de lazer veiculadas pela revista *Bello Horizonte* para o público feminino. A proposta do gênero enquanto uma categoria de análise é desenvolver uma análise que considere e questione a relação entre os sexos. Assim, gênero é uma categoria de análise que segundo Scott (1995) se refere às origens sociais das definições subjetivas das mulheres e dos homens, sendo uma perspectiva relacional contra as justificativas biológicas mantenedoras das desigualdades. Esse é um debate que perpassa todo o trabalho, em cada uma das diferentes possibilidades de lazer existem considerações a respeito das diferenças e transformações no que diz respeito à mulher e ao homem.

Apresentadas as considerações metodológicas da pesquisa, trato agora de algumas sustentações teóricas com as quais a pesquisa operou. Os lazeres vivenciados na sociedade belo-horizontina na década de 1930, são partes constituintes da memória e História da cidade de Belo Horizonte. Ao serem acessados através das páginas da imprensa serão neste estudo analisadas sob a perspectiva epistemológica da História Cultural, operando com o conceito de representação, com a finalidade de compreender as concepções de lazer que se encaixavam nos projetos de imprensa e de sociedade com os quais o veículo operava. Os estudos em torno da imprensa preocupam-se em entender as formas simbólicas agenciadas por valores, atitudes e crenças de dado tempo e sociedade, por entender que podem responder a respeito das transformações sociais associadas ao surgimento das sociedades modernas. Para essa pesquisa, a imprensa é tratada como fonte de estudo com o objetivo de entender as representações de lazer e gênero, como esses discursos se fizeram e serviram à sociedade belo-horizontina de 1930, que se expressa por insígnias modernas que construíram a cidade republicana.

As representações, os sentidos, ideias, concepções e suas derivações compõem os interesses da perspectiva teórica e metodológica da História Cultural, a qual não se preocupa em definir fatos e objetos, se dedicando muito mais às noções de representação, prática e apropriação, se propõe “ao estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”, bem como ao estudo das “práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significados ao mundo.” (Chartier, 1990, p. 27). Burke (2009) afirma que para entender as formas simbólicas de expressão da realidade, “(...) os historiadores descobriram, ou redescobriram, o cotidiano, ou, mais exatamente, a relação entre as rotinas da vida e os grandes temas tradicionais da História.” (Burke, 2009, p. 186).

Em suas análises, Chartier (1990) apresenta novas discussões ao campo teórico metodológico das compreensões das práticas culturais, buscando uma História Cultural em direção alternativa àquela que por vezes se direcionou à História das Mentalidades, a qual, segundo o autor, muitas das vezes se fez pelo apego à quantificação de dados culturais, a partir de série documental, trabalhando por estruturas pré-definidas aos moldes sociológicos. Respondendo ao que ele chamou de “tentação sociológica”, propõe uma análise historiográfica que não se fundamenta no quantitativo, mas sim nos sistemas ideológicos, nas “maneiras como um indivíduo ou um grupo se apropria de um motivo intelectual ou de uma forma cultural, [sendo] mais importantes do que a distribuição estatística desse motivo ou dessa forma.” (Chartier, 1990, p. 51). A preocupação do autor é a operação da representação como um instrumento conceitual da análise cultural com vistas à “(...) identificar o modo

como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 1991, p. 17). Tal proposta parece adequada para se pensar sobre como o lazer foi construído e propagado por um veículo literário e noticioso, a revista, atuando como uma das vozes dominantes da imprensa belo-horizontina da década de 1930. É sobre identificar como o lazer é pensado, dado a ler e diferentemente ofertado e vivenciado em relação aos posicionamentos de gênero da sociedade em questão.

Considerando então que as divisões do mundo social se dão por esquemas interiorizados, sendo variáveis e plurais, que resultam nas diferentes modalidades de apreensão do real, as discursividades sobre o lazer são entendidas como significações que são múltiplas e móveis, em razão de variantes como tempo, espaço, comunidades e, particularmente nesse estudo, do sistema sexo-gênero. Sendo assim, é importante destacar que este estudo dedica-se a investigar não as formas de lazer disponíveis na capital mineira dos anos 1930, mas importa indagar como essas práticas foram representadas na revista que carrega o nome da capital. A investigação almejou entender como a revista pensa, a partir do que divulga, a respeito dos momentos de lazer da parcela social com a qual ela se propõe a dialogar e a noticiar. É nesse caminho teórico-metodológico da História Cultural que esse estudo se assenta, dado que “(...) o que importa compreender não são já as audácias do passado, mas muito mais os limites do pensável.” (Chartier, 1990, p. 40).

As representações aqui focalizadas têm sua materialidade na imprensa escrita. Assim o caminho de análise também se vale das considerações de Charaudeau (2019) para entender a estrutura do discurso midiático. O autor, ao estudar a mídia a considera sob uma perspectiva de contrato comunicacional, encarando-a como uma empresa de fabricar informação, construindo seu discurso a partir da sistematização de seus interesses, sendo eles definidos num intercâmbio de características econômicas e ideológicas, tendo por função as ações de relatar, comentar e provocar os acontecimentos. Sendo assim, os textos criados pelas mídias não são fatos desprovidos de desvinculações, mas, ao contrário, se trata de uma construção discursiva vinculada ao suporte organizacional da mídia moderna, essa mídia comercial.

O autor ainda compreende esse objeto a partir de três lógicas: a lógica econômica, o que lhe confere a característica de empresa; a lógica tecnológica, que orienta sua produção em termos de quantidade e qualidade em sua difusão e confecção; bem como a lógica simbólica, a qual está condicionada ao contexto de sua produção, ao mundo ao qual encontra-se vinculada, o que permite aferir “(...) a maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem às suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido.” (Charaudeau, 2019, p. 16). Esse

discurso da mídia como produtor de sentidos, se aproxima das práticas discursivas discutidas por Chartier (1991) as quais são pensadas “(...) como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões (...)” (p. 28).

A mídia como uma das máquinas características da modernidade, como máquina de informações que opera a partir dos interesses econômicos, tecnológicos e simbólicos, é produtora de imagens fragmentadas do real cujo recorte se estabelece pela lógica do seu interesse. Nesse movimento, os textos veiculados não possuem ou transmitem a realidade social, sua atuação impõe no espaço público fragmentos de seu interesse e não um espelho da realidade social da qual emerge e para a qual se volta.

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformado, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (Charaudeau, 2019, p. 20).

A pesquisa observa os fragmentos de lazer produzidos pela revista *Bello Horizonte* na década de 1930. Portanto, os esforços de pesquisa não se concentram em dizer que tipo de lazer se encontra na cidade, mas sim quais são as imagens que chegam em tais páginas e quais elementos as constituem. Tal investigação implica na análise da informação como ato de comunicação, pois uma vez que é linguagem não se limita aos signos linguísticos de formulação textual, mas se amplia para os sistemas de valores, os quais comandam os signos. (Charaudeau, 2019).

A partir do exposto, pode-se resumir que o estudo se constitui na finalidade de responder quais eram as práticas de lazer veiculadas pela revista e como eram expressas, bem como entender quais eram os valores que estavam associados à elas e como esses eram direcionados para mulheres e homens.

Em relação à organização do trabalho, ele se estrutura por um capítulo inicial que aborda a fonte principal de pesquisa. Em seguida, há um segundo grande capítulo que se dedica às práticas de lazer que foram encontradas na revista e formam as categorias: festas, esporte, cinema, footing, rádio e teatro. É importante ressaltar que a apresentação fragmentada dessas práticas se dá para fins explicativos, com o objetivo de mostrar as diferentes formas como são representadas, ainda que na realidade concreta elas aconteceram na simultaneidade característica da dinâmica da “vida real”. Por fim, no último capítulo, evidenciei aqueles que a revista escondeu, mas que por algumas frestas permitiu que as problematizações pudessem ser construídas: os populares.

Os populares que na revista aparecem são alvo da benemerência dessas pessoas que ocupam os bailes, os cinemas chics, a platéia do municipal, os eventos e festas esportivas, participam do elegante footing e ainda são consumidores dos modernos aparelhos de rádio que chegam à capital ano após ano. Por fim, a conclusão do trabalho expressa que a potencialidade de tal revista para pesquisas com foco na História do Lazer e do Esporte não se esgotam neste trabalho, bem como é ainda uma fonte de informação potente sobre diferentes informações acerca da capital mineira na primeira metade do século XX. Em suma, a pesquisa conclui que é possível compreender dada sociedade pela perspectiva do lazer, uma vez que ao estudar as ações humanas no tempo, as formas com que as pessoas entendem, constroem, publicam e vivem o lazer revelam sabores e dissabores de suas vidas e do contexto que experienciam.

1. LITERÁRIA E NOTICIOSA: UMA REVISTA MODERNA PARA UMA CAPITAL QUE SE QUERIA MODERNA

A revista Bello Horizonte foi um periódico que dada a profusão da imprensa belo-horizontina atingiu a marca inusitada de duas décadas de existência, iniciando-se em 1933 e encerrando suas atividades em 1953. (Costa, 2022). Em seu título e subtítulo ela se apresenta para que veio: “Bello Horizonte: literária e noticiosa”. A revista noticiou os círculos culturais e políticos da capital mineira. Apresenta uma escrita cuja pretensão é o destaque de personalidades sociais em seus feitos econômicos, políticos e sociais, bem como realiza uma cobertura positiva das decisões e eventos políticos. Em suas páginas se encontra uma linguagem essencialmente formativa, na medida em que ao dizer dos acontecimentos, estabelece as marcações do aceitável e inaceitável numa sociedade que se quer moderna.

Analisando o periodismo e seus efeitos na sociedade paulista, Martins (2008) traz considerações interessantes a respeito do modo periodístico em revista de registrar e noticiar a sociedade da qual nasce e para a qual se fala. A respeito das temáticas veiculadas nesse material de “leitura folhetinesca, em pedaços, quase aleatória, conduzida pela variedade de seções e ilustrações (...)” (p. 378), a autora diz:

Concomitantemente, modo e notas sociais completavam o recheio estimulante, suscitando toda ordem de variedade, numa sociedade que se percebia em outra dimensão, reproduzida no impresso através dos recursos da fotografia, ou através da “letra de forma” que anunciava seus feitos. Sociedade que passava a redesenhar sua imagem a partir daquela sugerida pelo então espelho da moda - as sedutoras revistas da época. (Martins, 2008, p. 378).

A revista Belo Horizonte foi esse periódico repleto de fotografias e diversidade de assuntos. Além disso, ela precisa ser compreendida em um contexto maior, já que foi criada em um momento político cuja censura aos meios de comunicação, lazer, educação e política era uma regra.

A revista Bello Horizonte iniciou suas publicações num contexto de transformações estruturais desencadeadas pelas consequências da chamada Revolução de 30. Nos anos 1930 a vitória da Aliança Liberal derrubou o então presidente Washington Luís e alçou ao poder Getúlio Vargas, em 03 de novembro de 1930, cujo tom autoritário da proposta governista se fez notar com a fechamento do Congresso Nacional, bem como dos legislativos estaduais e municipais e a instauração da política de alianças dos Interventores. Tais elementos demonstram que a democracia não estava nos planos do pretensioso projeto de reformulação política encabeçada pela oposição à então tradicional hegemonia paulista.

A Aliança Liberal prometeu refundar a República, sustentou sua promessa num impressionante programa de reformas, mas as grandes forças políticas responsáveis por sua institucionalização não tinham origem e nem vocação democráticas. Acreditavam que o projeto democrático que animava a Constituição de 1891 definhara sob a prevalência da Política dos Governadores, e optaram por um governo forte e centralizador. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 363).

Martins e Luca (2006), apresentando um panorama a respeito das relações entre imprensa e cidade, também dizem sobre esse período, em escala nacional, destacando que a configuração da imprensa sofreu duras alterações com a instauração da nova ordem política. As autoras pontuam que os periódicos que se orientavam pela ordem anterior foram aniquilados ou perderam grande parte de sua identidade. Enquanto que a prosperidade de outros veículos pode ser explicada pelo alinhamento desses com a nova ordem, como por exemplo, “no Rio de Janeiro, o Jornal do Comércio, Correio da Manhã, O Globo, Diário Carioca e, em São Paulo, O Estado de São Paulo, A Plateia (1888) e o Diário Nacional.” (Martins; De Luca, 2006, p. 54).

Logo em sequência da instauração da nova ordem, em 03 de novembro de 1930, já em meados de 1931 há a instauração do Departamento Oficial de Publicidade - DOP, subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, destinado ao controle da imprensa, cerceando aquilo que não poderia ser divulgado:

Em agosto de 1931, o Ministério da Justiça divulgou a lista dos temas tidos como impróprios, que incluía: notícias derrotistas sobre a situação econômico-financeira do país, então bastante frágil; menção a greves e desemprego; comentários de exilados políticos; referências ao comunismo no Brasil e exterior; notas sobre tendências separatistas, menções às forças armadas que pudessem gerar desentendimentos internos ou antipatias populares; enfim, um amplo rol de prescrições, algumas com forte dose de subjetividade. (Martins; De Luca, 2006, p. 56)

A institucionalização da censura não se limitou aos meios de comunicação, mas também se aplicou às outras tantas formas de lazer, identificadas na bibliografia como diversões públicas. A partir de 27 de dezembro de 1939, ocorre a institucionalização da censura, com a criação do “Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)”, cuja criação e atuação se fez na progressiva ampliação da atuação estatal sobre a sociedade civil, na medida em que,

Cabia-lhe centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna e externa; promover e organizar atos comemorativos oficiais e festas cívicas; realizar a censura prévia de jornais, revistas, cinemas, teatros, livros e diversões públicas, tais como festas populares, circos, bailes, bilhares, esportes, espetáculos e

exposições; cadastrar todas as empresas e funcionários envolvidos com a comunicação. O órgão estruturava-se em seis divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa (que englobava a Agência Nacional) e Serviços Auxiliares. (Martins; De Luca, 2006, p. 66).

Ainda que houvesse todos esses mecanismos de censura e controle institucionalizados, a aplicação desses coexistiu com resistências², contudo pode-se pensar que para esse contexto da mídia impressa e para o tipo de fonte do qual essa pesquisa se ocupa em maior medida, o alinhamento ao regime político proposto por Vargas é um dos vetores que explica o sucesso de vinte anos de edição da revista *Bello Horizonte*, bem como ajuda a compreender o grau de otimismo com que as reportagens, colunas e notícias são construídas.

A leitura contínua da revista mostra uma realidade belo-horizontina e mineira de progresso e desenvolvimento ininterruptos, com narrativas de celebrações que festejam os ideais de progresso e desenvolvimento. Rádio, cinema, teatro e festividades encontradas na revista, devem ser lidas considerando tratar-se de uma capital de cujo estado esteve sob o governo de um dos interventores mais próximos do presidente Vargas, Benedito Valadares, o qual encabeçou, em *terras montanhezas*, a política estadonovista que em seu amplo leque de atuação controlou as formas e representações de lazer.

Dada essa contextualização panorâmica, sigo com as caracterizações do periódico e de seu fundador, o qual foi um apaixonado pela capital: seu diretor-fundador Augusto Siqueira. Em relação às características mais imediatas do periódico, as notas de Linhares (1995) trazem informações mais precisas:

Com igual nome, já tivemos várias publicações, mas só esta em forma de revista (...) Em grande formato, 28 x 18,5, iniciou sua carreira em 19 de agosto de 1933. Posteriormente, foi esse formato reduzido para 24 x 16, assim se conservando até desaparecer. *Bello Horizonte* contava com selecionada colaboração e desenvolvido serviço fotográfico. Mantinha todas as sessões próprias de uma revista moderna, como literatura, esportes, mundanismo, variedades, humorismo, modas, crônicas, arte, etc. O número 194, que supomos ter sido o último publicado, é de fevereiro de 1953. Formato de 23,5 x 15,5. (Linhares, 1995, p. 307).

² As autoras não deixam de ressaltar que em meio aos ditames do governo autoritário, a imprensa buscou meios de subsistir em sua essência, de resistir frente à censura. “Os dirigentes de jornais valiam-se de vários expedientes para burlar a censura. Oswaldo Chateaubriand, por exemplo, que dirigia os jornais do irmão em São Paulo, despistou o censor, mantendo-o numa sala enquanto a edição do *Diário da Noite*, de 13 de novembro de 1931, estampando matéria vetada, era atirada às ruas pelas janelas da redação. O movimento de julho de 1932 em São Paulo também provocou novos realinhamentos, tendo sido apoiado pelos principais jornais cariocas, inclusive os *Diários Associados*, o que levou Chateaubriand à prisão e quase resultou na falência do grupo, que enfrentou forte cerco do governo.” (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 57).

A dimensão desse “grande formato” da revista, descrito acima, pode ser melhor visualizada pela figura abaixo, encontrada na revista de número 20, publicada em 24 de fevereiro de 1934, nas mãos de uma foliã do carnaval de Belo Horizonte:

Figura 01: A Revista *Bello Horizonte*



Legenda: Senhorita Nazira Farhat, candidata ao título de rainha do carnaval pelo bairro Carlos Prates.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934

A respeito da caracterização da revista, a dissertação de Costa (2022) ajudou a entender a trajetória desse periódico, esse que para ela se constituiu como objeto de pesquisa na discussão que desenvolve a respeito do design e memória gráfica mineira.⁴ Costa (2022) destaca que a revista, de publicação semanal e posteriormente mensal, foi submetida a três

³BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 14.

⁴O estudo teve como objeto de pesquisa a Revista Bello Horizonte, a fim de contribuir com a história do design e da memória gráfica em Belo Horizonte, preenchendo lacunas sobre o estudo local do design gráfico brasileiro. As investigações apontaram que a revista contou com renomados artistas do modernismo à época, sendo muito influenciada pelo movimento Art Déco. Segundo o estudo, a revista operacionalizou uma linguagem artística que muito influenciou no gosto e imaginário popular da época, bem como preservava importantes valores históricos e estéticos.

direções diferentes, o que traz alterações importantes em seu conteúdo e forma. O primeiro diretor, também seu idealizador e fundador foi o “(...)jornalista Augusto Siqueira, falecido nesta capital em 04 de outubro de 1948, em pleno exercício de suas atividades.” (Linhares, 1995, p. 308). O período de 1947-1950 ficou sob os encargos de Miguel Chalup e Edson Bonifácio Costa. (Costa, 2022).

A revista constrói definições sobre si mesma no editorial do seu primeiro número, bem como em um dos números do mês de agosto, quando do seu aniversário. Em seu primeiro editorial ela veicula as suas pretensões:

Esta revista não pretende nada porque pretende tudo: Agradar. E como é difícil agradar? (...) E BELLO HORIZONTE é quasi nada para o que desejaria ser. E' tudo para o que a nossa boa vontade póde e o nosso esforço alcança. Não poderia aparecer vistosa, com trajes de gala para uma festa de intimidade. Honestamente bem vestida, como requer a decencia. Entre gente modesta o luxo escandaliza. BELLO HORIZONTE aparece modesta. E será assim acolhida sem reservas e sem constrangimentos. Faz-se acessível. Desestima a opulencia. Mas abrange na sua estima todo o mundo. Tout le monde et son père^{5,6}.

A revista constrói sua apresentação pela simplicidade, dizendo ser para todos, contudo, faz usos de expressões em francês e inglês, as quais são vistas em outros textos da revista; dispensa a opulência, mas divulga os modos de vida, os estilos e os valores dos endinheirados que são referenciados pelas posições políticas e econômicas que ocupam. Ao longo do trabalho será possível ver que as representações acerca das festas, bem como outras experiências de lazer, focalizam a elite social identificada por adjetivos que expressam “distinção e elegância.” Sendo assim, quando em sua apresentação ela destaca elementos como decência e modéstia, é aqui interpretada como estratégia para emaranhar-se no contexto da imprensa mineira dos anos 1930, em seus cumprimentos ela usa de uma certa modéstia para pedir licença e adentrar em terreno já tomado.

Ainda no texto de sua apresentação, a revista também objetivava agradar de maneira específica as leitoras, os leitores e as pessoas idosas. Ela traz diferenciações de gênero ao longo de todo seu conteúdo, e anunciou isso desde o seu primeiro número:

A' leitora para que não lhe dê um sorriso de piedade, que seria como um pingo de cêra num vestido de noiva. Pretende o seu sorriso bom, carinhoso e eleiante. Ao leitor sisudo, para que o gesto de enfado não nos pertube a crente persuasão de que tambem sabemos ser austeros, quando preciso. Pretende um minuto de atenção, distraido das suas preocupações. Ao velho para que se distraia, ao moço para que fixe-se o seu pensamento numa silhueta esquiva, às benevolentes mães das nossas noivas para lhes

⁵ Do francês: “à todos e a seu pai.”

⁶ BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 19 ago. 1933, p. 05.

dêem um instante de liberdade, às moças para que sorriam das nossas irreverências, - BELLO HORIZONTE pede simplesmente isto: - Sympathia.⁷

As marcações de gênero são claras: das mulheres a docilidade e a simpatia, dos homens a atenção de uma vida corrida que se desdobra em um espaço urbano que se queria cada vez mais dinâmico e movimentado. Às moças cabe a simpatia e aos moços a conquista. As mulheres são enquadradas como mães, noivas, filhas e moças simpáticas; os homens são sisudos, ocupados e atentos às mulheres e livres investidas amorosas, sem a vigilância das benevolentes e guardiãs mães de noivas. Ao longo da revista essas diferenciações aparecem, a elegância feminina e a elegância masculina constituem duas crônicas diferentes e distantes; nas festas, no esporte, no footing na avenida, nas festas de aniversários, nas motivações comemorativas, homens e mulheres são diferentemente noticiados, por marcadores que operam com uma suposta essência de gênero, determinando com precisão ideológica o que é a mulher e o que é homem, delimitando o “como devem ser”. E isso motivou a preocupação desse estudo em tratar as representações de lazer na revista e seu encontro com a categoria gênero. Essas considerações perpassam todo o trabalho. Por ora, há mais a dizer a respeito da apresentação dessa revista, principal fonte da dissertação.

A revista, um elemento que é vivo, não se mantém a mesma desde a sua chegada em 1933. Em seus primeiros dois anos de existência se apresentou em torno de 20 a 30 páginas, enquanto que na segunda metade da década de 1930 ela se torna mais robusta e suas páginas se apresentam com o dobro da quantidade; as revistas do ano de 1939 passaram a se apresentar mensalmente com um volume de páginas que ultrapassam 08 dezenas, chegando mesmo à edições com uma centena delas. Essa quantidade de páginas também traz inovações tecnológicas, uma vez que se percebe um acervo fotográfico cada vez maior. No final da década de 1940 essas fotografias passaram a figurar também nas capas, substituindo as ilustrações pelas quais a revista se apresentava.

As transformações em sua materialidade também acontecem em seu conteúdo, o qual amplia o número de contos literários, crônicas e reportagens a respeito dos mais variados assuntos, mas com crescente destaque para aqueles que enaltecem o modelo de desenvolvimento do governo mineiro e federal. Os conteúdos a respeito de lazer também se transformam e isso não tem haver apenas com a capacidade técnica e informativa do periódico, mas sim com o desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte. A revista intitulada com o nome da capital amplia-se tal qual o desenvolvimento urbano da cidade e passa abrigar

⁷ Idem.

em suas páginas os locais de festas, sociabilidades, eventos esportivos e encontros diversos de quem usufrui da nova e elegante Pampulha. Como dito, essa nova revista não foi contemplada nesse estudo, que se limita à década de 1930 e suas ofertas de lazer circunscritas à Avenida do Contorno.

Com relação ao fundador da revista, o qual foi seu primeiro e mais longo diretor, as informações disponíveis que permitem dizer sobre ele e seu empreendimento foram coletadas nas notas de jornais da capital a respeito do seu falecimento. O diretor e fundador de Bello Horizonte, Augusto Siqueira, faleceu em 04 de outubro de 1948, e a imprensa belo-horizontina comentou com pesar e com homenagens que permitem entender quem foi esse jornalista para a cidade. Segundo Linhares (1995), Bello Horizonte era para Augusto Siqueira, “sua querida revista” e ele mesmo um “herói”, por sustentar tal periódico de 1933 a 1948, em um contexto de imprensa difusa. Seu legado para a cidade de Belo Horizonte foi a revista, pela qual ele era reconhecido na imprensa e nos círculos sociais da cidade.

O primeiro que eu encontrei sobre a morte do jornalista foi aquele publicado na revista, pelo cronista Moacir Andrade sob o pseudônimo de Gato Félix, com o título: “Morreu um apaixonado pela Capital”, publicada originalmente no jornal Diário da Tarde⁸, em 07 de outubro de 1948. Essa publicação originalmente em outro jornal me impulsionou à busca por mais notas de falecimento deste jornalista em outros jornais da imprensa mineira, a fim de, por meio da comoção da sua morte, entender a importância do mesmo para o cenário periodístico da capital.

As notícias sobre sua morte aparecem logo no dia seguinte ao falecimento, com algum destaque em vários jornais da grande imprensa. São notícias construídas por seus amigos, pessoas da imprensa que ele conhecia, como parte de sua vida profissional e social, assim, os textos são escritos em tons afetuosos e lastimosos, exaltando as qualidades do amigo falecido. Em meio às lamentações, as informações dizem a respeito das relações de Siqueira com diversos setores da cidade, a sua trajetória como jornalista e o seu trabalho na fundação e consolidação de sua revista.

No dia 05 de outubro de 1948 os periódicos, *Estado de Minas*, *Folha de Minas* e o *Minas Geraes*, no espaço das notas sociais, com pesar noticiaram: “E’ um pedaço de Belo Horizonte que se vai com a morte de Augusto Siqueira. Ele era, inconfundivelmente, uma

⁸ A nota de pesar publicada neste jornal a respeito da morte de Siqueira foi reproduzida na revista, não sendo possível acessar esse jornal, pois o funcionário da Hemeroteca do Estado de Minas Gerais informou que os exemplares do Diário da Tarde, da década de 1940, não resistiram ao tempo, em razão da baixa qualidade do papel e, algumas vezes, a escassez dele no período da Segunda Guerra Mundial.

figura da cidade. Mais ainda: parecia uma peça, um membro, um órgão da cidade.”⁹, “Despertou sincera magoa no seio da sociedade belohorizontina o falecimento, ocorrido ontem, do jornalista Augusto Siqueira, fundador e director proprietario da revista ‘Bello Horizonte’.”¹⁰, “A cidade recebeu, ontem, com enorme pesar a noticia do falecimento do jornalista Augusto Siqueira, diretor da revista Bello Horizonte.”¹¹ “Causou o mais profundo abalo na cidade o falecimento do sr. Augusto Siqueira, ocorrido às 13 horas de ontem, em sua residência, á rua Padre Eustaquio, 1193.”¹² Estas notas apresentam Siqueira como o diretor da revista *Bello Horizonte*, o que nos dá indícios sobre a popularidade dessa revista na capital.

Seguindo para os textos, há notas a respeito das relações sociais do jornalista, o que ajuda a entender sua acesso à diferentes lugares de sociabilidades e festividades que possibilitaram os diversos registros construídos em sua revista, bem como explica o profundo pesar com que sua morte foi recebida:

Querido dos governantes, dos troços e subtroços da politica de todos os partidos, dos comerciantes, dos industriais, dos esportistas, dos “chauffeurs”, dos “graços”, dos operarios... Todos conheciam Augusto Siqueira e o tinham como amigo.¹³

Era Augusto Siqueira uma figura que gozava de larga amizade e admiração nesta capital e no interior do Estado. Dotado de qualidades pessoais acentuadas e de notavel gentileza de trato (...).¹⁴

Integrado em Belo Horizonte há muito tempo, era estimadissimo e querido na cidade não só na alta sociedade, mas tambem entre as classes humildes, porque Siqueira, como todos lhe chamavam, era sempre um só: simples, afável e bom. (...) Com Augusto Siqueira desaparece uma figura que todos aprenderam a querer e admirar. Seu genio invariavelmente alegre, seu cavalheirismo e bondade natural com que, sem distinção, acolhia os que dêle se aproximassem o tornaram extremamente querido em nosso meio. Não havia mesmo quem não conhecesse e não estimasse Augusto Siqueira.¹⁵

Residindo na Capital há longos anos, Augusto Siqueira estava intimamente ligado á cidade, de que era uma das figuras mais conhecidas e estimadas. (...) Dotado, ao mesmo tempo, de gênio afavel e comunicativo, sabia fazer e conservar amigos, que o admiravam ainda pela palestra fácil e alegre, sempre bem informado dos acontecimentos politicos e sociais.¹⁶

Como se lê, o jornalista era uma das figuras mais conhecidas da capital, indo desde os governantes, até a alta sociedade, bem como as pessoas mais humildes. Segundo os relatos era

⁹ BELLO Horizonte, Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

¹⁰ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

¹¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

¹² FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 04.

¹³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

¹⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

¹⁵ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 04.

¹⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

estimado por todos e dotado de importantes habilidades comunicativas, uma qualidade importante para sua profissão de jornalista. Essa personalidade descrita como gentil, comunicativa e informativa lhe deu acesso aos diferentes lugares da cidade, permitindo que sua revista pudesse registrar os acontecimentos e planejamentos dos habitantes e idealizadores da capital mineira.

A revista *Bello Horizonte* é uma revista de cunho governista, construída por um homem que mantém boas relações com as personalidades políticas, comerciais e industriais. Diferentemente das revistas revolucionárias que se dedicam a expor assuntos e temáticas em tons questionadores projetando um futuro, as revista hegemônicas, como é o caso da que é fonte principal desse estudo, dizem de um presente, valorizam a estrutura social em voga a atua na sua manutenção. Essa articulação com personalidades do poder público podem ser vistas em duas reportagens veiculadas na revista que trago abaixo, nas quais o diretor da revista se promove ao lado de dois importantes prefeitos da cidade, Octacílio Negrão de Lima e Juscelino Kubitschek.

Em publicação de 1935, depois de um almoço promovido pela prefeitura, em que “O sr. Octacílio Negrão, entre um fois-gras e uma taça de champagne, nos prometeu outro dia um grande lago artificial na Pampulha (...)”¹⁷, houve uma visita ao terreno onde se construiu a Pampulha. No evento, que contou com a presença do governador, Benedito Valadares, e o prefeitura, Octacílio Negrão de Lima, e diversas outras autoridades, ainda há a presença do diretor da revista como um dos convidados na importante reunião entre políticos, proprietários e empresários:

Usou ainda da palavra o ministro Mario Mattos, o deputado Washington Pires que elogiou calorosamente o Sr. Governador pela escolha que fez do seu prefeito salientando as qualidades do Sr. Octacílio Negrão, seguido pelo nosso director, Sr. Augusto Siqueira, que estudou com calor e sympathia a obra do Sr. Benedito Valladares e do Prefeito Municipal.¹⁸

Em outro contexto, dois anos antes da entrega e finalização da Pampulha, o diretor da revista é noticiado em outro importante evento da mesma natureza na capital. Dentre as personalidades políticas mais famosas da cidade, reconhecida pela primeira grande reforma de ampliação da capital, a Pampulha, está Juscelino Kubitschek. A revista de fevereiro de 1941, publicou uma foto do diretor da revista junto ao então prefeito da capital, Juscelino Kubitschek, mostrando orgulhosamente sua revista para ele.

¹⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 out. 1935, p. 05.

¹⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 out. 1935, p. 14-15.

Figura 02 - Augusto Siqueira e Juscelino Kubitschek folheando a revista *Bello Horizonte*



Legenda: O photo ao lado, batido quando da Inauguração da moagem Minas-Rio Ltda., mostra o prefeito da Capital, Dr. Juscelino Kubitschek, que é um grande animador da expansão da cidade, examinando o primeiro exemplar desta Revista, da edição especial de Anno Novo e que alcançou grande sucesso com seu grande numero de paginas e excepcional tiragem. Ao seu lado, o sr. Augusto Siqueira, director da Revista.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1941.

O prefeito recebe essa revista com ares de admiração. Ali estava um periódico cujo objetivo era o enaltecimento da cidade e o encobrimento de suas dificuldades, assim, era um material que os políticos creditavam otimismo, por verem seus esforços enaltecidos e construídos em linguagem personalíssima, e seus problemas encobertos ou tratados com amenidades. O título é sugestivo desse apoio governamental: “O Prefeito da Capital e a revista da Cidade” e no texto se pode notar essa relação amistosa do diretor da revista com as personalidades da política regional.

Essa proximidade favoreceu ambos os lados, de modo que o diretor teve acesso a diferentes lugares importantes da capital, e os setores políticos e empresariais tiveram seus feitos enaltecidos, concedendo visibilidade positiva às suas figuras e ações.

¹⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, fev. 1941, p. 24.

Apesar das notícia de falecimento destacarem que Augusto Siqueira também era reconhecido em boas relações com os populares da cidade, o diretor não os considerava em sua revista, não noticiava as suas festas, os clubes recreativos, os jogos, as brincadeiras e danças pelas ruas, as quais eram alvo da polícia que buscava reprimir e impor as práticas e os bons costumes. A sociabilidade dos populares não ocorriam nos espaços de lazer construídos exatamente para esse fim pelas e para as elites. Esses momentos aconteciam nas ruas da cidade um novo e avesso uso para o qual foram construídas. Assim, esses momentos desafiavam a ordem estabelecida e viraram casos de polícia. (Rodrigues, 2006; Silva, 2009). Nas poucas páginas em que esses grupos apareciam foram tratadas no último capítulo deste trabalho, mas adianto aqui que foram veiculados enquanto alvo de ações beneficentes da parcela da população mais favorecida e comumente veiculada nas páginas da revista.

Dando continuidade à caracterização do fundador da revista e o próprio periódico, têm-se que essa revista foi um empreendimento de um “apaixonado pela capital”: “Com um amor imenso pela capital, estusiasmava-se pelas iniciativas que representavam seu progresso. Esse amor espelhava-se na sua revista “Bello Horizonte”. Não se limitou a dar-lhe o nome da capital: fê-la para ela.”²⁰

As notas de falecimento ainda mostraram que esse não foi trabalho de um amador, mas de jornalista que acumulou experiências profissionais em diferentes lugares do país e do mundo:

Natural de Ubá, veio para esta capital depois de ter sido no Rio de Janeiro e em outros grandes centros do país. Em todas essas cidades dedicou-se ao jornalismo e assim, ao chegar a Bello Horizonte, já trazia larga experiência de “metier”. Ingressando nos “Diários Associados”, teve a oportunidade de receber as suas qualidades profissionais, tendo sido um dos melhores repórteres da época de então. Para fundar e manter a revista “Belo Horizonte” deixou a imprensa diária, passando a se dedicar-se exclusivamente áquelle métier. Sua revista chegou a ser indubitavelmente a melhor que se ditava em Minas.²¹

Augusto Siqueira era natural de Ubá, onde iniciou a sua carreira jornalística. Pertenceu mais tarde ao Loyde Brasileiro, como radiotelegrafista, tendo percorrido quase todos os países da Europa e da América. Voltando ao jornalismo, militou na imprensa de Porto Alegre durante muito tempo, e da capital transferiu-se para Belo Horizonte. Em nossa Capital, exerceu as suas atividades nos “Diários Associados”, de onde se afastou há 13 anos, para fundar e dirigir a revista “Belo Horizonte”, que ele soube manter com sacrifício, inteligência e idealismo.²²

Jornalista militante, desde sua terra natal, Ubá, onde iniciou sua carreira, trabalhou muitos anos na imprensa de Porto Alegre, de onde se transferiu para os “Diários Associados”, de Belo Horizonte. Posteriormente, passou a dirigir a revista “Bello

²⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

²¹ Idem.

²² FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 04.

Horizonte”, que manteve há 13 anos. Idealista e pertinaz, conseguiu vencer inúmeras dificuldades e criar e manter aquela publicação, a que dedicava toda a sua capacidade de trabalho.²³

O jornalista mineiro que conheceu diversos países em razão da sua profissão, bem como em outra importante capital do país, aportou-se em Belo Horizonte e se instalou em um dos principais grupos de imprensa do estado: os Diários Associados. Esse acúmulo de experiências fez com que ele fosse reconhecido pelas “glórias de bandeirante vitorioso”²⁴, por conseguir fundar e manter uma revista em uma cidade cujos esforços de imprensa periódica na maioria das vezes não obtinham sucesso.

Nos meses de agosto, nas primeiras páginas ou nos espaços dos editoriais, era comum que a revista publicasse textos especiais referentes ao seu aniversário, os quais são reveladores das suas pretensões, transformações e desenvolvimento.

Em comemoração ao primeiro ano de aniversário da revista, Siqueira lembra o tom de incertezas que ela, como mais uma entre tantas, recebeu ao ser inaugurada. O “herói”, como o chamou Linhares, ou o “bandeirante vitorioso”, como o caracterizou Moacir Andrade, comemorou o aniversário do seu empreendimento no editorial da revista de número 33:

Quando "Bello Horizonte" appareceu, ha um anno atraz, houve quem sorrisse na cidade: <<Mais uma revista... Que pena!>> Porque a moda era publicar tres numeros e desperdir-se, nem ao menos um *good bye*²⁵ para o amigo annunciante ou amigo *leitor*. Uma revista durava menos que um chapau de mulher. Durava apenas o tempo de erguer o *lorgnon*²⁶: quando os olhos se debruçavam sobre as páginas em *couché*, o director e o gerente haviam desaparecido. "Bello Horizonte", entretanto, surgiu, insistiu, existiu. Hoje festeja o seu primeiro anniversario. Toda a cidade a conhece. O interior a reclama. No Rio, é lida até pela colonia carioca. "Bello Horizonte" venceu! Sem querer, ficamos enternecidos.²⁷

Esse foi o seu primeiro ano e nele é possível perceber a persistência de Siqueira em desenvolver sua revista. A revista que se inaugurou para a cidade, avançou entre as cidades do município, chegando até a capital federal, então Rio de Janeiro.

No aniversário de cinco anos da revista, em 1937, o diretor comemora dizendo ter sido um trabalho que avançou para além das expectativas e pelas mãos de não um homem só, mas por uma rede que se constitui tanto de profissionais quanto de apoiadores, tal como exige a imprensa moderna, essa que também é um empreendimento comercial.

²³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

²⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

²⁵ Do inglês: adeus

²⁶ Do francês: óculos

²⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 07.

Começa, hoje, a palmilhar o seu quinto anno de existencia. - Nasceu com a pretensão de ser a revista da cidade, a bella cidade que e' o cerebro e o coração da generosa terra montanha. - Os ares das montanhas nunca são máos. - E a modesta e timida revista de 1933 teve o seu horizonte alargado além, bem além da meta ideada. - E' a revista da cidade, mas o e' tambem de além da capital mineira... ' Hoje, ponha-se a modesta de parte, ja' pisa firme; vingou como semente em boa gleba. - Assistiu ao lacre nascer e ao morrer melancolico de muitas congeneres. - Ella ficou, não por virtude exclusiva de quem a dirige. - Grande parte, a maior porção dos elementos de sua victoria, origina-se do apoio decidido de seus amigos, mercê de Deus, innumeraveis: annunciantes e leitores, collaboradores e graphics. - Todos concorreram para que fosse desmentida a sina malefica, acomanhadora de tal genero de publicações e que ja' se ia tornando tradição. - Amigos, tanto nas horas más, como nas boas, recebem elles, aqui, o testemunho de gratidão. - Ao iniciar o seu quinto anno, "Bello Horizonte" esta' animada dos mesmos propositos que tem sido a sua norma: - Honestidade e perseverança - procurando caminhar synchronicamente com o desenvolvimento de sua terra, servindo-a da melhor forma que lhe e' possível.²⁸

O texto celebra o quinto ano de existência da revista "Bello Horizonte". Comemora-se a sobrevivência do periódico, que viu o “morrer melancólico de muitas congêneres”, bem como seu alcance, o qual superou as expectativas iniciais, prosperando enquanto muitas publicações similares surgiram e desapareceram. O texto atribui o sucesso da revista não apenas à habilidade de seu diretor, o qual, como visto, já era um experiente jornalista, mas também ao apoio de amigos, anunciantes, leitores, colaboradores e gráficos, a quem é expressa gratidão. Isso porque a revista é um discurso polifônico, que diferente do livro, recebe textos assinados por diferentes pessoas, sejam em sua forma de contos literários, notícias, reportagens, crônicas e anúncios. Apesar da voz do diretor ter importância significativa, ela não é a única, está inserida em uma lógica de sociabilidade entre os produtores das diferentes vozes que formam esse material em sua diversidade de assuntos, formas e temáticas.

Para finalizar, trago a página de aniversário do último ano da revista analisada nesta dissertação. Desta vez, trago imagem e texto, pois como um álbum de fotografias, a revista registrou sua trajetória.

²⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 set. 1937, p. 03.

Figura 03 - Aniversário da Revista *Bello Horizonte*



Fonte: Revista Bello Horizonte, 1939.

Entra com esta edição, no seu sétimo ano de vida. Volvendo os olhos pelo caminho percorrido, já bem longo, não é sem justificada alegria que celebramos este aniversário. - Fundada para bem servir a' terra montanheza, cremos que esta revista tem se desobrigado da sua missão, não desmentindo as tradições da gente para cujo processo ella veio collaborar. - Assistimos, nessa jornada, ao crepusculo de varias congeneres... Não que o meio lhes não propiciasse bom destino... Tivemos tambem nossas dificuldades, mas a revista que é um espelho da vida mineira, ahí está vitoriosa. Valeu-lhe boa, senão a melhor parte para o triumpho - a ajuda, nunca desmentida, de todos nossos amigos, - annunciantes, collaboradores, leitores, graphicos... - a elles os nossos melhores agradecimentos.³⁰

Ao longo desses sete anos em que a revista noticiou e construiu representações acerca da cidade de Belo Horizonte, de seus habitantes e, particularmente, de seus momentos de alegrias, ela sofreu uma série de transformações. A nova revista chegou em 1933 com 19 páginas, celebrou seu primeiro aniversário com um número de 60 páginas, chegando no final

²⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, capa.

³⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, p. 01.

da década de 1930, em seu sétimo aniversário, com uma edição robusta de 138 páginas, sendo 18 delas totalmente vendidas aos “amigos anunciantes”, além de vários outros anúncios que ora ocupa meia página, $\frac{1}{4}$ delas ou inserções menores. Com isso, a revista noticiava as principais casas comerciais da cidade, bancos e produtos de consumo diversos, prosperando como um negócio rentável. Analisando o desenvolvimento da imprensa na sociedade burguesa, Habermas (2014) traz considerações sobre os anúncios, dizendo que

a imprensa se torna manipulável à medida que se comercializa. A partir do momento que a parte do que é redigido interage com a venda da parte dos anúncios, a imprensa, até então uma instituição de pessoas privadas como público, torna-se uma instituição de determinados participantes do público como pessoas privadas - ou seja, torna-se parta de entrada de interesses privados privilegiados na esfera pública. (HABERMAS, 2014, p. 402).³¹

Assim, a revista Bello Horizonte foi para Augusto Siqueira não apenas “sua querida Revista”, como também pode ter sido o seu “querido empreendimento”. Ele foi um dos homens que prosperou na nova capital mineira, no ramo da imprensa periodística.

Dentre as revistas de sua época, BeLlo Horizonte se destacou durante os anos de 1930, contudo, fora superada pela Revista Alterosa e a Revista Cruzeiro, as quais circularam com maior tecnologia e aceitabilidade do público e da imprensa. Ainda assim, não se pode dizer que a Revista Bello Horizonte tivera alcance desprezível, ela circulava no espaço de sua origem, sua aclamada capital mineira, bem como em outros lugares do Estado. A título de contextualização da situação periodística mineira, trago abaixo as revistas contemporâneas e congêneres da que foi usada neste estudo:

“O cruzeiro” uma das mais bellas revistas sul-americanas, é posto á venda aos sabbados; Tem estado lindo “O Cruzeiro”. “Revista da Semana”, cada vez melhor, também a temos aos sabbados. “Fon-Fon”, o mais completo semanario de literatura e modas, “Caretá”, a revista das melhores “charges”, do mais fino bom humor, estão na Avenida, aos sabbados, tambem. A’s quintas-feiras temos “O Malho”, em edições esplendidas. “Cinearte”, duas vezes por mez, com as mais interessantes reportagens de Holywood. “Vida Domestica”, leader dos mensarios ilustrados, e “Frou-Frou”, o brilhante “magazine” de luxo têm apresentado verdadeiras obras primas. Peça ao seu jornaleiro os numeros deste mez.³²

³¹ Há que se dizer que o sociólogo supracitado está analisando o jornal e as grandes empresas de periódicos diários, ainda assim, suas considerações sobre a publicidade elucidam o olhar sobre as páginas da revista que oferecem lojas e produtos de toda sorte da nova cidade republicana. Suas considerações também ajudam a compreender que Augusto Siqueira não era um “apaixonado pela capital” que exclusivamente por amor e dedicação à cidade e à profissão, construiu uma revista. Siqueira era uma dos homens de negócios dessa capital e que conseguiu prosperar no ramo da imprensa mineira.

³² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 18.

O texto até aqui objetivou mostrar a revista de Augusto Siqueira, essa que surgiu em uma capital nova e que se queria moderna. A revista Bello Horizonte se dedicou à construção de uma cidade moderna, em constante avanço e desenvolvimento, esforçando-se para encobrir as dificuldades e ressaltando seus avanços.

No que diz respeito ao lazer, veremos que a revista mostrou uma cidade que se divertia em festas promovidas por clubes e associações de elite, bem como as esportivas e as que aconteciam em bares e restaurantes; uma cidade habitada por moradores de casas recém construídas que recebiam amigos em festividades mais íntimas, como aniversários. Uma cidade que frequentou o teatro, mas que também se movimentou intensamente para o novo e mais barato lazer moderno: o cinema. Nas ruas, depois do cinema ou depois da missa, a revista estava com seus fotógrafos a postos, na principal Avenida da cidade, sua artéria urbana, a Avenida Afonso Pena, registrando os passos elegantes das senhorinhas, rapazes e homens da sociedade que aproveitavam para se encontrarem no footing. A cidade também vivia a era do rádio, com novos aparelhos chegando e sendo renovados a cada ano, bem como um espaço de possibilidades para artistas locais se desenvolverem e ganharem fama e carisma regional e até nacional. E, ainda, a revista também divulgou os esportes pelos quais a juventude do contexto varguista era incentivada a praticar, mas também se mostrando como uma importante oportunidade de lazer na capital, pois ainda que não fosse praticado, o esporte era vivido por diferentes pessoas e por diferentes frentes: disputado, assistido, comentado e comemorado.

Dito isso, sigamos para as representações de cada uma dessas possibilidades de lazer que veiculam pelas páginas da revista que queria alcançar o desenvolvimento moderno tanto para si quanto para a cidade para a qual se dirigia.

2. AS REPRESENTAÇÕES DE LAZER NA REVISTA *BELLO HORIZONTE*

A análise da revista em seus textos que se dedicam ao lazer mostrou que as pessoas veiculadas são de uma classe social privilegiada, que dispunha de recursos financeiros e de tempo para acessar espaços como as associações, o cinema, o teatro, consumir os aparelhos de rádio e seus programas e ainda trajar as ditas modernas roupas para se adequarem ao ideal de elegância que era exigido no momento do *footing* e na frequência dos diferentes espaços de lazer. A vinculação entre trabalho e lazer construída pela revista destaca a atuação masculina homenageada em festas, destacando os homens que se destacaram por sua atuação política, comercial, industrial, na Polícia Militar e na intelectualidade, dizendo que o trabalho por eles prestado ao engrandecimento da cidade e do estado deveria ser celebrado nos salões das associações e nas festas domésticas. As mulheres, por sua vez, se fizeram presentes em diferentes sociabilidades, frequentavam as festas em clubes e associações esportivas, faziam o *footing* e se destacavam na frequência ou atuação no teatro, cinema, práticas esportivas e no rádio. E isso sem qualquer menção ao trabalho, na verdade, à elas, nessa revista, ele era desaconselhado, mesmo que nesse momento elas estivessem ampliando a sua autonomia e conquistando postos de trabalho e de qualificação, bem como espaço na universidade. Enquanto que as pessoas pobres, veiculadas esporadicamente na revista e tratadas no último capítulo dessa dissertação, aparecem em atividades laborais e com o lazer suprimido.

Quero demarcar com essa reflexão inicial as condições socioeconômicas das pessoas que figuraram nesta revista de Augusto Siqueira. As representações das diferentes práticas de lazer nesta revista foram vivenciadas e ofertadas para quem dispunha de garantias de subsistência e podiam consumir o que era propagado como moderno. Trata-se, portanto, dos “segmentos burgueses (que) dispunham de tempo e recursos para participar de festas, jogos, espetáculos teatrais, óperas, banquetes, dentre outros divertimentos nas suas horas de lazer.” (Rodrigues, 2006, p. 71). Aqueles que precisavam perseguir as condições de subsistência não usufruíram das possibilidades de lazer destacadas pela revista e, as suas formas de lazer não foram vistas como acontecimento pela revista de Siqueira.

Sendo assim, o direito à ociosidade era, segundo a revista, apenas de quem possuía recursos e vivia e propagava a ordem burguesa e capitalista. A ociosidade vista como bem-estar ou como ameaça está condicionada ao fator de classe. A construção da ideia do trabalho, discutida por Chalhoub (1986) em suas conotações morais e positivas como elemento de civilização, também implicou na definição da vadiagem, enquanto um mito da preguiça do trabalhador nacional. Nesse sentido, a ociosidade foi vista como ameaça à ordem, à moral e

aos bons costumes, uma vez que nada produz para o desenvolvimento do bem comum. Contudo, essa ideia tem uma classe social como alvo: a população pobre. A população abastada, por sua vez, não recebe a mesma conotação a respeito da ociosidade.

Se um indivíduo é ocioso, mas tem meios de garantir sua sobrevivência, ele não é obviamente perigoso à ordem social. Só a união da vadiagem com a indigência afeta o senso moral, deturpando o homem e engendrando o crime. Fica claro, portanto, que existe uma má ociosidade e boa ociosidade. A má ociosidade é aquela característica das classes pobres, e deve ser prontamente reprimida. A boa ociosidade é, com certeza, atributo dos nobres deputados e seus iguais. (Chalhoub, 1986, p. 75).

Assim, os sujeitos que são noticiados em interação com as possibilidades de lazer representadas na revista *Bello Horizonte* fazem parte dessa parcela “nobre”, a qual dispõe de tempo para num dia de chuva lamentar a impossibilidade de passear pela Avenida Afonso Penna e participar do importante footing: “Aquele temporal impertinente passou. Os que quizeram, depois de ouvir o bonito programma da “Radio-Revista”, foram assignar o ponto na Avenida.³³”

Feitos esses esclarecimentos a respeito de que classe social essa revista tanto originava-se quanto dirigia-se, é importante marcar o uso da palavra lazer que eu emprego nesta pesquisa. Esse estudo operou com a palavra lazer, contudo, as palavras encontradas na fonte são “divertimento”, “diversão”, “alegria”, para descrever espaços, espetáculos e manifestações artísticas e culturais classificadas como de “sucesso”, que deixavam as “pessoas extasiadas” e recebiam os maiores elogios. Mobilizo essa palavra concordando com Rodrigues (2006):

Vejo o lazer não como fruto exclusivo da sociedade urbano-industrial, mas como suas raízes nas antigas civilizações. (...) Assim, as possibilidades de vivência do lazer vêm historicamente se constituindo ora aliadas ao ócio, ora ao tempo livre, ora à vivência de atividades lúdicas, conforme o contexto social histórico em que são desenvolvidas. Como elemento da cultura, o lazer, independentemente dos motivos que o incitam, quer seja o divertimento, o descaso, o desenvolvimento pessoal ou a fruição do ócio, dentre outros, vem historicamente se referindo a práticas culturais diversas, como festas, jogos e divertimentos, organizados de forma coletiva pela sociedade. (p. 71).

Assim, apesar da palavra em si não aparecer, o sentido do lazer como atividade de fruição de experiências culturais pelas mais diferentes práticas como o footing, esporte, festas, rádio, cinema e teatro, estava presente.

³³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 11.

Feitas essas considerações, o texto que se segue está dividido por categorias, de maneira a discutir separadamente quais foram as representações da revista *Bello Horizonte* para cada uma das práticas encontradas. A escolha por tratá-las em separado acontece por uma fragmentação artificial com fins explicativos, diferente da simultaneidade com que ocorrem na revista e, sobretudo, na experiência social. Ainda que estejam tratadas em separado, para melhor entendimento do que foi e qual a importância dessa prática para os segmentos dominantes da sociedade, não exclui a possibilidade de que as mesmas pessoas que cruzavam seus olhares no *footing* também o faziam no teatro e no cinema, nas festas, ou nos espaços esportivos. Ainda assim, essa fragmentação não é a única forma de discutir essas representações. Apresentá-las de maneira mais próxima à simultaneidade em que ocorrem também é uma opção.

As categorias, então, são analisadas considerando o texto, imagem e contexto. Buscou-se explicar como a revista apresentou e a forma como o fez. Os ângulos das imagens e os recursos linguísticos empregados, como adjetivos e superlativos, mostram a atuação do periódico na construção de uma cidade que se queria moderna, a partir da valorização e exclusão das possibilidades de lazer.

2.1 Festas

Das diferentes representações de lazer encontradas, as festas são as mais recorrentes. Desde o seu primeiro número a revista se comprometeu a comparecer aos eventos das elites e sobre eles publicar:

Bello Horizonte assistiu, na semana que agora se finda, a algumas festas elegantes. BELLO HORIZONTE, porém, por falta de tempo, devido aos percalços da apresentação, a ellas não compareceu. Affirmammos, porém, aos nossos leitores, que na proxima semana estaremos nas suas festas.³⁴

Tais festas se faziam por diferentes motivações como as festas de aniversário de crianças, mulheres e homens da sociedade, que abriam as portas de suas residências com mesas de doces e guaraná, bem como as portas de clubes para celebrar junto aos seus a passagem de seus aniversários natalícios, matrimoniais, políticos ou empresariais; homenagens a personalidades de relevo social também aconteciam, cujo prestígio correspondia ao cargo político ou posição dentro de empresas e indústrias; havia ainda festas em clubes, como o Minas Tênis Clube, Automóvel Club, Jockey Clube e Calistenino Clube.

³⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 19 ago. 1933, p. 17.

Em seção denominada “Vida Elegante”, a revista noticiava notas sociais, como aniversários, notas de noivado, casamentos e falecimentos, anúncios e também eventos festivos. Nesta seção a revista divulgava e convidava a atenção da cidade para as festas que ocorreriam nos próximos dias ou semanas, informando o lugar e a motivação. Não se tratava de um convite, mas de um parecer a respeito da movimentação daqueles que dispunham das distinções exigidas para a frequência desses espaços veiculados em fotos, endereços e muitos elogios que os legitimam como lugares de elegância, modernidade e exclusividade.

Abaixo trago duas dessas páginas nas revistas 62 e 63 de 1936, as quais conseguem demonstrar a existência na cidade dos diferentes clubes, bem como os tipos de festas sediadas.

JOCKEY CLUB - Nos salões dessa sociedade realiza-se, no dia 5, uma brilhante vespéral, oferecida às alumnas recentemente diplomadas pelo Conservatorio de Musica.

RECREATIVO CLUB - Em homenagem á sua presidente, senhorita Jaacyra Gordim, o Recreativo Club levou a effeito, no dia 1, mais um dos seus animado festivaes dansantes.

SOCIEDADE LIBANO BRASILEIRA - O gremio da avenida Contorno ofereceu aos seus associados, na noite de 29 do mez passado, uma magnifica hora dansante.

- Realiza-se depois da amanhã, no Hotel Sul-Americano, o grande banquete oferecido pelos garçons da cidade ao prefeito Octacílio Negrão de Lima e ao deputado Fabio Andrada. (...) ³⁵

O sabbado de alleluia ofereceu pretexto a que todos os clubs de Bello Horizonte abrissem os seus salões. E foram encantadoras e brilhantes as festas realizadas no Automovel Club, no Jockey Club, na A. E. C., na Casa d'Italia, no Directorio Central dos Estudantes , na U. E. C., no Country Club, no Original Club e outros “cércles” da cidade.

UNIÃO SYRIA - Este centro elegante realizou em seus salões, no dia 18, uma animada partida dansante, para a posse da sua nova directoria.

TARDE BRASILEIRA- Foi este o nome da linda festa que a Casa d'Italia ofereceu aos seus “habitués”, também a 18 do corrente. ³⁶

Dentre os clubes veiculados, aquele que aparece como o ponto de encontro de maior elegância e prestígio social e político é o Automóvel Club. As festas ocorridas nesse espaço são tratadas na revista com melhores recursos gráficos, com imagens e textos que não raro ocupam páginas inteiras. Diferente dos outros clubes citados acima, o Automóvel Club não apenas oferece horas dançantes, mas sim eventos em que se usa trajes de gala e recebem personalidades como o presidente da República, o governador do Estado, bem como empresários das indústrias e comércios.

Localizado desde a sua inauguração, em 1929, na Avenida Afonso Pena e esquina com Álvares Cabral, o Automovel Club foi tombado em 15 de março de 1988, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). As informações

³⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 abr. 1936, p. 17.

³⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 abr. 1936, p. 19.

trazidas no guia de bens tombados pelo referido instituto, descrevem um edifício que foi idealizado e frequentado por um grupo de membros que apenas admitiam sócios com não apenas elevado poder aquisitivo, mas também que trouxessem outros elementos de distinção, como o nome de alguma família tradicional mineira. (Molinari; Rocha, 2014). Assim, ali reunia-se um clube de sócios da elite mineira que frequentavam as festas organizadas nos salões inspirados no Palácio de Versalhes.

O edifício foi construído a partir do projeto assinado pelo arquiteto Luiz Signorelli, de quem foi exigido edificação ampla e majestosa, e a Firma Carneiro de Rezende e Companhia iniciou seus trabalhos em 1927, entregando os quatro pavimentos que compõe o edifício em “17 de dezembro de 1929 com grande e luxuosa festa que contou com a presença da elite mineira, incluindo intelectuais e políticos.” (Molinari; Rocha, 2014, p. 248).

A revista *Bello Horizonte* foi convidada diversas vezes para as festas dessa “distinta e alegre” agremiação. Em notícia submetida na pequena seção denominada “Sociedade”, a qual posteriormente foi nomeada como “Vida Elegante”, a revista anuncia que naquele sábado do dia 23 de setembro de 1933 o Automóvel Club receberia as senhorinhas de branco e os senhores de smoking, detalhando a temática da festa, a decoração, a presença de convidados ilustres e a sua própria presença no evento, deixando registrado seu compromisso de no próximo número trazer os resultados dessa noite de gala num dos mais imponentes prédios da Avenida Afonso Pena.

O Automovel Club de Minas Gerais abrirá hoje os amplos salões de sua sêde, offerecendo à sociedade bellorizontina uma encantadora “soirée blanche”³⁷. Essa festa, comemorativa da entrada da Primavera, vem sendo preparada cuidadosamente pela directoria da elegante aggremação da Av. Affonso Penna, motivo por que está sendo esperada com viva anciedade pelo nosso “set”. Os salões foram ornamentados com flores de cor branca, de accordo com a “toilette” exigida para as senhorinhas, sendo para os cavalheiros exigido o smoking ou casaca. BELLO HORIZONTE estará presente e focaliza os aspectos da promettedora festa de logo mais.³⁸

A revista anuncia a festa para uma parcela específica da população, a qual compartilha dos códigos de vestimentas e comportamentos em uma rede de sociabilidade que atua na manutenção do seu estilo de vida, reforçando suas posições sociais dominantes tanto entre si quanto para a sociedade ao abrirem seus salões à cidade a partir da imprensa.

No sábado seguinte a revista trouxe como principal notícia social a dita “soirée blanche”:

³⁷ Do francês: noite branca.

³⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, n. 05, 23 set. 1933, p. 07.

Figura 04 - Festa no Automóvel Club - comemoração da chegada da primavera



Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933.

Commemorando a chegada da Primavera, o Automovel Club, a nossa mais elegante aggremação social, abriu os seus amplos e ricos salões, para receber o que a nossa Capital tem de mais requintado e elegante. A "soirée blanche" do Automovel Club, foi sem duvida a festa mais bonita deste anno. As suas salas claras de luz e brancas de ornamentação - repletas de senhorinhas tambem rigorosamente de branco, contranstando com o negro dos "smoking" e das casacas, fez com que a musica agradável que ali se ouvia na noite de sabbado, no Automovel Club, corresse velozmente num ambiente cheio de distinção e alegria. Os "clichês" acima representam dois aspectos da amavel e encantadora festa: com duas gentis senhorinhas "posando" para BELLO HORIZONTE e no outro um aspecto de uma das luxuosas salas do Automóvel Club antes de iniciar-se a linda "soirée".³⁹

O "ambiente de distinção e alegria" é a marca dos espaços de lazer das elites. Distinção e elegância são os valores que perpassam os espaços e as possibilidades de lazer desse grupo social composto por pessoas, em sua maioria homens, vinculados à atividades políticas, intelectuais, comerciais e industriais. A constante vinculação desses valores nas representações de tais sociabilidades acarretou no título desse trabalho: "Momentos de distinção e alegria". Sejam nas festas, no footing, no esporte, no teatro, no cinema e também no rádio, a distinção e a elegância aparecem, ainda que não exclusivamente, mas de maneira recorrente.

A então "mais elegante aggremação social" recebeu importantes autoridades políticas em seus eventos. Na revista de número 41, de janeiro de 1935, há uma série de fotos celebrando o aniversário do primeiro ano de governo do então interventor Bedito Valadares.

³⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 set. 1933, p. 07. *grifos meus*.

Os registros desses eventos são particularmente interessantes, pois o ângulo é amplo o suficiente para conseguir perceber o tamanho do salão e o movimento de tal festa.

Figura 05 - Aniversário do governo de Benedito Valladares no Automovel Club



Legenda: Dois aspectos do grande baile realizado no Automovel Club, para comemorar a passagem do 1º aniversário do governo Dr. Benedito Valladares.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1935.

⁴⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, jan. 1935, p. 30.

O pé direito do espaço é consideravelmente alto, as paredes são adornadas por janelas grandes, cortinas igualmente longas que as acompanham e o salão é amplo o bastante para comportar com folga mais do que as 70 pessoas contabilizadas nessa foto que captura o movimento do baile vivido por seus convidados em trajes de gala. Nas fotos das próximas páginas, especialmente no subcapítulo em que discorro sobre o footing, é possível notar que os trajes femininos para ir ao footing, à missa, ao cinema e em chás, ou seja, para os acontecimentos que são construídos pela revista como o cotidiano feminino, são compostos por vestidos cujo comprimento da saia termina na metade da perna e na cabeça um pequeno chapéu. Nos salões do Automóvel Club os trajes são outros, para elas vestidos longos. Na primeira foto o que está sendo registrado é essa elegância personificada no vestido das damas da sociedade.

A elegância masculina é vista na próxima notícia, a qual em mais uma página inteira se dedica a veicular outro importante evento festivo neste espaço. Trata-se do baile de gala em comemoração aos 10 anos de fundação do Automovel Club. O prestígio social de tal clube é, para além da seleção das famílias mais abastadas, também mensurado pela presença de autoridades políticas em seus eventos, as quais comparecem para celebração dessa associação.

Figura 06 - 10º Aniversário do Automovel Club



41

Legenda: A elegantíssima sociedade padrão de orgulho da Capital, o Automovel Club - comemorou brilhantemente o decimo aniversário de sua fundação, com um grande baile de gala, que teve a presença do Sr. Governador do Estado, membros do Governo Mineiro e altas autoridades federaes nesta Capital. Como sempre, nas suas festas, a de que nos referimos teve um cunho marcante: o Automovel Club compõe-se dos nomes mais destacados na política, nas artes e letras, nas finanças da terra montanhosa e constitui um dos mais altos índices da civilização e cultura de Minas.

BELLO HORIZONTE estampa nesta pagina dos flagrantes tomados durante a encantadora festa.⁴²

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936.

Na revista, o Automovel Club é representado como um monumento de expressividade cultural padrão da sociedade elegante da cidade. Quem desejasse ser elegante, desfrutar dos valores da distinção, deveria fazer parte dessa sociedade. Essa nota da vida social da cidade é particularmente interessante por detalhar quem são aqueles que frequentam esse espaço e, assim, define quem são aqueles que recebem as insígnias de “elegância” e “distinção”: políticos, artistas, intelectuais, e como visto em outras páginas, também os industriais e comerciantes.

A revista de Augusto Siqueira se dedicou às experiências culturais da cidade, como também, e em grande parte, construiu longas reportagens e coberturas fotográficas, dos feitos

⁴¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 26 jun. 1936, p. 19.

⁴² Idem.

governamentais das autoridades do executivo, especialmente do executivo mineiro, constituído pelas personalidades abaixo.

Figura 07 - Personalidades políticas do poder executivo mineiro da década de 1930



Legenda: Dr. Getúlio Vargas; Dr. Benedicto Valladares; Dr. Octacílio Negrão de Lima, Governador da Cidade.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1935.

A compreensão da Era Vargas, segundo Capelato (2003), é a de que trata-se de um momento em que as formas autoritárias marcam a cultura política brasileira. Autoritarismo advindo de uma reforma política sob a lógica da organização de um Estado forte visando a promoção do progresso pela ordem. As mudanças direcionaram-se para um intenso controle político, social e cultural das massas populares encaradas como fonte social de poder pessoal autônomo do governante e fonte de legitimidade possível para o Estado. Para as contrariedades frente a essa nova configuração política foi imposta a repressão, violência e tortura.

Os meios de comunicação foram instrumentos privilegiados da manutenção da política de massas, veiculando as concessões das aspirações imediatas das classes populares, que historicamente reivindicam empregos, possibilidades de consumo e, especificamente após 1945, a participação nas decisões das políticas do Estado. Getúlio Vargas governou alinhado às massas populares, mas de maneira que suas concessões se convertessem em controle e que essas massas não ultrapassem os limites dos interesses industriais e agrários que sustentam o

⁴³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, capa. Presidente Getúlio Vargas. (1930-1945; 1954).

⁴⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 08. Interventor em Minas Gerais. (1933-1945).

⁴⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 38. Governador da Cidade, prefeito de Belo Horizonte. (1935-1938; 1947-1951).

movimento socioeconômico brasileiro. Assim, os investimentos estatais na propaganda política e produção cultural foram significativos. O objetivo era disseminar a figura do líder e a bandeira do Brasil, construindo um sentimento de nacionalidade e política paternalista. Os vultosos investimentos em comunicação direcionaram-se para a legitimação de um governo derivado de um golpe, bem como para os impedimentos às obras críticas e contrárias ao projeto do governo. (Capelato, 2003).

A revista é de um jornalista que guardava boas relações com as personalidades políticas da época, ainda que fosse uma momento de ditadura varguista em que a imprensa fora controlada e até mesmo censurada. Ainda que estampar o busto do presidente Vargas fosse uma determinação nos meios de comunicação, livros didáticos e cinemas, em comunhão com as imposições da propaganda política do regime, em suas páginas, Siqueira foi além das obrigatiedades. Em diversos momentos ele se coloca ao lado de tais autoridades, e constrói reportagens e fotografias que visam engrandecer seus feitos como agentes do desenvolvimento do país, do estado de Minas Gerais e, claro, da querida cidade para a qual a revista se dedica.

A revista de número 49, veiculada em setembro de 1935, dedica-se a homenagear o presidente Getúlio Vargas, o qual foi reconhecido como chefe de governo depois da chamada Revolução de 1930, ficando no poder até 1945, sendo o idealizador do regime político ditatorial denominado Estado Novo (1937-1945). O presidente é veiculado na capa dessa revista e nas páginas há fotos suas em visita à Minas Gerais, na capital e em algumas cidades mineiras, discursando para o povo, visitando instalações industriais e sendo homenageado na capital mineira naquele que era o reduto dos elegantes, dos políticos e intelectuais, o Automovel Club.

Cerca das 12 horas do dia 30 mez passado chegou a esta Capital o sr. Getúlio Vargas, presidente da República, que em companhia de sua exma. esposa senhora Darcy Vargas e gentilissimas filha stª Alzira Vargas, veio em visita á Bello Horizonte. (...) A' gare da Central, alem do mundo official affluiu compacta massa popular que freneticamente acclamou o chefe da nação erguendo tambem vivas ao dr. Benedicto Valladares, Antonio Carlos e Octacilio Negrão de Lima. (...) ⁴⁶

Getúlio Vargas esteve na capital mineira e foi recebido pelos chefes do executivo regional, tanto o prefeito da capital de Minas Gerais, quanto o chefe do governo mineiro, Benedito Valadares. A hospitalidade do presidente se deu em dois momentos e em dois lugares: na rua com o povo e no Palácio da Liberdade, sede do governo do Estado, com as

⁴⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 30-31.

autoridades. A comemoração do início da visita do presidente às terras mineiras ficou a cargo da organização “mais elegante da cidade”, o Automóvel Club.

Figura 08 - No Automovel Club: homenagem ao presidente Getúlio Vargas.



Legenda: No Automovel Club

Flagrantes colhidos durante o baile de gala no Automovel Club, no dia 02, em honra ao Sr. Getulio Vargas.

⁴⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 37.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1935.

A página parece ser dedicada ao Automóvel Club, é o nome desse lugar que titulariza a página, como se tivesse uma sessão na revista dedicada a ele, o que não é verdade. A construção desse título é uma estratégia de vincular os valores de elegância e distinção que é atribuída a esse espaço à personalidade ali homenageada e veiculada assim na revista: “Flagrantes colhidos durante o baile de gala no Automóvel Club, no dia 02, em honra ao Sr. Getúlio Vargas.”⁴⁸

Os enquadramentos veiculam uma das festas mais importantes do Automóvel Club, esse que não é um prédio ou uma organização governamental, recebeu em suas dependências o presidente da nação. O prestígio desse encontro concede legitimação e prestígio ao lugar e ao governo de Vargas.

As fotos são construídas de diferentes ângulos, mostrando a presença e a sociabilidade do presidente da República com as personalidades da capital mineira. Na primeira foto o presidente é fotografado sob uma perspectiva de cima, ao meio de uma costureira multidão encontrada nas suas representações fotográficas. A multidão desta vez não se dispõe pelas ruas, mas encontra-se em um dos mais ricos salões da cidade. Ao redor do presidente estão seus apoiadores em trajes de gala celebrando a presença dessa personalidade, antes da presença do governo. Na segunda foto o presidente ainda é fotografado em uma perspectiva ampliada, construindo um cenário caracterizado pela presença de inúmeras pessoas. Ele está ao centro da fotografia e ao redor dele a sociedade mineira. Não se sabe ao certo quantas pessoas são, mas a foto foi construída de maneira que as pessoas ocupem cada extremidade dela, deixando o presidente ao meio e à sua esquerda, o governador Benedito Valadares. A quantidade de pessoas não importa, é a indeterminação dessa ao longo de toda a foto que traz o elemento de multidão usado como recurso imagético na legitimação desse governo que não foi escolhido e estava construindo suas estratégias para uma permanência indefinida.

A foto oficial das autoridades tratadas em trajes de gala foi figurada na terceira foto, ali se vê o presidente Getúlio Vargas, sua filha Alzira Vargas e sua esposa Darcy Vargas, família presidencial ao lado de Benedito Valadares e sua esposa Odete Valadares, o casal do executivo estadual. A última foto, figura mãe e filha da autoridade política prestigiada, como forma de dizer como as mulheres elegantes se vestem, tomando como referência de feminilidade e elegância a primeira dama do Brasil e sua filha.

⁴⁸ Idem.

Ao longo dessa revista há outras páginas que se dedicaram a mostrar a excursão presidencial pelo estado de Minas Gerais, mostrando a averiguação do presidente em relação às obras de modernização, instalações e desenvolvimentos de indústrias, a própria execução e desenvolvimento do seu plano de governo. Trata-se de um contexto político em que o nível de intervenção do governo federal não encontra limites consideráveis, de tal forma que é ele quem decide e não os governadores, mas seus interventores estaduais, como é o caso de Benedito Valadares. Nessas localidades, o presidente e sua comitiva são fotografados entre as multidões de outras cidades mineiras, bem como em espaços privados celebrados com bailes e jantares de gala pelas associações dos detentores de poder político e econômico de outras regiões mineiras, que também mantêm espaços de sociabilidade ornados com os padrões de elegância de que dispunha o Automóvel Club.

Na capital mineira foi no Automóvel Club e não nos salões do Palácio da Liberdade ou de qualquer repartição pública, mas em um lugar de propriedade privada criado para comportar os interesses da elite mineira e suas famílias, os quais estavam alinhados com o governo vigente. Assim, as festas e comemorações de caráter político concediam a essas famílias prestígio social e também fazia a manutenção da legitimidade política às personalidades políticas ali presentes e frequentadoras. Dessa forma, essa sociabilidade festiva construía e fortalecia os laços de amizades, interesses e negócios, sendo um dos espaços importantes de construção de um projeto de poder.

Nesse espaço privado, as festividades não se restringiam às motivações políticas, sendo também um importante lugar das celebrações íntimas, a despeito da presença de personalidades políticas ou não. Em tais eventos a imprensa continuava a ser convidada, pois publicava os hábitos, as vestes e as histórias de vida de quem se entende como referência e protagonista na construção de uma cidade moderna. Abaixo tem-se a comemoração das bodas de ouro do casal Cel. (coronel) Benjamim Ferreira Guimarães.

Figura 09- Festa no Automóvel Club: comemoração de bodas de ouro



Legenda: As bodas de ouro do casal cel. Benjamin Ferreira Guimarães- d. Ambrosina Ferreira Guimarães.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933.

O texto, reportagem de página inteira com uso de fotografias, apresenta a elegante festa que o casal ofereceu aos sócios do Automovel Club e demais pessoas que compunham o seu círculo social e familiar. Na primeira metade do texto há informações do local da festa e da missa em ação de graça e tais informações são escritas com os destaques de distinção:

A alta sociedade da Capital rendeu uma expressiva homenagem ao casal Benjamim Ferreira Guimarães - D. Ambrosina Ferreira Guimarães, ao ensejo da comemoração das suas bodas de ouro, a 15 do corrente. Nada mais justo que esse preito de admiração e de estima áquellas duas illustres figuras da sociedade mineira em cujos circulos de mais alta expressão se destacam, sobretudo, pelos títulos de nobreza moral de que são portadores. No altar-mór da igreja de S. José foi celebrada missa em acção de graças pelo festejo acontecido, sendo celebrante o bispo da Barra, primaz da Bahia, que veio a Bello Horizonte especialmente convidado para esse fim. A' noite, realizou-se no Automovel Club a recepção offerecida pelo illustre casal ás pessoas de suas relações de amizade. Essa festa elegante, a que compareceu o escol da sociedade da Capital teve o sentido de uma alta homenagem ao cel. Benjamin Guimarães e sua senhora, d. Ambrosina Ferreira Guimarães.⁵⁰

⁴⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 18.

⁵⁰ Idem.

A Igreja São José é referenciada algumas vezes na revista, como local de encontro da elite social. Há páginas da revista que fotografam as mulheres caminhando em direção à missa, de modo a mostrar as roupas que elas estavam vestindo, pois era um local para além do culto e atividades direcionadas ao sagrado, mas também lugar de manutenção de laços sociais, valores morais e determinações de modas e modos de ser. A “alta sociedade da capital” ali se encontrou para festejar a união matrimonial, o laço heteroafetivo e patriarcal de um casal modelo da vida moderna, que cultivava os valores tradicionais e moderniza seus negócios e produções. A exclusividade desse grupo é ainda mais destacada quando conseguem mobilizar um sacerdote da igreja católica de um nível superior na hierarquia eclesiástica, um bispo da Bahia, para essa celebração festiva e de interesse pessoal e não eclesiástico. Depois da missa, o “escol da sociedade” seguiu para aquele que era um dos mais destacados espaços de uma sociabilidade elegante, o Automóvel Club.

A construção desse texto a partir da segunda parte explica o título “Uma vida que é um exemplo de dignidade e trabalho”, com informações que apresentam a vida do Coronel Benjamin Ferreira Guimarães, que apesar do título militar, é destacado pela sua atividade industrial no setor têxtil, bem como seus sucessos no ramo da mineração.

Commerciante que era em Bomsucesso s. s. se transferiu para a cidade de Valença, Estado do Rio, ingressando na industria textil, em cuja actividade se distendeu, possuindo actualmente cinco fabricas com fiação e tecelagem no Rio, Espirito Santo e Minas Geraes. Não parou, ahi, entretanto, o engenho constructor do coronel Guimarães; s. s. experimentou e venceu no campo da mineração, possuindo Passagem de Marianna, neste Estado. (...) Estamos seguramente informados de que nas várias industrias sob a proficiente orientação do coronel Guimarães trabalha um numero superior a 3000 operarios - vale dizer no minimo 3 mil vozes unissonas, a entoar um hymno ao seu singular talento constructor.⁵¹

A revista divulga uma festa e uma personalidade masculina exemplar, e nesse movimento ela divulga um ideal que se fortifica ao longo das décadas de 1930 e 1940, qual seja a industrialização e o trabalho, a tônica governista e capitalista do período. Os operários, personagens que ganham importância no governo getulista, figuram na revista como os beneficiados gratos a entoarem graça e admiração ao industrial apresentado, cuja vida conjugal é celebrada em seus “títulos morais” nos salões do Automovel Club. A figura do industrial é o “exemplo de dignidade e trabalho” que titulariza a matéria. São pelos valores capitalistas, ou seja, do trabalho, no setor industrial, comercial e a atividade política, que norteiam a identidade dos homens veiculados por essa revista, bem como as principais motivações de comemorações e momentos de festividades divulgados.

⁵¹ Idem.

O texto é sobre a atuação do coronel, a história da sua vida, ainda que a comemoração das bodas de ouro só possa existir pela vinculação matrimonial entre o industrial e a d. Ambrosina Ferreira Guimarães. Dela sabemos apenas o nome e a feição que aparece nas três fotos. Na primeira ela é representada nesse lugar de esposa do coronel, em foto oficial do casal na comemoração das bodas de ouro; na segunda, ela aparece sentada ao seu lado enquanto o mesmo discursa; e, na terceira, ela está ao lado dele como matriarca da família e amigos que os circundam. No texto, encontra-se apenas essas letras a respeito dela:

A alta sociedade da Capital rendeu uma expressiva homenagem ao casal Benjamim Ferreira Guimarães - D. Ambrosina Ferreira Guimarães, ao ensejo da comemoração das suas bodas de ouro, a 15 do corrente. (...) O coronel Benjamim Ferreira é natural de Santo Antonio da Pedra, municipio de Pará de Minas, onde nasceu a 17 de dezembro de 1861; e sua senhora, d. Maria Ambrosina Guimarães, é natural de Bomsucesso, nascida a 20 de janeiro de 1865.⁵²

Nota-se que o nome do casal é o nome do coronel, o industrial cuja história é recapitulada como exemplo, sendo a sua esposa limitada ao nome e informações da sua história restritas ao local e data de nascimento. A secundarização da mulher é uma forma de inferiorização pela omissão, o que não é uma especificidade das festas, mas sim constituinte do próprio discurso da revista, desse veículo de voz e direção masculina.

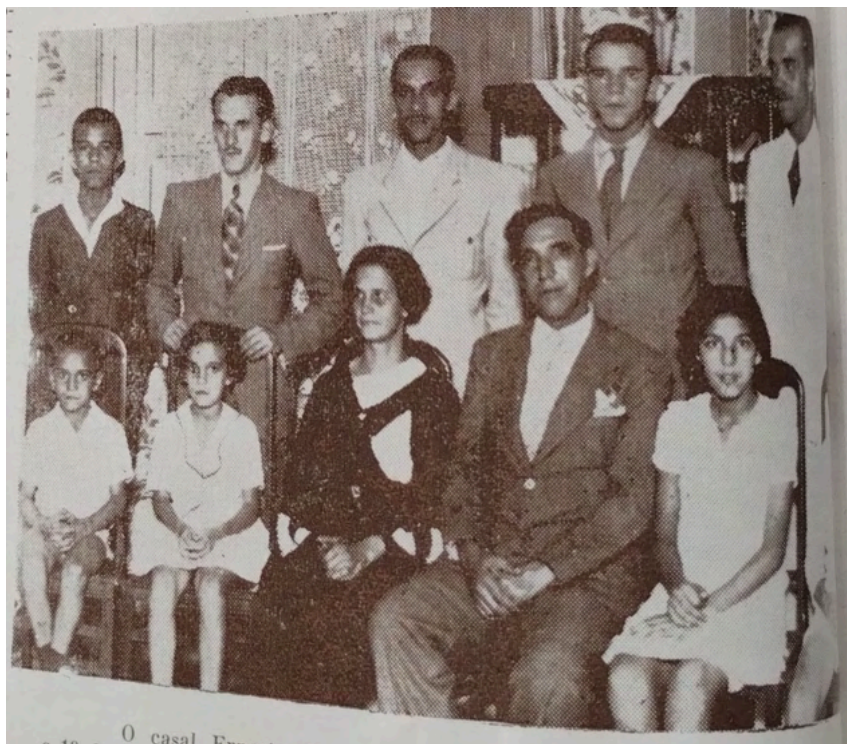
Ainda assim, D. Ambrosina, na condição de matriarca de uma família erigida sob esses valores celebrados, ocupa um lugar de prestígio. Ela é parte, e nessa festa é protagonista, da dita “alta sociedade” da capital de Minas Gerais, um dos estados em que sua família é proprietária de indústrias de tecelagem. Ainda que o trabalho do seu marido ocupe o maior número de linhas na reportagem, o trabalho dela, enquanto esposa e mãe, também é celebrado neste evento que destaca cinco décadas de sua atuação no lugar de gestora da família e das relações interpessoais que os circunda na terceira foto.

Nem todas as comemorações de bodas aconteciam no Automovel Club, a não ser que tratava-se de um homem de posses e trajetória que celebrasse os valores modernos e capitalistas em voga. Outras festas desta natureza também foram noticiadas, mas na casa do casal com um foto figurando eles e a família atrás, os respectivos filhos e netos, frutos das décadas de matrimônio celebradas. São fotos e um tipo de notícia que ajudava a propagar o ideal de família burguesa: hétero sexual e patriarcal. O matrimônio, celebrado como sacramento da igreja católica e um acordo firmado junto às leis civis, era a condição para a

⁵² Idem.

construção da família moderna, cuja constituição se dava por mecanismos de valorização e manutenção dos costumes tradicionais.

Figura 10- Bodas de Casamento casal Cerqueira.



Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936.

O casal Ernesto Cerqueira - D. Ismenia Cerqueira comemorou a 19 do mez findo, o 25º anniversario do seu casamento. A photografia acima, em que o casal Cerquiera apparece em companhia dos seus filhos, foi feita por occasião do baile realizado em sua residencia, á rua Antonio Albuquerque, em commemoração daquela data festiva. O Sr. Ernesto Cerqueira e sua exma. senhora receberam então expressivas homenagens das pessoas de suas relações.⁵⁴

Na foto há a celebração das chamadas Bodas de Prata. Segundo a notícia, o casal ofereceu um baile em sua residência para pessoas de seu convívio social. As fotos não mostram os comes e bebes de tal festa ou o espaço da casa em que tal comemoração se desenrolou. A foto se preocupa em veicular a celebração da longevidade do matrimônio, esse que é pensado como algo indissolúvel, mostrando o casal e o que as décadas de união lhes proporcionaram: seus filhos e netos posicionados de maneira estratégica para figurar essa ideia geracional.

⁵³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 abr. 1936, p. 16.

⁵⁴Idem.

O casal recebeu os cumprimentos em sua residência, situada na rua Antônio de Albuquerque, a qual se encontra ainda dentro do perímetro urbano, circunscrito pela Avenida do Contorno. O mesmo foi noticiado a respeito da festa de aniversário infantil abaixo, a qual aconteceu na casa dos pais, identificada como “um palacete” na rua Rio de Janeiro, 1819. O casal Ernesto Siqueira e os pais de José Roberto, o casal Vieira, são noticiados como pessoas de interessantes laços sociais na cidade e, sobretudo, como proprietários da ainda nova capital. Qual a funcionalidade da demarcação do endereço se a notícia diz respeito a um evento já findo? Decerto não é um convite à festa, mas talvez um reconhecimento dessas pessoas enquanto belo-horizontinos, enquanto residentes e proprietários na nova e moderna capital mineira.

Figura 11 - Festa de aniversário Infantil



Legenda: José Roberto, no dia do seu aniversario natalicio convidou os seus amiguinhos para os doces. E foi uma reunião encantadora oferecida por elle no palacete de seus paes dr. José de Almeida Vieira e senhora Maria José Vieira, á rua Rio de Janeiro, 1819. Houve doce a valer, muita algazarra e muita alegria...

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1935.

⁵⁵ BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 05 dez. 1935, p. 03.

Festas de aniversário infantis são recorrentemente publicadas na revista. Tais fotos são construídas não como flagrantes, dada a incipiência da fotografia, não era um equipamento de que dispunham as pessoas comuns, mas sim os profissionais que eram convidados a fazerem tal registro. Nessas fotografias estavam posicionadas (os) a (o) aniversariante, sua família e as demais crianças convidadas, em torno do que recorrentemente chamavam de: “uma fina mesa de doces”. Os pequenos textos que acompanham as fotos complementam o cenário divulgando quem é que está aniversariando, sua família e o que é servido nesse tipo de festa.

Ao longo das páginas da revista é possível encontrar muitas festas de aniversários registradas, tanto em casa dos e das aniversariantes, bem como comemorações em restaurantes e bares. Eram festas que aconteciam em casa, no ambiente privado. Ainda que houvesse um apelo da imprensa para que a elite pudesse usufruir de espaços públicos, concedendo à cidade movimento e um aspecto moderno, as festas domésticas não se extinguíram. A intimidade e a exclusividade de que queriam os endinheirados foi preservada em seus “palacetes” e clubes de sociedade, mas também fizeram parte da dinâmica pública a partir do trabalho da imprensa. A domesticidade de tais eventos nada tem haver com silenciamento ou reclusão, de alguma forma também ocupam o espaço público, ao menos na cidade registrada por Augusto Siqueira e sua equipe.

Há na revista a veiculação de outras comemorações festivas que aconteceram em outros lugares da cidade. A depender do lugar e da motivação, as fotos das comemorações também mudam, de forma que as fotos de aniversário no Automóvel Club registram as pessoas de uma maneira diferente de uma foto de aniversário em um bar qualquer da cidade, como o Bar Garibaldi.

Figura 12 - Festa de amigos no Bar Garibaldi



56

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933.

O sr. José Andrade Netto, revendedor da afamada cerveja Hanseatica, reuniu a 11 do corrente, no Bar e Restaurante Garibaldi, grande numero de pessoas de suas relações de amizade, offerecendo-lhes uma encantadora festa, que transcorreu num ambiente da maior cordialidade. (...) Foi servido aos presentes um succulento jantar, em cujo cardapio tiveram papel saliente a macarronada e o frango cheio. O numero principal do “menu” foi, entretanto, a saborosa cerveja Hanseatica, que regou abundantemente o agape, durante meia hora de alegria e camaradagem. (...) Esta pagina de BELLO HORIZONTE reproduz um exzpressivo aspecto da festa de amizade realizada a 11 do corrente, no Bar Garibaldi. A Hanseatica foi entusiastamente festejada nessa reunião de amigos durante a qual nao foi tambem esquecida a deliciosa cerveja Pilsener, umas das victoriosas marcas da grande fabrica Hanseatica, cujos productos são todos manipulados com a privilegiada agua da serra da Tijuca.⁵⁷

A foto acima foi publicada em uma notícia de meia página e trata-se de uma festa entre amigos no Bar Garibaldi. Nessa festa dois amigos, dentre tantos presentes, estavam aniversariando e foram homenageados. Tais aniversariantes não foram referenciados para além do pronome de tratamento “Senhores” e seus nomes, diferente da costumeira forma com que a revista referencia os homens em suas publicações, destacando a sua posição produtiva ou política na cidade. Tal informalidade também é vista na foto. As pessoas não estão posicionadas de maneira a destacar suas roupas, postura elegante e a proeminência do espaço que estão, tais como destacam os registros no Automovel Club. Isso acontece em razão de

⁵⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27.

⁵⁷ Idem.

algumas proporções que precisam ser consideradas. No Automovel Club estão aquelas e aqueles que ocupam os maiores cargos ou mesmo assumem a presidência de importantes posições no alto comércio, indústria e na política. O vestuário, as maneiras e os valores morais e sociais que se entendem por moderno e moral constroem essas personalidades que são veiculadas de maneira a transpor essas características ajudando a moldar o imaginário e o comportamento de mulheres e homens para a sociedade e a cidade que se queriam modernos.

No Bar Garibaldi, os homens presentes são empregados das fábricas. Nesse bar, junto aos seus, eles fazem suas comemorações, enquanto seus chefes são veiculados ocupando espaços como o Automovel Club, o que não exclui a possibilidade desse bar também recebê-los. A foto mostra que esses amigos, ao se depararem com a presença da imprensa, se portam com seus copos e garrafas em punho, seus abraços de afeto e seus sorrisos largos de alegria. A forma como estão vestidos não escandaliza e nem foge à regra do vestuário e do que seria a elegância masculina, mas não é o que importa, até mesmo porque alguns paletós foram deixados, sendo lugar às informalidades registrada na foto.

Não trata-se de um flagrante, pois os presentes olham para a câmera, sabem que estão sendo fotografados e posam para esse registro dessa maneira intencionalmente despojada. Há uma intencionalidade nesse registro, concordavam em serem publicados na revista ilustrada de maior aceitabilidade da cidade, cidade que eles também experienciavam dessa forma.

Outro aniversário chama atenção em meio às comemorações veiculadas na revista. Trata-se da festa de aniversário do chefe de polícia. Diferentemente das mesas de banquetes, jantares ou almoços oferecidos em alguns restaurantes da cidade, homenageando personalidades do comércio, das indústrias e do serviço público, esse aniversário aconteceu ao estilo gaúcho, fora dos limites da Avenida do Contorno, em uma fazenda localizada na região do Barreiro, muito antes de se tornar uma importante região de desenvolvimento comercial e industrial pela qual é conhecida. Na foto veiculada chama atenção um ponto entre os convidados, são todos, exclusivamente, homens.

Figura 13 - Aniversário do Chefe de Polícia.



Legenda: Ao ensejo do aniversário do Capitão Ernesto Doraelles, Chefe de Polícia, os seus amigos e admiradores lhe ofereceram um churrasco, que teve lugar na Fazenda do Barreiro. Foi uma festa de grande cordialidade, á qual compareceram as figuras mais representativas da política, da sociedade, da Polícia Militar e da colônia riograndense. O governador Benedicto Valladares e todos os seus secretários de governo estiveram presentes, tendo usado da palavra para saudar a figura sympathica do bravo soldado anniversariante, o deputado Clovis Pinto, ministro Mario Mattos, governador Benedicto Valladares e o homenageado, que agradeceu o honito improvisado. BELLO HORIZONTE fixou durante agradável festa flagrantes que estampamos nesta página.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936.

Os militares ganharam protagonismo na Revolução de 1930. No Brasil de Getúlio Vargas os ternos políticos caminham pelo povo, seus punhos são vistos gesticulando enquanto discursam prometendo mudanças, os mesmos que também se impunham forte frente à objeções. Esses ternos também se misturam com as fardas e com elas se fortalecem. Na primeira foto, em terno, punho e discurso Benedito Valadares se dirige aos convidados e presta supostas homenagens ao aniversariante e, sobretudo, se faz presente como governo, construindo e mantendo os laços de sociabilidade e de compromisso político com essa parcela de força do governo.

A forma masculina e os valores do estado forte de Getúlio Vargas construíram a representação desse festejo na revista. Nas fotos não há a presença de nenhuma esposa, filha ou noiva, nem mesmo as crianças são meninas, apenas os meninos. O churrasco servido à moda gaúcha, com a carne assada na brasa diretamente do chão, é oferecido às personalidades políticas, em seus ternos, e militares, em suas fardas. Em uma mesa grande e elegante, acompanhada de cerveja e demais quitutes não identificados, se acomodam as autoridades na festa, e na revista “se acomoda” o governo de Benedito Valadares e seu apoio militar.

As reuniões femininas também aconteciam. Na revista as mulheres também ocupam mais do que os espaços domésticos e privados dos clubes e das igrejas, elas estavam nas ruas, nas praças e no Parque Municipal praticando o footing, passeios, compras, bem como em direção aos seus empregos. A vida moderna exige movimento. A nova cidade desejava ser movimentada e bela, tanto em sua arquitetura com a imponência dos traçados geométricos, avenidas largas e prédios cada vez mais altos, quanto nos vestidos leves que favorecem o caminhar e a vivência dessa estrutura urbana celebrada na revista. Em todas as possibilidades de lazer encontradas na revista e debatidas neste trabalho, a presença feminina é veiculada, ainda que com uma série de limites, mas que não foram capazes de afastá-las da experiência belorizontina publicizada por Siqueira.

Em relação aos encontros festivos ao redor da mesa com comes e bebes não foram encontradas reuniões femininas em bares, mas sim nos salões do Automovel Club, bem como em outros ambientes como a confeitaria. A partir das publicações da revista pode-se aferir que os bares cabem aos homens, talvez a presença feminina nesses espaços estivesse condicionada à presença de seus acompanhantes. Em confeitarias e sorveterias elas se encontram e desfrutam de um espaço público, de alguma forma elas atendem às exigências de vestimentas

e modos de ser, como também atuam de maneira decisiva sobre tais modos. O comprar, se vestir, se portar e se deixar fotografar não permite dizer que elas sejam vítimas dos discursos imperativos das revistas e páginas de moda e comportamentos femininos, elas também são quem define as feminilidades presentes na nova capital mineira.

A presença pública feminina é noticiada, requerida e isso se torna uma possibilidade interessante para que suas pretensões possam ser vistas, debatidas e que ocupem diferentes espaços dessa cidade que se renova constantemente, seja em sua materialidade, mas também nas subjetividades de seus habitantes, o que também inclui e favorece as transformações e requerimentos femininos. Abaixo trago duas interessantes ocorrências que nos permite discutir sobre essa presença feminina nos espaços de sociabilidade que a revista dedica-se em veicular.

Na foto abaixo tem-se um chá entre as amigas da senhorinha Soares de Faria, filha do professor catedrático da Faculdade de Direito em São Paulo, Soares de Faria, que esteve em Belo Horizonte como examinador da banca do recente curso em direito da Universidade de Minas Gerais.

Figura 14 - Chá elegante da senhorinha Soares Filho no Automovel Club



58

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1939.

O chá foi noticiado como elegantemente preparado e oferecido como uma forma de reforçar os laços de afeto entre as damas da elite belo-horizontina. No texto: “A senhorinha Soares de Faria retribuindo a acolhida que teve de suas amiguinhas nesta capital ofereceu-lhes um chá de despedidas, no Automovel Club. Essa encantadora festa constituiu um acontecimento de rara elegancia e distinção, (...)”⁵⁹

Em outra reunião de amigas, veiculada na revista número 72, assinado por apenas um primeiro nome: Ivete, tem-se uma crônica a respeito da sociabilidade feminina nas confeitarias. Há descrições de como essas mulheres se vestem, como se comportam, bem como de supostas conversas femininas.

As tardes quentes desta primeira quinzena de outubro têm feito regurgitar as nossas casas de chá, sorveterias, de tudo que a cidade tem de mais elegante, requintado e tentador. Nas sorveterias, principalmente no Trianon e na California esse elemento foi

⁵⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, jan. 1939, p. 32.

⁵⁹ Idem.

notado com abundancia nestes ultimos dias. E o desfile após o chá, pela Avenida e pela Rua da Bahia, tem sido o grande encontro da cidade nestas tardes quentissimas de outubro. (...) Mas não só a beleza da imagem, a elegancia da moda a subtileza do perfume, e harmonia do meio palminho de cara admiravelmente maquillado chamam a atenção, mas, principalmente, o que ellas dizem, o que commentam, a maldade com que criticam a perversidade que demonstram... (...) Sentaram-se, pediram ao garçon salada de fructas e Mlle “M” olhando para uma roda commentou com aquella sua proverbial crueldade: - Já notaram como o Juscelino (referindo-se ao Kubitschek) ficou feio depois que foi eleito deputado? - E’ devido aos óculos, elle, coitado tem passado muito mal das vistas. Ao que uma outra ajuntou: - Efeitos do Rio; mineiro na “Côte” quer ver tudo e força a vista...⁶⁰

A transação urbana feminina é requerida, tem sua funcionalidade, mas também é limitada, controlada. Suas vestes e trejeitos são valorizados como enfeites das principais ruas da cidade, enquanto que a sua participação na vida pública é oculta ou rechaçada. Na imagem em que a senhorinha Soares Filho se reúne com suas amigas no Automóvel Club a revista ressalta os elementos de distinção e elegância. Mais vale ressaltar elementos como os sorrisos, a mesa posta em acordo com a etiqueta e os vestidos, e todos esses elementos são favorecidos pelo ângulo escolhido pela imagem e postos como elementos de primeira importância. Nada se publicou a respeito dos assuntos, dos interesses que tais mulheres da sociedade belo-horizontina, intercambiam com uma mulher de também alta posição social e possível alta grau de instrução educacional, da elite paulista. Decerto que a possibilidade de uma entrevista não era um empecilho, talvez não quiseram mesmo dar visibilidade aos intercâmbios de ideias que as mulheres estabeleciam em prol da sua progressiva autonomia nesses anos de 1930. Em um momento em que o voto feminino se concretizava e as mulheres cada vez mais assumem postos de trabalho e lugares de sociabilidade pública, parece pouco provável que essa reunião seja uma simples demonstração de apreço afetivo e compartilhamento de atributos femininos que a revista, de maneira incessante, escolhe atribuir em seus maiores destaques.

Em relação ao encontro de amigas na sorveteria há o reforço das feminilidades enquanto adereços de elegância pelas ruas da cidade no final das tardes, mas diferente da reunião no Automóvel Club em que os assuntos foram silenciados, esse texto atribui falas às essas que enfeitam a cidade. Em tais discursos elas são ridicularizadas em suas considerações políticas, são representadas de maneira desatenta aos assuntos mais sérios, pois seus comentários não dizem sobre dinâmicas de governo e demandas políticas, mas sim a respeito da aparência de uma das personalidades políticas que a revista descreve com apreço: Juscelino Kubitschek. Essas falas foram impostas a elas e a hipótese é que o objetivo era reduzir a compreensão e participação política feminina, a qual se ampliava nesse contexto.

⁶⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 out. 1935, p. 19.

As mulheres retratadas no chá de despedida no Automóvel Club no encontro entre amigas na sorveteria evidenciam como a revista promove o passeio feminino pelas ruas da nova capital mineira. Contudo, essa é uma promoção a partir do reforço da compreensão das mulheres como um enfeite das ruas e dos espaços sociais considerados elegantes. Por outro lado, os conteúdos de suas conversas, seus interesses, as causas que defendem e suas estratégias para ampliar a participação na vida pública permaneceram ocultos. Na década de 1930, período em que o voto feminino se torna uma realidade e mais mulheres ocupam postos de trabalho, é improvável que tais reuniões se restringiam a preocupações meramente relacionadas à moda e à etiqueta.

Com essas imagens e excertos de algumas das páginas festivas da revista procurei mostrar como as festas têm uma importante participação na vida social, cultural e emocional das pessoas. São ocasiões que a partir das celebrações de aniversários e variadas datas festivas, se constituem como uma importante rede de relações, de fortalecimento de afetos e laços de interesses políticos e sociais. Esse estudo não buscou entender como as festas em clubes ou nas residências aconteciam, mas sim a forma como eram divulgados na imprensa. A divulgação na imprensa diz sobre como as festas em uma capital moderna devem acontecer e, o que é indispensável é a música, a dança e bebidas. Aquelas que contam com personalidades ilustres requerem maior requinte. As que são realizadas em casa mostram ambientes decorados, presença familiar e de amigos, e o endereço, pois é motivo de comemorar a posse de parte da nova capital. E, por fim, aquelas que aconteciam em bares, restaurantes e sorveterias foram um importante espaço para troca de afetos e de códigos sociais do que se entendia por masculino e feminino.

2.2. Footing

O footing é uma prática de lazer que se popularizou na cidade até a década de 1930. A sua proposta consistia no desfile de moças e rapazes em lados opostos trocando olhares de interesses afetuosos. Tratava-se não de uma caminhada de um ponto a outro da cidade, mas um evento social no qual as pessoas se encontravam em trocas de olhares e estabeleciam conexões. Era uma prática que condizia com a modernidade que a cidade desejava alcançar, pois era uma atividade que convidava para o uso da cena pública, especialmente as avenidas e praças, cenários da modernidade urbana.

Por isso mesmo, a imprensa local teve um papel decisivo na consolidação e expansão do footing. Revistas e jornais da época, como a revista *Bello Horizonte*, publicaram colunas

sociais dedicadas à temática. A prática se vinculava aos códigos de sociabilidade então valorizados e era recomendada pela imprensa como uma das possibilidades de promoção do desenvolvimento da vida moderna. Era uma oportunidade para os jovens se conhecerem e para as famílias marcarem sua presença na sociedade, a partir das suas roupas, demonstrando elegância e se fazendo presentes em importantes espaços de sociabilidade.

Na *Bello Horizonte*, a revista construiu representações sobre essa prática em seção específica denominada "Footing", bem como a divulgação das fotos de mulheres, majoritariamente, mas também poucas ocorrências de homens nesse vai e vem moderno.

O footing acontecia majoritariamente naquela que foi projetada como a principal avenida da cidade, a Avenida Afonso Pena. O que não quer dizer que tal prática se restringiu à esse lugar, sendo também registrada em locais como as alamedas do Parque Municipal, na Rua da Bahia e na Praça da Liberdade, na qual acontecia em simultâneo apresentações musicais de bandas, como a da Polícia Militar, criando um ambiente de movimentação e interação entre as pessoas. (Rodrigues, 2006; Vilhena, 2008).

Nas pouquíssimas ocorrências da revista em que aparece o Parque Municipal, a revista registrou ali o footing.

Figura 15 - Footing no Parque Municipal



61

Legenda: O Parque Municipal aos domingos é sempre assim...

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

Mas foi na Avenida Afonso Pena que essa prática foi intensamente veiculada no periódico em análise. Com suas largas calçadas, arvoredos e iluminação, a principal avenida da cidade ficava repleta de moças e rapazes das elegante famílias da capital, bem como de

⁶¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 nov. 1934, p. 10.

empregadas domésticas e soldados, em um vai e vem que permitia se exhibir e serem vistos. (Vilhena, 2008). A revista registrava esses desfiles a partir dos fotógrafos que se posicionaram na avenida fazendo registros dos passos elegantes daquelas senhorinhas que trajavam os vestidos de caimento leve abaixo do joelho, mangas curtas, pequenos chapéus e “lábios carminados”. “O fotógrafo de BELLO HORIZONTE só tem uma preocupação: photographar as moças bonitas.”⁶² Os homens da sociedade belo-horizontina não escapavam, ainda mostrarei abaixo o caminhar pela avenida de terno e gravata, registrados pela revista.

Na seção “Footing”, há descrições de mulheres solteiras, ou “senhorinhas”, destacadas por ideais de beleza e graciosidade, em concordância com os padrões da moda. Essas publicações atuavam na manutenção das definições de gênero, por definirem quem eram e como deveriam ser as mulheres bonitas e modernas que circulavam pela capital. Os textos desta seção são construídos por um interlocutor masculino ou retratando uma reunião entre amigos e eles comentam as roupas, a graciosidade e seus interesses a respeito das senhorinhas que praticam esse caminhar exibicionista de beleza e posição social.

- Porque é que a Avenida ficou hoje tão bonita?
 - Deve ser a tarde cariciosa que está fazendo.
 Francisco Martins, posto na elegancia mais oxfordiana que já se viu por aqui, interrompe o meeting que estava fazendo sobre o Athletico e a interventoria - misturadamente - e observa:
 - Qual o que... Todas essas meninas vieram ver o ovo misterioso... Curiosidade...
 E Lincoln S. Gomes, muito compenetrado:
 - E’ por isso mesmo que eu vou arranjar um ovo desses e andar com elle no pescoço...⁶³
 (...)

O frio foi mesmo feito especialmente para as mulheres. As toilettes de inverno são as mais bonitas do mundo. Não ha modelo em “organdy”, por mais phantasioso e por vaporoso que seja que consiga a linda, o “fashionable” das pelles, dos “kashas”, das “lermes”, dos velludos, de todas essas coisas macias, colleantes, tepidas, voluptuosas, que parecem caricias, que enfeitam e aquecem, que fazem mais capitosas as silhuetas cingidas de pelucia, mais lindas e mais vivos os olhos que nos olham lá no fundo dos “renards” e que têm um ar de mysterio provocante...⁶⁴

Esses excertos mostram que o discurso masculino é quem escreve o texto e constrói arquétipos femininos ao dizer sobre a elegância do seu vestuário, definindo, a partir de elogios, como este deve ser no inverno: roupas de pele e veludo. Esses são materiais usados nos rigorosos invernos nórdicos, que se reproduzem em um país de clima tropical por ser a França ainda a sua maior referência sociocultural. No primeiro excerto, também é possível

⁶² BELLO HORIZONTE. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, p. 11.

⁶³ BELLO HORIZONTE. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 17.

⁶⁴ Idem.

identificar o arquétipo masculino, segundo o qual os homens se vestem em ternos, aos moldes ingleses, tendo como referência Oxford, e discutem tanto sobre futebol quanto sobre assuntos jurídicos e políticos. A sociabilidade masculina se dá nos e a respeito dos diferentes espaços públicos, tanto para os divertimentos, como é o caso do citado futebol, quanto para os ambientes voltados ao trabalho, nesse caso, a promotoria.

O footing é uma atividade que promove o encontro entre os gêneros, mas na revista tal interlocução é representada de maneira unilateral pela perspectiva masculina. A presença delas é dita tanto como capaz de desviar a atenção masculina, quando um dos tópicos do repertório de assuntos e interesses masculinos. Na revista a seção footing destina-se a tecer comentários que caracterizam a elegância feminina esperada para ocupar e enfeitar a avenida da cidade, validando seus argumentos pelos olhares e elogios masculinos.

Apesar de serem elogiadas e, de alguma maneira, há que se dizer que as mulheres também tinham uma importante parcela de decisão no seu vestir, ser e caminhar pela cidade moderna. Elas não são submetidas a coerções ao se vestirem e se portar com graça e elegância nos ambientes de lazer e nos demais transeuntes urbanos de seus cotidianos, elas, em alguma medida, também aceitam, cultivam e, na sua ação de vestir, consumir e se deixar fotografar, elas atuam na definição e manutenção de um estilo de vida moderno. De certo que no grupo mulheres cabe uma imensa variedade de subjetividades e diferenças estruturais, de modo que a maioria não consegue e/ ou não se interessa em seguir essas definições de modas e modos que a seção footing insiste em veicular. Contudo, essa variedade é encoberta em uma revista hegemônica que propaga os modos e trejeitos da sociedade e da mulher de classe média alta e pertencentes aos círculos sociais das elites.

Abaixo trago outros excertos dessa seção em que é possível ler como o avanço da autonomia feminina é encarado pelos homens que atuam na redação da revista *Bello Horizonte*.

A senhorinha S. M. F. vem vindo, como quem pensa em serias questões de jurisprudencia, de criminologia... A pasta que carrega deve estar cheia de autos, de codigos, de tratadistas, de sentenças... - Qual o que, afirma o Ary Theo, vocês é que pensam que uma bacharelada é a mesma coisa que um bacharelado... Aposto que aquella pasta não contem nenhuma dessas caceteações... - Que conterà, então? E o Helio, entrando na conversa, muito bem informado como sempre: - Um lapis (de "rouge"), um livro (de versos), um caderno (de autographos) um tratado (de modas, voir figurino) e um mestre da justiça - o espelhinho minuscuro do estojo "Mendel" em que ella de quando em vez vae ver se continua linda, mais linda, como é...⁶⁵

Será que ella é mesmo romantica? Ella desce do bonde da Serra e vai direto a uma livraria do centro da cidade. O livreiro passa apuros para informar sobre nomes raros e que brilharam em 1830... Ella não lê outra coisa e diz a todo mundo que se sente

⁶⁵ Idem.

muito bem com os poetas do bon vieux temps... Mas ha sempre uma má lingua que attribui essa predileção a outras causas... Mlle, gostou, ha tempos, daquelle poeta modernista e, por simples pirraça... intellectual, queimou Mario de Andrade e Manoel Bandeira. Quem quizer que as entenda...⁶⁶

O texto apresenta uma estudante de direito de maneira assimétrica a um estudante de direito por usar de descrições que questionam a sua capacidade em portar documentos e interesses sisudos da vida pública e jurídica. O mesmo tom é visto em relação à moça seguinte, que é descrita como incapaz de se atualizar em relação a literatura moderna, sendo capaz mesmo de atear fogo ao que supostamente não compreende. A partir dessas jocosidades a revista atua no controle da presença feminina no espaço público, que vai se tornando cada vez mais recorrente.

Contudo, a mesma revista que publica essas ironias a respeito da atuação feminina na área jurídica, e em um importante espaço que é a sessão dedicada ao footing, também publica uma bacharela em direito sendo premiada por seu trabalho acadêmico.

A senhorinha Virginia de Souza Neto foi acadêmica de direito, laureada, ha três meses, no concurso de Direito Internacional, promovido pela lente da cadeira, professor Alberto Deodato. A propósito da sua these, "Existe o Direito Internacional Americano?", assim se externou o professor Braz de Souza Arruda, cathedratico de Direito de S. Paulo: "E' realmente uma dissertação de valor, clara, synthetica e magnifica. Houve, segundo a minha opinião, muita justiça em conceder o premio a uma monografia tão valiosa. O que mais me agradou do trabalho foi o estylo claro e impecavel. Os meus melhores votos sao para que a senhorinha Virginia de Souza Netto, tão talentosa, continue a brilhar nas letras juridicas."⁶⁷

Tal ambiguidade nas representações das mulheres com cada vez maior grau de autonomia na vida moderna e urbana que se queria construir em Belo Horizonte, revela a condição polifônica da imprensa. Em sua tarefa de registrar e construir uma cidade, ela escolhe o que visibilizar e o que ocultar, e também o que destacar e o que timidamente noticiar. Enquanto a bacharelada com sua pasta sob suspeita ocupa uma das importantes seções da revista, a bacharelada noticiada em seu sucesso acadêmico ocupa uma página avulsa, um pedaço em meio a outros e diversos informes. O que se tem para além da descredibilidade da bacharelada é a existência de mulheres, na década de 1930, que são estudantes de direito e que a universidade não é apenas para os homens, de maneira tal que a mesma revista que atua na limitação dessas diferentes possibilidades de atuação e conquistas femininas, em diferentes espaços públicos, noticia também alguns reconhecimentos que essas mulheres estavam alcançando.

⁶⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 11.

⁶⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 09.

Figura 16 - Mulheres fotografadas no footing na Avenida Afonso Pena.



68

Legenda: Na Avenida. Sorrisos... Uma grande alegria - e muitos lábios carminados! (Photo instantaneo).

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

As mulheres fotografadas acima foram registradas pelo seguinte pequeno texto que expressa os significados dessa prática para a cidade: “Na Avenida. Sorrisos... Uma grande alegria - e muitos lábios carminados!”⁶⁹ A imagem é construída por uma montagem de mulheres em diferentes passagens pela Avenida Afonso Pena, a fim de construir uma prática

⁶⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 22.

⁶⁹ Idem.

comum na capital e praticada com “grande alegria”. Pode-se dizer que essas fotografias e as legendas que as acompanham, somados aos textos na seção *footing*, apresentados acima, se fazem na intenção de educar os corpos femininos, os quais, ao serem fotografados, descritos, elogiados ou alvo de críticas e ironias, dizem sobre o que devem e o que não devem fazer as moças elegantes e modernas da cidade.

Abaixo trago exemplos mostrando da quão importante é a prática a partir da sua ausência:

O tempo está conspirando contra as mulheres bonitas... A chuva não tem a menor contemplação com ninguém e as figuras elegantes desapareceram da avenida. A maior parte das mulheres elegantes prefere ficar em casa, espiando a chuva através das vidraças molhadas, na suavidade do home, sweet home...⁷⁰

Só na tarde de domingo e na de segunda-feira vimos uvas na Avenida, sim, uvas no sentido figurado. Tivemos todos que passar os outros dias dentro de casa, no fundo de um robe-de-chambre, escutando radio, fumando, repetindo aqueles versinhos do Oswald de Andrade: “Chove chuva choverando/ Que a cidade de meu bem/ Está-se toda se lavando...” Domingo, a coisa melhorou. Aquele temporal impertinente passou. Os que quizeram, depois de ouvir o bonito programma da “Radio-Revista”, foram assignar o ponto na Avenida.⁷¹

Por ser uma espécie de lazer essencialmente público, está sujeito às intempéries do clima. Durante a chuva, a Avenida fica vazia, os praticantes do *footing* são descritos em casa, permitindo perceber as suas condições socioeconômicas por alguns elementos: a presença do rádio em suas casas, o que não era algo acessível para a maior parte da população; os homens trajando elegantes “robe-de-chambre” e portando charutos, enquanto as mulheres contemplam o clima que as aprisionam em casas que possuem vidraças. Esse excerto tanto mostra a importância do *footing* para a cidade, ao lamentar a sua ausência, bem como traz caracterizações das condições sociais dos praticantes que são noticiados na revista.

Essa, é preciso lembrar, é a representação da revista e suas pretensões em veicular e construir uma Avenida Afonso Pena como lugar elegante. Contudo, tal Avenida era muito mais diversa que as caracterizações da revista:

As contradições que a segregação espacial e social pretendia esconder se explicitavam, escapavam às tentativas de controle e se manifestaram no espaço público. Nele, circulavam moças e rapazes no *footing*, funcionários públicos e operários, alinhados e maltrapilhos. Em meio à gente elegante e *chic*, havia mendigos, bêbados e vadios. (Vilhena, 2008, p. 132).

⁷⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 11.

⁷¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 nov. 1933, p. 12.

Esses maltrapilhos não dividiam espaço com a sociabilidade elegante divulgada pela revista. A chuva que impediu o desfile dos elegantes provavelmente não teve o mesmo efeito para aquelas e aqueles que por ali passavam como caminho para suas atividades laborativas e outras necessidades mais imediatas. Além disso, nem todos dispunham de um refúgio equipado com artigos modernos de luxo: vidraças, robes em finos tecidos, charutos e um rádio. A Avenida Afonso Pena da cidade Belo Horizonte era mais diversa e impiedosa com os tantos e diferentes cidadãos, enquanto que a Avenida Afonso Pena da revista *Bello Horizonte* era entregue à chuva e, só depois, voltava ao desejado movimento elegante daqueles que ansiavam por “bater ponto na Avenida”.

Os homens que em dias de chuva se embalam em robes, charutos e no som dos programas de rádio, em dias de sol trajam-se com uma “elegância oxfordiana”, sendo veiculados na avenida da Revista com seus ternos e cigarros. Ainda que de maneira escassa, os homens também podem ser vistos pelas lentes dos fotógrafos de plantão na Avenida.

Figura 17 - Homens da sociedade praticando o footing na Avenida Afonso Pena.



72

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937.

⁷² BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 14.

Uma das colunas mais frequentes da revista é a “Elegância Masculina” e nela, o estilista Andrade Alfaiate escreve dicas direcionadas ao público masculino. Na revista de número número 35, a dica focalizou o *footing* e as determinações para o gênero masculino. A elegância deve ser um ponto de atenção tanto para homens quanto para mulheres, os quais nos eventos de lazer se colocam em visibilidade, especialmente o *footing*. O texto abaixo diz sobre a atenção para a elegância que se expressa na adequação de acordo com as estações, bem como com o clima brasileiro. Percebe-se que a moda em 1930, tanto para homens, quanto para mulheres, não desconsidera a elegância e predomínio do estilo europeu, mas também pede mudanças, para algo mais condizente com o Brasil, esse país de clima mais ameno e que, portanto, comporta roupas com mais leveza e cores.

O *footing* da Praça da Liberdade está se tornando um habito enraizado dos nossos elegantes, principalmente dos que moram nos bairros conservadores da Serra e Funcionários. Ah! notamos entre o elemento feminino lindas toilettes de passeio onde predomina as cores claras. Não faltam mesmo muitos vestidos adquiridos nos grandes magasins da cidade. Mas os cavalheiros não tem tanto espírito de oportunidade. Os trajes masculinos na Praça costumam estar em oposição ao periodo de meia estação que atravessamos. Notamos ahi Ternos pesados, alguns sobretudos que não condiz com as noites já muito quentes da presente estação. Estamos na ephoca adoravel dos Ternos leves de tecido claro que dão uma personalidade encantadora com as linhas actuaes da moda. Ha padrões esplendidos de casimiras de typos frescout, Brins, Cambraias etc. Tudo isso augmentaria as bellezas do *footing* dos nossos elegantes. Lucrarem a elegancia e a higiene, o que não é pouco por reunir dois proveitos em um só golpe.⁷³

O jeito de se vestir deve ser condizente com as estações, com a época, a cidade, os gêneros... o jeito de se vestir tem condicionantes e a revista se encarrega de dizê-los de maneira imperativa. Há uma página feminina que divulga os modelos de vestidos, explicando e definindo cortes, tipos, tamanhos e cores de tecido para as mulheres, nas mais diferentes estações do ano e datas celebrativas. O mesmo acontece em relação aos homens, os quais dispõem de um alfaiate a aconselhá-los a respeito da elegância e como ela abrange as modas e os modos. Essa variação também pode ser explicada ao se pensar nas possibilidades de comerciais, à medida que a moda dita o que é condizente e aquilo que deixou de ser, ela impulsiona o consumo, pois para a adequação faz-se necessário algumas aquisições. Sendo assim, mulheres e homens modernos são quem consome e, a partir daí, se portam mais próximos das exigências veiculadas na revista e nos diferentes meios de comunicação.

Por fim, trago uma última imagem a respeito do *footing* na capital, a filha do diretor da revista Augusto Siqueira, Lili Siqueira, fotografada como se estivesse fazendo o *footing* na

⁷³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 58.

Avenida. Evidentemente que a sua idade não comporta a prática, mas importante perceber a sua suposta inserção nas sociabilidades modernas na capital. Essa foto concede valor e legitimidade para essa prática, a qual é praticada até pelas crianças, mais enfaticamente, até pela filha de quem está trabalhando para a manutenção e propagação desse jeito de ser cidadão: público e moderno.

Figura 18 - A filha do diretor da revista fazendo footing na Avenida



74

Legenda: LILI, durante o seu pacatíssimo "footing", foi surpreendida por aquelle inevitavel cidadão que diariamente se posta na Avenida, de machina photographica na mão. Lili é filhinha do casal Augusto Siqueira - d. Maria Balbi de Siqueira.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937.

Essa discussão mostra como as representações do footing na revista ajudaram na propagação de um estilo de vida moderno, aos moldes das importantes e elegantes cidades do mundo, se constituindo também como uma oportunidade de estabelecer relações e percepções que se queriam distintas e socialmente demarcadas. A formação de um público elegante nas ruas, em contato com o ar livre, atribuía à cidade uma atmosfera de civilização moderna. A promoção do footing pela imprensa e a demarcação da participação das camadas sociais mais elevadas reforçaram a imagem de Belo Horizonte como uma cidade moderna e elegante.

⁷⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p.47.

2.3 Esportes

Neste tópico damos continuidade ao entendimento de qual Belo Horizonte a revista constrói na década de 1930 a partir das práticas esportivas dadas a ver. Começo com o anúncio da loteria mineira de 1939, às vésperas das olimpíadas de 1940, no qual diz sobre a importância dos esportes para o engrandecimento da sociedade mineira:

Prestigiar a grande obra de educação e cultura que o governo de Minas vem realizando com absoluta firmeza adquirindo os bilhetes da loteria mineira. Ampareis, assim, o futuro de nossa terra, porque esse futuro depende dos homens de amanhã, isto é, da mocidade que está aprimorando o espírito e o corpo nas nossas escolas e nos nossos campos de esporte.⁷⁵

O texto desse anúncio se compreende ao considerar que o Brasil inicia o século XX com um projeto de refinamento da raça, estabelecendo políticas de combate à miscigenação, a qual propunha o robustecimento do corpo e a potencialização da saúde a partir de atividades físicas e esportivas, como o banho de mar e a exposição ao sol, alinhados à boa alimentação, ao combate do uso do fumo e do álcool, da prática sexual intensa e poucas horas de sono. (Goellner, 2008). Na Era Vargas, esse movimento de combate à miscigenação do início do século XX perdeu força para a política de valorização das raças, segundo a qual a identidade nacional deveria ser composta por uma suposta democracia racial, atribuindo ao esporte e às atividades físicas essa mesma ideia de fortalecimento do corpo, mas sobretudo de fortalecimento da nação.

As atividades físicas e esportivas foram incentivadas pelo poder público na tentativa de consolidar um novo tipo de corpo e comportamentos que servissem para a lógica de uma modernidade industrial e conservadora vigentes a serviço da ordem capitalista que se pretendia alavancar no país. Os frequentadores e praticantes das atividades esportivas divulgadas na revista eram, majoritariamente, provenientes das elites, brancas e urbanas, que se avolumavam em espaços de divertimento, compondo os times, a organização e as arquibancadas. De acordo com Costa (2013) as elites dirigentes foram partes fundamentais nas negociações entre Estado e esporte. Ainda que o contexto da década de 1930 seja de uma ditadura e que o estado seja reconhecido pela sua força e censura, “As relações entre Estado e campo esportivo não podem ser compreendidas como unilaterais, mas como dialéticas; não meras imposições, mas como negociações, ainda que desiguais, entre agentes e representantes das duas partes.” (p. 84).

⁷⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, p. 66.

A prática esportiva e os lugares de diversão institucionalizados são empreendimentos entre o Estado e uma elite social envolvidos no processo de construção de uma cidade que fosse efetivamente republicana, o que não se restringe à organização política-administrativa, mas que também se pretendia moderna e civilizada pelas características compartilhadas nas exigências ocidentais de desenvolvimento e progresso. Dessa forma, Belo Horizonte se apresenta como lugar novo e terreno fértil para a modernidade requerida e, nesse cenário, “os esportes se consolidaram como uma possibilidade de se afastar os caracteres do atraso e do provincianismo.” (Mayor, 2017, p. 79).

Nas décadas de 1930 e 1940 é possível vislumbrar a utilização de termos como “distinção”, “escol social”, “aristocracia” e “melhor sociedade” (dentre outros) para nominar aqueles esportistas que com majoritária constância, estampam o noticiário de parte significativa dos jornais e revistas pesquisados. A forma de veiculação das informações, embora não signifique exatamente a concretude cotidiana, é fator relevante para o entendimento de determinado contexto e das relações de poder ali construídas. Em meio à insistente reverberação da necessidade de se popularizar a prática esportiva, a maioria das imagens que estampava, sobretudo, as páginas das revistas, era a dos esportistas e dos clubes veiculados como aristocráticos. (Mayor, 2017, p. 80).

Esses lugares e pessoas que queriam ser reconhecidas como distintos diretores de clubes ou mesmo atletas, dependiam de um importante fator para o cenário esportivo: a presença de público. O público caracteriza as atividades esportivas como lugares que vão além da motivação competitiva, sendo também um lugar de divertimento. (Melo, 2015). Assim, os espaços esportivos também se formam na presença daquelas e daqueles que não necessariamente se envolvem diretamente na competição ou jogos, sua função e objetivos são assistir, buscando vivenciar, e assim promover, o esporte em sua dimensão de acontecimento. Em seus estudos da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro, Melo (2015) se interessou pelos momentos de consolidação das práticas esportivas. No contexto analisado houveram transformações na estrutura urbana e nos hábitos das pessoas, em busca de um novo estilo de vida que valorizava o espaço público como essencial a uma sociedade moderna e civilizada. Tais lugares colocam em cena a conformação de hábitos e consumos que se destinam a construção e manutenção de distintivos sociais ditos modernos. Nesse sentido, diz o autor, o comércio de gêneros de luxo e de entretenimento ganharam força numa cidade que se queria bonita e elegante. Assim, na cidade do Rio de Janeiro no século XIX o esporte se desdobra como divertimento moderno, uma vez que ele não se limita às funcionalidades práticas dos jogos, regras e premiações, mas se propõe a um lugar de divertimento para a sociedade, como lugar privilegiado em que se poderia ver e ser visto de maneira a aprender e

demarcar os códigos de civilidade que se queria implementar, bem como para a manutenção das diferenças sociais.

As elites urbanas, na condição de atletas ou espectadoras, criaram e usufruíram de espaços de divertimento em torno do esporte, em consonância com a política de fortalecimento da raça e da nação. “Considerado como caráter aristocrático, familiar e saudável, o esporte passa a ser recomendado como uma prática que possibilita o desenvolvimento orgânico e social dos indivíduos tornando-os mais fortes e conscientes dos seus deveres para com a sociedade e a nação.” (Goellner, 2008, p. 03).

A propositura do esporte como vivência sociocultural às elites brasileiras objetivava a constituição do corpo-moderno que se traduzia no corpo-nação, de maneira a cultivar atributos físicos como a virilidade, a hombridade e a coragem, fazendo frente à fraqueza, indisposição e debilidade, postos como os males sociais (Goellner, 2008). “Os exercícios físicos diários eram considerados fundamentais também para a formação de homens e mulheres fortes, sadios e com disposição para o trabalho e para servir à pátria.” (Delgado; Schuffner, 2007, p. 217).

Goellner (2008), ao analisar revistas de Educação Física e periódicos outros da primeira metade do século XX, mostra que as atividades físicas eram propagadas em seus fins morais e sociais, como mantenedores do discurso nacional-patriótico, estabelecendo relações entre esporte, eugenismo e nacionalismo. Para Delgado e Schuffner (2007), o esporte também foi se constituindo como elemento de uma nova cultura física, a qual se somava aos atributos do intelecto e dos valores morais, para aqueles a quem a direção da nação estaria confiada: às elites.

Era atribuída às elites a missão de promover a circulação de riquezas, moldar a mentalidade do povo, imprimir ritmo às mudanças e trabalhar para o engrandecimento da nação. (...) Da mesma forma que o Estado Novo criou condições para preparar o trabalhador brasileiro e educá-lo, o governo preocupou-se em preparar e educar as elites do país. (...)O esporte foi utilizado como um meio de preparar a elite para o comando da nação. A prática do esporte, para os teóricos do Estado Novo, poderia controlar os nervos, dar firmeza ao espírito e produzir vontade forte, qualidades necessárias aos dirigentes do país. Além disso, a disciplina adquirida com o esporte, a modelagem dos músculos, a alegria, a agilidade, o aprimoramento físico, tudo isso poderia contribuir para transformar a elite brasileira em uma nova elite, com mais disposição para o trabalho, mais hábil, mais moderna. (p.218-219).

Dentre as fontes compreendidas na categoria de esporte, separei aquelas que destacam a relação dos eventos esportivos com o regime político da época, daquelas que tratam de maneira mais exclusiva dos esportes. Tais textos mostram a postura ideológica da revista, que era impressa pela Imprensa Oficial e, portanto, se portava ao lado governista, e como

construiu representações de esporte e lazer vinculadas às idealizações estadonovistas discutidas acima.

Para começar, há uma reportagem de duas páginas inteiras publicada na revista de número 102, veiculada em março de 1939, na qual o governador do Estado à época, Benedito Valadares, recebeu uma homenagem na mais famosa e importante Praça de Esportes de Minas Gerais na Era Vargas: o Minas Tênis Clube. O clube tornou-se um local de conagração e de preparação das elites, ali, pelo lazer e o esporte, os jovens provenientes das camadas altas da sociedade foram preparados e disciplinados para atuar em uma sociedade capitalista em pleno avanço. (Delgado, Schuffner, 2007, p. 219)

Figura 19 - Benedito Valadares homenageado no Minas Tênis Clube



Legenda: Uma bella festa de Educação Physica em homenagem ao Governador Benedito Valladares. Tem sido grande e orientado em directrizes seguras o plano de acção do Governo Mineiro nos sectores do desenvolvimento physico da mocidade. Esse sector que é um dos pontos do programma do Estado Novo, nunca fôra considerado nos regimens anteriores. O novo regimem cuida da formação completa completa do homem, - moral, intellectual e physica. Medidas efficientes foram postas em pratica pelo governador Benedito Valladares, notando-se uma das ultimas que é a reversão dos lucros da Loteria de Minas Geraes em beneficio da cultura physica. Pelo que tem feito pelo desenvolvimento do esporte na terra montanhosa, revestiu-se de dupla significação a homenagem que o Curso de Educação Physica do Minas Tennis Club prestou ha dias ao governador Valladares. Essa festa constituiu um acontecimento de grande expressão na vida social e esportiva da cidade. O governador Valladares compareceu á festa acompanhado de sua exma. esposa e de todos os secretarios de Estado; tendo tambem comparecido o representante do prefeito da Capital e outras altas autoridades, alem de grande numero de pessoas de escol social de Bello Horizonte. O prof. Antonio Macedo, director do Curso de Educação Physica fez a saudação do governador offerecendo-lhe a festa. Foram realizadas numerosas provas esportivas constantes do programma elaborado: evoluções, flexionamento rythmo, rada vida, variedades, etc. Os

⁷⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mar. 1939, p. 12-13.

flagrantes destas paginas são aspectos da festa que foi uma das mais bonitas demonstrações esportivas já realizadas na cidade.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1939.

Nas imagens é perceptível a presença de alguns personagens: o governador Benedito Valadares e sua esposa, Sra. Odete Valadares, o representante do prefeito, autoridades políticas e militares, jovens esportistas do Minas Tênis Clube. O foco é a homenagem do Minas Tênis Clube ao governador Benedito Valadares. De forma destacada, em primeiro plano, está a figura do governador e os jovens. A juventude, pelo esporte desenvolvido em associações esportivas, preparava-se para as obrigações da vida adulta. Tornar-se-iam jovens fortes, vigorosos e moralmente educados para dirigirem e trabalharem para o engrandecimento do Brasil (Delgado; Schuffner, 2007, p. 224).

A reportagem, que ocupa o importante espaço de duas páginas inteiras da revista, sem dividir espaço com nenhum outro texto adverso, é composta por quatro fotos, as quais merecem uma descrição com mais vagar para se chegar à discussão: os valores das práticas esportivas no contexto estadonovista.

A primeira foto focaliza o Governador recebendo o que parece ser um presente das mãos de um jovem adolescente vestido com uma sunga, provavelmente participante das modalidades aquáticas. Na foto há uma construção de sentido, são quatro personagens envolvidos: o jovem esportista, o Governador Benedito Valadares, os militares em trajes de gala, e demais autoridades.

A construção da foto se dá por posicionamentos bem marcados: ao centro a entrega do que parece ser um presente que o jovem esportista oferece ao Governador. O objeto é então segurado por ambos. Não se sabe do que se trata, mas isso não parece importar, pois dado ângulo privilegia o vínculo do Estado, na figura do Governador, com as políticas esportivas, representada na figura de um jovem esportista, ambas vinculadas nessa aliança simbolizada por um presente. A foto ainda veicula a presença de demais autoridades, as quais figuram em segundo plano, formando um arco que se inicia do governador e termina no jovem. Há uma demonstração da ala do poder, todos olhando diretamente para a caixa, ou seja, para o elo entre Estado e o esporte, ali simbolizados e firmados, por um gesto descrito como homenagem.

A segunda foto, por sua vez, traz em primeiro plano a modalidade “elevações”, onde duas moças são elevadas por dois rapazes de maneira sincronizada, e a moldura construída pela revista atribui destaque aos movimentos de ginástica ao contornar os pés das duas moças.

São mulheres sendo levantadas por homens, seu corpo está apoiado no que se pretende mostrar como a força masculina, enquanto realiza movimentos precisos e graciosos, ditos de incumbência feminina. A ginástica foi uma das modalidades mais recomendadas às mulheres, por acreditar que a aparente graciosidade dos movimentos preservaria as características femininas, bem como poderia atuar na manutenção do corpo feminino saudável para o pleno exercício do que se propagava com a sua função: a procriação. A despeito disso, elas estão inseridas no ambiente esportivo, ocupam posições de atletas e desenvolvem os movimentos de ginástica que, antes da graciosidade, exigem dedicação, treino e força, atributos esses que são silenciados quando se fala a respeito da participação feminina nos esportes.

Na terceira foto, o governador aparece novamente, desta vez ao lado de sua esposa, cuja identificação se limita à sua foto e à sua condição de esposa, não lhe sendo atribuído qualquer outro grau de importância, nem mesmo seu nome: Odete Valadares. A condição de filha ou esposa de um alguma personalidade masculina de relevo importa mais do que o nome da mulher. A presença feminina nos espaços de sociabilidade esportiva é incentivada como estratégia de embelezamento e legitimação de lugares e eventos, por atribuírem a esses espaços um aspecto familiar. (Melo, 2015).

As duas últimas fotos focalizam as apresentações femininas de ginástica, protagonizadas pelas moças da sociedade belo-horizontina fazendo suas apresentações previstas em um programa que assim divulgado: “Foram realizadas numerosas provas esportivas constantes do programma elaborado: evoluções, flexionamento rythmo, roda viva, variedades, etc.”⁷⁷ Analisando a imagem é possível perceber a construção de uma simetria, elemento caro à pretendida ordem do regime, o qual estava ali, assistindo, na figura do interventor Benedicto Valladares. Tal simetria se expressa em duas filas em paralelo: a primeira, ocupando o centro da imagem, focaliza o exercício desenvolvido pelas moças em fila sincronizada; e, ao lado desta, a fila dos espectadores, estando as autoridades nos primeiros lugares, próximo às atletas, no canto esquerdo. A imagem possui um movimento que se constrói da esquerda para a direita, acompanhando o caminhar sincronizado do exercício em tela.

A representação feminina construída nessa reportagem, pode ser melhor compreendida à luz dos debates de gênero a que Goellner se dedicou. Analisando a visibilidade feminina em práticas corporais e esportivas, a autora diz que nos anos de 1930 as práticas esportivas eram recomendadas de maneira diferenciada em função do sistema sexo-gênero, sustentadas pelos discursos médicos, de maneira que haviam práticas destinadas à homens e proibidas para

⁷⁷ Idem.

mulheres e outras a elas recomendadas (Goellner, 2000). Boxe e futebol, dada sua característica de competitividade e contato físico com certo grau de agressividade, eram proibidos às mulheres, enquanto que a dança e a ginástica eram recomendadas e tidas como modalidades adequadas ao gênero feminino, ao qual também eram atribuídas as funções de maternidade e cuidado com os que viriam a ser o futuro da nação (Goellner, 2000). Isso se verifica nas representações femininas de tais imagens apresentadas, as quais objetivam retratar movimentos que expressam graciosidade e feminilidade, tanto no caso da ginástica acima representada, quanto para a natação, discutida mais à frente.

As representações do esporte na Revista *Bello Horizonte* trabalham com a compreensão de uma Educação Física que tinha por finalidade a educação e adequação dos corpos da nação, de forma que: “Fortalecer o corpo, o espírito e a moral se tornaram prerrogativas caras à defesa do esporte como princípio educativo.” (Mayor, 2017, p. 18). Nesse sentido, valores elencados como fundamentais à construção da nação se imbricam com o esporte, durante as décadas de 1930 e 1940:

Durante o Estado Novo, o esporte e a educação física passaram a ser utilizados como instrumentos pedagógicos responsáveis pela transmissão de um modelo disciplinar ancorados em valores cívicos como patriotismo, trabalho, ordem, cooperação, disciplina, hierarquia, autoridade, entre outros. Ambos estariam a serviço do bem público, fortaleceria o sentido de cooperação em benefício da causa nacional, e, permitiria o desprendimento individual. (Delgado; Schuffner, 2007, p. 216).

Ainda sobre essas páginas de homenagem ao governador por um evento esportivo, a dimensão festiva do esporte aparece: “Essa festa constituiu um acontecimento de grande expressão na vida social e esportiva da cidade. (...) foi uma das mais bonitas demonstrações esportivas já realizadas na cidade.”⁷⁸ O texto destaca o entendimento exposto acima, qual seja a compreensão do esporte como prática de divertimento, como evento sociocultural para além dos desafios das competições em si e das competidoras e competidores envolvidos, são eventos que envolvem mais pessoas em torno de valores festivos e, nesse caso, valores políticos. Assim, o esporte na revista é alçado à categoria de acontecimento social e cultural constitutivo e constituído pela sociedade belo-horizontina, dizendo de seus hábitos, valores e ideais, de maneira a contribuir com o Estado de Minas Gerais e a consolidação da modernidade na cidade.

Pois bem, feitas essas considerações sobre o esporte e o contexto político da década de 1930, sigo para as análises das modalidades esportivas encontradas, começando pelo futebol,

⁷⁸ Idem.

seguindo para a natação e finalizando com os apontamentos de outras modalidades esportivas que figuraram na revista, ainda que com menor recorrência e tratamento gráfico mais modesto que as modalidades anteriores.

O futebol aparece de maneiras variadas, ora em textos curtos narrando as partidas, ora com fotos em cantos de página dos times ou então em páginas inteiras dedicadas a mostrar o lugar, os atletas e autoridades políticas envolvidas. A despeito disso, é importante marcar que essa prática foi a mais recorrente dentre a categoria esportes e isso se dá pela forte presença dessa modalidade esportiva na cidade.

Esse esporte chega na capital em 1904, quase nascendo com a cidade que foi inaugurada em 1897, sendo uma modalidade que “se consolidou de fato na cidade (...) pode-se pensar que o surgimento do futebol se mesclou ao próprio desenvolvimento da nova capital, e sua presença se recrudesceu nas décadas posteriores, seja no centro ou na periferia da cidade.” (Mayor, 2017, p. 39). O futebol é parte de Belo Horizonte, em toda parte na década de 1930 encontram-se amadores, torcedores e entusiastas, bem como os emergentes profissionais da década de 1930 que se consolidam na década de 1940. (Mayor, 2017).

Para iniciar a discussão de como o futebol foi representado na fonte sob análise, destaco abaixo alguns excertos que permitem discutir sobre a multidão como elemento da identidade do futebol, bem como componente de uma vida pública e moderna:

O America, cuja "performance actual é magnífica, haja vista o seu feito brilhante, domingo ultimo, nos campos de Juiz de Fora, enfrentará o seu mais antigo rival da capital: o Club Athletico Mineiro. A batalha que reunirá, sob a bandeira do profissionalismo americanos e athleticanos, terá como palco o elegante estadio da avenida Araguaya, **para onde se transportarão amanhã milhares de bellorizontinos entusiastas**, avidos de presenciarem uma contenda sensacional sob todos os aspectos, cujo resultado é uma incognita.⁷⁹

(...) a turma alvi-negra da capital rumou até a cidade Juiz de Fora, onde era aguardado pelo Tupy F. C., afim de com elle realizar a partida official. Houve o jogo. **O estadio "Salles de Olivera" apanhou um publico numeroso.** Todos queriam ver, de perto os **"cracks" bellorizontinos**, que, dias antes, haviam sido heroes de um feito sensacional. . A "torcida" athleticana, nesta capital, esperava ansiosa, o resultado do prelio. O primeiro telegramma da "Manchester" disse: Tupy, 5; Athletico, 2. **Immediatamente formaram as rodinhas defronte do "Café Iris".** Os "doentes" diziam: Não é possível que o Athletico tenha apanhado tanto!... O Tupy não tem "team" para bater 5 x 2!...⁸⁰

Os quadros do America e do Tupynambás vão se encontrar no estadio da avenida Araguaya. Aquelle, representará o futebol de Bello Horizonte e este o de Juiz de Fora. (...) **E' provavel que não haja "sururu", pois o clube de Juiz de Fora não se fará**

⁷⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1933, p. 20. *grifos meus*.

⁸⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 set. 1933, p.14. *grifos meus*.

acompanhar de caravana de torcedores. Se houver briga, os locais, certamente levarão a melhor...⁸¹

A narrativa a respeito do futebol o apresenta em sua dimensão de espetáculo, destacando a mobilização de torcidas, apresentado-as como multidões, fazendo uso de expressões genéricas amplificadores da presença de pessoas no jogo: “milhares de bellorizontinos entusiastas”, “público numeroso”, “caravana de torcedores”. Essa é uma característica do futebol marcante na revista, a sua capacidade na mobilização de massas. O destaque para essa dimensão de *multidões* diz a respeito da aceitabilidade dele, de maneira a caracterizar os torcedores como entusiastas, ansiosos e até mesmo disponíveis para brigas na torcida pelo seu time.

Isso, porque, como enfatizado anteriormente, muito antes da década de 1930, o futebol já havia se tornado uma importante manifestação cultural da cidade de Belo Horizonte, de modo que sua prática e as intervenções nela operadas faziam parte do cotidiano de um grande número de moradores, que se reuniam nas ruas, nas praças, nos parques, nos bares e nos cafés para discutir assuntos relacionados aos esportes. Tal força de penetração social não permitiu que as mudanças no jogo se restringissem apenas aos campos. (Mayor, 2017, p. 41)

A revista noticia os campeonatos realizados no Estado de Minas Gerais. Apesar da revista ser nomeada e originada na capital mineira, ela se propõe, como uma capital, a noticiar os eventos do Estado. Essa circularidade pelo Estado também se encontra nos esportes, os times disputam em diferentes cidades mineiras e a revista os acompanhava, bem como os torcedores, que são destacados pelas suas organizações em caravanas e multidões. Contudo, nem sempre isso é possível, aqueles bellorizontinos que ficaram, se reuniram num café, o “Café Iris”, para acompanhar as notícias do jogo, para trocar suas apostas e considerações, ou seja, para vivenciar a sociabilidade futebolística, que reúne pessoas no estádio e em outros lugares da cidade, para encontros e trocas. Nesses outros espaços, os “entusiastas”, “os ansiosos”, “os doentes”, se reuniam, também se divertiam na experiência de viver as disputas de seus times. Há que se dizer que essa reunião em cafés é uma possibilidade de sociabilidade característica das cidades, ao dizer sobre esse encontro de motivação futebolística, a revista da capital também está dizendo e promovendo a movimentação pública pelos espaços da cidade.

No primeiro excerto, há a presença da torcida, caracterizada por “milhares”; no segundo, há a torcida dentro e fora dos estádios, também presentes em outros locais de sociabilidades modernas, como no café; no terceiro, por sua vez, identifica-se a multidão quando da sua ausência. No texto é lida uma vinculação entre futebol e brigas, ao não ser possível a presença de torcedores é posto, de maneira consequente, a baixa probabilidade de

⁸¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 07. *grifos meus*.

brigas, de “sururu”⁸². A revista considera os elementos torcedores e brigas como componentes de um mesmo espaço futebolístico, numa relação de causa e consequência, de maneira que: onde se tem torcedores, haverá brigas.

Até aqui é possível perceber que o futebol já não é mais um esporte exclusivamente acompanhado pelas elites, uma vez que é representado por multidões, tanto em termos de aceitabilidade quanto nos conflitos. Dentro dessa quantificação genérica, cabe ainda elementos que permitem enxergar as classes. A partida entre S. C. Siderurgica e o Athletico foi noticiada na revista de nº 08, veiculada em 14 de outubro de 1933, sob o título: “Sabará dentro de Bello Horizonte”:

Sabará viveu um domingo ultimo horas de indescriptivel inquietação. O povo laborioso e pacato daquela cidade, desde cedo, notou um movimento de pessoas estranhas em suas ruas. Os trens de suburbios ali chegavam apinhados de gente.

Os sabarenses diziam:

- Que "diabo" as jaboticabas já se acabaram e o que é que esse pessoal de Bello Horizonte vem fazer aqui...

Mais tarde, os "borbagatos" ficaram sabendo qual o motivo daquela romaria á legendaria cidade. Não era dia de procissão. Os pés de jaboticabas estavam "fallidos". Apenas isto: no campo da praia de Nossa Senhora do O' (com licença do sr. Abilio Lopes), o S. C. Siderurgica deveria competir com o Athletico, em disputa do campeonato profissional de futebol.

O campo do clube alvi-anil não comportou a multidão. A "torcida" do Athletico era cinco vezes maior que a do Siderurgica. Felizmente, não houve "sururu". E' que bellorizontinos e sabarenses combinam muito bem.

Terminado o jogo, um individuo disse, todo fagueiro:

- E então! Bello Horizonte cabe ou não cabe dentro de Sabará?...

Esse indivíduo esta descalço...⁸³

A despeito do texto tratar da partida de futebol do campeonato profissional de Minas em 1933, é interessante perceber os elementos que a revista utiliza na caracterização da cidade de Sabará, bem como dos torcedores, os quais aparecem novamente na casa dos milhares, mas com mais caracterizações que permitem discutir o elemento classe.

Segundo o texto, a torcida do Atlético era cinco vezes a do time adversário, tal multidão chegou de trem à cidade de Sabará. Essa informação é acrescida de outros elementos que permitem pensar sobre a popularização do futebol na década de 1930. Os trens que carregavam a multidão de torcedores eram provenientes dos subúrbios e transportados de maneira descrita como: “apinhados”. Tal cenário destoa do requinte e distinção que

⁸² Essa é uma expressão popular que designa uma espécie de molusco muito típico na região Nordeste brasileira, mas que também é conhecida em outras regiões como mexilhão. Faz parte da culinária em vários locais do Nordeste e em Alagoas se tornou Patrimônio Imaterial. Contudo, para além do seu significado culinário, como expressão, “sururu” é usado como sinônimo de briga e confusão, como está sendo usada nesse texto.

⁸³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 14.

percebemos nos outros lugares e grupos sociais que a revista noticia. E, ainda, ao final do texto, ao dizer do sucesso que foi o jogo e a possibilidade de torcer, provando que a população da capital cabe em uma “velha cidade”, o torcedor foi destacado pela revista por estar descalço. Qual é a funcionalidade dessa informação? Como ela poderia interferir no jogo de futebol que acabou de acontecer? Absolutamente nada, portanto, a intencionalidade não é informar, é caracterizar, é demarcar que a multidão, inversamente proporcional aos poucos distintos, se compõem por pessoas pobres, que acompanham seus times em trens de subúrbios, apinhadas e descalças, e, ainda, que se envolvem em “sururu”.

Prosseguindo nos elementos que essa notícia aborda, ao falar sobre o jogo de futebol, sobre esporte, ela também diz sobre a cidade e sobre o Estado de Minas Gerais. A motivação e o acontecimento esportivo não se encerra na partida, guarda relações com o contexto e, no caso, com o programa nacionalista, no qual o esporte tem a serventia de sedimentar as identidades regionais e nacionais. Há, nas notícias sobre o futebol, mais do que o placar ou os embates de suas legendas, há os elementos sociais e culturais que ensejam as representações pretendidas. Como é o caso do jogo em Sabará, o jogo não aconteceu apenas na cidade vizinha. É a velha cidade de Borba Gato que recebe a nova e populosa cidade de Belo Horizonte. Há uma demarcação entre a cidade colonial e a capital republicana.

Ainda a respeito da caracterização da cidade de Sabará, da referenciada “terra da jabuticaba”, é importante se atentar para sua representação como cidade “legendária”, caracterização essa que acompanha um povo tido como “pacato” que estranha as multidões próprias das cidades modernas, da pretendida capital moderna: Belo Horizonte. Sabará é entendida como aquela que traz consigo a história da colônia, de um passado tido que passou, que se encontra estabilizada frente a república que se identifica como movimentada, dinâmica e inquietante.

As fontes apresentadas até aqui dizem respeito aos textos encontrados que foram veiculados em cantos de página, destinados a comentar sobre as partidas de futebol que aconteciam pelo Estado de Minas Gerais. Não são textos submetidos a uma seção específica para tratar de assuntos esportivos, ou não foram encontrados em páginas inteiras, bem como não contaram com ilustrações ou fotografias. São textos entre três ou quatro parágrafos, sem maiores destaques editoriais e que, ainda assim, constroem representações que respondem sobre as concepções de esporte, sociedade e lazer em Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais. Essa foi a proposta inicial quando a revista surgiu. Passados mais de dois anos de publicação da Revista *Bello Horizonte*, ela trouxe maior número de páginas e elementos gráficos, com mais fotografias da sociedade e seus eventos, avançando também nas

representações a respeito dos esportes. Neste momento, destaco algumas fotografias para discutir as representações a respeito do futebol que a revista da cidade constrói.

Figura 20 - Criança e futebol



84

Legenda: Lucio, filhinho do casal João Espírito Santo. E' muito pequeno mas um 'bicho' no foot ball.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934

A revista *Bello Horizonte* veicula muitas fotos, tanto de autoridades políticas, comerciais e industriais, bem como pessoas comuns que compõem o que o periódico recorrentemente chama de "a melhor sociedade", geralmente estando vinculadas à seção denominada "vida elegante". Ao longo das páginas é possível encontrar, ainda que não acompanhadas de textos específicos, inserções de fotos de times de futebol, com os jogadores alinhados, posicionados de maneira a mostrar seus uniformes e a bola, em um ambiente de seriedade e profissionalismo que se deseja vincular à imagem dessa prática a partir da década de 1930.

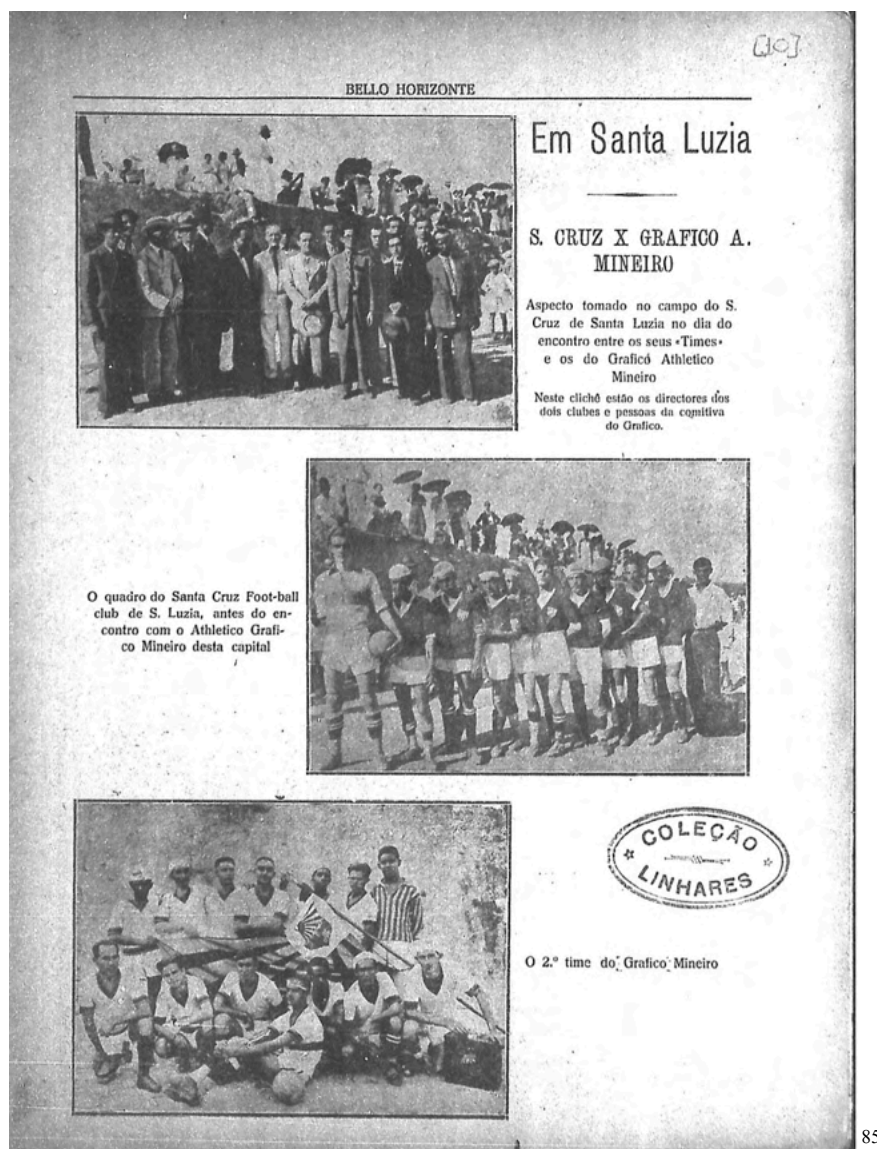
Dentre as fotos de pessoas comuns, há uma seção intitulada "Na manhã da vida", na qual figuram crianças identificadas como "filhinhas" ou "filhinhos" de dado casal da

⁸⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p.27.

sociedade belorizontina. Para essa pesquisa, essas fotos não são fonte de informação valiosa para o objetivo de discutir gênero e representação de lazer em Belo Horizonte, pois na maioria das vezes essas crianças são fotografadas em estúdios, mostrando a moda infantil. Contudo, a imagem aqui apresentada trata-se de uma fotografia de um menino no campo de futebol, uniformizado e com a bola dominada em seus pés, na legenda, sua descrição destaca sua aptidão para o esporte. Essa foto corrobora para a representação de adesão e popularização do futebol na década de 1930, esse esporte que veicula na revista da capital como aquele que movimenta a pacata cidade da jabuticaba, que carrega multidões pelo Estado de Minas Gerais e que, também, “veste” os sonhos das crianças.

A próxima imagem a respeito do futebol trata-se de uma reportagem, veiculada em lugar de destaque na revista, ocupando uma página inteira e com enquadramentos que valorizam aspectos do futebol.

Figura 21 - Futebol e seus times



Legenda: Em Santa Luzia. S. Cruz X Gráfico A. Mineiro. Aspecto tomado no campo do S. Cruz de Santa Luzia no dia do encontro entre os seus "Times" e os do Gráfico Athletico Mineiro. Neste clichê estão os directores dos dois clubes e pessoas da comitiva do Gráfico. O quadro do Santa Cruz Foot-Ball club de S. Luzia, antes do encontro com o Athletico Gráfico Mineiro desta capital. O 2º time do Gráfico Mineiro.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934

As fotos aconteceram antes do jogo entre S. Cruz, de Santa Luzia, contra o Gráfico Athletico Mineiro, de maneira a destacar os times e os directores. Analisando as imagens é possível perceber o elemento que se repete nas representações de futebol na revista: a torcida, em quantidade não definida, sempre ampliada, nesse caso não pelas palavras como "multidões", "caravanas" e etc., mas pela foto em perspectiva panorâmica e em segundo

⁸⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 19.

plano, onde não seja possível precisar a quantidade dessas pessoas a compor o cenário futebolístico, tal como se pode fazer com os diretores e jogadores em primeiro plano.

A primeira foto é composta por homens trajando ternos, gravatas e chapéus, à semelhança dos burocratas, políticos, comerciantes e industriais ao longo da revista, ocupando a posição de diretores dos clubes. As outras imagens figuram homens trajando shorts e camisas, chuteiras, bola e elementos dos seus times, tratando-se dos jogadores. Todos eles figuram no campo de futebol, circunscrito por diversas pessoas que acompanham a partida que ali está por acontecer.

Há que se destacar que nessas duas primeiras fotos há dois tipos de fileiras, no centro têm-se uma fileira constituída pelos diretores dos clubs e os jogadores do Santa Cruz Foot-ball, na primeira e segunda foto respectivamente; enquanto há uma fileira atrás deles, a fileira de espectadores, sendo possível identificar ternos, vestidos e sombrinhas. São homens e mulheres, nesse espaço futebolístico, ainda que elas não sejam figuradas na posição de atletas, elas estão nesses lugares e tal presença atua na consolidação da prática, legitimando esse espaço.

O esporte nesse momento é fruto do dispêndio financeiro e organizacional de um grupo de homens que se juntam em prol do desenvolvimento da cidade na construção de lugares para as suas sociabilidades. Na revista são frequentemente fotografados e noticiados. Como dito, a revista veicula fotografias pessoais de pessoas valoradas por suas posições sociais, econômicas, políticas ou culturais. Abaixo, trago mais uma dessas fotografias que vez ou outra trazem informações a respeito da sociabilidade esportiva na capital:

Figura 22 - Presidente do clube Athletico Mineiro



86

Legenda: Dr. Thomaz Naves, illustre advogado em nosso fôro, elemento de destaque na sociedade e nos meios esportivos da capital, presidente do Club Athletico Mineiro, entre os seus interessantes filhinhos Claudio, Sergio e Carlos.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

Em primeiro lugar é importante destacar que figura na revista é um homem, os quais, em sua maioria, são descritos nas legendas pelos seus nomes e posição social que ocupam. Nesse caso, trata-se de um advogado e presidente do Clube do Atlético. O Atlético aparece de forma recorrente na revista, em seus times de futebol ou de natação, tal presença e fotografias mostram se tratar de um clube consolidado e ativo.

Para a discussão nesse momento, essa foto se soma a anterior e ainda se junta com a próxima, todas elas figuram a importância dos clubes no desenvolvimento esportivo. A respeito desse tipo de sociabilidade, organizada por homens como Dr. Thomás, Maria Cristina Rosa e Igor Maciel (2020) trazem importantes pontuações:

⁸⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 29 jan. 1937, p. 51.

A existência de redes sociais nesses clubes de futebol, somado à oferta de outros divertimentos, como ginástica, salas de jogo e biblioteca, possibilita pensar no propósito de possibilitar aos associados, inclusive as pessoas envolvidas diretamente com o futebol, um desenvolvimento físico, intelectual e moral, como era comum na época⁸⁷. Além disso, o fato de associados desses clubes disporem de um lugar comum para encontro e entretenimento pode se apresentar como um subsídio para o fortalecimento de uma vida esportiva na cidade, envolta por uma rede de sociabilidade construída a partir do futebol. (Rosa; Silva, 2020, p. 123).

Há outro elemento que precisa ser considerado, ainda que a presença seja limitada e a ausência anunciada: as mulheres. A presença delas acontece nos papéis de torcedoras ou madrinhas, enquanto que a ausência é sancionada, uma vez que para um esporte com contatos por vezes violentos e de espírito bastante competitivo, não era considerado adequado às mulheres, chegando a ser proibido em 1941.

Para essa discussão, trago abaixo duas reportagens da revista que destacam a presença das mulheres no cenário futebolístico mineiro.

⁸⁷ O recorte temporal do estudo situa-se nas três primeiras décadas do século XX, com o objetivo de compreender as formas de participação das mulheres no futebol em Barbacena/MG. O estudo afirma que os estudos sobre futebol e história têm ajudado a compreender a instituição do campo esportivo no Estado de Minas Gerais.

Figura 23 - Mulheres em eventos futebolísticos



88

Legenda: Foot-Ball. A entrega dos trophéus do campeonato de 1938 e do Torneio Relampago.

O flagrante acima é da entrega no salão nobre do America F. Club, dos trophéus conquistados por tres clubes da L. F. B. H., em certames do campeonato de 38 e do Torneio Relampago. A entrega destes trophéus foi feita pela senhorinha Lucia Valladares Ribeiro, filha do governador do Estado, que se fez acompanhar do cel. Cancio de Albuquerque, representante do chefe do governo de Minas. Ao acto compareceram tambem o presidente da L. F. B. H. e representantes da FAMAF e de todos os grandes clubes da cidade. A' senhorinha Lucia Valladares foi offerecida uma bonita corbeille.

Em Barbacena. 1. O quadro do Olympic Club detentor do título de campeão de zona de campo e triumphante sobre os quadros campeões de C. Lafayette, S. João del-rey e Santos Dumond. Nesta pose especial para "Belo Horizonte", alem dos seus valorosos players, figuram a sua gentil madrinha, senhorinha Léa Navarro Cezar e a

⁸⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mai. 1939, p. 32.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 32.

sua directoria. O alvi azul barbacenense se constitue desta maneira: Belmiro - Arlindo - Birchall - Nêca - Waldemar - Ricieiro - Sandico - Tininho - Garizo - Elias e Déco. 2 - Monumento a Bias Fortes. 3 - Igreja de Boa Morte. 4 - Jardim Municipal. 5 - Praça dos Andradas.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1939; 1934

As duas ocorrências tratam da participação feminina no esporte cuja prática era proibida. Na primeira imagem tem-se a filha do Governador, Lucia Valladares, quando convidada para fazer as honras de entrega da taça de campeões do campeonato futebolístico. E, na foto abaixo, a senhorinha Léa Navarro Cezar, como madrinha do time de futebol Olympic Club de Barbacena. Tratam-se de moças solteiras com destaque social. A vinculação delas ao esporte concede a esse destaque e aceitabilidade social.

Os eventos esportivos gozam de mobilidade regional e, por vezes, interestadual. Sabará, Juiz de Fora, Barbacena e Rio de Janeiro são as localidades encontradas na revista que recebem eventos futebolísticos. A página em que figura o time de Barbacena, é dedicada a apresentar enquadramentos fotográficos da cidade de Barbacena, por elementos de urbanidade, como: o Jardim Municipal, a Praça dos Andradas, o Monumento Bias Fortes, a Igreja da Boa Morte e, o que particularmente aqui interessa, o time de Futebol. Dessa forma, percebe-se que a reportagem referente ao time de futebol, ainda que não esteja submetida à uma seção específica para o tratamento de assuntos esportivos, se localiza em uma página que apresenta esse município de importância econômica para o Estado de Minas Gerais em desenvolvimento industrial. O esporte é representado como um dos elementos de modernidade.

O time é noticiado como o campeão da "zona do campo" e é representado numa foto em que se destaca os jogadores em grupo centralizados na foto, descritos de forma genérica, como os "valerosos players"; os dois diretores em cada ponta, sem nenhuma identificação nominal, se diferenciando pelo terno em meio aos uniformes; e, no centro, uma mulher, identificada como "a sua gentil madrinha, senhorinha Léa Navarro Cezar (...)".⁸⁹

Ainda que a presença de mulheres no eventos esportivos tenha sido de maneira secundária em relação à prática, ainda assim elas estiveram presentes, foi lhes cedido o espaço da arquibancada e lhes reservado o papel de embelezamento e demonstração do quão familiares tais eventos poderiam ser. (Melo, 2015). Apesar de ser sim uma posição secundária e inferiorizada em relação aos homens, o autor destaca que tal situação também deve ser vista com um dos momentos de maior abertura do espaço público às, e em grande medida também “pelas”, mulheres. Rosa e Silva (2020) dizem que a presença das mulheres resultaram em

⁸⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 32.

algumas mudanças: no uniforme dos homens, pois não seria decente que elas os vissem em roupas curtas; a preparação do espaço do jogo para que as receberem, com a aparagem da vegetal e construção de lugares para platéia. A presença feminina nesses espaços se deu por uma demanda delas e do próprio esporte, para esse como elemento de legitimação, enquanto para elas como conquista de cada vez mais espaço na cena pública. A presença pública feminina também se deu em razão dos acontecimento esportivos e, dessa forma, elas influenciam na participação das mulheres em diferentes espaços sociais. A posição de madrinhas as colocavam em evidência, as levavam para dentro do campo, para as páginas de jornais e revistas.

(...) pode-se observar que a participação de mulheres não era inerte ou secundária às ações dos homens que também compunham a assistência das partidas, pois torcer enfurecidamente ou enraivecidamente demonstra sentimento e envolvimento com o que está acontecendo; indica atuação efetiva no contexto da partida, embora não seja correndo atrás da bola com a intenção de alcançar o centro das balizas e pontuar gol.” (Rosa; Silva, 2020, p. 128).

Na outra foto, na qual figura uma mulher ao centro com a mão no troféu, trata-se da filha do Governador, a senhorinha Lucia Valladares. A família do Governador é recorrente na imprensa, nesta revista apareceu a esposa e a filha quando nas motivações esportivas. Enquanto à ele cabe a administração política do Estado, confiada não pelo povo, mas por intermédio direto de Getúlio Vargas. Já as atribuições femininas eram direcionadas para a administração dos modos e costumes esperados das mulheres e senhoras modernas, em sintonia com o projeto de nação e de povo desenhado pelo governo.

Em sua tese a respeito da revista *Alterosa*, Barros (2018) também se deparou com a figura de Lúcia, a qual foi capa da revista mais vendida na capital. A respeito de tal referência a autora diz: “a escolha de retratar, na capa de lançamento, a filha da mais alta autoridade política do Estado, poderia significar um sinal de deferência ao interventor ou mesmo a demonstração de direcionamento político da publicação em convergência com o Estado Novo (...).” (Barros, 2018, p. 40). A autora ainda ressalta que a imprensa nacional, sob o regime Vargas, era controlada e fiscalizada, necessitando de autorizações para circulação no mercado, ou seja, submissões aos objetivos e vedações impostas pelo referido governo. Tanto a revista *Alterosa* quanto a revista *Bello Horizonte* eram impressas pela Imprensa Oficial, o que também ajuda a entender as reverências aos feitos governamentais, às autoridades e às famílias vinculadas.

No texto que acompanha a foto, há interessantes aspectos para se pensar a posição das mulheres no esporte e na sociedade, o esporte e a administração de Valladares, e as referências culturais ainda francesas.

O flagrante acima é o da entrega no salão nobre do America F. Club, dos trophéus conquistados por tres clubes da L. F. B. H., em certames do campeonato de 38 e do Torneio Relampago. A entrega destes trophéus foi feita pela senhorinha Lucia Valladares Ribeiro, filha do Governador do Estado, que se fez acompanhar do cel. Cancio de Albuquerque, representante do chefe do governo de Minas. Ao acto compareceram tambem o presidente da L. F. B. H. e representantes da FAMAF e de todos os grandes clubes da cidade. A' senhorinha Lucia Valladares foi offerecida uma bonita corbeille.⁹⁰

Lúcia Valladares, é identificada na matéria como filha do governador do Estado e no texto é explícito que sua presença estava condicionada à presença de um homem, ela foi acompanhada pelo coronel Cancio de Albuquerque, outra autoridade governamental. O texto diz sobre a cerimônia de entrega de troféus, apenas identificando as siglas dos times vencedores, os clubes aos quais pertencem e as autoridades e clubes presentes no evento. O texto segue com mais detalhes para a senhorinha Lucia Valladares, que parece ter sido a figura de maior destaque no evento, ocupando o centro da foto, recebendo as devidas identificações e à ela sendo oferecido "uma bonita corbeille", e não aos times e clubes, alvo da premiação.

A presença de autoridades em eventos esportivos concedia prestígio a tais eventos, em contrapartida, para as autoridades era uma oportunidade de promoção de sua imagem e da política vigente. Nos eventos futebolísticos da década de 1930, essa relação acontece, como no caso da dita notícia, em que a presença de autoridades e mulheres, convergidas na figura de Lucia Valladares, conferem ao evento importância social, vigente à época e cultivado pelas elites, que têm seus espaços e momentos de lazer caracterizados pela distinção.

Dito isso, pode-se pontuar que a atuação da “gentil madrinha, senhorinha Léa Navarro Cézár” e da “senhorinha Lucia Valladares, filha do governador do Estado”, se fazem presentes nos eventos sociais esportivos, atuando na ampliação de espaços públicos às mulheres. Há que se dizer que essa mobilidade feminina pelo moderno espaço público se restringe à um segmento desse “feminino”, sendo a parcela privilegiada no que diz respeito aos recortes de classe e raça, sendo, respectivamente, mulheres ricas e brancas.

(...) ainda que as atividades físicas tenham possibilitado certa emancipação para algumas mulheres, essa não se estendeu para o conjunto das mulheres brasileiras dado que a política vigente, ao combinar, nacionalismo e branquitude, inviabilizou as

⁹⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mai. 1939, p. 32.

negras e imputou às brancas a tarefa de civilizar, elevar e redimir o Brasil e não transformá-lo. (Goellner, 2008, p. 22).

A discussão das representações de esporte na revista até o momento foi a respeito do futebol. Esse que na capital mineira em 1930 já não era uma exclusividade das elites e estava se encaminhando para uma profissionalização. Para tanto, precisava se portar como algo tanto decente quanto rentável e, assim, foi representado ao lado das pessoas mais influentes da sociedade, sobretudo as mulheres, bem como sendo um local de frequência, administração e investimentos dos engravatados advogados e homens de diferentes posições sociais que assumiam os cargos de direção dos clubes esportivos da cidade. Nas próximas linhas a modalidade esportiva a ser discutida será a natação.

A natação no Brasil remonta do final do século XIX quando as ideias de modernidade estavam começando a fazer parte do imaginário sociocultural. Na década de 1930, a temática da natação era veiculada com fotos de corpos em trajes de banho, de maneira a evidenciar a vivência da prática esportiva. A respeito da natação, a revista *Bello Horizonte* traz algumas recomendações sobre o banho de mar, com elementos importantes que nos permite compreender quais eram os valores associados a essas práticas:

LEME... Ipanema... Urca... Boa Viagem... Icarahy... sitios encantadores á beira mar, emoldurados de montanhas, dourados de sol, bafejados pela brisa fresca do Oceano... **Pontos de rendez-vous⁹¹ elegantes, onde se conversa, se flirta⁹², se faz sport e tambem... se toma banho.** Como aquele sujeito que dizia que o mais apreciavel nos espectaculos do Lyrico eram os entreatos, há quem aprecie no banho de mar, mais do que tudo, o tempo que se leva na praia, fôra do banho. Longe vão felizmente os tempos em que os banhistas se apresentavam nas praias como que uniformizados em pesadas roupas de baeta, de uma desconcertante monotonia. Só se tomava banho de mar, dentro dagua. Hoje a mór parte do banho se toma na praia; e é **banho de sol, banho de luz, banho de civilização** e até os primeiros preparativos para banhos... de egreja.⁹³

A natação é parte da vida moderna no século XX. São banhos que apesar do potencial e dos incentivos ao caminho esportivo e competitivo, bem como as prescrições de saúde, também se constituíam e se apresentavam como uma das formas de sociabilidade, com seus encontros e flertes. As representações de natação são valoradas por aspectos como a modernidade, civilidade, elegância e juventude; conferindo à capital os atributos modernos com os quais deseja ser identificada.

O trato da revista em relação ao esporte e à natação são diferentes. Tanto o futebol quanto a natação não apareceram na esporádica seção “Vida Esportiva”, mas enquanto aquele

⁹¹ Do francês: encontro.

⁹² Do francês: flertou.

⁹³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 08. *grifos meus*.

fora veiculado com textos ou fotografias de canto de página, essa recebera maior destaque gráfico, ocupando espaços mais privilegiados. A respeito dessas diferenciações, Mayor (2017) explica que o futebol ao chegar na cidade em 1904 como um esporte aristocrático, se popularizou em pouco tempo e de tal forma que já na década de 1920 ele se diferenciava de outros esportes, sendo veiculado como o esporte das multidões e as brigas passaram a ocupar as páginas de jornais junto às temáticas futebolísticas. A grande popularidade desse esporte explica o número de recorrência nas páginas da revista, contudo, a forma como é veiculado guarda importantes diferenças com os outros esportes, tidos especializados, como: “o voleibol, o basquetebol, o tênis e a natação, por exemplo - o futebol seguiu um curso de distanciamento de seus valores iniciais, estabelecendo um terreno próprio de significação e uma área relativamente autônoma de atuação.” (Mayor, 2017, p. 95).

As representações da natação são construídas por um intenso uso de fotografias. Há a intenção de mostrar não apenas atletas ou banhistas, mas também a piscina, essa estrutura que é celebrada na revista como elemento moderno. Os esportes aquáticos, sobretudo em regiões onde não se tem uma estrutura da própria natureza como rios e mares, exigem equipamentos e planejamentos dispendiosos em técnicas e recursos. Até a década de 1930 não havia piscinas em Belo Horizonte, o que não quer dizer que a natação esperou tanto:

Como uma cidade cercada por montanhas, a natação e as regatas demoraram a se fazer presentes em Belo Horizonte, diferentemente de no Rio de Janeiro, uma cidade litorânea, e em São Paulo, por suas condições fluviais. A primeira piscina construída foi o “tanque de natação” do colégio Anglo-Mineiro, em 1914, mas alguns ensaios foram feitos por competições realizadas improvisadamente nos lagos do Parque Municipal. A natação somente se desenvolveu na cidade depois de 1930, com a construção de piscinas em seus clubes. Já as regatas, utilizadas inicialmente como atividades lúdicas nos lagos do Parque, se organizaram como uma prática esportiva somente na década de 1940, com a lagoa da Pampulha. (Rodrigues, 2006, p. 259).

A revista, de 1930, traz em suas páginas três lugares em Belo Horizonte onde os esportes aquáticos são vivenciados: a piscina do Atlético, a piscina do América e, aquela que figurou como modelo para toda a Minas Gerais, a piscina do Minas Tênis Clube. Encontra-se fotos dessas piscinas pela revista, sejam elas sozinhas ou com pessoas em trajes de banho. A demonstração da estrutura esportiva acontece apenas nessa modalidade esportiva, de forma que não encontrei fotos do campo de futebol, das quadras de vôlei, basquete e tênis.

Para a viabilidade de tal estrutura a elite atuou junto ao poder público no fomento e organização das estruturas das atividades esportivas e de diversão, bem como aquelas destinadas à natação. Na revista *Bello Horizonte*, a construção da Praça de Esportes mais importante e famosa do Estado de Minas Gerais, o Minas Tênis Clube, é atribuído aos feitos

de um seletto grupo: “A modernização da capital mineira é um trabalho que se vem processando rapidamente, executado por homens de bôa vontade e iniciativa que, felizmente, são bem compreendidos pelos nossos administradores, cujo apoio nunca falta às causas collectivas.”⁹⁴ A natação, que requer um farto terreno e equipamentos dispendiosos, é estabelecida nas negociações feitas entre os grupos abastados e os detentores de cargos e posições de poder; de forma que o referido esporte, que também serve de um centro de sociabilidade elegante, é fruto da benevolência dos ditos: “homens de boa vontade” e os administradores.

Em almoço entre personalidades políticas da cidade e do estado, o prefeito Octacílio Negrão de Lima anuncia a construção da Pampulha, a qual é possível a partir da “ação patriótica” de moradores da capital que doaram parte dos seus longos terrenos para que a obra pudesse ser realizada. Abaixo destaco o cenário de elegância com que esses homens do governo mineiro prometeram uma bacia de abastecimento de água, que também serviria como pólo social e cultural ao viabilizar o desenvolvimento dos esperados esportes náuticos:

O sr. Octacílio Negrão, entre um fois-gras e uma taça de champagne, nos prometeu outro dia um grande lago artificial na Pampulha, onde poderemos ter as regatas, a natação, as corridas de lanchas, o watter-polo e quantos mais sports aquaticos, não se falando no white-house e no tom-gin, pois a promessa compreehende um bar no centro do lago... (...) Sports aquaticos em Bello Horizonte! E’podre de chic. (...) Já o Zé dos Lotes, mau representante da terra de Salazar, terá que cancelar a resolução de morar no Rio, á beira mar, porque não existirá mais o motivo que apresentou para mudar-se: falta dagua em Bello Horizonte... (...) ⁹⁵

O desenvolvimento de esportes aquáticos era uma urgência na cidade, motivo pelo qual pessoas como o “Zé dos Lotes” congitavam deixar a novíssima capital para estarem perto do mar, como estava a então capital federal. A Pampulha foi noticiada como uma solução, com a promessa de ser o “mar de Belo Horizonte”, com estrutura esportiva, de lazer e arquitetura moderna.

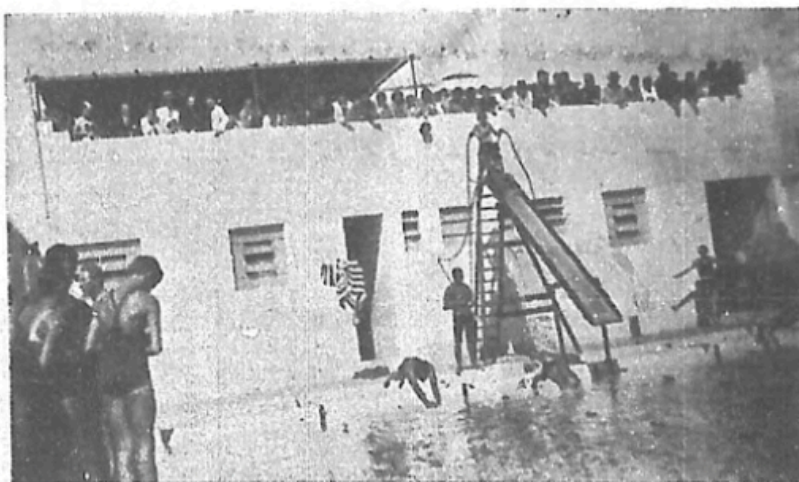
O futebol é muitas vezes noticiado na revista em razão de seus campeonatos, mas não em sua estrutura. O contrário acontece com a natação, sendo essa muito noticiada com destaques à sua infraestrutura, caracterizada como moderna, bem como as sociabilidades que dela se formam, comumente destinadas e protagonizadas pela elite belorizontina. No futebol ainda se lê a respeito do “sururu”, enquanto a natação é noticiada como o reduto dos elegantes. A aceitabilidade do futebol é inscrita pelas referências às multidões, enquanto que para a natação se lê sobre a participação da imprensa, os sócios de clubes e técnicos e as fotos

⁹⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 45.

⁹⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 out. 1935, p. 05.

que mostram as nadadoras e os competidores. O público, elemento importante nos esportes e o faz ser compreendido como um evento social, também foi fotografado nas imagens que se dedicaram à natação.

Figura 24 - Treino de natação assistido por uma farta plateia



96

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

Dando continuidade na discussão da representação da natação na revista, faz-se interessante abordar a capa da revista de número 185 veiculada em 1948, ainda que extrapole o período de análise com o qual essa pesquisa se compromete:

⁹⁶ Idem.

Figura 25 - Nadadora na capa da revista *Bello Horizonte*



Fonte: Revista Bello Horizonte, 1948.

A página do editorial trouxe explicações sobre a capa: “Nossa Capa - Srta. Mirka Providello, da alta sociedade belorizontina.”⁹⁸. A imagem retrata uma nadadora e a marcação de distinção de classe: “alta sociedade”. A distinção social é um elemento que se repete para homens e mulheres, nas festas, no teatro, no footing, no cinema, bem como nos esportes, a revista busca e cria os “distintos”, o que explica a categorização da nadadora na sociedade: a “alta sociedade.” A Srta. Mirka Providello figura em trajes de banho, mas apesar de estar supostamente na piscina, não está a postos para a prática. O elemento da graciosidade é o que caracteriza o movimento da imagem, não a prática da natação, uma vez que ela não está em posição de nado, é fotografada pegando seus óculos de sol, não de natação, e sorrindo para eles, como se identificando com esse artefato que ressalta elementos de feminilidade.

A revista n.º 82, veiculada em 1937, divulgou uma matéria de página inteira na qual se encontra poucas linhas referentes à uma série de imagens em montagem intitulada “Na Piscina do America”:

⁹⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 1948, capa.

⁹⁸ Idem.

Figura 26 - Nadadoras na piscina do América



99

Legenda: O America F. C. abriu, ha dias, aos seus associados, o Departamento Nautico, modernamente aparelhado. BELLO HORIZONTE colheu interessantes aspectos das solemnidades. Ao alto, um grupo de directores e associados; ao centro, lindas e graciosas nadadoras rubras e em baixo — quando o America homenageou a imprensa da capital.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

No texto lê-se que as fotos foram feitas no America Futebol Clube, no chamado Departamento Náutico, caracterizado como “modernamente aparelhado”. As pessoas representadas não são identificadas nominalmente, mas sim de acordo com suas posições nesse clube: sendo os primeiros, em cima, os diretores; os de baixo representantes da imprensa e dos clubes e, ao meio e de maneira sobreposta às demais, as protagonistas do referido departamento, as chamadas “lindas e graciosas nadadoras rubras”.

⁹⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 68.

Nessa página é possível perceber a sociabilidade presente na vivência dos esportes náuticos, sendo a piscina, esse lugar de “rendez-vous dos elegantes, onde se conversa, se flerta, se faz sport e também... se toma banho.”¹⁰⁰ Na foto abaixo, atrás de uma mesa florida e posta, como as encontradas nas mesas de aniversários, almoços e banquetes oferecidos pelos clubes ou residentes das personalidades sociais, estão os homenageados: a imprensa. Trata-se de um intercâmbio entre os esportes e a imprensa, de maneira a garantir a visibilidade para as práticas consideradas como modernas e que se queria promover, bem como a própria visibilidade e legitimidade da participação feminina nos círculos públicos, sociais e esportivos.

Ainda nesse evento, a frase de apresentação das mulheres fotografadas é construída de modo que em primeiro lugar se coloque os atributos de beleza e então a posição de “nadadoras”, o que acarreta em uma negligência da sua atuação enquanto atleta em prol de um destaque que se limita às determinações de gênero. São lindas e graciosas, como também podem ser chamadas quando estão em locais diferentes do esporte, como uma festa, baile, cinema, teatro, footing e em quaisquer outros espaços de sociabilidade. Não são descritas por eventualmente serem fortes, ágeis, rápidas ou por conseguirem superar tempos, distâncias ou outras formas de medir a desenvoltura esportiva e competitiva.

As diferenças de gênero em relação à prática da natação, aparece também em outras duas páginas, dispostas aqui uma ao lado da outra para que se perceba quais são os corpos esperados por um e outro gênero:

¹⁰⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 08.

Figura 27 - Corpos femininos e masculinos na piscina.



Legenda: A PISCINA DO ATHLETICO além de ser um ponto de reunião da mocidade elegante da capital, é uma verdadeira fonte de saúde, pelos exercícios físicos que ali se praticam.

Minas Tennis Clube. Uma Grande Realização e Testemunho Eloquentemente da Civilização Mineira.

A modernização da capital mineira é um trabalho que se vem processando rapidamente, executado por homens de boa vontade e iniciativa que, felizmente, são bem compreendidos pelos nossos administradores, cujo apoio nunca falta às causas colectivas.

O "Minas Tennis Club" é uma dessas organizações de interesse colectivo, sob qualquer aspecto por que se encare a sua existência de finalidades multiplas. Afóra outras vantagens que contribuirão para o progresso crescente de Bello Horizonte, sua instalação veio naturalmente resolver um problema de urbanismo de nossa cidade, pois onde se via, no aristocrático bairro de Santo Antonio, uma vasta excavação natural, num terreno alagadiço, vê-se agora a praça de sports, vê-se agora a praça de sports do "Minas Tennis Club". O clichê abaixo reproduz uma de suas magníficas dependências, e a majestosa piscina olympica do club.

Uma vista da bellissima Piscina do Minas Tennis Club, a inaugurar-se dentro de poucos dias. Em baixo - Piedade Coutinho, a menina prodigio, eximia nadadora brasileira que deverá vir a Bello Horizonte participar da Competição Nautica, nas festas de inauguração da grande Piscina de Santo Antonio.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934; 1937.

Nessas fotos há uma primeira semelhança: há um homem e uma mulher e o plano de fundo é uma piscina. Contudo, há diferenças importantes. Na revista n.º 87 figura um dos elementos mais caros à dita modernidade da capital, a praça de esportes do Minas Tênis Clube e a sua piscina, enquanto que na revista n.º 29, tem-se a piscina do Atlético, a qual também movimentou grande parte dos praticantes de natação e seus treinos para competições. Essas

¹⁰¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 jun. 1934, p. 05.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 45.

imagens são acompanhadas de textos, descritos na legenda, que propagam os valores associados às piscinas, as quais são tidas como importantes estruturas que viabilizam tanto o desenvolvimento dos esportes quanto um lugar de sociabilidade dos reconhecidos como elegantes.

A revista trata de uma sociabilidade de um grupo específico e característico do plano de governo e sociedade em curso: a mocidade elegante, ou seja, a elite jovem para a qual se destinam as políticas eugenistas de Getúlio Vargas em prol da preparação do corpo físico na direção do país. O fortalecimento da raça produtiva e da elite dirigente eram as palavras de ordem e o corpo masculino deveria ser forte, para tanto, a prática esportiva, a partir de uma educação física que se queria científica e metódica, estava incubida dessa tarefa. Com relação ao corpo feminino o objetivo era a manutenção da saúde, da beleza e da graça. (Devide, 2004). Especialmente em relação à prática da natação. Na década de 1930 a educação física é operacionalizada de maneira a atuar na educação de corpos com a finalidade de engrandecimento nacional. O Estado incentiva os esportes com o intuito de “valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna.” (Goellner, 2000, p. 62).

Esse mesmo Estado almeja homens e mulheres modernos, construindo e fortalecendo diferenças de gênero num sistema binário, como se percebe nas fotos apresentadas acima. De um lado têm-se a evidência dos músculos e da força física associado à figura masculina, o que é focalizado na imagem do homem não identificado saltando e nadando na piscina do Atlético; e, de outra perspectiva, têm-se a valorização da beleza, saúde e graciosidade feminina, como na foto em que figura Piedade Coutinho, uma atleta que é fotografada como uma artista de cinema e é apresentada como “a menina prodígio, a exímia nadadora brasileira que deverá vir a Bello Horizonte participar da Competição Náutica, nas festas de inauguração da grande Piscina de Santo Antonio.”¹⁰²

Ainda que ela seja identificada nominalmente como nadadora, a sua foto não figura seus atributos esportivos, mas aos aspectos ligados à feminilidade, condizente com um “contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação.” (Goellner, 2000, p. 61).

Piedade Coutinho, uma celebridade esportiva do seu tempo, é fotografada e apresentada na revista como uma “linda e graciosa nadadora rubra”, como as nadadoras da página citada do América; e sua fotografia também se aproxima da capa da revista n. 185, na

¹⁰² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 45.

qual figura uma nadadora em movimento de graciosidade, em interação com seu óculos de sol, não de mergulho, e não esportivo.

A despeito da construção dessa forma de representação, o incentivo às práticas esportivas, ainda que sob a definição de modalidades adequadas ao feminino, ampliou a participação feminina no espaço social, de maneira cada vez mais progressiva, de forma que “o incentivo à prática da natação como atividade ideal, por não masculinizá-las, e não comprometer-lhes a graça, tornou-se a porta de entrada das mulheres nos Jogos Olímpicos.” (Devide, 2004, p. 135). Na revista de número 106, veiculada em 1939, em uma foto e uma notícia rápida dos círculos esportivos e sociais belo-horizontinos, figura a nadadora Sieglinda Lenk, a qual é noticiada pelas suas conquistas como atleta em um campeonato mundial, o sul-americano.

Na imagem, a nadadora é fotografada em recepção pelos homens que compõem os círculos esportivos e sociais, sendo ela quem está olhando para a foto e recebe os olhares e a atenção desses homens que são costumeiramente fotografados nas sociabilidades políticas e comerciais que figuram na revista. Com isso, quero dizer que a nadadora ser recebida pelos círculos sociais, não pelos círculos de amizade e afinidade ao lado de maridos ou outras senhoras, como na maioria das vezes as fotografias com mulheres são construídas, confere à ela uma posição diferenciada, sendo apresentada na revista como pertencente do campo esportivo nacional, assim reconhecida e recepcionada pelo campo esportivo mineiro. Dessa forma, Sieglinda Lenk é reconhecida em sua capacidade enquanto atleta, não limitada a atributos de natureza feminina.

Figura 28 - Nadadora Sieglinda Lenk recebida pelos círculos sociais e esportistas da cidade



103

Legenda: Ao lado vê-se um flagrante fixado na gare da Central da chegada a esta capital de Sieglinda Lenk, que foi uma das representantes do Brasil no Campeonato Sul-Americano de Natação, onde conquistou lugar de relevo. - A valorosa “nageuse” do Minas Tennis Club teve festiva recepção dos círculos esportivos e sociais.¹⁰⁴

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1939.

Essas análises mostram que apesar do reconhecimento de Piedade Coutinho e Sieglinda Lenk como importantes personalidades das modalidades aquáticas, as construções das representações tendem a afastar os elementos de competitividade inerentes ao esporte. O conjunto de imagens e escritos sobre as nadadoras figuram uma inércia em relação às mulheres, pois não são fotografadas em ação, jogando ou nadando, mas sim posando. Investigando a participação de mulheres em atividades e clubes esportivos, Devidé (2004) ressalta que apesar do avanço do estilo de vida moderno exigir uma transitoriedade pública e urbana, contribuindo para possibilidades de sociabilidade em que as mulheres ocuparam e se fizeram presentes com mais força no cenário público, sendo os clubes esportivos um lugar favorável à isso, elas são apresentadas de maneira discreta quanto à prática.

Analisando as fotos de clubes cariocas e paulistas, o autor encontrou a presença feminina em que “na maior parte das vezes, elas aparecem paradas, posando para as fotos, e não praticando a modalidade. (...) as imagens não traziam as mulheres atléticas, mas as mulheres belas.” (Devidé, 2004, p. 136). Analisando tão somente as imagens veiculadas na Revista *Bello Horizonte*, sem os textos das reportagens, notícias ou apenas legendas, seria possível presumir que trata-se de estrelas de cinema, pois tal representação coloca em

¹⁰³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, p.22.

¹⁰⁴ Idem.

primeiro plano atributos de beleza e feminilidade, de maneira a afastá-las da competitividade, força, estratégias de ação e demais características do meio esportivo.

Essa situação é diferente no que diz respeito às representações esportivas masculinas. O grupo de nadadores veiculado nas revistas de número 33 e 34 são representados enquanto competidores em ação na piscina, ainda que também tenham fotos posando em grupo ou individualmente. Diferente das mulheres, essas fotos não os aproximam do cinema, são caracteristicamente esportivas. Os homens, posam para fotos que mostram seus uniformes ou roupas de banho, no campo de futebol ou na piscina. E o textos a respeito deles, ao invés de adjetivos como beleza e graciosidade, são identificados como nadadores nas legendas de suas fotografias, seguidos de adjetivos que ressaltam sua performance como atletas e competidores: “O ‘juvenil’ Rubens Cardoso notavel nadador ‘a la brasse’.”¹⁰⁵, “O ‘infantil’ Waldemar Duarte que promete ser um ‘osso’ contra o Gragoatá.”¹⁰⁶ e “Alguns dos ‘batatas’ do Athletico.”¹⁰⁷

Nas imagens apresentadas até aqui foi possível perceber que as piscinas são representadas como elementos de modernidade, elas são fotografadas em águas calmas, como espelhos d’água que compõem o cenário urbano moderno belorizontino. Águas agitadas são encontradas em fotografias que retratam a prática esportiva. Na reportagem da revista nº34, a natação é fotografada em águas agitadas: “Um flagrante dos exercícios nauticos em aguas atleticanas.”¹⁰⁸

¹⁰⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 51.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 37.

¹⁰⁸ Idem.

Figura 29 - Treinos masculinos de natação na piscina do Atlético.

BELLO HORIZONTE



Aguas Athleticanas

Belo Horizonte vai assistir em breve dois importantes encontros interestaduaes: o do Tijuca Tennis Club, do Rio, que se realizará no dia 17 do mez de setembro e o do Gragoatá, em outubro.

Ambos os encontros serão com o Athletico Mineiro, que para isso, se está preparando devidamente, como se observa dos clichés que estampamos nesta pagina.



Alguns dos "batutas" do Athletico

O director tecnico entre alguns nadadores



LABIOS QUE SEDUZEM...

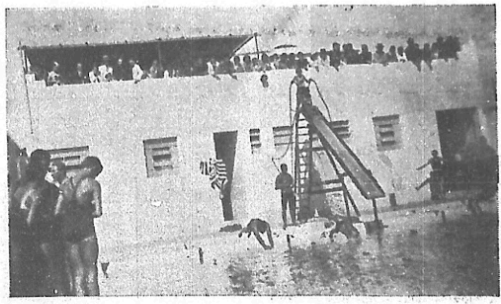
O BATON MICHEL dá aos labios encanto e seducção irresistíveis. Conserva-se inalteravel E discreto. Não parece pintura. Não é gorduroso. Em 4 cores. Usa também os productos famosos: ROUGE - COSMETICO PARA OS CILIOS - SOMBRA PARA OS OLHOS.

Michel

MICHEL COSMETICS INC N. YORK
Distribuidora: CASA HERMANNY, RIO
CAIXA POSTAL 297



A TURMA
ATHLETICANA
EXERCITANDO



Um flagrante dos exercicios nauticos em aguas athleticanas

Legenda: Bello Horizonte vai assistir em breve dois importantes encontros interestaduaes: o do Tijuca Tennis Club, do Rio, que se realizará no dia 17 do mez de setembro e o do Gragoatá, em outubro. Ambos os encontros serão com o Athletico Mineiro, que para isso, se está preparando devidamente, como se observa dos clichés que estampamos nesta pagina.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

¹⁰⁹ Idem.

Nas imagens observa-se o treino de homens na piscina, não é possível identificar nenhuma mulher, nem elementos de beleza ou inércia em relação à prática. Ao contrário, nessas imagens o elemento da competitividade se desponta. São homens que posaram para as fotos como um time, com seus colegas e técnicos. São homens saltando na piscina. São homens nadando nas “Águas (agitadas) do Atlético”, com o objetivo de competirem em um campeonato interestadual com o Rio de Janeiro. Além disso, essa página ainda se constitui por elementos outros que ajudam a entender o grau de aceitabilidade do esporte, qual seja a existência de um campeonato e a presença de plateia nos treinos.

Seguindo para as demais representações encontradas na revista a respeito das piscinas e das sociabilidades que esses equipamentos esportivos suscitaram na cidade, têm-se as piscinas dos clubes recreativos. As piscinas construídas na cidade não serviram apenas à sociedade esportiva e aos interesses competitivos. Ao redor das piscinas também se reuniram crianças, homens, mulheres e pessoas mais velhas, com suas roupas de banho ou não, em clubes privados para os sócios da elegante sociedade belo-horizontina.

Figura 30 - Sociedade elegante reunida no Country Club: destaque aos banhos de piscina



Legenda: No Country Club. Varios aspectos fixados por “Bello Horizonte” durante o banho de domingo ultimo na piscina do Country Club, a sociedade elegante de nossa capital.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1935.

As fotos acima veiculam uma estrutura diferente da construída pelos clubes esportivos: Minas Tênis Clube, América e Athletico. Não que esses clubes não comportassem em suas piscinas momentos de lazer e diversão, mas essas foram construídas e veiculadas de

¹¹⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 nov. 1935, p. 21.

maneira associada ao desenvolvimento esportivo. Aqui, na piscina do Country Club, o lazer é a proposta. O formato da piscina também é muito revelador da sua pretensão em ser um equipamento de lazer e não esportivo, por ser construída em formato de meia-lua, não retangular e sem as divisões necessárias ao desenrolar das competições. Somado a esse formato ainda há a presença de um outro equipamento de lazer destinado ao uso recreativo da piscina: o escorregador. Essa foto analisada junto às demais permite perceber a variedade de piscinas e uso das mesmas que a seleta parcela da população da capital mineira na década de 1930 pôde usufruir.

Os parágrafos abaixo dão continuidade ao debate a respeito da forma como o esporte é representado na revista a partir de outras modalidades esportivas.

O vôlei foi uma modalidade esportiva que chegou ao Brasil no meio da década de 1910, a partir da Associação de Cristã de Moços, (Mezzoroba, Pires, 2011) chegando à capital mineira no final dos anos 1920 e se consolidando ao longo da década de 1930. (Rodrigues, 2006). Esse foi um esporte criado nos Estados Unidos pelo diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços, William George, como uma atividade mais suave em relação ao contato físico que exigia o futebol e o basquete, e que pudesse ser desenvolvido em quadras cobertas em razão do frio; uma vez que “a burguesia emergente americana necessitava de uma atividade que poupasse os ‘homens de negócio’ dos contatos mais ríspidos e das oscilações climáticas do inverno americano.” (Junior, 2001). O jogo foi inventado por um conjunto de regras, buscando inserção no universo esportivo, não derivando de outras práticas que fossem reconhecidas e inferiorizadas como brincadeiras. (Junior, 2001).

Na revista *Bello Horizonte* há um interessante texto a respeito de como se joga essa nova modalidades esportiva, descrevendo para quem ela era recomendada, bem como instruções de como e onde ela poderia ser jogada:

O Volley-ball é um sport introduzido no Brasil ha bem pouco tempo. Mas rapidamente se popularizou em todas as camadas sociaes. E’ um jogo delicado, proprio para moças, mas em que o homem tambem encontra seducções: sport movimentado e que prende a atenção. As suas regras são bem conhecidas: jogam seis pessoas de cada lado, podendo ser menor o numero de jogadores quando não se tratar de disputa de campeonato. Não é necessario um campo apropriado, jogando-se até dentro de casa, numa sala, numa area, num pequeno quintal. A’ falta de rêde que deve ficar no centro, dividindo o local do jogo em duas partes eguaes, pode-se colocar um cordão marcando apenas o limite da altura (2m,44). Saca-se a bola e nenhum lado poderá total-a mais de tres vezes, antes de ser devolvida por cima da rêde, perdendo o saque se tal acontecer. Se algum lado deixar a bola cahir, dá um ponto ao lado contrario; se arremessal-a fóra das “linhas lateraes” perde o saque. O jogador que pizar a linha do centro ou invadir o campo inimigo na hora do jogo, faz o seu “team” perder o saque. Constitue ponto perdido quando o quadro que receber o saque não devolver legalmente a bola para o campo oposto. A bola será claramente batida, não

podendo ser empurrada, acompanhada ao ar ou levantada com a mão, o que será lido como 'segurada'. Constitue "foul" segurar". Quando a bola fôr sacada, cada jogador deve conservar-se dentro da sua área; depois da bola sacada, os jogadores poderão defender qualquer parte do seu campo. São estas as regras essenciaes do jogo de volley-ball.¹¹¹

Esse texto, reproduzido aqui na íntegra, faz uma descrição didática a respeito do novo esporte que chegou à capital, para que as pessoas possam conhecer a que veio e como se joga esse esporte "para moças", ainda que também atenda aos desejos masculinos. Com isso, o texto revela que em relação aos homens não há práticas que sejam proibidas a eles, ainda que sua estrutura seja apropriada às mulheres. Os argumentos apresentados para enquadrar essa prática esportiva, bem como de lazer, às mulheres elenca elementos como baixa agressividade e complexidade, podendo ser um esporte que, nesse momento embrionário, poderia mesmo ser praticado no espaço doméstico. Tal modalidade desenvolveu-se e tornou-se uma importante modalidade esportiva, com formação de times e organização de torneios, como o veiculado abaixo.

Figura 31 - Jogadoras de vôlei



Legenda: Vida Esportiva. No estadio da Feira de Amostras. Estes flagrantes foram fixados no Estadio da Feira de Amostras, quando se realizou a primeira parte do torneio feminino de volley ball. Ao alto - o elegante quadro de Payssandú; em baixo, o quadro de alumnas da Academia Fischer.

Volley-Ball. As valorosas equipes da "Academia Fischer" e "Isabella Hendrix". São os mais fortes.

¹¹¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 out. 1935, p. 02

¹¹² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 58.

¹¹³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 20 ago. 1936, p. 63.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937; 1936.

Publicada na seção “vida esportiva” , os dois times femininos de vôlei mostram mulheres uniformizadas, portanto a bola, a bandeira e, a julgar pelas suas feições, a satisfação em fazer parte do torneio feminino de Vôlei. Essas publicações revelam que as moças não apenas praticavam esses esportes para fortalecimento de seus corpos, ainda que fosse essa a recomendação e justificativa que permitisse a institucionalização de times femininos, elas praticavam também enquanto time. Entravam em embates competitivos, trajando uniformes, formando equipes e também viajando em razão dos campeonatos.

Um elemento curioso nessas fotos são as crianças veiculadas. Essas crianças, em termos técnicos, não fornecem contribuições para o desempenho dos jogos e do time. A hipótese é que essas crianças se somam aos cabelos bem arrumados, os lábios “carminados”, ou seja, trazem um dos elementos de feminilidade, a maternidade, para esse grupo de mulheres com considerável grau de envolvimento esportivo e competitivo, não se desvinculassem dos atributos femininos.

Ainda que acontecessem, a prática esportiva feminina convivia com as proibições e limitações em razão das determinações de gênero, contudo, elas mostraram ação e legitimidades da sua posição enquanto jogadoras ao serem fotografadas portando uniformes, sorridentes e orgulhosas, como a última jogadora na escada da segunda foto mostrando a bandeira do seu time. Nas análises que questionam as construções e relações entre os gêneros as limitações se evidenciam, mas não se pode deixar as particularidades e os avanços que também podem ser encontrados, como os sorrisos e a empolgação dessas mulheres prestes a entrar em quadra.

Uma outra modalidade esportiva que figurou a participação feminina foi o tênis, esporte esse que estava presente na cidade desde os seus primeiros anos, sendo a primeira quadra construída no Parque Municipal, na década de 1920, constituindo-se como uma das principais práticas de lazer da elite social. (Rodrigues, 2006).

Figura 32 - Jogadoras de tênis

"CENTRE GOAL"

Foi reaberta a mais interessante casa de diversões populares
de Bello Horizonte



As lindas "girls" que compoem o "time" magnifico do
"CENTRE GOAL"

O povo de Bello Horizonte está se deleitando, novamente, com as renhidas e attrahentes partidas disputadas no "Centre Goal", a popular casa de diversões que se reabriu ha poucos dias. As luctas empolgantes que alli se realizam, num systema já bastante conhecido do nosso povo, são realizadas por bonitas meninas que arrebatam e emocionam a quantos vão vel-as. O "Centre Goal" que funcçiona á avenida S. Dumont esquina com a rua São Paulo, constitue a maior attração da temporada.

COLEÇÃO LINHARES

114

Legenda: "Centre Goal" Foi reaberta a mais interessante casa de diversões populares de Bello Horizonte. As lindas "girls" que compoem o "time" magnifico do "CENTRE GOAL". O povo de Bello Horizonte está se deleitando, novamente, com as renhidas e attrahentes partidas no "centre Goal", a popular casa de diversões que se reabriu da poucos dias. As luctas empolgantes que ali se realizam, num systema já bastante conhecido do nosso povo, são realizadas por bonitas meninas que arrebatam e emocionam a quantos vão vel-as. O "Centre Goal" que funcçiona á avenida S. Dumont esquina com a rua São Paulo, constitue a maior attração da temporada.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

Na imagem e texto desta página também é possível notar que as representações das mulheres enquanto atletas são reduzidas aos atributos de feminilidades. Contudo, há importantes elementos a respeito da participação feminina no esporte. A partida de tênis é anunciada como um evento esportivo protagonizado por "bonitas meninas", mais uma vez, não por jogadoras ou atletas. Contudo, as fotos, seja na natação, na quadra de vôlei ou de tênis, são fotografadas com seus uniformes e respectivas estruturas das modalidades: a piscina, a bola e as raquetes. São vistas como esportivas e anunciadas como beldades. De

¹¹⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p. 44.

acordo com o anúncio essa é uma prática que acontece a algum tempo, pois se trata de uma casa de diversões popular e o convite não é para um evento de inauguração, mas para um espaço já em uso que parece consolidado.

A partir do exposto, a revista *Bello Horizonte*, além de destacar lugares, festividades e práticas de lazer, também dedicou atenção significativa aos esportes. Na década de 1930, diferentemente dos primeiros anos da cidade, Belo Horizonte já contava com alguma variedade de locais destinados à prática esportiva, de maneira que as atividades esportivas já não mais estavam restritas ao Parque Municipal. A cidade possuía estádios, clubes equipados com piscinas e quadras, bem como casas de diversão dedicadas ao esporte.

Nesses lugares, frequentadores e organizadores se empenharam em promover recepções festivas para os integrantes da imprensa, visando obter visibilidade e legitimidade. Apesar do avanço em suas estruturas esportivas, a cidade ainda estava em desenvolvimento. A imprensa, ao frequentar esses locais, produziu registros imagéticos e escritos que promoviam esses espaços como centros de elegância e sociabilidade, divulgando seus endereços, estruturas, personalidades e possibilidades. A imprensa também descrevia os homens e mulheres que participavam dessas modalidades, não apenas retratando, mas também influenciando como essas práticas deveriam ser realizadas em relação as diferenças de um e outro gênero.

Dito isso, a discussão desenvolvida procurou demonstrar que a revista *Bello Horizonte* também atuou na promoção e construção da identidade esportiva e social de Belo Horizonte, construindo e reforçando valores e comportamentos da época.

2.4 Teatro

O Teatro em Belo Horizonte estava previsto desde o planejamento da cidade como espaço de divertimento que devesse compor a capital do estado. (Rodrigues, 2006). Essa casa de lazer se manifestou primeiramente a partir do chamado teatro provisório, o qual era uma instalação de ferro e sem forro, bem como sem conforto, que comportava apresentações de várias companhias, com funcionamento oscilando entre períodos de temporadas e fechamentos. Esse teatro funcionou entre 1895 a 1897, quando foi demolido para a inauguração da cidade, em razão de sua estrutura rústica e improvisada não condizer com as estruturas modernas que deveriam compor o horizonte da então chamada Cidade de Minas. (Rodrigues, 2006). O teatro esperado estava previsto para ser construído no Parque Municipal, com a pretendida monumentalidade com a qual a cidade fora projetada. (Vilhena, 2008).

Contudo, essa construção não estava pronta, ou mesmo iniciada, quando da inauguração da nova capital.

Por intermédio do industrial e construtor de edificações, Francisco Soucasseeux, em 1900 a cidade passou a contar com o Teatro Provisório, ou Teatro Soucasseeux, que fora um galpão da prefeitura reformado, onde se apresentaram peças nacionais e estrangeiras, bem como apresentações musicais diversas. (Rodrigues, 2006). O Teatro Soucasseeux foi bastante frequentado, “apesar de não ser ainda um espaço moderno, digno da capital, ele representava opções variadas de divertimentos, desde o footing no jardim ao convívio no botequim e as apresentações de teatro no seu interior.” (Rodrigues, 2006, p. 90).

No início do século XX na capital mineira, os espaços de divertimento contribuíram para o desenvolvimento de uma vida social pública, a qual se mostrava monótona e com costumes ainda enraizados nos limites da esfera privada. Em busca da mudança desse comportamento, com vistas aos usos dos espaços públicos, a imprensa teve um papel fundamental nessa divulgação.

O teatro era considerado um divertimento “aristocrático e fino”, um dos locais privilegiados para o exercício dos novos gostos e suas regras de comportamento. Os jornais explicitam seu valor, divulgando sua programação em colunas especializadas e incentivando a presença nos espetáculos. Desde os tempos do Teatro Soucasseeux, eram constantes as notas dos jornais divulgando informações sobre as peças que aconteceram ou que iriam acontecer, sempre tomadas de referências elogiosas à performance dos artistas. (Vilhena, 2019, p. 226)

Tal teatro durou cerca de seis anos, sendo demolido em 1906 quando do falecimento de seu proprietário, e a cidade se viu mais uma vez na ausência de um espaço destinado às apresentações teatrais e musicais, essas acontecendo em espaços improvisados de hotéis e restaurantes. (Homem, 2013) De acordo com Homem (2013), a história do teatro em Belo Horizonte é permeada por entraves de uma cidade que fora cuidadosamente planejada do ponto de vista material, mas morosamente habitada como cidade morada, para muitas pessoas. A cidade nasceu para abrigar um centro de poder, sendo assim, era complicada a sua relação com a população, passando anos por descaracterização com fachadas de modernidade. Havia ainda uma grande dependência do governo municipal com o estadual e, muitas vezes, os interesses desse sobrepujavam-se ao daquele. Em função desses complicadores, os teatros “sempre foram maltratados, demolidos ou se deixaram ser destruídos a despeito da irritação da população.” (Homem, 2013, p. 35).

As obras de construção de um teatro definitivo aconteceram entre 1906 a 1909, no mesmo local do Teatro Soucasseeux, por um empreendimento que não mais partira de alguns

entusiastas com disposições financeiras, mas sim do poder público municipal, imbuído de trazer a tal divertimento uma estrutura condizente com o espaço da nova capital. O engajamento do poder público no que se refere à oferta do teatro não é novidade do século XX. Santos (2020) mostra que esse tipo de divertimento na São Paulo do século XIX “Era uma instituição que atesta civilização e progresso, era uma escola que produziu tão belos efeitos quanto as academias e aulas. Portanto, merecia o investimento dos governos, era o que argumentam as elites paulistanas.” (p. 344).

O Teatro Municipal foi inaugurado em um majestoso prédio. No seu interior, a disposição do público foi planejada de maneira fragmentada e semelhante à mesma hierarquização social da cidade, definindo assim os camarotes, sala nobre, cadeiras de primeira e segunda classe. (Rodrigues, 2006). Durante toda a sua construção a imprensa divulgou notícias sobre as obras e construiu expectativas sobre esses espaços. (Vilhena, 2008). Por quase três décadas o Teatro Municipal foi palco de diferentes manifestações artísticas da cidade. (Homem, 2013).

Apesar da inauguração, o majestoso prédio do Teatro Municipal ficou fechado por vários meses. Para que o Teatro pudesse oferecer programação com mais frequência era necessário a ampliação do seu público, o que não agradava as elites, por entenderem ser esse seu espaço aristocrático e elegante (Vilhena, 2008). Em meio à falta de uso, na imprensa havia um embate de ideias pró e contra ao arrendamento do Teatro Municipal, de maneira que a elite queria manter a exclusividade, ainda que em um espaço construído pelo poder público, e a população queria o acesso, prometido pela diversificação de atividades e barateamento das mesmas. O Teatro foi arrendado e Nogueira (2019) diz que a “almejada exclusividade” poderia ser garantida nos clubes recreativos, fundados pela elite que controlava seu acesso, fazendo valer seus critérios de classe, sendo o Automovel Club, discutido anteriormente, um bom exemplo.

A despeito disso, Rodrigues (2006) aponta alguns outros fatores para a falta de sucesso do majestoso prédio: a) a elite tinha um costume social ainda muito circunscrito às sociabilidades domésticas; b) a pretendida frequência elegante era selecionada pelo dinheiro, cobrando-se muito e não conseguindo preencher toda a estrutura que foi entregue; c) outros espaços de teatro pela cidade ofereciam programação variada e mais barata; d) o advento do cinema como diversão mais barata e frequência de público mais diversificado, ainda que também contasse com espaços delimitados por classe.

O advento do cinema foi um fator preponderante para a transformação do teatro em Belo Horizonte. Neto e Silva (2009) mostraram que já na primeira década do século XX, é

possível perceber que o teatro perde força em relação ao cinema. No excerto abaixo, têm-se os dados quantitativos do trabalho, esse que se dedicou a compreender os divertimentos a partir da seção “Festas e Divertimentos”, do periódico oficial do Estado: *Minas Geraes*, no período de 1897-1910. Os autores entenderam que o teatro é previsto e construído para a nova capital, mas sucumbe com a chegada de outros divertimentos modernos, notadamente o cinema.

Embora o esporte começasse a ganhar adeptos, **as práticas de divertimento do final do século XIX e os anos iniciais da primeira década do século XX**, em Belo Horizonte, referem-se, fundamentalmente, **ao teatro, à música e às festas**. Para se ter uma ideia, em 1898 foram analisados 145 periódicos, dos quais apenas 32 traziam a seção “Festas e Diversões”. **Destas 32 seções estudadas, 25 notas tratavam do tema teatro**. 14 notas faziam referência ao ciclismo, enquanto 05 diziam respeito à música, bailes e partidas dançantes. Ainda foi possível encontrar 04 notas sobre festas (aniversário, casamento, batizados, etc.), e mais **04 sobre cinema**, referentes às projeções de cinematographos, que eventualmente eram trazidos pelas companhias de teatro. (...) no ano de 1910 foram analisados 259 periódicos, sendo que **233 apresentavam a seção “Festas e Diversões”**. **Nestas referidas seções, o teatro aparece em poucas 24 notas**; quanto às notas referentes à categoria “festas” temos 56 ocorrências, com a categoria “música” registrando 60 notas. Já as projeções cinematográficas alcançavam a impressionante marca de 258 notas, ou seja, mais de uma nota por periódico analisado, em média. **Chegava-se ao final da primeira década, em Belo Horizonte, assistindo e celebrando o cinema como maior fonte de diversão**, entre todas as outras citadas na seção “Festas e Diversões”. (Neto; Silva, 2009, p. 11, *grifos meus*)

Os autores pontuam que as ocorrências de teatro encontradas se referem à notícias de companhias vindouras ou que aqui se apresentaram, bem como alguns anúncios. Os dados quantitativos apresentados, que se referem ao teatro, mostram que os anos com maior recorrência são os de 1900, 1901 e 1904, com 110, 102 e 100 ocorrências, respectivamente, momento em que funcionava o Teatro Soucasseeux, cuja frequência foi intensa e diversificada. (Rodrigues, 2006). O Teatro Municipal, como parte dos grandes empreendimentos de construção e constituição da capital, foi inaugurado em 1909, e nos dados quantitativos desses autores há uma queda para 64 ocorrências e 24 no ano seguinte ao da inauguração, 1910. Ou seja, quando o Teatro Municipal, previsto pela Comissão Construtora da Nova Capital, chega à capital, essa prática de divertimento já estava em queda e o cinema no início de sua ascensão. “O impacto do cinema, que representa um hábito moderno de divertimento, acaba abalando formas tradicionais de diversão. O teatro, por exemplo, sofre terrivelmente com a concorrência dos cinematógrafos.” (NETO; SILVA, 2009, p. 15).

Essa situação se agrava nos próximos anos. A partir da década de 1940, a cidade se encontra num momento de ampliação da ideia de modernidade por um processo de

americanização, a partir da ampliação das salas de cinema, tanto por meio de reformas, quanto por inaugurações dessas nos bairros da cidade, com o diferencial de recursos tecnológicos e conforto. (Barros, 2018). A empresa que protagonizou as reformas e inaugurações de salas de cinema ao estilo norte-americano na capital mineira foi a Cine Teatral Ltda, a qual, dentre outras mudanças, transformou o Teatro Municipal no Cine Metrópole. A revista Alterosa, objeto de estudo de Barros (2018), classificou essas mudanças como forma de democratização. Contudo, como mostra a pesquisa de Homem (2013), essa fora mais uma ação do poder público a despeito da contrariedade popular:

Em 1941, o então prefeito Juscelino Kubitschek, contra a opinião de grande parte da população, vendeu o prédio ao Coronel empresário Juventino Dias, proprietário da empresa Cine Teatral Ltda., destinando o espaço à iniciativa privada. O prédio foi demolido e reinaugurado em 1942 como Cine-Teatro Metrópole. Era dedicado preferencialmente à exibição de filmes, funcionado também como teatro e sala de concertos. Sob os protestos sempre inúteis da população, o majestoso teatro foi vendido novamente e demolido em 1983 para dar lugar a um arranha-céu bancário. (Homem, 2013, p. 38).

Juscelino Kubitschek não pretendia deixar a cidade desprovida de um teatro, o seu objetivo era dar seguimento ao projeto modernista, de maneira a construir um teatro novo, no Parque Municipal, localizado na importante Avenida Afonso Pena. Contudo, a obra era dispendiosa demais para os cofres municipais, sendo possível apenas 30 anos mais tarde sob o financiamento estatal. Para suprir a ausência de um espaço propriamente teatral, em 1950 fora inaugurado mais um teatro provisório na capital mineira, agora conhecido por “Teatro de Emergência”, batizado de Teatro Francisco Nunes. Homem (2013) apresenta esse teatro como o mais importante em termos de produção lírica, dizendo que desde a década de 1950 até 1970, “Belo Horizonte nunca presenciou uma produção lírica tão intensa como nesse período. As temporadas líricas chegavam a mais de dez montagens por ano, cada uma com várias récitas.” (Homem, 2013, p. 41).

O pretendido teatro em frente à Avenida Afonso Pena foi inaugurado em 1971: o Grande Teatro do Palácio das Artes, constituindo-se até os dias atuais como a principal casa de espetáculos do estado de Minas Gerais. (Homem, 2013). Em 1997 o teatro sofreu um incêndio e, sob movimentação da população em intensa campanha para sua reforma, ele foi reinaugurado em 1998, sendo as atividades artísticas que ali funcionavam acontecendo no espaço anexo e alternativo para concertos e também no auditório do Instituto de Educação. (Homem, 2013).

Até o momento essa contextualização foi construída para que fosse possível ler que tipo de teatro a revista da cidade veicula e ela diz do extinto e velho “Municipal”.

Começo as análises com as apresentações individuais, sendo as personalidades femininas: Graça Moema e a professora Esther Jacobson. São duas mulheres em seus desdobramentos artísticos, contudo, a forma como uma e outra são representadas se diferem. Enquanto a primeira tem suas qualidades expressas pela feminilidade, a segunda recebe elogios à sua condição de artista. Tais notícias foram publicadas sem maiores trabalhos gráficos, ocupando cantos das páginas.

Graça Moema, Graça... Um nome que é uma adivinhação, applicado á gentil creaturinha que a possue. Graça Moema, com o seu "charme" todo singular - e tão nosso que a gente precisa traduzil-o por "feitiço" - pertence á nova, victoriosa geração de nosso theatro de verdade. Para a comedia nacional, onde até pouco as boas actrizes brasileiras eram nascidas em lisboa, Graça Moema - com esse nome gostoso, meio romantico que lhe vae tão bem com os lindos olhos negros e com o seu geitinho, o seu dengue - trouxe a sua intelligencia, a sua sensibilidade, a sua vocação. Graça Moema, elemento de destaque na Companhia Alhambra, estreada hontem triumphalmente no Munipal, é decisiva collaboradora do exito do homogeneo conjuncto cuja ""première"" foi uma affirmação da melhor arte theatral.¹¹⁵

Realizou-se dia 31, no Municipal, interessante concerto de harpa pela professora Esther Jacobson e suas alumnas. A professora Esther Jacobson é a única harpista que dedilha em nosso paiz a harpa em suas duas modalidades - diatonica e cromatica. Esta ultima é de execução difficilima, não constando do ensino official dos conservatorios, nem do nosso, nem do Instituto Nacional de Musica, da Capital da Republica.¹¹⁶

¹¹⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 22.

¹¹⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 12. .

Graça Moema é integrante da Companhia Alhambra e na notícia é citada como uma das melhores atrizes de comédia do teatro nacional. A qualidade do seu trabalho é posta após elogios aos atributos de feminilidade: "seu geitinho, o seu dengue". A vinculação dela aos atributos de feminilidade a preserva enquanto uma senhorinha, bem como serve também como atrativo para o público comparecer. A despeito dessas características que também são oferecidas nas representações femininas em outros espaços, como o cinema, esportes e rádio, Graça Moema é também reconhecida por características indispensáveis às atrizes, como a inteligência e a sensibilidade. Ainda que fosse uma jovem encantadora pelos atributos de feminilidade e juventude, ela é também uma mulher que está atuando e sendo reconhecida em seu espaço de trabalho, em um espaço público cujo controle escapa dos olhares do pai ou do marido. Graça Moema, com sua inteligência e juventude tem atuado em nome do Brasil, viajando o país a partir da sua capacidade de atuação. Outro aspecto importante está no destaque da nacionalidade da atriz, a qual é valorizada por ser brasileira, por compor o teatro nacional, num momento de esforços governamentais para a construção de um nacionalismo que atravessa a economia, a sociedade e a cultura. Ela é noticiada como elemento de destaque da "nova, vitoriosa geração de nosso teatro de verdade".

A segunda notícia é construída por outras estratégias, a revista valoriza *o Municipal* como local de acesso ao inédito. Trata-se de uma artista com raras habilidades e não há quaisquer dizeres a respeito de suas características físicas. A hipótese é de que a dita professora acumula experiências e saberes inéditos, portanto, deve ter uma idade um pouco mais avançada que a faixa da juventude. A beleza feminina na revista é limitada às jovens senhorinhas, não há fotos ou textos que valorizem traços de beleza de mulheres mais velhas. Assim, ao invés de veicular uma foto da referida professora, têm-se o programa que foi realizado no dito evento e desempenhado pelas alunas. O destaque, portanto, é para a competência, tanto da artista, quanto do teatro em oferecer raras e requintadas apresentações. As informações trazidas pela notícia mostram o teatro como um espaço que foi projetado para a sofisticação, oferecendo apresentações de elegância, bem como de valorização da cultura nacional, pois é nele que se apresentam expressões culturais e artistas que são demarcados pela nacionalidade brasileira.

A vida moderna é uma vida pública, os divertimentos se davam em diferentes espaços da sociedade, de maneira que a circularidade feminina passou a ser requerida, legitimando e moralizando os espaços da cidade. Contudo, essa circularidade não se fez livre do controle dos corpos em razão das determinações de gênero, de maneira que havia práticas proibidas e permitidas aos corpos femininos. As atividades artísticas eram a elas recomendadas. A

despeito dos mandos e desmandos das convenções e políticas socioculturais, essas mulheres ocuparam e atuaram nesses lugares, se fizeram como artistas, professoras, cantoras e bailarinas. Se fizeram conhecidas e, assim, as mulheres também conquistaram função na esfera pública, pela qual ganhavam reconhecimento, seja nos aplausos dos seus trabalhos e também na circularidade dos seus nomes na imprensa, se constituindo como presenças ilustres nos diferentes espaços da modernidade pública e urbana.

Seguindo com as apresentações individuais, o concerto de Marinuzzi-Mattos e Pery Machado são as personalidades masculinas veiculadas. Os textos referentes à eles assim dizem:

Pery Machado é uma das figuras mais expressivas de - nova geração de artistas no Brasil. - Violinista que domina o instrumento com o brio e o fogo de um perfeito virtuose, o jovem concertista patricio dará brevemente o seu recital, quando revelará a Bello Horizonte os esquivos do seu forte temperamento. - O Theatro Municipal foi o lugar escolhido para os concertos de Pery Machado, a quem a crítica européia e americana dedicou os mais economicos elogios como executante e como artistas.¹¹⁷

Com grande successo realizou-se quinta-feira 23 de Agosto o concerto dos violistas George Marinuzzi e José Martins Mattos, com acompanhamento do professor Alberto Frateschi. O que foi a noite de 23 no Municipal poderão dizer as centenas de pessoas que ali estiveram extasiadas com o magnifico programma e o maravilhoso desempenho dos dois notaveis musicistas.¹¹⁸

Identificados como musicistas e violistas, os homens que se apresentaram no Municipal são valorados, em primeiro lugar, pelo desempenho enquanto artistas, diferentemente das artistas mulheres, as quais têm sua feminilidade à frente da sua atuação. Na notícia sobre o recital de Pery Machado há também usos de essencialidades de gênero na sua caracterização, ao dizer ser ele dono de um forte temperamento.

Contudo, um outro aspecto os aproxima: trata-se de artistas nacionais. Graça Moema, uma atriz brasileira; Pery Machado, um “jovem concertista patricio”; são elementos caros a serem destacados no palco de uma sociedade que se quer moderna sob uma política nacionalista. O teatro foi palco de uma apresentação de Harpas tida de execução difícilima; bem como de uma apresentação violista cujo sucesso é atestado pela crítica européia e americana.

Essas são as estratégias que a revista utiliza na tentativa de preencher esse espaço majestoso que por vários meses permanecia fechado. No concerto de George Marinuzzi e José Martins Mattos a revista diz que houve a apreciação de centenas de pessoas. Na próxima

¹¹⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p. 30.

¹¹⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 06.

reportagem trago mais uma vez essa suposta lotação do teatro para prestigiar a juventude belorizontina em sua desenvoltura no côro do professor Asdrubal Lima:

O professor Asdrubal Lima deve estar satisfeito com os nossos sucessos alcançados no nosso velho Municipal, pelo conjunto de jovens que soube iniciar nas sutilezas do bel-canto e que tão quentes applausos arrancou do numeroso publico que se comprimia na platêa, nos diversos dias em que foram levadas á cena a ""Cavalaria Rusticana"" e ""Guarany"". (...) O ""Coro Asdrubal Lima"" impoz-se ao nosso mundo intelectual como uma organização que, apenas um início, já é capaz de satisfazer o publico mais exigente. Na representação da linda opera italiana, momentos houve em que a platêa tinha a impressão de estar assistindo a uma audição de artistas consagrados e não a uma estrêa de amadores. (...) E todos os jovens artistas tão magistralmente dirigidos pela batuta do professor Asdrubal e mais ainda pelo seu magnifico ensino, souberam dar vida, dar alma, dar expressão inconfundivel, aos personagens que crearam. (...) A orquestra, sob a regencia do professor Asdrubal Lima deu um colorido admiravel á partitura e o côro constituido por um grupo de senhorinhas e rapazes da nossa melhor sociedade, lhe deu ainda nuances e relevo inesqueciveis.¹¹⁹

A matéria é divulgada de maneira enaltecedora à performance da juventude e do professor, divulgando esse trabalho para a cidade num título em que se lê: “Noites de arte no Municipal”. As senhorinhas e rapazes são alvos das políticas desenvolvimentistas do período, por serem compreendidos como o futuro a dar continuidade à almejada prosperidade da capital mineira e da nação. Tais senhorinhas e rapazes são divulgados com nomes e endereços a fim de demarcar a posição de proprietários na capital, bem como de pertencerem ao grupo dos melhores da “nossa sociedade”.

O grupo se organizou para a referida noite no Municipal sob os ensinamentos do professor Asdrubal Lima, esse que esteve em Belo Horizonte a partir dos anos de 1920, ensinando e disseminando a música coral. Felipe (2020), ao tratar a respeito do Coral Lírico de Minas Gerais, nos conta que o tal professor esteve se apresentando em diferentes de ocasiões na Belo Horizonte da década de 1930 e que ao final da década de 1940 se organizou para a montagem da ópera Cavalleria Rusticana, a fim de comemorar o 50º aniversário da cidade. Segundo o autor, em 1950, a iniciativa do professor resultou na fundação da Sociedade Coral de Belo Horizonte, que objetivava a valorização do canto lírico e a realização de temporadas de óperas na capital mineira, funcionando com frequência por três décadas.

A então ópera encenada no “velho Municipal” foi divulgada na revista com destaque, a reportagem veiculou por $\frac{2}{3}$ do espaço editorial, estando ao centro uma fotografia de busto do professor e maestro. Antes dessa reportagem relatando sobre como foi a estrêia do grupo de canto lírico, a revista divulgou duas chamadas para o evento durante o mês de outubro e novembro, em páginas dedicadas à assuntos sociais, nas quais se encontram informações

¹¹⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 nov. 1933, p. 22.

sobre festas, enlances, batismos, bem como algumas fotos das mulheres solteiras da cidade, as chamadas “senhorinhas”. Com o título “Um inédito espetáculo de arte”, a revista assim convida:

Organizado pelo “Côro Asdrubal Lima”, deverá realizar na segunda quinzena deste mês no Theatro Municipal um inédito festival, em benefício da “Caixa do Estudante Pobre Edelweiss Barcellos”. Nelle irá colaborar o que a nossa sociedade possui de mais representativo. Os ensaios, dirigidos pelo consagrado baryto Asdrubal Lima, já se iniciaram. Será representada a opera em 1 acto “Cavallaria Rusticana”, de Mascagni (...) ¹²⁰

O convite termina citando o nome das senhorinhas e rapazes que compunham o grupo musical. A participação da elite em eventos beneficentes aparece com recorrência na revista, sendo um dos momentos de alegria e distinção. As motivações podem ser variadas, mas em suma se tratam de momentos relevantes pela potencialidade de articular pessoas de um nível social abastado em um mesmo lugar, estabelecendo contato e relações de favorecimentos. O nome das senhorinhas é divulgado na revista, faz parte do convite, de maneira que se convida pela ópera, pela arte e pelas possíveis relações que ali são possíveis de estabelecer ou mesmo fortalecer. O envolvimento das pessoas endinheiradas em atividades filantrópicas ou de caridade lhes rendia a manutenção de seus privilégios, bem como o controle e distanciamento dos segmentos mais empobrecidos. “A filantropia realizada através das atividades de lazer e entretenimento servia para levar a público os nomes de senhores e senhoras beneméritos, além de lhes proporcionar noites e fins de semana mais dinâmicos, já que teriam acesso ao que era considerado mais refinado culturalmente na cidade.” (Silva, 2012, p. 16). Em mais uma chamada para a esperada noite de estreia da ópera, a revista divulgou a foto do grupo e seu aclamado professor:

¹²⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 11.

Figura 33 - No Teatro Municipal o Côro Asdrubal Lima



Legenda: O “Côro Asdrubal Lima”, que contará na próxima semana, no Municipal, a “Cavalleria Rusticana”, em benefício da “Caixa do Estudante Barcellos”.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933

Na legenda da foto lê-se que a causa que reuniu o que a cidade possui “de mais representativo” é a instituição filantrópica Caixa do Estudante Pobre Edelweiss Barcellos - CEPEB, a qual se dedicou à assistência de estudantes pobres. A CEPEB não foi a única instituição que atuou na arrecadação de recursos e disponibilização desses em prol de estudantes desprovidos de recursos a atuarem em Minas Gerais, outras lhes precederam e foram agrupadas, pela reitoria do Professor Mendes Pimentel, na Associação Universitária Mineira. (Portes, 2005). Contudo, interessa aqui a CEPEB, a qual recebeu donativos de um elegante evento musical no palco do Teatro Municipal.

¹²¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 08.

Criada em 09 de julho de 1930, a documentação relativa à CEPEB é mais intensa entre os anos de 1932 e 1935. A presidência ficava a cargo da chamada “Rainha dos Estudantes” e a partir de 1932 quem foi eleita e fez uma gestão criteriosa e dedicada foi Daisy Prates, filha do diretor da Faculdade de Direito, Newton Prates; cuja prestação de contas disponibilizou uma série de documentos que permitem construir a história dessa importante e atuante instituição. (Portes, 2005; Christófar, 2012). O cargo de Rainha dos Estudantes associa-se à concepção de que as atividades de caridade e filantropia estariam à cargo das mulheres, essas que “Através das associações de caridade, puderam responder aos problemas sociais, unindo preceitos cristãos aos interesses de dominação de sua classe.” (Silva, 2012, p. 17).

Em suas pesquisas em tal documentação, Portes (2005) analisou 281 requerimentos de estudantes à instituição. Assim, ele identificou que a maioria, em quase totalidade, eram estudantes homens, encontrando apenas 06 casos de estudantes mulheres, sendo 03 dos curso de medicina, 02 do direito e 01 do curso de engenharia. Além disso, esses alunos eram provenientes do interior do Estado, sendo muito poucos os casos de nascidos na capital. O autor traz uma sequência que evidencia as demandas desses estudantes:

Em relação ao período mencionado (1932-1935), verifica-se, a partir dos dados, que 281 estudantes universitários demandaram: auxílio para pagamento de parcelas de prestações escolares; auxílio para manutenção pessoal; pedidos de emprego e intervenção para remoção de local de trabalho; interferência junto à direção de estabelecimentos escolar para merecer perdão ou anistia após expulsão; e financiamento da estada de estudantes acometidos de tuberculose vindos de outros estados. (Portes, 2005, p. 120).

E para tanto, a CEPEB precisava de recursos as quais vinham de diferentes fontes, como pouca quantia passada pela própria Universidade, cerca de 300 mil réis; convênios como o mantido com o Cine-Brasil, no qual esse aumentava o valor dos ingressos entregando a diferença para a instituição; reembolso de benefícios e empréstimos concedidos; diferentes doações e contribuições; chás e festivais promovidos, denominados “bolas de neve” (Portes, 2005), dentre eles, o evento musical promovido pelo Côro Asdrubal Lima em benefício da Caixa dos Estudantes Edelweiss Barcellos.

O coro do professor Asdrubal Lima foi apresentado por essa dita “melhor sociedade”. A mesma que figurou na página social identificada como “Factos da Quinzena”, numa nota social com a foto do grupo que encenou outro espetáculo no teatro:

O Bombozinho, levado á sena no palco do Municipal, e interpretado por senhoritas e rapazes de nossa sociedade, é mais um successo alcançado por D. Alexina Sá, esposa do Sr. Raul Sá. A illustre senhora, que taes festas nos tem proporcionado, em sua ultima reunião artística, denominada “Noite Artística”, teve a satisfação de ver o quanto os espectadores se alegraram com a peça de Viriato Côrrea. BELLO HORIZONTE fixa, nesta pagina, um grupo de rapazes e senhoritas que tomaram parte na “Noite Artística”.¹²²

A elite nessa notícia não figura apenas enquanto as atrizes e atores, mas também enquanto provedora do espetáculo. Segundo a nota, a senhora que promoveu a referida alegria é a Alexina Sá, esposa do Sr. Raul Sá. A identificação dela se dá apenas como esposa, tal como a maioria das mulheres veiculadas na revista, quando não são esposas de algum “senhor ou doutor”, são as filhas desses. O senhor nesse caso é o Raul de Noronha Sá, advogado de formação que iniciou a sua carreira pública em 1909 em cargo do executivo Municipal, assumindo as prefeituras de Cambuquira e Lambari. A partir de 1918 assumiu como Deputado Federal pelo Partido Republicano Mineiro - PRM, com sucessivas renovações até 1933, ano em que elegeu-se para o mesmo cargo pela Assembléia Nacional Constituinte por Minas Gerais, pelo Partido Progressista - PP. Seu mandato não continuou mais uma vez, pois em 1935 ele renunciou, não à sua vida pública, mas sim ao cargo para assumir outro: Secretário de Educação e Saúde Pública, ali estando até novembro de 1937, pouco depois da instauração do Estado Novo. Ele atuou na vida pública ao lado da Revolução de 1930, trabalhando ao lado governista. Faleceu em dezembro de 1953. A revista traz em suas páginas os eventos proporcionados para e pela elite governista.

¹²² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 41.

A notícia diz do sucesso da ópera, a qual conseguiu atender a um público exigente e quantitativamente genérico, um “numeroso publico que se comprimia na platéia”. Como visto, as referências às quantidades de maneira genérica trata-se de uma estratégia da imprensa para divulgação e incentivo aos eventos. O mesmo se repete nos diferentes textos encontrados. Na notícia da estreia da Companhia Palmerim-Cecy: “Estreou, no Municipal, com extraordinario successo a Companhia Palmerim-Cecy Medina, o mais harmonioso conjunto de artistas que tem vindo a Bello Horizonte. (...) As peças ‘Mas que mulher!’ ‘Onde está minha mulher?’ e o ‘Feitiço’, conseguiram um exito nunca visto.”¹²³ Na notícia sobre a apresentação dos violistas George Marinuzzi e José Matos, a revista assim aplaude: “as centenas de pessoas que ali estiveram extasiadas com o magnifico programma e o maravilhoso desempenho dos dois notaveis musicistas.”¹²⁴ No evento musical com artistas do rádio, o público foi descrito como “selecto, que encheu completamente a plateia do Municipal, applaudiu sem reservas os nossos artistas.”¹²⁵ E, ainda, em texto sobre a audição gratuita da prefeitura à cidade, o evento aconteceu para “uma concorridissima plateia, tendo o espetaculo agradado plenamente; sendo os artistas muito applaudidos.”¹²⁶

Essas são formas comuns de se noticiar os eventos da cidade pela revista, ocupando suas páginas com eventos e lugares com discursos que pretendiam destacar distinção e elegância, dirigindo-se para o que chama de “a melhor sociedade” de maneira eloquente e motivadora de seus textos. O teatro, apesar das constantes reformulações e de tempos de pausa em sua programação, foi reforçado pela imprensa com textos que prometiam sucesso e orgulho nacional pelas apresentações que ali ocorriam.

Em meio às notícias que promoviam esse espaço de divertimento elegante, encontra-se também a adjetivação do teatro como “velho Municipal” e “velho casarão”, ainda que o teatro, da sua construção à primeira demolição, não contasse três décadas de existência. Há alguma explicação para essa qualificação ao considerar o contexto da cidade em relação às transformações dos estilos arquitetônicos empregados na capital nos idos de 1930.

¹²³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 04 jan. 1934, p. 26.

¹²⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 06.

¹²⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 30.

¹²⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 jun. 1938, p. 18.

O Municipal foi construído no início do século XX e o estilo arquitetônico em voga era o eclético, o qual era uma convergência de estilos de outras arquiteturas: neoclássicas, barroco, gótico. Em 1930, o estilo arquitetônico era outro, era o moderno *Art Decó*, o qual valorizava o racionalismo, as linhas verticais, formas geométricas e simplicidade, diferente do estilo clássico que emprega curvas e variados detalhes expressivos. Dessa maneira, nos anos de 1930, o “velho Municipal” trazia em sua estrutura a “velha arquitetura”. A respeito dos estilos arquitetônicos à época e a transformação desses, o trabalho de Freitas (2007), explica que a arquitetura belorizontina esteve sob importante influência dos imigrantes italianos que aqui estiveram. Tanto no neoclassicismo, quanto no *Art Déco* os italianos são também responsáveis pelos estilos da capital mineira. No caso do Teatro Municipal, quando ele fora vendido para abrigar o Cine Metrôpole, ele foi demolido e ali erguido aos moldes do então estilo *Art Déco*, o qual esteve presente em outros edifícios da cidade: “a Prefeitura Municipal, os colégios Marconi, Pio XII e Izabela Hendrix, o Minas Tênis Clube, os hospitais Felício Rocho, Odilon Behrens, Santa Casa de Misericórdia e a Igreja São Francisco das Chagas.” (Freitas, 2007, p. 148).

A despeito desses eventos noticiados com requinte, promovidos pela elite e por ela frequentados, definindo o teatro pela baixa frequência ao querer preservar-lhe como lugar de divertimento moderno para quem poderia pagar por elegância e distinção; (Vilhena, 2008) houve também eventos promovidos pela prefeitura, abertos ao público em geral: “A audição de musica que a prefeitura offereceu ao povo da capital”:

A Prefeitura proporcionou ha dias, ao povo da Capital, uma excellente audição gratuita no Theatro Municipal. Foi uma bela iniciativa essa do Prefeito José Oswaldo de Araújo. Apezar do mau tempo a audição de Hertha Kahn e Hans Bruch (violino e piano) teve uma concorridima plateia, tendo o espetaculo agradoado plenamente; sendo os artistas muito applaudidos. A louvavel iniciativa do Prefeito foi recebida com geraes applausos.¹²⁷

Até aqui apresentei um teatro que recebeu importantes eventos artísticos. Contudo, não foi apenas esse tipo de programação que preencheu esses espaços, ele também foi ocupado por uma atividade bastante diferente dos ensaios, peças e apresentações musicais, qual seja, as disputas políticas.

¹²⁷ Idem.

Em 1938 estava em curso o Estado Novo, decretado em novembro de 1937. O governo municipal, de maneira bastante personalista, promove a popularização desse espaço que foi construído pelo poder público municipal. Essa popularização era pauta de discussão como estratégia para ampliar o número de frequentadores de um teatro cujas portas permaneceram fechadas por longos meses à espera de alguma apresentação digna da elegância arquitetônica e social que uma parcela da população insistia em preservar. (Vilhena, 2008). Na notícia nota-se que não há adjetivos de distinção referentes ao povo, apenas o repetido sucesso pela platéia cheia.

O teatro municipal também foi palco para a política de massas em voga a partir da década de 1930, foi palco da candidatura governista de José Américo. Na notícia de título: “Ractificando apoio ao Sr. José Américo” e subtítulo “A memorável reunião no Theatro Municipal presidida pelo prefeito da Capital”, a revista divulga esse ato de campanha em agosto de 1937.

A reportagem é divulgada em duas páginas inteiras da revista, com duas fotos grandes e uma curta fileira de texto ao canto de cada uma. Em cima, estão as personalidades políticas relevantes no cenário eleitoral em disputa discursando para o povo, figurados abaixo deles. Até aqui esse texto mostrou que as notícias sobre o Municipal falavam de uma suposta lotação no teatro, como forma de dizer de um certo sucesso, contudo, em nenhuma dessas ocorrências precisou-se quantas pessoas ali estiveram, seja pela quantidade de ingressos vendidos ou mesmo uma foto da platéia. A foto da platéia, o registro do teatro completamente ocupado, se encontra apenas em sua programação política e não na programação de divertimento.

Figura 34 - A platéia do Teatro Municipal e motivações políticas



128

Legenda: A reunião havida no Theatro Municipal sob a presidência do prefeito Octacilio Negrão de Lima, foi uma demonstração eloquente da união das forças políticas da Capital que formam sob a bandeira desfraldada por José Americo de Almeida. O nome do illustre candidato nacional teve, naquele domingo, os applausos calorosos dos bellorizontinos, representados por todas as suas classes sociaes. O recinto do Theatro ficou repleto de pessoas que não pouparam applausos aos oradores, principalmente quando estes se referiam aos nomes dos srs. José Américo, Benedicto Valladares e Octacilio Negrão de Lima. O apoio que Bello Horizonte havia hypotheacado ao candidato da maioria foi ractificado plena e indiscutivelmente. Quem esteve no Theatro Municipal, ou ouviu, pelo radio, os applausos calorosos que ali se verificaram se capacitou de que Minas, nesta hora decisiva para a Nação, acertou escolhendo o ministro José Americo para candidato á presidência da República. Todos os oradores merecem os mais francos applausos, destacando-se o prefeito, cuja oração magistral, traçou definitivamente o rumo a seguir - trabalhar pela candidatura José Americo de Almeida, porque na sua victoria está o progresso do Brasil e a salvação do nosso regime, profundamente ameaçado. Nestas paginas, fixamos dois aspectos da reunião do Theatro Municipal das forças situacionistas da capital: - á esquerda, ao alto, o sr. Octacilio Negrão de Lima pronunciando o seu discurso; em baixo, a assistencia. No alto, á direita, flagrante da reunião de propaganda contra os extremismos também realizada no Municipal.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

O ano de 1937 foi marcado pelas campanhas para as eleições majoritárias programadas para 03 de janeiro de 1938. O contexto político era de profunda instabilidade, até outubro a ruptura democrática era uma ameaça e não uma sentença, uma vez que havia muitas pessoas influentes trabalhando para que houvesse a sucessão, de forma que “as campanhas eram antes ferramentas a favor da manutenção do sistema democrático que combustível para a ação dos conspiradores.” (Burity, 2018, p. 33). Ao lado governista, José Américo foi escolhido, em razão da grande aceitabilidade de seu nome entre os revolucionários de 1930 no Norte do país e sua atuação no Ministério de Viação e Obras Públicas, cargo que lhe conferiu notoriedade nacional. (Burity, 2018). A escolha desse nome considerou sua atuação pelas causas governistas.

Em sua campanha, José Américo atuou com a política de massas, a qual era empregada por Getúlio Vargas, falava-se ao povo que ocupou as páginas da revista em fotografias de uma perspectiva ampla, de maneira a não fotografar dada (s) pessoa (s), mas sim a requerida multidão. O espaço do Teatro Municipal, cuja estrutura que se queria majestosa, serviu para comportar um público maior do que “a fina flor da sociedade” para a qual os espetáculos eram dirigidos, comportou grande número de apoiadores. Nesse caso, a hierarquização desse espaço perdia força quando o que se pretendia era o apoio popular. Para os interesses políticos mais valia a quantidade do que a distribuição do público de acordo com os distintivos sociais.

A coordenação da campanha governista por Benedito Valadares durou até outubro de 1937, quando este saiu em direção à articulação de golpe de Estado junto à Getúlio Vargas. (Burity, 2018). José Américo estava cogitando desistir quando em 10 de novembro foi promulgada uma nova constituição e decretado o Estado Novo.

Essas são as representações de teatro encontradas na revista. Esse foi um espaço que apesar de desejado demorou a chegar na capital, tentando sobreviver em meio a dois desafios: uma arquitetura destoante do requerido estilo *Art Déco* da década de 1930 e a disseminação do cinema na cidade, que oferecia espetáculos por meio de uma tecnologia nova e a preços mais acessíveis. Em seus palcos se apresentaram diferentes companhias de teatro, bem como artistas do rádio, pessoas vinculadas a instrumentos e músicas clássicas, e ainda foi um importante espaço de formação de arte e cultura para a juventude belo-horizontina endinheirada. Ao final ainda mostrei como o Teatro Municipal também foi um importante espaço para os trâmites políticos que ocorriam na cidade construída para ser a sede do poder político e administrativo do estado de Minas Gerais, em um momento de política que se

dirigia para as massas, representadas em quantidade ocupando toda a plateia do precocemente chamado “velho Municipal”.

2.5 Cinema

O cinema é uma das práticas de lazer que conta com uma seção específica logo nos primeiros números: "Chronica Cinematográfica", bem como outros textos que vinham além dessa sessão, em diferentes páginas da revista, e ainda outros veiculados em cantos de páginas noticiando novidades de Hollywood e a exibição dos filmes nos cinemas. Nesse texto apresento a diversidade de formas que o cinema foi representado na revista *Bello Horizonte*. Veiculado ora com suspeitas e ora com vantagens, o divertimento moderno foi se consolidando na capital como uma opção de lazer e uma importante influência cultural.

O cinema foi um empreendimento que esteve na cidade desde os seus primeiros anos de existência, se constituindo em tentativas e improvisos até se consolidar como um importante meio de lazer e comunicação. Em uma narrativa detalhada e cronológica, o cronista João Lima resgata para a revista *Bello Horizonte* os primeiros passos do cinema na cidade, destacando as mudanças sociais e culturais dessa nova forma de entretenimento e celebrando o impacto que este causa na sociedade belo-horizontina. De acordo com o cronista “foi uma dessas machinas maravilhosas que appareceu em nossa capital em meados de 1898.”¹²⁹ Nos primeiros anos de existência a cidade inaugurou um lugar improvisado por comerciantes para receber companhias de teatro, denominada de “Theatro Variedades”. Ali foram apresentadas diversas e famosas peças, contudo, era o cinematógrafo que estava sendo aguardado como atração principal.

A inauguração dessa casa de diversões, que teria o nome de Theatro Variedades, se verificaria em fins de junho. (...) Mas, o que haveria de causar, sem duvida, grande successo, era a maravilhosa machina “Cinematographo Lumiere”, de Germano Alves. Na noite de 18 de setembro estreava a companhia, levando á scena a comedia “Ir buscar lá... vir tosqueado”. A opereta “Sinos de Corneville”, representada dias depois, alcançava grande successo, devido ao bom desempenho dos artistas. (...) A primeira exhibição do cinematographo verificou-se na noite de primeiro de outubro. Germano Alves organisara um esplendido programma, dedicado ás colonias estrangeiras aqui domiciliadas. Em homenagem á colonia hespenhola foi exhibida a “Partida de uma batalhão hespenhol para Cuba”. Para deliciar os italianos o film “Soldados italianos atravessando um rio de Abyssinia” e para a colonia portugueza, “Os lanceiros da rainha D. Amelia”. O actor Germano trazia, portanto, um repertorio para agradar a todos os paladares. Foram tambem exhibidos films dedicados á imprensa da capital. Eram tambem exhibidos retratos de personalidades eminentes, com Prudente de Moraes, Julio de Castilhos, Floriano Peixoto, Marechal Bittencourt e

¹²⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 nov. 1937, p. 12-13.

Campos Salles, que era então o futuro presidente da Republica. No dia seguinte noticiava o “Minas Geraes”: “Pela primeira vez, foi exhibido pela companhia o celebre aparelho cinematographico, que produziu bellissimo effeito, com admiraveis quadros sobre assuntos de oportunidade.”¹³⁰

O programa organizado por Germano Alves, em 1º de outubro de 1898, voltou-se às colônias estrangeiras residentes na capital: uma espanhola, outra italiana e, também, uma portuguesa. As primeiras exhibições também se dedicaram à imprensa e ao destaque de personalidades políticas e sociais. O cinema estava sendo apresentado como um potente meio de entretenimento e informação a agradar a maioria dos gostos e atender a diferentes interesses.

Apesar da precariedade, tanto do aparato tecnológico quanto da incipiente cidade que o recebera, o cinema causou considerável impacto na população. Seus efeitos e enquadramentos conseguiram impressionar o público, resultando no seu expressivo desenvolvimento e disseminação. No mesmo texto, o cronista relata as impressões do público.

Na tela do cinema antigo projectavam-se as imagens ou os retratos simplesmente e ainda as scenas movimentadas, com paisagens ou enredo comido. Um homem a correr doidamente por montes e valles, perseguido por um magote de mulheres; um comboio a surgir miudinho do começo de uma recta e crescendo sucessivamente, até dar a impressão de que ia cahir na plateia... E quantos espectadores não se assustavam de verdade, suppondo que a cousa, diabolica como era, pudesse mesmo fazer absurdos. E foi uma dessas machinas maravilhosas que appareceu em nossa capital em meados de 1898.¹³¹

Assim, em diferentes lugares da cidade, em teatros e outros lugares improvisados, a exibição de pequenos filmes pelos cinematógrafos foi se disseminando pela cidade. Essas primeiras demonstrações de histórias em tela foram veiculadas apenas em imagens, de modo que a sonoridade era completada com violinos e demais instrumentos, algumas vezes até por bandas inteiras. (Rodrigues, 2006; Vilhena, 2008).

O cinema como possibilidade de lazer na esfera pública, como um lugar com salas confortáveis e, em alguns casos também luxuosamente equipadas, começou a ser uma realidade na capital mineira a partir da década de 1910. (Rodrigues, 2006). Antes, a imprensa se dedicava a noticiar as peças e demais apresentações que ocorriam no primeiro, ainda que improvisado, teatro da capital: o Soucasseeux. (Vilhena, 2008).

Ele foi se ampliando como importante meio de diversão, bem como interessante meio de lucros. Casas desse gênero foram construídas e inauguradas em formato luxuoso, como um lugar de elegância, bem como por adaptações mais modestamente equipadas, ou mesmo

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Idem.

improvisadas, com entradas a preços mais acessíveis. (Rodrigues, 2006). Contudo, não aparecem nessa revista, a qual se preocupa em dizer da sociabilidade de quem usufruía dos espaços demarcados pela elegância e distinção, localizados na área central da cidade, como o Cine Brasil, os ditos cinemas “chics”. Os cinemas mais modestos, identificados como “Cine Poeira”, não aparecem nessa fonte, sendo exemplo deles o Floresta Cinema, localizado no suburbano bairro Floresta, e também o cinema Lagoinha, cuja localização estava às margens da Avenida do Contorno. (Vilhena, 2008). A mesma autora ainda diz que a região central, localizada no interior da Avenida do Contorno, também contava com opção de cinema para as classes menos abastadas, como o Cine Eclair, cujos preços eram a metade dos praticados pelos cinemas ditos elegantes.

O cinema, que então foi representado na revista *Bello Horizonte*, era publicado em diversos textos e abordagens temáticas, mas todos convergiam em um objetivo predominante: a importância dessa prática para uma cidade que se queria moderna. Havia também publicações que criticavam essa forma de entretenimento, acusando-o de disseminar práticas e hábitos tidos como excessivamente modernos, desafiando papéis e estruturas sociais estabelecidos e, assim, contribuindo para mudanças de mentalidade que nem sempre agradam os setores mais conservadores. Em relação às temáticas, destaca-se relatos sobre a vida das (os) artistas de Hollywood, revelando detalhes dos bastidores dos filmes e suas vidas pessoais. Além disso, discutindo a respeito do cinema ou tendo-o como ponto de partida, os textos forneciam instruções sobre cuidados com a beleza, saúde e outros hábitos diversos.

Dito isso, intensifico o diálogo com as fontes.

Na revista de Augusto Siqueira há, em todos os seus números, caricaturas em homenagem às personalidades masculinas e seus feitos à capital. Entre elas está a do Sr. Juventino Dias. No texto ele é descrito como um negociante moderno, aos moldes norte-americanos: “O coronel Juventino Dias pensa tanto nos figurinos como nos motores mais modernos. Sabe que um terno novo reclama outro automóvel. O sr. Juventino Dias já não parece negociante. Dizem que gasta dinheiro, adotando, aliás, o processo dos milionários norte-americanos.”¹³² Esse moderno capitalista, que antes fora varejista na rua dos Caetés e depois atacadista, é homenageado neste texto por ter-se envolvido em um grande empreendimento na capital: a construção do edifício Brasil, no então marco central da cidade, a Praça Sete, e o fez porque: “O negociante moderno já não segura demais o dinheiro, como se fazia em outros tempo. Gasta-o sem receio, mas com inteligência.”¹³³ O Sr. Juventino

¹³² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 nov. 1933, p.08.

¹³³ Idem.

Dias, como um moderno comerciante, se insere dentre os homens que ajudam a prefeitura a construir a cidade, a fazer, por exemplo, o cinema e a modernizar a vida belo-horizontina:

Os homens que fizeram o cinema Brasil, uma das melhores casas de diversões da America, não se empenharam em uma aventura. Ao contrário, elles realizaram um plano bem estudo, que não podia falhar. O edificio Brasil é um marco na historia do commercio de Minas Gerais. O cinema Brasil, obra de alguns commerciantes, deixou atrás os homens de excessiva prudencia e de rigorosa economia. O predio da Praça Sete assignalou a época de evolução do negociante mineiro. Já este sabe multiplicar, com elegancia e com audacia, o seu dinheiro. O negociante moderno tem um grande “stock” no seu estabelecimento. E ainda ajuda a Prefeitura a enfeitar a cidade.¹³⁴

O cinema faz parte dessa construção moderna da cidade, que acontece pelos interesses de quem dispunha de recursos. A prefeitura concede os espaços para que os majestosos lugares de diversão da elite sejam construídos para eles¹³⁵, compondo o espaço urbano com imponentes edificios, construindo um cenário urbano de arquitetura moderna. Esse é um momento de uma cidade em construção, combinando esforços públicos e privados.

Em outro texto, construído também em forma de homenagem com uma caricatura, a personalidade masculina escolhida foi o gerente do cinema Glória, o senhor Julio Munhoz, também um dos homens que faz o cinema da capital mineira acontecer. O texto nos permite visualizar a dinâmica do trabalho desse sujeito, bem como nos mostra que um cinema na capital estava se construindo por um trabalho orgânico, feito pelos recursos de uns e gerenciamento de outros.

A' noite, no Gloria, ha um cidadão gordo, que fica sentado a um canto, na melhor poltrona. A camisa de seda. O monogramma de ouro na camisa. O cabelo ainda humido, da loção ou do banho da tarde. A's vezes um jornal nas mãos. Ou um amigo ao lado e uns oculos espetados na ponta do nariz. Parece que Julio Munhoz é apenas um ornamento na sala de espera. Tão util como um movel bonito. (...) Aquelle é o Julio Munhoz, em repouso. O outro, que é o mesmo, já se movimentou o dia todo, commandando os empregados, dirigindo a propaganda ou inventando alguma coisa. - Farei o cinema encher! - diz elle. E, de facto, o Gloria se enche, Por que? Foi a propaganda do sr. Julio Munhoz. O gerente do Gloria acerta em tudo. Só não é muito bom para calcular o tempo. Um domingo, houve um desarranjo nos fios da electricidade. O publico de domingo é feroz: gente dos bairros, que só vae ao cinema aos domingos. Espectadores exigentes. Julio enfrentou a multidão e, em nome do mecanico pediu cincoenta minutos de praso. Todos estavam já sahindo. Mas, em cinco minutos, a luz era restabelecida. (...) ¹³⁶

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Esse mesmo movimento aconteceu com o Minas Tênis Clube, o clube foi construído pela elite belo-horizontina em um terreno da prefeitura cedido para os entusiastas do clube. Esse empreendimento é melhor detalhado no subcapítulo referente ao esporte.

¹³⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 10.

O texto trata-se de uma homenagem aos homens que de alguma forma contribuem com o projeto de cidade moderna, que também se expressa pelas suas casas de diversão e pela multidão. O repouso e a ação do gerente do cinema são destacados. Em repouso, a sua descrição o representa como um homem que preza pela sua aparência, que se porta de acordo com a elegância masculina do período. O Sr. Juventino Dias tem sua elegância em um terno de bom corte e um automóvel; e o Sr. Julio Munhoz tem seus cabelos ajeitados, a roupa em bons tecidos e sendo complementada por ouro. Um e outro são destacados pelo cuidado com a elegância. Em ação, são dois homens, de formas diferentes, responsabilizados e exaltados por fazerem o cinema na cidade acontecer. Enquanto um atua como investidor, o outro “enfrenta a multidão” e gerencia os diferentes trabalhos necessários para fazer com que os filmes possam ser assistidos, fazendo com que a cidade possa contar com esse divertimento tido como moderno e mais acessível a diferentes grupos sociais, os quais se aglutinam num domingo.

A dinâmica de funcionamento do cinema também é descrita em relação ao público, apresentado como uma multidão exigente de domingo: moradores dos bairros. Trata-se, provavelmente, de trabalhadoras (es) que usufruem do seu domingo de repouso em uma das possibilidades de lazer acessíveis da cidade. Em outro texto nessa mesma revista de número 07 de outubro de 1933, há mais detalhes a respeito da importância do cinema nos domingos da cidade:

Domingo... A cidade não almoça. Ajantaré. Na mesa, o assumpto é a matinée. Todas as moças, finda a refeição, descem para a cidade. A cidade se alegra. Fica cheia de pequenas bonitas! Que crime uma moça ser empregada! Só no domingo é que ellas se libertam das coisas cacetes, dos "protocollos", das fichas, das informações....¹³⁷

Este texto será retomado na íntegra em algumas linhas abaixo, onde a discussão sobre as representações femininas será mais aprofundada. Para este momento, foi selecionado para compreender o fenômeno do "domingo no cinema" entre as exigentes multidões. Nos dois textos, a revista menciona um grande número de pessoas que frequentam os cinemas aos domingos, destacando-o como o programa mais esperado da semana. É o dia em que aqueles que trabalham, incluindo as mulheres elegantes da cidade, têm a liberdade de desfrutar do cinema e de outros locais de entretenimento. Dessa forma, a revista registra uma cidade moderna, movimentada em prol de seus serviços modernos, dentre eles, o cinema.

A revista então faz registros de quem faz o cinema acontecer e quem o frequenta. Um dos assuntos cinematográficos a cargo desse periódico e que chama atenção para as

¹³⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 22.

preocupações de gênero que esse trabalho se atenta, é a veiculação de reportagens a respeito da vida dos artistas e dos seus trabalhos nos bastidores dos filmes. As artistas Greta Garbo e Joan Crawford, destacadas como as maiores expressões do cinema hollywoodiano, são descritas não apenas por sua beleza, mas também por sua habilidade artística, enfatizando como se preparam e trabalham nos filmes. Em relação às outras possibilidades de lazer encontradas nessa revista, aquela em que as mulheres são vistas em maior atuação e poder de decisão e no cinema. Aqui elas são reconhecidas enquanto artistas, e enquanto tal são mulheres que possuem a liberdade de decidir como resolver as atribuições do seu ofício e da sua vida pessoal.

Fora da seção especializada, o texto da revista número 15 destaca os talentos de uma das mais célebres estrelas de Hollywood, Greta Garbo, sob a perspectiva de um dos artistas mais importantes da época, Lewis Stone. Originária de uma humilde família sueca, Garbo iniciou sua carreira nos Estados Unidos em 1926, no final da era do cinema mudo, alcançando grande sucesso também no cinema sonoro. Stone descreve a atriz com admiração por seu profissionalismo.

“Miss Garbo é uma artista dotada de grandes prendas, e absorve por completo o personagem que representa”, disse Stone. (...) Compenetra-se completamente do seu papel, fazendo desaparecer sua própria personalidade e assumindo a do personagem que representa. (...) “Na realidade, não creio que nenhum outro artista saiba o diálogo com tanta perfeição como Miss Garbo”, acrescenta Stone. Ella não só sabe as suas phrases, mas tambem as de todos os personagens.¹³⁸

Esse texto respeita o seu talento artístico e reconhecimento do seu profissionalismo e dedicação, destacando pontos diferentes dos que oferecia às mulheres fora das telas que eram veiculadas por elementos como o cuidado com o lar, a família e atenção à beleza e saúde. Há que se demarcar que essas falas de reconhecimento do talento de Garbo e profissionalismo são ditas por um homem da mesma profissão que a sua. Possivelmente a voz dele foi usada para atribuir credibilidade ao seu trabalho, talvez o mesmo não aconteceria se a análise fosse feita por outra artista, como por exemplo a reconhecida Joan Crawford.

Essa aproximação, e não hierarquização, com personalidades masculinas no cinema foi vista também em outro texto cujo foco foi a dupla Marie Dressler e Wallace Beery, os quais de acordo com o texto “Trabalham de comum accordo e nos mesmos termos, o que é muito raro na téla com estrella de tal grandeza.”¹³⁹ aqui, a hierarquização não é em razão do gênero, mas em relação à atuação profissional. Ela foi uma das mais reconhecidas atrizes de

¹³⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 dez. 1933, p. 05.

¹³⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 set. 1933, p. 19.

comédia de Hollywood, e no texto ela é admirada pela excelência profissional, uma estrela pelo que faz nos palcos e nas telas.

Esse mesmo texto segue com elogios à performance deles e também destaca características de cada um, o que permite ler algumas das concepções de homem e mulher divulgadas na tela e analisadas pela imprensa. A respeito de Wallace Beery, a revista destaca tratar-se de um “rancheirão”, o qual não se importa com as roupas, desprezando a elegância masculina de ternos e roupas no mais perfeito alinhamento. Ao contrário, ele é descrito como um homem de aparências rudes e de personalidade amigável e divertida: “E’ capaz de assustar qualquer pessoa com seu vozeirão... até que alguém descubra que é só barulho, nada mais. Na realidade é a pessoa mais sympathica e agradável que já conheci.(...)”¹⁴⁰ Mervyn Dressler, por sua vez, é descrita, tal como Garbo, recebendo elogios à sua atuação e dedicação.

Jamais conheci uma mulher com tal energia dinamica. A gente tem sempre que estar alerta para não deixá-la trabalhar mais do que é necessario. Nada é demasiado arduo para ella. Havia uma scena especialmente difficil, que tinhamos filmado dez vezes e que ainda não me tinha deixado satisfeito. Era já tarde, e ordenei a todos que fossem para casa. Esperem um pouco, meus filhos,” pediu Marie aos electricistas e aos operadores da camara. ‘Acho que é melhor filmar aquella scena de novo’. Protestei, dizendo-lhe que poderia ser filmada na manhã seguinte. ‘Não, não quero fazer uma scena com a qual o snr. não está satisfeito.’ disse Marie. “O snr. é o director, e é minha obrigação fazer o que deseja. Vamos filmá-la outra vez ou do contrario dou-lhe um socco no nariz!’ Ninguém pôde rivalizar com Marie. Sempre tem uma resposta na ponta da lingua e ninguem pôde ultrapassá-la em chistos. E’ a pessoa de imaginação mais activa que já conheci.

Dressler é representada como uma mulher forte e determinada, dona de uma energia dinâmica e ética. Seu compromisso com a excelência é visto em sua determinação em não descansar até que a cena esteja perfeita, chegando a trabalhar “mais do que é necessário.” As descrições de mulheres tradicionais não caberiam para essa artista de mente criativa, de postura dinâmica e de temperamento combativo e exigente com a perfeição em seu trabalho.

Outra atriz que foi representada pela mesma audácia em ser diferente foi Jean Harlow, ainda que tenha sido conhecida pelos seus cabelos loiros platinados, seus envolvimento amorosos e tenha recebido a sina em ser a “sex symbol” de Hollywood da década de 1930. No texto divulgado na revista cujo título era o seu nome, ela é descrita estando em sua casa, usando uma calça marrom e um suéter amarelo, em um momento cujo uso de calças pelas mulheres não era comum ou recomendado, era uma clara atitude de transgressão. No texto, ela diz: “Sinto-me incommoda com os vestidos muito apertados e de rigor. Esta é a razão pela qual estou sempre mettida em pyjamas a maior parte de tempo. O que mais me entusiasma

¹⁴⁰ Idem.

são as calças que uso nas minhas excursões de pesca. Se tivesse que nascer outra vez, Jean preferiria ser homem.”¹⁴¹ Em outra fala atribuída a ela, é possível ver mais uma vez esse comparativo com os homens e reconhecimento de seus privilégios: “Por nada neste mundo ficaria trancada num palacio. Gostaria de passar fome... de sentir a emoção do perigo... e da liberdade... finalmente gosto de aventuras. Como os homens são felizes!”¹⁴². Assim, ela reconhece e exalta o seu trabalho no cinema, por ser esse lugar que lhe proporciona estar sempre envolvida em diferentes aventuras: “Seu maior medo no momento é a ociosidade. Espera continuar trabalhando até o fim de seus dias... fazer sempre alguma coisa... encher sua vida de emoções.”¹⁴³

Em texto cujo título é: “Os homens que eu amei... na tela” parece que a atriz está falando sobre os homens com quem ela se envolveu amorosamente. Contudo, ao ler o texto, ela fala sobre as personalidades masculinas com quem contracenou, com ênfase em como esses homens a ajudaram em sua carreira, quais foram as lições que ela aprendeu atuando,

Meus primeiros amantes no cinema foram Ben Lyon e Jimmy Hall e “Anjos do Inferno”. (...) Se não fosse fossem Ben e Jimmy, talvez nunca tivesse visto minha cara nos films. Pois continuamente me faziam virar do lado da machica e diziam-me: “Ahi está a camara”. Ben Lyon costumava me levar para um canto e me explicava o que devia fazer, ensaiava comigo e me revelava os segredos do angulo da camara, e todas as demais coisas que têm tanta importância na produção dum film. (...) Depois apareci em “A Guarda Secreta”. Este foi o meu primeiro film para a Metro G. Mayer, e o primeiro papel importante de Clark Gable. (...) Clark Gable e eu estávamos no mesmo caso... principiantes, lutando para abriremos caminho no cinema. E desde o primeiro dia que trabalhamos em “A Guarda Secreta”, ele não mudou em coisa alguma. E’ o mesmo Gable sympathico, espirituoso, jovial e ajuizado... que alcançou um enorme sucesso sem deixar que isto lhe subisse á cabeça. Clark Gable nunca será soberbo... tem muito juízo. (...) Em “Goldie” apareci com Spencer Tracy. Spencer é como um garoto, não toma coisa alguma a serio. Adora seu trabalho, mas considera-o como um jogo. Com isto não quero dizer que elle se descuida, pois trabalha sempre com empenho e eficiência e gosta muito da sua profissão. E’ agradável ver esta attitude... estimula respeito, compreensão mais intima de nosso trabalho.¹⁴⁴

Os seus “amantes do cinema” são por ela lembrados como homens de valor pela acolhida, companheirismo e amizade que construíram com ela; bem como pelo desenvolvimento como artistas, em sua competência e dedicação, que a inspiraram a ser a artista que fora. Ela diz ter aprendido a ser atriz em relação ao trabalho dos homens, não é possível saber, mas é possível inferir, que esse texto não teria o mesmo efeito caso ela estivesse selecionado personalidades femininas como referência. A despeito disso, são

¹⁴¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1933, p. 19.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 dez. 1933, p. 06.

homens que estão ao seu lado, ela e eles são artistas. Isso se expressa melhor na descrição de sua relação com Clark Gable, ela e ele estão na mesma situação de principiantes, os dois estavam “lutando para abrir caminhos no cinema”. Em sua atuação com Spencer Tracy ela o apresenta em sua simpatia e personalidade divertida, sem que isso colocasse em dúvida seu desempenho no trabalho e, de novo, será que uma mulher com espírito jovial, como uma “garota”, teria a integridade do seu profissionalismo preservada? Spencer Tracy teve. Na revista, descrições de Jean Harlow destacaram a eficiência, respeito e compreensão ao “nosso trabalho”, aquele que Jean Harlow, Spencer Tracy, Ben Lyon, Jimmy Hall e Clark Gable desempenharam juntos.

A seleção desses textos da revista visou apresentar como esse tipo de divulgação a respeito do cinema, apresentando os bastidores e as performances femininas em seu compromisso e profissionalismo, podem ser vistos como potentes materiais para a influência de novos comportamentos femininos. As mulheres de Hollywood nas reportagens, crônicas e outras modalidades textuais eram representadas com elementos de sua personalidade. Esse era um espaço que deu visibilidade à criatividade, dedicação e persistência dessas mulheres que atuaram, como sujeito e como atrizes, alcançando reconhecimento internacional. Assim, ainda que existindo as desigualdades de gênero, onde as mulheres eram vistas como símbolos de elegância e beleza servindo aos desejos de produtores e espectadores masculinos, elas conseguiram afirmar suas vontades, viver aventuras e desafios.

Enquanto de um lado havia a celebração das referências de Hollywood que atuavam tanto sobre os corpos e hábitos sociais tidos como modernos, de outro, o cinema era condenado exatamente por isso. Abaixo trago o texto do padre Ignacio Campos que critica o que nomeia o seu texto: “Cultura moderna”.

(...) A maior lacuna da cultura moderna, no tocante à formação moral, é a falta de instrução religiosa. A este mal vem juntar-se a corrupção da sociedade hodierna. Os cinemas e teatros são os maiores veículos de corrupção. Em poucas horas, no palco ou na tela, se desenrolam dramas secretos e cenas íntimas da vida, que a criança logo apreende em sua retentiva e que, de outra sorte, só com o andar dos tempos viria a aprender e conhecer. É o despertar prematuro e conhecer de paixões latentes. As novellas passionaes e os romances de amor, com a curiosidade da leitura, vão inoculando no coração a peçonha do vício e enchendo-o de phantasias mais ou menos immorales, que, aos poucos, arrastam o leitor incauto aos abysmos do mal.¹⁴⁵

O cinema, em sua potencialidade de diálogo e transformação é classificado, na voz do padre como um risco à moral cristã ao propor em tela, bem como nas crônicas acima, uma proposta de liberdade feminina: em suas roupas, comportamentos e desejos.

¹⁴⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 16.

Isso não foi uma constante, na revista foram encontrados textos que divulgaram Hollywood como uma importante referência aos padrões de beleza feminina, moldando e, de alguma forma impondo, imagens de mulheres ideais. As imagens femininas veiculadas pelo cinema, reforçadas pela imprensa, com forte presença nas revistas ilustradas, como é o caso da *Bello Horizonte*, eram arquétipos femininos inatingíveis, mas que deveriam ser seguidos e almejados pelas mulheres “de carne e osso”. (Buest; Carvalho, 2005).

Em uma de suas crônicas Cyro dos Anjos¹⁴⁶ nos fala a respeito de Joan Crawford, essa artista estadunidense descrita por ele como um “arquetipo feminino”:

Da Joan Crawford real e cotidiana, que come sandwiches e briga com o marido, ou mobiliza todo um Beauty's Institute para dar cabo das sardas recalcitrantes, à Joan Crawford do celuloide, vai uma distância astronômica não menor do que a que separa Alfa e Beta, (...). Nossa geração teve, em Joan, aquele arquetipo feminino, de que as outras mulheres viventes não trazem senão um fragmento, ou parcelas dispersas. Estas caminham à luz desencantadora da realidade. Estão próximas e reais, eis o que lhes é funesto. (...) Essa, a Joan que existe, a que criamos, com o auxílio da outra. A outra foi apenas argila, em nossas mãos, para a composição da Joan de luz e sombra, flutuante, imprecisa, incorporea, que queima como o fogo, mas é, como o fogo, intangível.¹⁴⁷

O autor constrói a beleza de Joan Crawford a partir da dicotomia entre a artista e a mulher, ou seja, entre a figura feminina idealizada e a mulher real, de forma a exaltar a primeira e a demarcar as imperfeições e os desafios que a segunda estava submetida. O arquetipo feminino é essa beleza áurea cinematográfica, demarcada pelo cronista como inatingível e imortal. A Joan de “luz e sombra”, muito diferente da Joan e das mulheres de “carne e osso”, é forjada tanto pelos seus dotes e tecnologias cinematográficas, quanto pelos anseios do público. Ainda que seja o desejo de muitas, trata-se de uma beleza ardente e reluzente, bem como inatingível, como o fogo.

Em outro texto, veiculado no final deste ano, o cronista Peregrino Junior¹⁴⁸, trata dessa beleza cinematográfica em sua teoria e prática, revelando a rotina das atrizes de cinema para manterem-se belas, magras e jovens. Tais rotinas se deram por algumas variações, mas que em suma tinham o regime como “a chave do segredo da elegância feminina.”¹⁴⁹ E

¹⁴⁶ Ocupante da 24ª cadeira da Academia Brasileira de Letras em 1969, Cyro dos Anjos foi um dos grandes cronistas da década de 1930, com presença marcante em diferentes jornais da capital e do estado mineiro. Ele foi jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista.

¹⁴⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 15.

¹⁴⁸ Ocupante da 6ª cadeira da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Júnior foi jornalista, médico, contista e ensaísta. Originário de Natal, formou-se em Medicina e morou no Rio de Janeiro, sem abandonar uma das atividades de que mais gostava: a escrita. Ele trabalhou para diversos jornais e revistas, do Rio de Janeiro, bem como do Brasil.

¹⁴⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 22.

respondendo ao questionamento de como essas mulheres conseguem atingir tal beleza, ele destaca a rotina de cuidados de cada uma precedida de seus nomes:

Joan Crawford - o corpo mais harmonioso e perfeito que Hollywood conhece - essa deliciosa Joan Crawford das Noivas Ingenuas, de tão diabolica elegancia, de tão envolvente encanto, para manter o rythmo da sua beleza vive uma vida insupportavel de sacrificio e de renuncia. Ha 4 annos não sabe que gosto têm pão, mateiga e batatas! Não almoça. Apenas, ao levantar-se, bebe um copo d'agua. Um pouco antes de começar a sua actividade no estudio, toma uma chicara de café quente e morde uma ou duas torradas. Nos intervalos da filmagem, limita-se a comer saladas. Só tem permissão de comer á vontade duas cousas: maçãs e laranjas. (...) Joan Crawford tem ainda um severo programma: massagens, gymnastica e sport. (...) O regimen de Evelyn Brent é mais liberal: não come carne; mas, uma vez por dia, incluye no seu “menú” peixe e frango. Além disto, legumes e fructas. Mas não toca em cremes, nem em manteiga, nem em pão, nem tampouco em batatas. Faz gymnastica, massagens e sport. Lola Lane tem programma identico: muito succo de fructos e saladas de legumes. Toma caldo de limão duas vezes ao dia. Não prova carne nem gorduras. E faz, duas vezes por semana, uma authentica dieta de fome. Lá uma vez ou outra, sae do sério e come uma batata! Em compensação, faz muito sport, muita gymnastica, muita massagem. (...) ¹⁵⁰

A beleza dessas artistas é apresentada com alguma possibilidade de alcance, diferente da impossibilidade descrita por Cyro dos Anjos, contudo, para tanto, o caminho era constituído por sacrifícios extremos, como dietas severas e intensa rotina de exercício físico. O rigor com a dieta também se applicava às práticas esportivas, entendida como essencial para a manutenção do corpo e beleza femininas, e ao final do texto, o autor se dedica à importância do esporte para o cultivo da beleza feminina.

No aperfeiçoamento e na conservação da belleza physica das grandes artistas de Hollywood, é preciso não esquecer o papel dos sports. Natação, dansa, pedestrianismo, tennis, golf - eis os sports favoritos das Venus cinematographicas de Los Angeles. As preferencias variam. A natação, entre os artistas, é o sport predilecto para emagrecer. Joan Crawford, Dorothy Mackaill, Greta Gargo, Marion Davies, Anita Page, Jean Arthur, Rita La Roy e Leila Hyams são adeptas entusiastas deste sport. Todas ellas e mais Evelyn Knapp, Marilyn Miller, Claudia Dell e Frances Dee se entregam diariamente a outros sports ainda, violentissimos, para manter o rythmo plastico do corpo. (...) ¹⁵¹

A beleza hollywoodiana, que representava e impunha ao ocidente o estilo de vida norte-americano, definiram os rostos, corpos, roupas e estilos de vida tido como da sociedade moderna. As características atribuídas ao feminino eram potencializadas a fim de entreter os olhares masculinos envolvidos: tanto o protagonista quanto o espectador masculinos. Os arquétipos femininos foram construídos por “referenciais corpóreos das mulheres jovens: bustos grandes, firmes e empinados: a cintura delineada (centro do corpo); pernas bem

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

torneadas; quadris largos indicando alta quantidade de estrogênio; o cabelo sedoso.” (Buest; Carvalho, 2005, p. 47). Para atingir esse ideal, Peregrino Júnior detalhou os rigorosos esforços dessas mulheres com exaustiva programação esportiva. A natação ocupa lugar predileto entre as artistas, seguida de dança, tênis e golfe, compondo um repertório que instrumentaliza o esporte como meio de educação e delineamento dos corpos. Ao final, ele diz que há quem se arriscasse em modalidades classificadas como mais “violentas”, em prol da conquista do corpo ideal. Não há especificações a respeito de quais modalidades seriam essas, mas futebol e lutas, em razão do embate entre os envolvidos, eram consideradas como modalidades masculinas e não recomendadas às mulheres, chegando a serem proibidas às mulheres brasileiras em 1941 pelo governo de Getúlio Vargas.

Ao final, o autor finaliza seu texto considerando serem esses “os trabalhos forçados da elegância feminina... Ser mulher bonita, pois, não é tão fácil como parece!”¹⁵² Ser uma mulher bonita nessa realidade é assumir um corpo moldado não apenas por sacrifícios alimentares e esportivos, mas também pela confluência de demandas do público e interesse de quem controla a produção, a distribuição e a divulgação cinematográficas.

Na revista as roupas e bustos das artistas de Hollywood não eram as únicas referências. Em diferentes páginas o *footing* era propagado em relação ao cinema, divulgando fotos de mulheres andando pela Avenida supostamente em direção aos cinemas ou saindo deles, em fotos denominadas: “Depois da Matinée...”. Essas páginas apresentavam a moda, como se vestir com elegância para ir ao cinema, mas sem as calças das artistas em suas reportagens ou roupas com maior valorização das suas curvas, como se via nas telas. Veiculadas na seção “*footing*” há a foto de duas mulheres andando pela avenida vindas do cinema, como indicado na legenda: “Depois da matinée, um passeio pela Avenida é bom...”¹⁵³

O mesmo acontece na página reproduzida abaixo.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 10.

Figura 35 - Mulheres fotografadas no footing depois da Matinée



Legenda: - Que tal esteve a Joan Crawford?/ - Crawford? Perdão: Crwafiat./ - ?!/ - Ford é marca muito ordinária para uma artista como essa...

- Você vae hoje ao Municipal?/ - Eu não vou nunca ao teatro, em Bello Horizonte.

- Por que?/ - Justamente por que é "municipal"/ - A Avenida é sempre a mesma coisa!/ - Mudar para onde?

- Você já viu o 'ovo prophético', do "Correio Mineiro"/ - Já. É uma "bola"...

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933.

A página inteira é dedicada a esse passeio elegante pela avenida, o footing, em que as mulheres são fotografadas de corpo inteiro, de modo a mostrar que roupas estão usando, desde os pequenos chapéus até os sapatos fechados e de salto curto. "A' sahida da matinée...",

¹⁵⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 16.

ao veicular essas fotos e ocupar uma página inteira da revista, está dizendo sobre como as mulheres devem ir ao cinema e que devem ter como hábito essa prática. O footing é uma presença importante na cidade, desde os seus primeiros anos, antes das exibições dos primeiros cinematógrafos. Assim, estabelecer a relação entre essas duas práticas é uma estratégia da revista em conseguir legitimar a prática de ir ao cinema, colocando-o no mesmo patamar de um hábito já difundido como elegante.

Nessa página, abaixo de cada uma das fotos divulgadas há uma legenda, a qual constitui-se de diálogos atribuídos às mulheres que são construídos visando expressar um diálogo confuso, cheio de “mal-entendidos”, que as ridicularizam. Esses diálogos se constituem por uma ideia de que “São lindas! Cabeça tonta”¹⁵⁵, ou seja, reduzidas à condição de embelezamento da avenida, da revista; como referências de moda e de comportamento infantilizado. Ser uma mulher moderna, de acordo com a revista, implicava em atentar-se para os padrões de beleza aos moldes das estrelas hollywoodianas, bem como trajar-se com elegância e usufruir dos espaços da cidade, como o cinema e a avenida em seu footing.

Em outro texto é possível ler a desqualificação feminina quando o cenário também é o cinema. No texto, a desvalorização recai sobre as mulheres que trabalham. A função da mulher, segundo o texto, é embelezar a cidade, é andar pelas avenidas em trajes semelhantes aos que veiculam nas revistas de moda e nas telas que exibem representações hollywoodianas. Ao dizer sobre a importância do cinema para as mulheres e para a cidade, o texto está dizendo sobre o descontentamento em relação à ampliação das mulheres no mercado de trabalho. As possibilidades de lazer permitem uma maior participação da mulher no cenário público, contudo, essa ampliação da participação feminina na cena pública é permeada por controles e imposições de limites, especialmente quando relacionado ao trabalho remunerado e desvinculado das atividades domésticas e de cuidado.

Quinta-feira... A uma determinada hora, os bondes, os automoveis, os omnibus despejam na praça Sete todas as meninas bonitas da cidade... As moças que não trabalham, as que não estão sujeitas a ponto e a outras invenções torturantes, vêm á matinée... Ellas sabem que as outras estão presas nas Secretarias com um chefe carrancudo, a distribuir serviços. Quinta-feira é o dia das moças que não trabalham. Quando ellas passam, em direcção á cidade, as que estão presas pensam comsingo: - São livres, vão á matinée. Não pensam em dactylografia, nem em informações... Que bom não trabalhar, não ter chefe, nem ponto, nem director, nem Secretaria, nem amolação. (...) Domingo... A cidade não almoça. Ajantará. Na mesa, o assumpto é a matinée. Todas as moças, finda a refeição, descem para a cidade. A cidade se alegra. Fica cheia de pequenas bonitas! Que crime uma moça ser empregada! Só no domingo é que ellas se libertam das coisas cacetes, dos "protocollos", das fichas, das informações... Mas o domingo chega. No programma das moças elegantes está a

¹⁵⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 nov. 1933, p. 12.

matinée. Gloria, Brasil... Um pouco mais tarde todas ellas saem, o rosto afogueado, felizes, muito felizes com a matinée...¹⁵⁶

O trabalho como elemento ordenador da sociedade, por meio do qual se conseguia a valoração moral dos indivíduos, uma vez que “o trabalho é elemento característico da vida em sociedade” (Chalhoub, 1986, p. 69), já era um esforço feito desde a abolição, nos finais do século XIX. Contudo, essa compreensão não se estendeu às mulheres, ao menos àquelas que dispunham de condições econômicas e sociais que lhes permitiam, como também lhes era recomendado, viver dedicadas às famílias e às domesticidades.

O trabalho feminino é um fato de longa data quando pensado em relação à dada raça e classe, de modo que para as mulheres pretas e pobres ele impera como uma realidade necessária à sobrevivência. O trabalho desempenhado por essas mulheres é permeado por situações de exploração e discriminação, sendo, em regra, mal remunerados e precários, concentrados em setores como o trabalho doméstico e de cuidados.¹⁵⁷ A mulher branca e de condições socioeconômicas mais favorecidas, por sua vez, tem o trabalho como uma conquista, pois insistiram em ocupar espaços, ainda quando por muitos negado. O texto desqualifica o trabalho feminino, lamenta que elas estejam trabalhando quando deveriam estar desempenhando seu papel de embelezamento do espaço urbano, junto das “meninas bonitas da cidade”, que são representadas como livres e podem ir à Matinée.

O desaconselhamento do trabalho feminino veiculou como uma das opiniões a esse respeito, convivendo com um momento de maior ampliação da participação feminina no espaço público, alcançando postos de trabalho, o direito ao voto e também espaços nas atividades de lazer. Na revista foi possível identificar essas mulheres trabalhando, inclusive dentro de sua própria equipe. Na foto abaixo, figura a secretária da revista *Bello Horizonte*, a senhorinha Angelina Bastane, a qual era incumbida “das coisas cacetes, dos ‘protocolos’, das fichas, das informações” que a revista de Siqueira deseja publicar.

¹⁵⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 22.

¹⁵⁷ Na revista há mulheres que são representadas dessa maneira. Nas imagens e ilustrações aparecem, majoritariamente, mulheres brancas e de classes socioeconômicas favorecidas. Esse é o público feminino para o qual a revista se dirige. Algumas mulheres pretas aparecem desempenhando trabalhos domésticos e de cuidados. Essas representações são discutidas no último capítulo desse trabalho, o qual se dedica a apresentar as possibilidades de acessar as diferentes classes sociais pelas publicações de uma revista que se constrói pela e para elite.

Figura 36 - Angelina Bastane: secretária da revista *Bello Horizonte*



Legenda: Ha dias, chegou a redacção de "Bello Horizonte" uma carta que por seu intermédio deveria ser entregue á sua auxiliar senhorinha Angelina Bastane. Era de um detento da casa de Correccção que lhe pedia conseguir recursos para que elle pudesse tentar uma ordem de habeas-corpus. Essa diligente auxiliar da revista de Minas, immediatamente attendeu as supplicas daquelle infeliz homem, conseguindo a importancia de que elle carecia. "Bello Horizonte" fixa, acima o momento em que a entrega da importancia era feita na sala da Secretaria daquelle presidio.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934.

A senhorinha em questão é a secretária da revista, poderia ter sido apresentada nos agradecimentos de aniversário do periódico e demais ações em que é possível ver os integrantes da revista em ação na cidade. O que nos interessa demarcar é que se trata de uma mulher fotografada em seu lugar de trabalho, na mesma revista que veicula uma crônica lamentando essa ampliação feminina no mercado de trabalho formal.

Outro, e último exemplo para retomar as discussões sobre o cinema, trata-se de uma mulher que além de inserida no mercado de trabalho o faz pela via do acesso da intelectualidade. Trata-se de uma cientista na área de zoologia:

Uma cientista, encantadora e extremamente modesta, morreu no fim do anno passado em Londres. Era miss Joan Beacuchamp Procter, que desde 1923 ocupava um posto que geralmente não é ocupado por uma mulher: era a encarregada da Casa dos Reptis, no celebre jardim zoologico da capital ingleza. Quando tinha apenas a idade de trinta e quatro annos, já tinha um nome feito como zoologista pelos seus estudos sobre as cobras, os crocodilos, os lagartos, rãs e outros animais da mesma familia. Foi ella quem desenhou a planta da Casa dos Reptis e dirigiu sua construcção. (...) macacos. Miss Parker tinha a comprehensão innata desses animais de sangue frio, ella occupou-se sempre delles. Criança delicada e doentia, distrahia-se criando unum

¹⁵⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 37.

viveiro lagartos, salamandras, assim como sapos. Trata sem a menor repulsão esses animais, muito antes de pensar fazer uma carreira na zoologia. (...) ¹⁵⁹

A revista veicula representações femininas tanto como “lindas cabeças tontas” a fazer o footing na avenida depois da matinée, quanto divulga algumas mulheres que representam maior liberdade feminina na definição de suas roupas e postos de trabalho.

As representações sobre cinema na revista trouxeram importantes demarcações de gênero, como também disseram a respeito da cidade de Belo Horizonte. As crônicas cinematográficas foram um importante lugar de divulgação da revista a respeito dos anseios e limites do cinema belo-horizontino. A cidade em 1930 estava vivendo intensos momentos de dinamização, com a inauguração de cinema e agências de Hollywood, casas de diversões esportivas como o Minas Tennis Club, complexificação do trânsito e aumento populacional, dentre outras demandas e problemas a serem resolvidos. A cidade que fora construída para ser a capital de uma Minas Gerais republicana demandou esforços e transformações ao longo das suas primeiras décadas de existência. Era preciso fazer a cidade, estruturalmente moderna, se reconhecer e experienciar um jeito moderno de ser e de se divertir.

No texto veiculado em 1935 havia um problema publicado em tons irritados em razão da falta de solução:

Todas as tardes, a cidade recebe um presente desagradável: é o som insuportável das sirenes dos cinemas anunciando (Hoje tem espectáculo! Tem sim senhor!) aos pactos cidadãos que a função não tarde. (...) Em verdade, não se consegue atinar porque os nossos cinemas possuem aquelles aparelhos de suplicio, principalemnte os da Avenida. Não nos parece incrviel que elles sejam dotadas de uma força magnetica *sui-generis*, capaz de atrair quem quer que seja até a bilheteria. Por outro, ninguém admite de boa fé que as torturantes machinas prestem beneficios á Empresa Cine-Theatral. (Ao publico ellas coemnte servem pra incomodar). A sua existencia, assim, não se justifica. Mas não é só o desprazer que as sirenes causam a todo mundo. Ha mais ainda. E’ a nota de provincianismo que fornecem á urbs moderna e progressista. Qualquer turista, qualquer forasteiro ou visitante, ha de ter, certamente, muita surpresa, ao saber que, em Bello Horizonte, as serias gritam sem a menos cerimonia, simplesmente porque os cinemas vão começar a funcionar. Convenhamos que ellas ficam bem lá pelo interior, onde os costumes são simples e o logar não tem compromissos de civilização. Aqui não. Uma sirene possante, no alto do Cine-Theatroi Brasil, é qualquer coisas de provincian, a estabelecer um contraste lamentavel com o ambiente. (...) ¹⁶⁰

Apesar do Cine-Theatro Brasil ser o maior e mais famoso cinema da cidade, localizado na Avenida Afonso Pena, era preciso entender os hábitos de se ter uma estrutura

¹⁵⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1935, p. 05.

¹⁶⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 mar. 1933, p. 06.

moderna desse porte. As sirenes não condiziam com a modernidade que se queria, com o jeito urbano de ser que estava sendo construído.

Em texto de meia página intitulado “Cidade do Tédio... As diversões de Bello Horizonte”, a revista fala a respeito do aniquilamento de diversidades em torno do cinema quando empresas maiores começam a desenvolver um monopólio. O cinema, se mostrou como um negócio rentável desde o seu início, contudo, a partir da década de 1930 isso se complexifica e o avanço de empresas favorece uma ação homogeneizadora, extinguindo outras e menores formas de divertimento.

Bello Horizonte é denominada, com razão, a cidade do Tédio. Pobre de diversões, a cidade, á noite, é um enorme amontoado de casas adormecidas, sobre ruas desertas e sombrias. Temos por unica diversão o cinema, que não passa de um monopolio revoltante, onde tudo é levado em conta, menos o interesse do publico, que é escorchado impiedosamente. Nos bons tempos dos antecessores da actual empresa, o publico, além dos cinemas, encontrava sempre, no “Avenida” e no “Pathé”, uma companhia de variedades ou teatros que, a preços populares, quebrava a monotonia dos sôcos de Tom Mix e dos beijos freudianos de Joan Crawford. A empresa, velha amiga do publico de Bello Horizonte, levava em muitas contas o interesse dos seus *habitaés*. Hoje, o que se verifica é justamente o contrario. O povo, para os felizardos detentores das diversões na Capital, não existe. Trata tão bem os frequentadores das sua pachuchadas, como trata um vendedor de terrenos impretaveis. Fecharam o cinema Pathé, casa de tão bellas tradições em Bello Horizonte, e extinguiram o palco do Avenida. O do cinema Brasil é o inverso da definição da substantivo concreto, da anedota... E os preços? Temos cinema em Bello Horizonte a preços de teatro. E mau cinema, porque o commum dos programas é constituído de fitas já ha varios annos exhibidas, em *reprises* enfandonha e soporíferas.¹⁶¹

Esse foi um dos textos em que a revista pressionou a empresa Empresa Cine-Theatral, a trazerem filmes novos e parar com as reprises infindáveis. No texto seguinte, apesar da pauta ser a respeito do atraso em apresentar à cidade o famoso personagem da Disney, Mickey Mouse, o texto também reclama por uma maior dinamização deste mercado, a partir de novas fitas, o que se acreditava que seria possível a partir da superação de um monopólio desse mercado concentrado em uma empresa, para inauguração de outras e, a partir da concorrência, atingir ao objetivo de assistir Mickey e as diversas outras produções.

O que não se compreende, Walt Disney, é que o seu "little mouse" apareça somente para determinados privilegiados. Não sei si você já teve conhecimento de um facto gravissimo: os seus desenhos, que todo o mundo conhece; os seus desenhos, que marcam uma época na cinematographia; os seus desenhos, que vão perpetuar o seu nome, tão notaveis e apreciados elles são, não vêm a Bello Horizonte. Ninguém, até hoje, nesta capital explicou a razão por que Mickey ainda não nos fez a sua primeira visita, tão ansiosamente esperada. E eu fico matutando, matutando, até que me vêm à cabeça questões de sciencia das finanças, como seja a da concorrência. Neste ponto, eu penso encontrar um pouco de luz para o caso. Quem sabe nós não vemos Mickey,

¹⁶¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 29.

porque não ha interesse da honrada Empresa Cine-Theatral Limitada em nos mostrar? Ora, afinal de contas, o grupo de capitalistas que exploram aqui a rendosa industria de cinemas é unico. Ninguém até agora, teve a audacia de competir com elle, pelo que encontra uma estrada larga, ampla, asphaltada, por onde passa tranquilo.¹⁶²

Alguns números depois, no espaço da “Chrônica Cinematográfica”, em tons comemorativos, a revista anunciou: a cidade conhecerá o famoso camundongo, Mickey Mouse. A “Chronica Cinematográfica” atribui à revista Bello Horizonte a responsabilidade por tal feito, dizendo ser em razão da sua atuação de protesto que a cidade terá sua oferta de filmes ampliada.

Ora, uma das primeiras observações por nós levantadas á actuação daquella empresa se referiu justamente á ausencia, em suas casas, dos filmes da United Artists e dos modernos desenhos animados de Walt Disney. (...) Um resumo mais apertado ainda: a falta dos celluloides da united e de Walt Disney era um deslize bem grave da Empresa Cine-Theatral para que não fosse notado e contra elle não se gritasse a plenos pulmões. (...) O impasse durou até que se reclamasser, reclamações de que esta columna foi o vehiculo. O sophisma não valerão. O contracto que a Empresa vem de fazer é uma consequencia dos nossos commentarios. No fundo, é isto mesmo.¹⁶³

A revista se coloca como a voz defensora dos supostos interesses da gente belo-horizontina, compreendendo e utilizando seu espaço de influência na promoção do cinema da cidade, o qual funcionava “desde a década de 1920 sob a batuta dos grandes estúdios produtores de Hollywood - Metro, Paramount, Fox, Warner e RKO -, responsáveis por cerca de 90% dos filmes exibidos no país.” (Isolan, 2016, p. 208). Esse movimento da revista Bello Horizonte se soma à imprensa brasileira que foi se desenvolvendo em seus esforços a respeito do cinema. A editoração das revistas e jornais se dedicaram à consolidação do padrão e das referências do mundo do cinema norte-americano, “A imprensa refletia em suas páginas a hegemonia dos filmes de Hollywood nas salas de cinema. Anúncios e críticas de filmes de outros países eram em menor quantidade e tamanho.” (Isolan, 2016, p. 209).

Como o cinema e o mercado cinematográfico no Brasil estavam dominados pelos filmes americanos, os produtores brasileiros recorreram ao Estado de Getúlio Vargas, desenvolvendo uma relação paternalista entre cineastas e o Estado Brasileiro no início de 1930. As primeiras legislações protecionistas elaboradas por esse governo instauraram a obrigatoriedade de transmitir um curta metragem nacional antes da programação original. Assim, os produtores passaram a fiscalizar essa exibição como forma de estabelecer boas relações com o governo a fim de conseguirem financiamento para a produção ou maior

¹⁶² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 nov. 1933, p. 12.

¹⁶³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 04 jan. 1934, p. 23,

controle do avanço cinematográfico estrangeiro para abrir oportunidades para o mercado nacional. Contudo, como explica Sá (2018), o Estado teve uma ação muito mais voltada à disseminação cultural do que produtiva. A obrigatoriedade das salas de cinema em exibir produções cinematográficas ao menos uma vez ao ano, foi determinada apenas no final da década, em 1939. (Sá, 2018).

Na revista *Bello Horizonte*, como dito, imperava as notícias de Hollywood. Contudo, não na seção de cinema, mas sim na denominada “Elegancia Masculina”, Andrade Alfaiate, o estilista que concede conselhos ao público masculino da capital, falou a respeito da elegância patriota.

Com grande ansiedade era esperado o film de Raul Roulien e Conchita Montenegro - GRITO DA MOCIDADE.(...) Não sou critico cinematografico, mas, modestia á parte, entendo “alguma coisita” sobre a elegancia dos artistas e, se me permitem dizer, sei apreciar o que é bom...Gostei, imensamente do film. (...) E’ mais um passo gigantesco que se deu para a consagração da cinematographia brasileira e, muito me ufano em me referir ao nosso cinema, neste mez dedicado ao cinema brasileiro. (...) E’ um film singelo, muito simples mesmo, nada tem de exagerado ou de luxo; é uma perfeita imagem da simplicidade brasileira que, só mesmo um filho desta grandiosa patria, seria capaz de idealisar. “GRITO DA MOCIDADE” é também um grito da cinematographia nacional e um motivo de orgulho para a nacionalidade. Muitos do que o assistiram e dos que ainda vão assistil-o, dirão, como de costume: Esse film é uma “droga”. Não, meus caros leitores, essa palavra é muito deselegante e, não só constitue uma propaganda gratuita contra os films brasileiros, como tambem, uma prova insophismavel de ingratidão á nossa gente que labuta nos studios cinematograficos, procurando elevar bem alto o nome do Brasil e, sobretudo, uma negação formal de patriotismo, de senso de brasilidade. (...) Devemos querer e amar os nossos films, como principio de uma nova era para a economia nacional. Mormente quando se trata de um film como GRITO DA MOCIDADE, feito com o sangue e com a alma do Brasil.¹⁶⁴

O filme foi criticado em razão do seu tom exageradamente apelativo ao patriotismo. Na revista, o tom governista dita a celebração desse filme “simples”, de uma produção brasileira ainda incipiente e de um público acostumado às desenvolvidas produções hollywoodianas, como um acontecimento político e social de relevância para o cultuado e almejado desenvolvimento nacional. A revista, habituada a enaltecer as figuras políticas e seus feitos, convida a cidade a fazer o mesmo, pois trata-se de esforços cinematográficos “feito [s] com sangue e com a alma do Brasil.” Assim, essa revista, que lutou para a diversificação do mercado de filmes, empreende esforços também na valorização do cinema nacional.

¹⁶⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 71.

Assim, temos que , as divulgações da revista a respeito do cinema em Belo Horizonte revelam que o cinema não apenas proporcionou diversão, mas também serviu como plataforma para mudanças culturais e sociais. Desde as críticas à modernidade que desafiava as estruturas tradicionais até a representação de figuras icônicas de Hollywood nas páginas da revista Bello Horizonte, o texto revela uma cidade em transformação, onde o entretenimento cinematográfico desempenhou um papel crucial na definição da identidade urbana e na promoção de debates sobre valores e comportamentos. Bem como movimentou a imprensa na consolidação e transformação desse mercado, de maneira a colocar em cena os interesses belo-horizontinos e apoiar os empreendimentos nacionais.

Em suma, o cinema em Belo Horizonte, conforme retratado na revista, foi além de uma das possibilidades de lazer, atuou também como um dispositivo importante na modernização cultural da cidade, servindo como agente, como porta voz, a respeito dos desafios e aspirações de uma sociedade em constante evolução.

2.6 Rádio

A década de 1930 foi emblemática para a consolidação e difusão do rádio, o qual se constituiu como um importante meio de comunicação nesse período, com capacidade de se fazer ouvir por um grande número de pessoas, atendendo às pretensões de uma política que se dirigia às massas. Por essa razão, a popularização de tal instrumento foi além das intenções de lucro das empresas radiofônicas, estando mesmo no programa de um governo que se articulou em busca de apoio popular.

A Rádio Inconfidência foi umas das mais populares e importantes transmissoras de rádio de Minas Gerais, mas não foi a primeira. A pioneira foi a Rádio Sociedade, inaugurada em Juiz de Fora em 1º de janeiro de 1926. Um ano mais tarde, na capital, a Rádio Mineira foi lançada. No ano de 1936 duas grandes transmissoras foram inauguradas em Minas Gerais: em agosto a Rádio Guarani e, em 03 de setembro de 1936, foi inaugurada aquela que seria a maior transmissora da América Latina, a Rádio Inconfidência. (Prata, 2003).

Outra importante transmissora de Minas Gerais é a Rádio Itatiaia. Essa foi fundada em 1951 em Nova Lima pelo jornalista Januário Carneiro, o qual tinha um sonho de ter a sua própria rádio, ainda que desprovido de grandes recursos. Começou com a menor potência, 100 wts, e a pior frequência, 1,580 khz. Seu desenvolvimento o levou a atingir os atuais 100 Kw de potência com uma cobertura que alcança 200 quilômetros, e assim conseguiu porque Januário investiu em uma outra forma de transmissão radiofônica. Em 1952 as principais

rádios do estado, a Rádio Inconfidência, de propriedade do governo mineiro, e as rádios Guarani e Mineira, pertencentes aos associados da imprensa, não demonstraram interesse em um importante evento esportivo sediado na capital: os Jogos Olímpicos Universitários. Assim, a embrionária Rádio Itatiaia fez a cobertura dos jogos, atraindo uma importante parcela da população que gostava de esportes. Sua programação, a partir de então, combinou cobertura esportiva e jornalística, conseguindo, então, se estabelecer como uma das principais transmissoras de rádio de Minas Gerais. (Prata, 2003). Ainda que essa Rádio ultrapasse o escopo temporal deste trabalho, é relevante a sua citação dada a sua importância no cenário radiofônico mineiro. No texto, sigo com maiores considerações em relação à Rádio Inconfidência, a grande emissora na década de 1930.

A Rádio Inconfidência foi fundada como emissora oficial do Estado de Minas Gerais, sendo usada como meio de propaganda, educação e promoção da economia do estado. Um dos grandes objetivos de tal emissora era estabelecer a ligação entre a capital mineira e o interior. (Cota, 2016). A respeito da inauguração da referida rádio, a revista publicou uma grande reportagem, de duas páginas inteiras e sem qualquer interferência de anúncios, destacando o momento como uma solenidade que aconteceu com a presença do governador e demais autoridades de sua administração, em um dos espaços mais elegantes e importantes para a economia do estado, a Feira de Amostras:

Foi inaugurada no dia 03 do corrente, no majestoso edificio da Feira de Amostras, a Radio Inconfidência, estação transmissora official do Governo de Minas. A's solennidades de inauguração estiveram presentes o Governador Benedicto Valladares, todos os secretarios do Governo Mineiro, Drs. Wencesleu Vraz, Ribeiro Junqueira, deputados, ministros, pessoas de destaque e nossa sociedade, representantes do clero e de varios governos estadoaes e figuras de destaque do broadcasting brasileiro. Damos nestas paginas alguns flagrantes curiosos da inauguração da maior e mais potente estação de Radio do Brasil.¹⁶⁵

No número seguinte, publicada a mais de um mês da inauguração da rádio, a revista divulgou um texto em que apresenta à população os objetivos da rádio do estado mineiro:

A Radio Inconfidencia, estação que alcança todo o interior do Estado, tem portanto, uma alta finalidade educativa e informativa, levando aos mais distantes rincões de Minas, a voz da capital. E assim a P R I 3 tem, como obrigação sua, a transmissão de conselhos educativos, agricolas e sanitarios, de actos officiaes e noticiario em geral de todos os acontecimentos, não só mineiros, mas tambem brasileiros e internacionais. Esta é a grande finalidade, louvavel e patriotica sob todos os pontos de vista. (...) E'

¹⁶⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 32-33.

uma estação que serve a todos os mineiros e é delles um justo motivo de orgulho, porque o Brasil não tem difusora que lhe emparelhe.¹⁶⁶

O objetivo é o de educação do povo, foi construída para se tornar “uma estação modelo e de grande eficiencia para a propaganda do Estado e do Brasil aqui e no estrangeiro.”¹⁶⁷ Para tanto, Benedito Valadares aparelhou essa radio-difusora com modernos equipamentos importados da Inglaterra (Prata, 2003), construindo uma rádio com as seguintes especificidades técnicas: “Dispõe de tres studios, 2 torres de 100 metros, distantes 200 metros uma da outra, sendo a potencia da sua antena de 22 killowatts e o comprimento da onda de 340,9, com a frequencia de 880 killocyclos segundo e a porcentagem da modulação de 100%, com 4 microfones (...).”¹⁶⁸

Com tal aparato tecnológico, o objetivo da integração do estado de Minas Gerais, aproximando a capital aos demais municípios, foi noticiado tanto pela revista Belo Horizonte, como por alguns jornais de outras localidades do estado. O diretor de divulgação da Rádio Inconfidência, Luiz de Bessa, enviou ao diretor do jornal Brazópolis¹⁶⁹, em 1937, uma carta pedindo a colaboração dele na tarefa de divulgação da rádio. O Jornal identifica-se como "Brazopolis: Órgão Oficial dos Poderes Municipais (MG)", uma folha que tem como principais temáticas de veiculação as decisões dos poderes, com destaque regional, mas também sendo um estratégico veículo para divulgações de interesses do governo do Estado. Tal jornal publicou uma carta que recebeu do departamento de divulgação da Rádio Inconfidência para que veicule em suas páginas a programação e demais notícias pertinentes.

Recebemos a seguinte carta:

Bello Horizonte, 6 de fevereiro de 1937.

Sr. Director do "Brazopolis".

A organização de PRI-3, Radio Inconfidência de Minas Geraes, representa para o nosso Estado um passo avançado em materia de divulgação. (...) Ella é já a grande voz de Minas Geraes. levando a todo Brasil o conhecimento perfeito de nossas realizações em todos os dominios da actividade: economica, finanças, administração, realizações e factos, vido social, tudo P R I - 3 divulga, commenta e transmite. Todos os mineiros podem e devem collaborar nesta obra grandiosa, que constituirá o orgulho do nosso povo. (...) Contando com o seu vigilante patriotismo para nossa obra de propaganda de Minas Geraes, subscrevemo-nos com particular admiração.¹⁷⁰

¹⁶⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 18.

¹⁶⁷ LAVOURA e comércio. Uberaba, 05 set. 1938, p. 04.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Brazópolis é uma cidade situada ao sul de Minas Gerais, a 17 km da cidade de Itajubá. Segundo a história do município disponibilizada pelo site da prefeitura da cidade, foi elevada à cidade em 1923. Antes estavam vinculadas ao município de Itajubá.

¹⁷⁰ BRAZÓPOLIS. Brazópolis, 21 fev. 1937, p. 04.

Em nota, o jornal respondeu: “Communicamos ao digno Chefe da Secção de Divulgação que, do proximo numero em diante, daremos a publicação da nota que a carta menciona.”¹⁷¹ O jornal “O Ibirici - Órgão da Prefeitura Municipal”¹⁷² fez uma publicação semelhante ao divulgar um ofício que o Sr. Secretário da Agricultura, Dr. Israel Pinheiro, enviou ao prefeito de Ibirici em razão do objetivo da rádio, no programa das 18 horas, de veicular assuntos de interesse municipal que impactam com os interesses estaduais. No ofício, o pedido foi classificado como patriótico.

Trata-se de um jornal de informação da administração pública, órgãos de informação municipais. Dessa forma, é um veículo estratégico para a divulgação da rádio que pretendia divulgar informações de Minas Gerais, da capital e dos demais municípios do estado e também de demais localidades do Brasil. Os prefeitos, então escolhidos pelo governador e não pelo povo, possuíam interesses alinhados ao estado e, portanto, atuariam na seleção de fatos e questões que pudesse dar visibilidade para suas regiões, sua administração e engrandecer, sob o então importante discurso de patriotismo, a imagem do estado de Minas Gerais para o Brasil, bem como para a América Latina.

Entre as publicações a respeito da rádio do governo mineiro, em diferentes jornais mineiros, encontra-se a programação diária, a qual reproduzida aqui permite entender que tipo de comunicação e programas essa rádio operava.

Programmas diários

Das 7,5 ás 8,5 horas - Aula de Gymnastica - Jornal Falado com noticiario completo. Discos.

Das 11 ás 14 horas - Discos seleccionados. Noticias intercaladas.

Das 18,15 ás 18,45 horas - Hora do Fazendeiro.

Das 19, 30 ás 20 horas - Programma de studio, com artistas exclusivos do "cast" de Radio Inconfidencia.

Das 20 ás 20,30 horas - Jornal Falado: Nota do dia; Chronica especial; Informações dos municipios - Noticiario do paiz e do estrangeiro.

A's 22 horas - Jornal Falado: Resultado da Sessão da Côrte de Appellação.

Das 22 ás 23 horas - Discos seleccionados.

A's terças, quintas e sabbados o Compadre Bellarmino comparece ao microphone de PRI 3, ás 21 horas.

Aos domingos, ha um programma de amadores da Escola de Radio de PRI-3, das 17 ás 18 horas.¹⁷³

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Ibirici é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, localizada na região sudeste do estado e pertencente á microcrregião de Passos, junto com as seguintes cidades: Alpinópolis, Bom Jesus da Penha, Capetinga, Carmo do Rio Claro, Cássia, Claraval, Delfinópolis, Fortaleza de Minas, Itaú de Minas, Nova Resende, Passos, São João Batista do Glória e São José da Barra.

¹⁷³ BRAZOPOLIS. Brazópolis, 28 fev. 1937, p. 04.

A programação trabalha com uma variedade de conteúdos e temáticas para informar e divertir os ouvintes. Entre as informações de notícias e programas educativos, há uma série de músicas, as quais atraíam grande parte dos ouvintes. Essa dinâmica de diversidade de programas em horários e dias definidos deveria ser aprendida pela população. Para tanto, a revista Bello Horizonte publicou um texto acalmando os ânimos da população a respeito do funcionamento do rádio e como ele, na tarefa de agradar a todos, produz também alguns descontentamentos:

O radio-ouvinte deve reflectir que as estações attendem a um publico heterogenio e que precisam fazer os seus programas com o fito de agradar a todos, mesmo desgostando alguns. Deve o radio-ouvinte conhecer os horarios das irradiações, bem como os moldes dos programas, procurando ouvir aquillo que o interessar, segundo as suas preferencias. Deve tambem o possuidor de um radio, reflectir que a estação emissora, não trabalha exclusivamente para elle, mas para todos...¹⁷⁴

Os ouvintes deveriam ser informados a respeito da programação, para que pudessem sintonizar seus aparelhos no dia e horário condizente com a sua preferência. Mesmo que a intenção da rádio seja a educação das pessoas e dos lares, a partir de suas informações e também com as diversões, o “amigo ouvinte” não era um sujeito passivo. Era preciso considerar seus desejos e necessidades na elaboração de uma transmissão que efetivamente chegasse aos mais longínquos lares. Ainda que haja capacidade técnica para que a integração do estado aconteça, esse é um objetivo que só poderia ser alcançado se as pessoas se comprometessem, se fossem convencidas a adquirir os aparelhos e os colocar em funcionamento.

E a imprensa atuou com grande esforço nesse convencimento e educação da população para se assumirem como ouvintes. Mas não de forma homogênea. A inauguração de uma rádio empenhada em ser a voz do governo despertou algum estranhamento na população. O radialista e cronista da temática do rádio na revista Bello Horizonte escreve sobre uma suposta necessidade de se educar também os cronistas:

Mas a nossa imprensa radiophonica, tem algumas vezes commentado, de maneira pouco intelligente, este novissimo rumo do radio entre nós, estampando críticas infelizes à PRI3. (...) em geral, os nossos pseudos chronistas, são elementos de jornal, entregues a outros mistéres e que, occasionalmente ou mesmo por obrigações impostas pelos redactores chefes, passam a ocupar as columnas destinadas ao radio. Portanto, escrevem sem conhecimento de causa, bordando comentários sobre cousas que não entendem de modo perfeito.... Apresenta-nos agora o radio, dois problemas basicos: educar o radio-ouvinte e educar os chronistas. Sem isso, as estações ficarão

¹⁷⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 18.

para sempre, sujeitas à crítica descabida, do que ouve ou enxerga, pelo prisma estreito dos interesses próprios...¹⁷⁵

O cronista não discute os pontos de descontentamento sinalizados. A revista de tons e alianças governistas, tinha como interesse a promoção da emissora estatal, atuando no interesse governamental e pedindo que os outros agissem no mesmo sentido: “(...) pedir aos nossos ‘ilustres’ cronistas, que ouçam um pouco mais de rádio. Ouçam um pouco mais e com melhor atenção....”¹⁷⁶ Aqueles que fizeram apontamentos questionadores não foram considerados, ao contrário, tiveram sua escrita, sua atuação intelectual e profissional, ironizadas pela ala governista da imprensa.

Até aqui este texto se ocupou em trazer alguma contextualização a respeito do rádio em Minas Gerais na década de 1930. As próximas linhas apresentarão as representações do rádio lidas na revista, limitada à década em análise.

A revista Belo Horizonte mostra como em 1930 a cidade de Belo Horizonte estava se constituindo como uma cidade ouvinte contanto com o esforço da imprensa nessa empreitada, usando de diferentes tipos textuais: anúncios, reportagens, contos e cartas. Assim, os conteúdos sobre o rádio não foram veiculados em uma seção específica da revista, tal como o cinema, e nem aparecem em todas as edições. Cota (2016), diz que a consolidação da temática radiofônica na revista com uma seção especializada no assunto aparece apenas em 1944, com o título: “Está no ar.” Assim, os textos analisados neste trabalho, que alcança a década de 1930, apesar de não contarem com o importante lugar de uma seção, são abordados em suas diferentes estratégias de consolidação da prática radiofônica na cidade.

Nos primeiros números da revista há um texto no canto direito da página em que a revista Bello Horizonte concede as boas vindas à uma nova revista que estava chegando à cidade: a Radio-Revista. No texto, a capital mineira é apresentada como uma cidade moderna e ouvinte: “Bello Horizonte é uma cidade que caminha para um futuro estupendo. Brejeira e elegante - tal e qual uma mocinha travessa - Bello Horizonte já possui tudo que de mais moderno se possa imaginar. Uma das suas manias é o rádio.”¹⁷⁷ Como uma cidade que supostamente já vivenciava a experiência radiofônica, essa revista foi bem acolhida como uma solução, pois “Alguns jovens amantes de rádio perceberam que, entretanto, a cidade radio-maniaca não possui uma revista que lhe oriente nas mudanças de ondas ou no ruído dos aparelhos. E lançaram rádio-revista.”¹⁷⁸ Essa é uma revista que chega à capital no ano de

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 set. 1933, p. 20.

¹⁷⁸ Idem.

1933, três anos antes da maior radio-difusora da capital, a Rádio Inconfidência. Por aqui, a dita mania do rádio estava sendo construída, com a Rádio Mineira e a Rádio Guarani, sob dificuldade dos ouvintes em adquirir, bem como em operacionalizar, os aparelhos radiofônicos.

Também com foco nos ouvintes, outro texto que mostra esse empenho em transformar a população citadina em ouvintes, é assinado por Efil Eça que se identifica como radialista. Ele escreve para a revista *Bello Horizonte* pedindo uma seção dedicada ao rádio que veiculasse a opinião dos ouvintes, como forma de colocá-los em contato com essa tecnologia que prometia informar, divertir e também visibilizar os talentos artísticos regionais. O radialista acreditava que a rádio mineira poderia ser pensada a partir das contribuições dos próprios mineiros:

Bello Horizonte tem virtuosos dignos, optimas revelações artisticas em canto, musica, poesia, e, todos elles fogem dos microphones... Se perguntarmos porque, certamente a resposta não virá a contento, não virá justificar esta fuga, este medo de aparecer. Você, “nosso querido director”, deve dizer pelas páginas da sua brilhante revista, que a nossa estação de radio acolhe, com o maior prazer, todos os que desejam dar maior expansão aos seus dotes artisticos, praticando ao microphone, que é um optimo mestre. Se transformassem esta idéa em realidade, creia que toda a cidade seria beneficiada, porquanto os programmas, feitos com os nossos amadores, teriam um cunho mais regional, mais nosso, mais bellorizontino. E só haveria, para os amadores, uma obrigação, que é a pontualidade.¹⁷⁹

Era preciso criar na população o gosto pelo rádio, ser apresentado para a população e articulado ao cotidiano da cidade. O público é elemento central, pois o rádio perderia sua razão de ser sem a sua audiência. A carta do radialista ao diretor da revista expressa o compromisso de ambos de não apenas transformar os mineiros em artistas, mas também transformar os belo-horizontinos em ouvintes. Para tanto, a revista *Bello Horizonte* é utilizada, uma vez que era reconhecida como um importante e influente meio de comunicação com a cidade.

A sessão com a opinião dos ouvintes não aconteceu, contudo, a forma de participação dos ouvintes na construção das rádios não ficou por isso prejudicada, pois eles ligavam para as emissoras reclamando a respeito de alguma voz arranhada: “quando algum “facão” vae ao microfone e desafina, parece que a cidade inteira disca 2445, diz uma gracinha e manda ‘archivar’ o infeliz que teve a coragem de ir cantar no radio, sem o saber confiante apenas na generosidade dos ouvintes citadinos...”.¹⁸⁰ Bem como enviavam cartas para as artistas e

¹⁷⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 dez. 1935, p. 24.

¹⁸⁰ Idem.

também para as emissoras: “As irmãs Segal, por exemplo, com apenas um mez e pouco de actuação no microphone de PRI-3, já têm um archivo com centenas e tantas cartas. Algumas engraçadíssimas, todas de estranhos, muitas lhe pedindo photographias.”¹⁸¹

Os anúncios também se esforçam nesse processo educativo, tentando transformar as famílias modernas em ouvintes de rádio: “Como as coisas mudam depressa! Ainda não ha muito muitos annos, o radio era considerado objecto de luxo: hoje é um objecto indispensavel em qualquer casa moderna!”¹⁸² Ao longo de várias páginas da revista é possível ler diferentes anúncios de rádio que, além do objetivo comercial de tais equipamentos, ajudava na construção de um cenário urbano belo-horizontino movimentado pela vivência radiofônica. A respeito deles há algo que se repete, são vendidos como objeto de elegância, informação e diversão.

Distração - Adorno - Educação

Pelo preço de um radio General Eletric, o seu lar ficará dotado de um aparelho que trará para a sua casa, para seu prazer e distração, as musicas e as canções que enchem o espaço. Moveis de fino acabamento e estylo, os radios Gneral Eletric são um adorno na casa dos seus possuidores e, alcançando os grandes centros donde se irradia o pensamento, educam as creanças e os adultos.¹⁸³

O rádio é esse móvel que enfeita, diverte e informa. O móvel de fino acabamento alcança os ditos grandes centros de pensamento, ou seja, os centros urbanos que a partir das ondas de transmissão conseguem disseminar as determinações de modernidade e novidade a muitos lares e em diferentes regiões. O móvel de fino estilo ainda alcançava esses lares como opção de lazer, ao transmitir as músicas e canções populares, responsáveis por ampliar consideravelmente a audiência.

Em anúncio do ano seguinte, a venda do rádio também acontecia por essa tríade: beleza, diversão e informação:

Ponha em casa este amigo viajado e conservador...

E o radio General Electric, com extraordinaria nitidez e belleza, contar-lhe-á o que vae pela terra... Falará dos acontecimentos do dia com uma sabedoria espantosa... Distrail-o-á com as ultimas canções. Descreverá encontros esportivos noutras cidades. Fará milagres...

O radio General Electric, de ondas curtas e longas, será uma festa permanente no seu lar, graças ao seu alcance, selectividade e volume.¹⁸⁴

¹⁸¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 nov. 1936, p. 51.

¹⁸² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 jul. 1937, p. 05.

¹⁸³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 set. 1933, p. 09.

¹⁸⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 31.

Nesse anúncio o rádio é representado como um grande viajante, espalhados por diferentes locais do mundo, sendo a ele atribuída uma autoridade na função de informar, fazendo-o por “extraordinária beleza e sabedoria espantosa”. No que diz respeito à diversão esse anúncio traz mais elementos, não apenas as músicas, mas também os esportes prometem entreter os ouvintes, com sua capacidade de acompanhar as competições pelas diferentes cidades em que aconteciam.

Dentre as suas promessas, ele se propunha a fazer uma festa em casa. E essa dimensão é melhor explorada em anúncio veiculado em 1937, cuja representação divulga essa ideia de “uma festa permanente em seu lar”:

Figura 37 - O rádio como instrumento de alegria para os lares

Deixe-os dançar!...

— As crianças que gostam de dançar, são alegres e gozam saúde, pois a dança e a música são factores decisivos do crescimento e do equilíbrio organico — diz o Snr. Kilowatt, seu criado electrico. Deixemos, pois, que a pequenada dance á vontade. As crianças serão, assim, alegres e fortes.

E é tão facil hoje, graças ao radio, ter-se musica em casa, a faltar! Os aparelhos são actualmente, aperfeiçoadissimos e custam muito menos do que os radios de alcance mediocre de outr'ora. As estações diffusoras de hoje irradiam programmas variadissimos, durante o dia ou á noite.

Como as coisas mudam depressa! Ainda ha muitos annos, o radio era considerado objecto de luxo; hoje é um objecto indispensavel em qualquer casa moderna!

Gla. Força e Luz de Minas Geraes
Telephone 1200

185

¹⁸⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 jul. 1937, p. 05.

Legenda: - As crianças que gostam de dansar, são alegres e gosam saude, pois dansa e a musica são factores decisivos do crescimento e do equilibrio organico - diz o Snr. Kilowatt, seu criado electrico. Deixemos, pois, que a pequenada danse à vontade. As crianças serão, assim, alegres e fortes. E é tão facil hoje, graças ao radio, ter-se musica em casa, a fartar! Os aparelhos são actualmente, aperfeçoadissimos e custam muito menos do que os radios de alcance mediocres de outr'ora. As estações diffusoras de hoje irradiam programas variadissimos, durante o dia ou á noite.

Como as coisas mudam depressa! Ainda não ha muitos annos, o radio era considerado objecto de luxo: hoje é um objecto indispensavel em qualquer casa moderna!

Cia. Força e Luz de Minas Geraes.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

A cena publicitária representa uma família burguesa, homem e mulher brancos, ele trajando terno e ela um vestido ajustado ao corpo magro e esguio e o corte de cabelo curto, mais um casal de crianças, para quem o texto se dirige. As crianças representam as novas gerações, que são cuidadas por seus pais para que sejam fortes e saudáveis e, então, capazes de assumirem o futuro da nação. O esporte é propagado também com esse mesmo objetivo: fortalecimento dos corpos visando a continuidade da nação e dos empreendimentos nacionalistas e desenvolvimentistas. O rádio, como meio de promoção do progresso nacional, com a possibilidade de “ter-se musica em casa, a fartar”, educa os corpos de crianças e adultos.

Os programas musicais marcaram presença nas estações e também tem a sua parcela de influência na ampliação da audiência. Contudo, a popularização do rádio se desenvolveu a partir da abertura às redes comerciais, com concessões de espaço para veiculação de anúncios, o que trouxe viabilidade econômica para o empreendimento radiofônico. (Moraes, 1999). As emissoras de rádio passaram a veicular programação em linguagem simples e por pronomes de tratamento com maior proximidade: “você”, bem como músicas populares a fim de atrair um público cada vez maior, o que resultou na diminuição da música erudita e programas essencialmente educativos, que predominaram na década de 1920. (Moraes, 1999). O objetivo era possibilitar o que se vendia no anúncio supracitado, custos cada vez menores e abundância de música e alegria em casa.

Abaixo trago um outro anúncio, no qual o rádio é apresentado como um objeto acessível:

Figura 38 - O rádio anunciado como acessível à qualquer lar



186

Legenda: O radio Pilot conduz do ar, só felicidade em qualquer lugar. O radio PILOT 1937, mod. 403 é o tipo mais popular e de preço rigorosamente modico. Radio Laboratorio Universal Ltda. Avenida Amazonas, 336 - (Edifício Cine Brasil).

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936

Ele é vendido como objeto indispensável tanto para as ditas “casas modernas” quanto para aquelas consideradas como “qualquer lar”. Observando as ilustrações de um e outro anúncio podemos ver que aquele que veicula a expressão “casa moderna” é composta por uma família branca, enquanto que a expressão “qualquer lar” refere-se ao lar de uma família representada como preta e pobre.¹⁸⁷ O acesso ao rádio foi disseminado tanto pelo Brasil quanto pelo mundo em razão de dois fatores: o avanço tecnológico direcionado para o barateamento dos aparelhos e a urgência das sociedades urbanas de massa, o que levou essa indústria a faturar, em plena crise de 1929, 3,5 bilhões de dólares. (Moraes, 1999).

A respeito da possibilidade de “qualquer lar” adquirir o rádio, Cota (2016) traz dados econômicos que permitem dizer que essa é mais uma estratégia de venda para a disseminação desse produto e menos uma realidade com possibilidades reais de ser alcançada.

¹⁸⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 23.

¹⁸⁷ A construção desta família preta e pobre é melhor discutida no último capítulo deste trabalho, o qual aborda as representações da revista a respeito das camadas mais pobres da cidade.

Em um anúncio da Philips era oferecido o modelo 'Radio player 344 - A' no valor de 1:575\$000 à vista (um conto, quinhentas e setenta e cinco mil réis). O "Matador", um modelo mais popular dessa indústria, custava 990\$000 (novecentos e noventa mil réis) à vista. O valor mais baixo encontrado foi o da marca americana Pigueu-Belmont, que custava 450\$ (quatrocentos e cinquenta mil réis), para um trabalhador assalariado era necessário a soma de mais de dois meses de trabalho para poder adquirir um aparelho dos mais baratos. Ainda que se optasse pelo pagamento parcelado, o produto ainda era praticamente inacessível, pois comprometeria uma fatia considerável de seu orçamento. (Cota, 2016, p. 53).

Ainda que não fosse um aparelho tão acessível pode-se dizer que diferentes classes econômicas usufruíram da experiência radiofônica, pois era comum que lojas comerciais e até mesmo a administração municipal instalasse alto falantes pelas ruas para que as pessoas pudessem acompanhar transmissões informativas, como notícias da cidade, do estado, bem como do Brasil e de diferentes lugares do mundo. (Cota, 2016).

Outra estratégia de consolidação da experiência radiofônica na cidade foram os eventos em que se viabilizou a aproximação da população com as vozes que escutavam. O rádio era uma experiência nova e essencialmente auditiva, para criar maior proximidade com seus ouvintes e com o público em geral foi comum que as emissoras de rádio na década de 1930 e 1940 se constituíssem como empresas instaladas em espaços grandes, comportando seus próprios auditórios, oferecendo espetáculos ao vivo. (Moraes, 1999; Cota, 2016). Dessa forma, as pessoas conseguiam ver quem tanto gostavam de escutar: "A preferência pela música nacional nos programas ao vivo se explica, porque era nessa ocasião que o cidadão comum podia ver ou rever de perto seus ídolos, cantores e cantoras, interpretando suas canções favoritas." (Moraes, 1999, p. 87).

Os artistas de rádio ganharam notoriedade tanto nacional quanto um forte destaque regional. As emissoras mineiras faziam contratações temporárias e recebiam artistas que faziam sucesso em São Paulo e Rio de Janeiro, buscando também "promover os artistas locais como forma de valorizar as especificidades mineiras no campo cultural". (Cota, 2016, p. 38). Em outubro de 1936, a revista trouxe uma notícia a respeito de um evento musical ocorrido no Municipal a cargo dos artistas da rádio, mostrando uma nova ocupação desse espaço: artistas e talentos regionais.

Aspecto fixado no Theatro Municipal, quando alli se realizou a annunciada "Noite do Radio", promovida por Gadé e pela dupla Preto e Branco. Constituiu um authentico successo a primeira apparição pessoal das estrelas e astros do radio mineiro. Um publico selecto, que encheu completamente a plateia do Municipal, applaudiu sem reversas os nossos artistas. Efigeninha, Mára, Sebastião Pinto, as irmãs Segal,

Camillo Lessa (um menino que promete) foram os que mais brilharam, com os promotores.¹⁸⁸

No texto a experiência é descrita como um sucesso, aplaudida por uma quantidade numerosa e genérica de espectadores. A experiência do teatro aproxima artistas e platéia, muito diferente das experiências artísticas mediadas por aparatos tecnológicos, como o rádio e o cinema, em que os artistas e público se encontram em esferas separadas. Naquela “Noite do Rádio” a atração foram os artistas, não apenas as suas vozes, tal como no cinema eles foram apresentados enquanto “estrelas e astros do rádio mineiro”. A experiência radiofônica se limita à audição e assim despertava no público o interesse em conhecer as donas e os donos das vozes que escutavam, “Os artistas de rádio também se apresentavam em outros espaços da cidade, atendendo a expectativa e curiosidade do público ouvinte em conhecê-los. O Teatro Municipal recebia, nos anos 1930, o entusiasmo da população conferido aos artistas do rádio belo-horizontino.” (Cota, 2016, p. 41). A veiculação de seus rostos e nomes na imprensa e a oportunidade de se apresentarem numa das principais casas de espetáculo da cidade, atuavam na educação do gosto, apreciação e consumo do rádio na cidade, o consolidando como importante e moderna oportunidade de lazer a se vivenciar nesse espaço urbano belo-horizontino.

A rádio mineira deveria ser preenchida de mineiridades, abria-se estúdios para a população. Inclusive para as crianças:

Figura 39 - Criança recebendo prêmio em concurso na rádio.



189

¹⁸⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 30.

¹⁸⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 27.

Legenda: Os Concursos Infantis da - RADIO INCONFIDENCIA - No clichê abaixo vê-se Dindinha Alegria, que dirige a Hora Infantil da P R I 3 - Radio Inconfidencia, entregando á menina Maria Therezinha Santos, o premio que lhe coube no brilhante concurso infantil de Sete de Setembro ultimo, organizado por essa emissora. O premio constou de um certificado BEMCA, oferta do Banco Mineiro da Produção.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

Maria Therezinha Santos recebe das mãos de Dindinha Alegria, prêmio em dinheiro pela sua participação no concurso infantil do Sete de Setembro de 1937, oferecido pelo Banco Mineiro de Produção. Esses concursos infantis eram comuns na Rádio Inconfidência, na chamada Hora Infantil, dirigido pela professora Magda Leite, identificada como Dindinha Alegria, indo ao ar por 30 minutos e três vezes por semana: 17h00 às 17h30 nas terças, quintas e sábados. Essa irradiação dedicava-se à: "Instruir divertindo, fazer charadas, realizar concursos, contar histórias bonitas e encantadoras, jogos, músicas e diversões." (Cota, 2016, p. 147). As premiações variavam e eram concedidas pelas casas comerciais e bancárias da cidade, com artigos como: "(...) premiação em dinheiro, cortes de tecido, calçados, livros de histórias, brinquedos, entrada permanente para as matinês no cinema, caixas de bombons e latas de biscoito (...)." (Cota, 2016, p. 147).

Ainda a respeito dos artistas, a rádio foi responsável pela criação de algumas figuras públicas que ganharam importância tanto regional quanto nacional. Uma das estrelas da Rádio Inconfidência foi Efigênia Queiroz, constituindo-se como uma das artistas de maior destaque no início dessa rádio, sendo reconhecida como Efigeninha, a “figura terna e suave de moça mineira vestindo uma voz morena e doce.”¹⁹⁰ Esse tipo de representação da artista, pelas essencialidades de gênero, indica que a rádio mineira criava artistas e arquétipos do que deveria compor a identidade mineira e, no caso das moças mineiras, deveriam ser dotadas de graciosidade e delicadeza.

A revista dedicou uma página inteira à artista, tratando-a como uma estrela da Rádio Inconfidência, cujo nome consta em todas as cartas que a emissora recebe de seus ouvintes, e o impacto da sua voz chega aos interesses do Rio de Janeiro, a capital federal, com emissoras cariocas atentas ao seu talento. No texto, a artista forjada em Belo Horizonte e desejada pelo Rio de Janeiro é representada por um forte apego regional, “Porque Efigeninha, estrela do radio de Belo Horizonte, é uma sedução que não podemos perder.”¹⁹¹ A rádio da capital mineira queria se apresentar em sua capacidade de forjar e manter seus artistas, se inserindo no espaço nacional como potente meio de desenvolvimento artístico: “Belo Horizonte já demonstrou, com Efigeninha, que é um meio capaz de dar ao Brasil estrelas de primeira

¹⁹⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 29.

¹⁹¹ Idem.

grandeza. Mas agora, precisa também demonstrar que é um meio artístico em que as estrelas de primeira grandeza podem viver.”¹⁹²

As estrelas do broadcasting mineiro, Efegininha e as irmãs Segal, recebem visitas do carteiro com cartas de fãs. No texto, elas são comparadas à estrela de Hollywood como Joan Crawford que é noticiada em diversos jornais e revistas como destinatária de mais de duas mil cartas diárias. No caso de Belo Horizonte, as novíssimas estrelas, apesar de não receberem tão espantoso número de cartas, recebem cartas de fãs desconhecidos, que elogiam suas vozes e pedem fotos. Coloco abaixo o texto a respeito dessas correspondências e volto a dizer a respeito do alcance e disseminação da Rádio Inconfidência pelo estado de Minas Gerais.

As irmãs Segal, por exemplo, com apenas um mez e pouco de actuação no microphone de PRI-3, já têm um archivo com centenas e tantas cartas. Algumas engraçadíssimas, todas de estranhos, muitas lhe pedindo fotografias. Ha uma, de certa cidade do norte de Minas, graphada em linguagem caipira, que lhes pede um retrato "prá ieu pô na minha frente, quando estivé escuitando o arto falante lá da praça da Igreja. Eu vô ficá debaixo de uma poste que tem in frente da farmacia, prá podê enxergá miór." ¹⁹³

O texto é publicado depois de dois meses da inauguração da Rádio Inconfidência. Não há maiores detalhes a respeito da artista, as especificações se concentram na carta, no seu remetente. A artista da capital recebe uma carta do norte do estado e a marcação em linguagem trajada de regionalismos é um recurso linguístico que destaca o alcance da rádio por outras e longínquas regiões do estado. E é exatamente essa diferença e distância que o texto aborda e celebra, pois trata-se do sucesso da rádio em relação ao seu objetivo de chegar em vários cantos do estado.

O texto continua com Efegininha:

Ephigeninha também anda dando trabalho aos carteiros. E aos studios da PRI-3. Porque a maioria, ignorando o endereço da querida estrella da Inconfidencia, mando as suas cartas para a Feira de Amostras. Não ha muito, os directores da emissora official receberam uma dizendo que "sempre escuto a Ephigeninha. E no ultimo numero da revista BELLO HORIZONTE vi o retrato della. Que morena bonita, meu Deus. Si eu fosse um moço rico e sympathico, até ia me mudar para Bello Horizonte. Mas sou pobre (tenho um botequinzinho aqui) e tenho que me contentar com o retrato. Mas os senhores sabem que retrato de revista, por muito bom que seja, não contenta. De maneira que eu quero pedir aos senhores para me mandarem um original, si possivel com a dedicatoria della. Podem dizer em quanto fica, que eu mando pagar. E depois nisso entra um pouco de interesse. Comprei um radio para o meu botequim, e de noite elle enche de gente para escutar. Eu só ligo para a

¹⁹² Idem.

¹⁹³ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 nov. 1936, p. 51.

Inconfidencia, que aqui entra mais forte do que nenhuma outra. Si eu tiver um retrato original de Ephigeninha, para botar na parede, perto do radio, será um successo...”¹⁹⁴

O dono de um botequim em um lugar distante de Belo Horizonte é um dos remetentes das cartas para uma das artistas mais destacadas dessa rádio. No texto, ele, que não tem a oportunidade de ver a sua cantora preferida em eventos que acontecem nos palcos das emissoras de radiodifusão, no Teatro Municipal e em diferentes outros lugares, pede uma foto para apresentar aquela voz da capital que chega ao longínquo botequim pela rádio, a qual é sempre lembrada como a que possui a melhor frequência do estado. A população simples do estado de Minas Gerais também faz parte dos ouvintes que através da Rádio Inconfidência podem desfrutar das horas de lazer que os sambas de Ephigeninha proporcionam, tanto para o interior do estado quanto para a capital federal.

Até aqui mostro como o rádio ocupou a imprensa em suas diferentes estratégias textuais, na revista esteve presente em anúncios, crônicas e notícias. Esse aparelho também foi motivo de celebrações nos círculos sociais mais favorecidos da cidade. Lançamentos de novos modelos de rádio, festas de artistas, comemorações do Dia do Rádio (25 de setembro), são exemplos de festividades que movimentaram a sociedade belo horizontina com a presença dos ditos ilustres e acompanhada de comes e bebes denominados "cocktail".

Em relação às festividades destaco as ações da empresa de rádio holandesa Philips, a qual movimentou a sociabilidade belo-horizontina com inaugurações de suas lojas e lançamentos de novos produtos de maneira festiva, convidando pessoas do médio industrial, comercial e da imprensa, oferecendo-as o costumeiro “cocktail”. O Sr. Alfred Anderson foi o gerente da empresa responsável por seus negócios em Minas Gerais, e depois também no estado do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Na revista Bello Horizonte, as suas ações de disseminação do rádio aparecem algumas vezes e de maneira louvável, como um importante contribuinte nesse objetivo de transformar a população, não só a mineira, em ouvintes.

O gerente da Philips esteve em Juiz de Fora, para inauguração de uma loja Philips, no dia 17 de outubro de 1936, constituindo um evento social marcado pela “presença das figuras mais representativas do Commercio, das Industrias e da Imprensa juiz-de-foroanas.”¹⁹⁵ Em junho de 1937, a empresa ofereceu um “cocktail” em Belo Horizonte no Bar do Grande Hotel, “Foi uma bella festa, a irradiação que o estimado gerente da Philips em Minas, E. Santos e Estado do Rio, Snr. Alfredo Anderson, offereceu, ha dias, nos studios da P R C 7, à imprensa e radio-diffusoras da Capital, em commemoração da installação da filial Philips em Victoria

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte. 30 out. 1936, p. 37.

(E. Santo).”¹⁹⁶ Durante a festa houve a irradiação de alguns números da artista da rádio mais citada na revista: Efigeninha. A revista Bello Horizonte registrou o evento com uma foto dos convidados, na qual é possível ver o diretor da revista - o quarto homem da esquerda para a direita.

Figura 40 - Festa de inauguração de mais uma loja de rádios Philips.



197

Legenda: ANDRADE - Alfaiate. A festa da Philips a imprensa e radio-difusores. Foi uma bella festa, a irradiação que o estimado gerente geral da Philips em Minas, E. Santo e Estado do Rio, Snr. Alfredo Anderson, offereceu, ha dias, nos studios da P R C 7, á imprensa e radio-difusores da Capital, em commemoração da instalação da filial Philips em Victoria (E. Santo). Foram excellentes os numeros executores pelos "Tutunas de S. Ephygenia". Após a irradiação, aos presentes foi offerecido um "cocktail" no Bar do Grande Hotel. Por não se achar na Capital o snr. Alfredo Anderson, representou-o o Snr. Fred Stowasser. O flagrante abaixo foi tomado na P. R. C. 7 durante a festa.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936

Em novembro do mesmo ano, Augusto Siqueira recebeu o gerente da Philips nos salões da filial da revista Bello Horizonte para uma festiva apresentação dos novos tipos de

¹⁹⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 40.

¹⁹⁷ Idem.

rádio Philips de 1938. A reunião foi noticiada como “uma nota de fina elegância social”¹⁹⁸, com a presença das “figuras mais representativas da sociedade, alto commercio, Imprensa e Radio-difusores.”¹⁹⁹ Os novos aparelhos foram assim descritos: “Sao notaveis aparelhos de ondas curtas, medias e longas, de acabamento admiravel, recepção e tonalidade perfeitas, moveis elegantissimos e a preços os mais amaveis.”²⁰⁰ Sem desconsiderar o repetido distintivo de elegância, o baixo custo era almejado nesse cenário cujo objetivo era o de disseminação desses aparelhos que serviam à instrução, elegância e diversão.

Outra festa motivada pelo rádio e assim publicada pela revista, foi a de aniversário da artista mais nova da Rádio Inconfidência, Mara Vasconcellos, a qual celebrou seu aniversário em companhia de seus amigos na casa de seus pais. À festa compareceram as personalidades sociais da capital, dentre elas, artistas do rádio. A pequena artista aniversariante recebeu representantes da revista em sua festa que assim a descreveu: “Foi uma festa encantadora, cheia de boa musica, de “sambas”, de doces e de danças. A ella aderiram os elementos mais distinguidos da nossa sociedade e as figuras de maior realce do nosso mundo radiophonico.”²⁰¹

Abaixo coloco a foto não da festa, mas sim da artista, diretamente dos estúdios da Rádio Inconfidência cantando samba. A foto foi divulgada na página denominada: “Mundo Radiophonico”, na qual figuram também outros artistas da rádio: a primeira é Mara Vasconcellos: “a ‘mignon’ estrella das nossas estações radiophonicas (...)”, Sta. Carmem Rabelo; Juvenal de Oliveira, participante do Côro “Celina Peixoto” e, por fim, a dupla Olavo-Romeu Prata. Essa página mostra uma tentativa de consolidar uma sessão da revista dedicada ao rádio, mas não permaneceu nos próximos números da revista, apenas na década de 1940, como já citado. Ainda assim, a construção dessa página demonstra a importância dessa temática na revista e na sociedade belo-horizontina.

¹⁹⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 23.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 nov. 1936, p. 52.

Figura 41 - Mara Vasconcelos e demais artistas da Rádio Inconfidência



Legenda: MUNDO RADIOFONICO. Mára - a "mignon" estrella das nossas estações radiophônicas está actuando com grande sucesso na PRI3, onde a nossa objectiva foi surprehendê-la cantando um samba daqui... JUVENAL DE OLIVEIRA, da PRC7, onde com muito sucesso vem actuando no Côro "Celina Peixoto", às quartas-feiras, interpreta com muito sentimento canções brasileiras e melodias italianas.

²⁰² BELLO Hoiroznte. Belo Horizonte, 21 jan. 1937, p. 48.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

A imprensa é um meio que acompanha o cotidiano e também nele interfere ao construir posições. A revista noticiou os eventos festivos de lançamento dos novos aparelhos de rádio, a importante inauguração da Rádio Inconfidência e também os concursos que aconteciam nas emissoras. Ela também veiculou textos de estímulo para a população se apropriar dessa prática, dizendo sobre a necessidade de se adquirir esses produtos em anúncios publicitários, publicação de cartas e páginas dedicadas aos artistas. Com a discussão dos textos foi possível perceber a atuação da revista e do próprio Siqueira no diálogo com os setores de comércio, indústria e transmissão do rádio, no trabalho de construção de uma capital ouvinte e cada vez mais integrada com o restante do estado, tal como se queria os setores políticos que viabilizaram a consolidação dessa comunicação em massa.

3. POSSIBILIDADES DE LEITURA SOBRE OS POPULARES NA REVISTA *BELLO HORIZONTE*

A revista *Bello Horizonte* publica as sociabilidades das políticas, dos representantes comerciais e industriais, bem como aqueles que trabalham nos maiores veículos de imprensa. As diferenciações de raça e classe não são tão presentes como a frequente diferenciação de gênero. Ainda assim, não quer dizer que sejam nulas.

São poucas, mas pertinentes, ocorrências dessas diferenciações e são elas que permitem a construção deste capítulo. Os populares não são o foco dessa revista de Augusto Siqueira, nela não há publicação a respeito da vida, dos dilemas, demandas e os divertimentos daquelas e daqueles que estão fora do primeiro perímetro urbano planejado no interior da Avenida do Contorno. Apesar de nas notas de imprensa do falecimento do diretor da revista apontar a boa relação que ele tinha com as mais diferentes classes sociais, em sua revista essa diversidade não aparece. As notícias e reportagens versam a respeito dos notáveis proprietários da nova capital a dar festas em suas residências ou frequentar clubes, cinemas, teatros, restaurantes e até mesmo a rua, em elegantes *footings*.

As poucas páginas que permitem visualizar alguma diversidade populacional, que acompanhou a cidade desde a sua construção, são aqui agrupadas para uma análise do que e como é possível, ler numa revista para e pela elite, a respeito da diversidade social. Se atentando para a possibilidade de que no material de análise, a revista *Bello Horizonte*, fosse possível acessar outros grupos sociais, juntei os anúncios, crônicas, notícias e reportagens, com interessante material fotográfico que permitiram ver e ler homens e mulheres que não faziam parte do público hegemônico construído pela revista de Siqueira.

A escolha por tratar essa população de forma separada não pretende desconsiderar a sua participação articulada à sociedade como um todo. Tratá-los aqui permite visualizar as diferentes formas e contexto em que aparecem, da forma diferenciada com que aparecem e de que maneira são representados nesse tipo de fonte que os ignora. São agrupados neste capítulo para se pensar nas representações que foram construídas que demarcaram as suas diferenças. O objetivo é mostrar que essa fonte, produzida pela e para a elite, também permite, ainda que de maneira não suficiente, trabalhar com uma Belo Horizonte maior do que as páginas da revista, ainda que sob ocorrências muito esporádicas e diminutas em relação ao que seria possível com outras fontes, como os jornais e registros policiais.²⁰³ Rodrigues (2006),

²⁰³ Como fez Marina Guedes Costa e Silva (2009), a qual buscou entender os conflitos em torno dos comportamentos, valores e a moralidade nos anos iniciais do século XX na capital mineira, a partir dos fundos policiais do Arquivo Público Mineiro: as séries Ocorrências Policiais e Fundo Polícia. O trabalho com essas fontes mostrou como a polícia foi mobilizada como mecanismo para educação da população pobre da nova

pesquisando o lazer nos primeiros anos da capital mineira e usando como fontes diferentes periódicos, diz que enquanto a elite buscava suas diversões em espaços por ela construídos para esse fim, a população que não possuía recursos para construção de espaços segregados em prol de uma almejada exclusividade, divertia-se nas ruas da cidade. A rua, salvo em relação ao *footing*, é pouco vista na revista. Também não são vistos os botequins e os jogos de azar que eram reprimidos pela polícia.

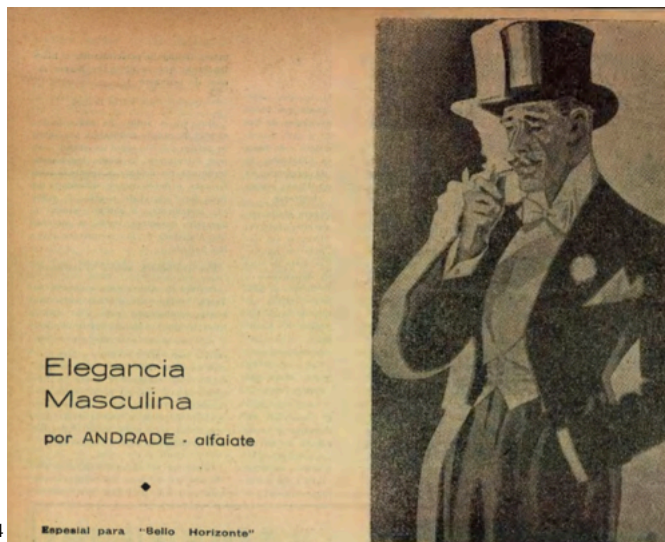
Começo apresentando as diferenças de classe e raça entre as mulheres quando no desempenho de atividades domésticas, a partir dos anúncios de eletrodomésticos. Os anúncios da revista se vinculavam ou não às atividades de lazer. De qualquer forma, foram um importante material para perceber a diferença entre classes. Os anúncios eram formulados a partir de ilustrações e a compreensão de que tais mulheres são de uma classe e não de outra só é possível a partir da análise das diferenças entre elas e também do discurso da publicidade, a atribuiu aos personagens lugares sociais.

Tendo isso em vista, começo demonstrando quais são as ilustrações que mais se encontram na revista e que se referem às representações femininas e masculinas das classes mais abastadas. Trago abaixo duas ilustrações veiculadas em páginas dedicadas aos assuntos femininos e masculinos que se dedicaram a propagar o ideal de beleza feminino e masculino, sendo denominadas respectivamente como: “Página Feminina” e “Elegância Masculina”. São seções específicas da revista, que duraram apenas durante a década de 1930. Nos primeiros números da revista já haviam publicações destinadas a definir como e o que as mulheres deveriam se vestir, no caso dos homens, essa seção nasce a partir do segundo ano da revista, em 1934.

A página feminina não tinha uma assinatura definida, enquanto que a página masculina era assinada por um importante alfaiate e cronista à época: Andrade Alfaiate. Ele era a autoridade em termos de definição da moda, hábitos e comportamentos masculinos. Na década de 1940 a seção dedicada à moda masculina desapareceu da revista e as páginas femininas avançaram com algumas páginas dedicadas ao assunto, contanto com mais ilustrações e um conteúdo que ia além da moda, tratando também dos aspectos da vida privada que fazia a mulher bela ser compreendida como a boa esposa e boa mãe. Para esse momento do texto interessa atentar-se para as formas corporais e os trajes que dão à mulher e ao homem o requerido aspecto de elegância e modernidade.

cidade de acordo com que se entendia condizente com a “moral e os bons costumes”. Investigando o funcionamento cotidiano da política, a autora buscou perceber os sujeitos no cotidiano da cidade.

Figura 42 - Elegância feminina e masculina



Legenda: PAGINA FEMININA. Elegancias. Cada modista procura hoje, com afan, resolver o problema actual dos detalhes encantadores e typicos dos vestidos deste anno. A silhueta é simples e sobria: os detalhes exprimem, comtudo, o eternamente novo e inesperado da moda. O decote continua alto, sem que por isso deixe de ter graça. Uma encharpe, um franzido, um frâco dão-lhe o aspecto feminil. As mangas são largas em algum pronto; as vezes no cotovelo, as vezes mais acima e, menos frequentemente, mais abaixo. A cintura é o centro do interesse e do requinte; oscila tanto que não se lhe pôde qualificar de muito alta, muito baixa ou de normal; cada mulher faz dela o que mais lhe agrada. O que lhe dá um caracter de elegancia aos actuaes vestidos para a tarde é, antes de tudo, uma questão de córte. Sempre muito estudado raramente symetrico, essa córte pode ser mau ou menos complicado. Quando simples, é preferido nos vestidos de lá fina, de tecido leves, crepons, etc. Mais complicados para os trajes de sedas pesadas e opacas, ou de veludo, esses veludos que se veêm actualmente, leves, flexiveis, perfeitos. Parece que "complexidade" e "elegancia" têm hoje em dia o mesmo sentido. Quem diz complexo, diz requintado, e o verdadeiro requinte é sobretudo, discreto e habil.

Em crepe marrocaín é esse vestido enfeitado de botões. O outro em crêpe da china estampado, com a gola trespassada.

Damos hoje dois graciosos modelos de pyjamas. O primeiro um crêpe romano com as mangas de renda. O segundo, com o corpo ablusado, sem mangas e com uma linda gola recortada.

As pessoas elegantes, finas e distinctas não deixam de frequentar a SORVETERIA TRIANON Lá é o reducto do que Bello Horizonte tem de mais selecto e requintado.

Biscoitos de Manteiga

125 grammas de manteiga, 250 grammas de assucar, 250 grammas de farinha de trigo, 4 a 5 ovos, 1 colher de chá de fermento Royal, e a casca ralada de meio limão. Bate-se a manteiga como creme, junta-se pouco a pouco os ovos, o assucar e a farinha previamente peneirada com o fermento, e por ultimo a casca de limão. Passa-se em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão.

Elegancia Masculina por ANDRADE - alfaiate. Especial para "Bello Horizonte".

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933

As ilustrações mostram que as determinações de gênero em relação à moda impõe as seguintes características: para as mulheres os cabelos curtos, vestidos pouco abaixo dos joelhos e mangas curtas, bem como corpo esguio, esse que combina tanto saúde quanto

²⁰⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 15.

²⁰⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 80.

beleza. Para os homens, por sua vez, a regra poderia se resumir ao uso do terno. Encontramos homens trajados de ternos nos mais diferentes lugares, tanto em casa quanto nos diferentes espaços públicos, indicando ser o terno a indumentária da elegância masculina.

A discussão deste capítulo tratará dos sujeitos que não são referenciados por essa elegância e distinção vistas acima. Assim, volto para a proposta inicial, a de discutir as diferenças de classe e raça observando duas ilustrações publicitárias encontradas na revista:

Figura 43 - Produtos domésticos e diferenças de raça, classe e gênero em sua oferta



206



207

Legenda: Confie a saúde dos seus aos Refrigeradores GENERAL ELECTRIC. O calor faz proliferar rapidamente nos alimentos as bactérias nocivas à saúde. E' preciso evitá-lo. Defenda-se! O Refrigerador G. E., mantendo automaticamente a temperatura adequada à conservação dos alimentos livres da acção dos microbios, é a sua melhor defesa. Elle mantém dias seguidos, com todo o seu sabor e valor nutritivo, legumes, frutas, doces e pratos preparados. E' pratico, simples, silencioso. Confie a sua saúde e a dos seus ao moderno G. E., o Refrigerador que satisfaz.

AGORA a patrão economiza nas COMPRAS. ESCOLHA seu refrigerador, na nova linha General Electric - proteja a saúde dos seus e augmente o conforto do seu lar! O refrigerador, conservando os alimentos por longo tempo, permite fazer maiores provisões de cada vez, evitando as saídas constantes para adquiril-os. Por outros lado, a compra em maior quantidade reduz o custo dos alimentos, resultando numa grande economia.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936

Apresento aqui as ilustrações desses anúncios uma do lado da outra a fim de mostrar os diferentes personagens na mesma cena doméstica, uma cozinha moderna. Antes é importante dizer que trata-se de uma ilustração, a qual diferente de uma fotografia tem mais

²⁰⁶BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 09.

²⁰⁷BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1936, p. 11.

flexibilidade em suas criações. A imagem ou ilustração não são enquadramentos da realidade, há importantes intencionalidades na sua criação, e, no caso dos anúncios, eles são construídos com o objetivo de convencer e devem estar articulados aos conjuntos de valores e significados partilhados pela sociedade para que se efetive em seu objetivo de provocar desejo de obter os produtos em venda.

Feita essa ressalva, pode-se notar que a representação da mulher branca, a patroa, não tem o corpo colorido, esse é desenhado apenas com os traços de contorno; enquanto que o da mulher negra é pigmentado. O corpo da mulher sem pigmentação é desenhado como magro, muito próximo dos modelos das páginas femininas; enquanto que o da mulher colorido é representado de maneira avantajada, com traços distantes das ilustrações das modelos. São ilustrações que para além do produto vendido trazem a criação dos corpos e dos lugares sociais.

No texto de venda do refrigerador a aposta se dá pelos valores de saúde: “Confie a saúde dos seus aos Refrigeradores GENERAL ELECTRIC”. A modernidade, a elegância e demais elementos atribuídos aos utensílios domésticos, se somam com a ênfase na sua funcionalidade: “O Refrigerador G. E., mantendo automaticamente a temperatura adequada á conservação dos alimentos livres da acção dos microbios, é a sua melhor defesa. Elle mantém dias seguidos, com todo o seu sabor e valor nutritivo, legumes, frutas, doces e pratos preparados.” A saúde da família, portanto, é preservada a partir da aquisição de produtos modernos, pela atenção às novidades domésticas. A família que deveria ser protegida era a família branca, a qual é posta como correspondente aos ideais de elegância.

Até a década de 1920 a compra de refrigeradores era uma possibilidade apenas de pequenos grupos com recursos suficientes para importá-los dos Estados Unidos, contudo, com o avanço da indústria e o desenvolvimento das empresas de energia que distribuem gás e eletricidade, o consumo dos eletrodomésticos passou a ser uma oportunidade para um número maior de famílias. (Martins, 2016). Apesar da ampliação, não eram todas as famílias.

No segundo anúncio acima, também vendendo refrigeradores, quem ocupa a cena não é quem adquire o produto, mas sim quem o manuseia. Representada como uma antagonista da mulher moderna, a empregada é uma mulher negra, intencionalmente colorida na ilustração, ou seja, a sua posição é racializada nessa sociedade com pouco mais de 50 anos de abolição formal da escravidão. Diferente do moderno corpo atlético que propagava ideais de beleza e saúde, a empregada é representada por um corpo de medidas mais avantajadas, distanciando-a do padrão de beleza feminino branco e moderno. Nesse texto publicitário, é a empregada quem vende o produto, reconhecendo a qualidade do mesmo não para si, mas para outra:

“Agora a patrão economiza nas compras.”²⁰⁸ Essas ilustrações mostram como o anunciante utilizou de características físicas para demarcar seu público. A modernidade que se expressa também nos modernos aparelhos domésticos, tem cor de destino.

Em anúncio referente a outro eletrodoméstico, um ferro de passar roupas, a construção do texto e ilustração se dá pela diferenciação das mulheres modernas brancas e de condição socioeconômica favorecida, que são as clientes desses anúncios, das mulheres pobres cuja subsistência é fazer o trabalho doméstico das primeiras.

Figura 44 - Produtos modernos e protagonismo feminino no serviço doméstico



BELLO HORIZONTE

"Ah! agora eu mesma passo as minhas roupas!"

E assim estão fazendo quasi todas as senhoras, verificando que as lavadeiras não têm o cuidado necessario a peças tão delicadas como as do vestuario intimo da mulher.

Graças ao ferro de engommar General Electric passar a ferro é hoje um prazer.

O ferro de engommar G. E. é electrico e portanto dispensa o carvão, o sopro ás brazas e as fagulhas; sendo todo nickelado conserva-se limpo permanentemente e é altamente economico pelo pouco de corrente electrica que consome.

Experimente passar suas proprias roupas com o ferro de engommar G. E.

Peça informações ou uma demonstração, a qualquer dos nossos auxiliares ou telephone para o escriptorio da

Companhia Força e Luz de Minas Geraes

Condições de pagamento optimas para o comprador

Phone 1.200 **Ramal 8**

209

Legenda: "Ah! agora eu mesma passo as minhas roupas!" E assim estão fazendo quasi todas as senhoras, verificando que as lavadeiras não têm o cuidado necessario a peças tão delicadas como as do vestuario intimo da mulher. Graças ao ferro de engommar General Electric passar a ferro é hoje um prazer. O ferro de engommar G. E. é electrico e portanto dispensa o carvão, o sopro ás brazas e as fagulhas; sendo todo nickelado conserva-se limpo permanentemente e é altamente economico pelo pouco de corrente electrica que consome. Experimente passar suas proprias roupas com o ferro engommar G. E.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 mar. 1934, p. 07.

No texto o ferro de engomar da General Eletric se mostra pelas seguintes novidades: é elétrico e, portanto, dispensa o carvão e, junto com ele, as brasas e fagulhas conservando-se sempre limpo, além disso, diz ser um produto econômico de baixo consumo de correntes elétricas. As empresas de energia, nesse momento, anunciam os mais modernos produtos, pela eficiência e baixo custo. A venda se dá pela ideia de que é moderno, elegante e prazeroso adquirir os produtos que superem modos antigos de trabalhar. Dessa forma, a empresa se dirige às suas clientes, convidando-as a passarem as suas próprias roupas: “Experimente passar suas próprias roupas com o ferro de engomar G. E.”, prometendo que “passar a ferro é hoje um prazer”. A mulher confirma com satisfação exclamando: “Ah! agora eu mesma passo as minhas roupas!”, dizendo: “E assim estão fazendo quasi todas as senhoras, verificando que as lavadeiras não tem o cuidado necessario a peças tão delicadas como as do vestuário íntimo da mulher.”

As lavadeiras são aquelas que assumem esse trabalho sem os critérios de modernidade, sem a prerrogativa de ser “prazeroso”. Elas não têm escolha, diferentemente daquelas que para assumir o protagonismo dos cuidados domésticos precisam dos distintivos de elegância e tecnologia que a modernidade anuncia. As lavadeiras também são mulheres, contudo, são desconsideradas das páginas femininas, não são público alvo das modernas aparelhagens domésticas e, também, são distanciadas do “elegante, delicado e íntimo” vestuário feminino, mesmo que compartilhem da mesma estrutura fisiológica para as quais essas roupas foram construídas. A modernidade atinge de forma diferente uma e outra, para uma como um convite para desfrutar do conforto que os novos aparelhos prometem e, para outras, como um imperativo a ser aprendido e operacionalizado em seus dias de trabalho, para que sua patroa economize nas compras e tenha seu vestuário íntimo melhor conservado.

A discussão desses textos mostra como os aparelhos domésticos veiculavam a modernidade que prometia conforto e praticidade, mas para determinados endereços, aqueles que tinham os recursos necessários para o desfrute da vida na capital. O mesmo não se pode dizer sobre o rádio, pois a intenção, como visto, era que a maior quantidade de pessoas pudesse ter acesso à esse produto que a despeito de ser um adorno e uma diversão, também era um potente veículo de informação de uso do poder político.

Assim, o rádio como um dos aparelhos domésticos modernos foi também oferecido a outros tipos de família que raramente veiculavam na revista de elite. Abaixo o anúncio é constituído por um casal racializado se divertindo com um rádio da marca Pilot. A ilustração focaliza uma família pobre e seu local de moradia é adjetivado pela palavra “qualquer”, o que se difere dos adjetivos usados pelos abastados que gostavam de cultivar valores de

exclusividade. No texto do anúncio a Pilot diz que seus produtos deveriam ser disseminados por toda a população: “O radio Pilot conduz do ar, só felicidade **em qualquer lar.**”²¹⁰

Figura 45 - O rádio como acessível a qualquer lar



211

Legenda: O radio Pilot conduz do ar, só felicidade em qualquer lugar. O radio PILOT 1937, mod. 403 é o typo mais popular e de preço rigorosamente modico. Radio Laboratorio Universal Ltda. Avenida Amazonas, 336 - (Edifício Cine Brasil).

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1934; 1936.

Na ilustração a mulher racializada é posta como um personagem da cena, não ao canto como parte do espaço doméstico das famílias abastadas. Ela é a mulher do seu lar, o homem presente é representado como seu marido e, ao meio deles, figura uma menina, formando o importante quadro da família para a Era Vargas.

Enquanto o marido descansa e se diverte com o rádio, ela é ilustrada “com a mão na massa”. A filha do casal, uma criança, não é representada brincando ou envolvida em algum movimento ou material que alude à sua meninice. Na figura, com um olhar e uma postura que expressa alguma docilidade feminina, ela olha para sua mãe e observa uma mulher envolvida

²¹⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 23.

²¹¹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 23.

no trabalho doméstico com olhar afetuoso para seu marido, ou seja, observa as prerrogativas de gênero. A menina parece contemplar o seu futuro.

As mulheres brancas endinheiradas também devem se atentar para a administração do lar, adquirindo produtos e marcas a ela destinados, mas elas dispõem da opção de terceirizar a parte operacional - a limpeza e o preparo dos alimentos - às outras mulheres, cuja maioria das vezes são racializadas na revista. Os homens, sejam brancos ou pretos, ricos ou pobres, são representados de maneira relaxada no espaço doméstico, isentos de qualquer encargo nesse meio, alvo do cuidado e afetuosidade feminina.

Na ilustração, o elemento central é o rádio, o qual reúne em torno de si a família, em um ambiente que, a julgar pela feição desenhada em cada rosto dos personagens, figura a alegria e a harmonia. O rádio é vendido como um dos aparelhos que fornece momentos de descontração para as famílias, sejam elas ricas ou pobres, contudo, como visto na seção deste trabalho dedicada ao rádio, esse era o discurso, na prática o poder aquisitivo para adquirir um aparelho como esse era maior do que as reais condições econômicas da maioria das famílias pobres.

Há dois elementos que são desenhados em tamanho maior que os outros: o rádio e o sapato do homem, um tamanco liso e furado, característico da figura do malandro, esse que “era facilmente identificado por suas gírias, vestuários, maneirismos, vadiagem, orgia, além de amor à noite e à boemia.” (Nascimento, 2008). Com os pés na mesa, a roupa rasgada e o tamanco furado, à ele é atribuída a seguinte fala: “Não quero outra vida”. Diferente do homem branco representado por terno e gravata, vinculado à ideia do trabalho, o homem preto e pobre é enquadrado na posição de vadio: no característico chapéu de lado e tamanco arrastado do malandro.

Tido como referente das classes populares residentes de “qualquer lar”, o malandro foi um personagem que compôs, disseminou e experienciou o samba nas décadas de 1920 e 1930, enquanto um estilo de vida e meio de luta, tornando-se “uma espécie de anti-herói para a sociedade burguesa.” (Nascimento, 2008, p.09). A política cívico-nacionalista do período varguista construiu importantes aproximações com o samba, assim como o fez com os esportes, ao considerá-lo como parte integrante da música popular brasileira. A intenção era aproveitar as possibilidades de comunicação em massa, proporcionada pelo avanço técnico e mercadológico do rádio, para disseminar os ideais do novo Brasil e, também, da família, para a maior quantidade possível de brasileiros. Contudo, a figura do malandro precisava ser remodelada. De acordo com Nascimento (2009), as políticas de repressão e controle atingiram alguma parcela de eficiência, diferentes sambas foram censurados, pessoas foram presas, mas

tais ações não aconteceram sem resistência, uma vez que nem todos substituíram seu chapéu de lado, tamanco arrastado e lenço no pescoço pelo terno, gravata e o bonde com destino ao trabalho. E essa resistência surtir efeito, o jeito malandro também foi enquadrado em um já consolidado e propagado lugar: o quadro familiar.

A representação de pobreza mais contundente encontrada na revista é a que se refere a um tipo de sujeito que conhece a cidade de Belo Horizonte em sua sujeira, seu frio, pelas ruas úmidas de chuva e escuras da madrugada. Trata-se dos “pequenos jornaleiros”, de garganta potente em voz de menino repartindo a cidade em notícias com sua grande bolsa pendurada no ombro carregada com exemplares do *Estado de Minas*, *O Diário*, a *Folha*, bem como a revista *Bello Horizonte*.

Figura 46 - A revista Bello Horizonte nas bolsas dos pequenos jornaleiros



212

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1933

A imagem acima “que ilustra essa notícia, é um flagrante dos pequenos jornaleiros, quando recebiam BELLO HORIZONTE para apregoar-a pelas ruas.”²¹³ A imagem figura

²¹² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 ago. 1933, p. 12.

²¹³ Idem.

jovens, entre crianças e moços em grande maioria negros, que receberam o segundo número da revista, comemorada com uma grande tiragem em razão da “grande sahida que teve a nossa primeira tiragem (...) damos hoje á publicidade o nosso segundo número, certos de que terá ele mesma acolhida que teve o primeiro.”²¹⁴ Essa foto não permite caracterizações mais detalhadas, ela pretende mostrar a quantidade, o grande número de meninos envolvidos nessa atividade de distribuição dos periódicos pela cidade. Esses meninos não eram vistos pela população como um todo, apenas no curto espaço de seus gritos de anúncio e nas transações de venda dos periódicos, “fora disto, não passavam de moleques desocupados e desordeiros.” (Silva, 2007, p. 253).

A venda dos jornais era desenvolvida em diferentes horários do dia, o que complicava a locomoção desses meninos, pois muitas vezes não tinham como voltar para suas casas, identificadas como precários barracos abarrotados com suas mães e outros irmãos.

Em Belo Horizonte, os menores ultrapassavam a meia-noite vendendo os jornais vindos do Rio de Janeiro. Dirigindo-se a abrigos improvisados, dentre eles as oficinas de impressão, dormiam por um breve espaço de tempo. (...) Por volta das 4 horas já estavam novamente de pé para a venda dos jornais locais que circulavam pela manhã. (Silva, 2007, p. 231).

A revista trouxe mais detalhes dessa atividade laboral dos menores, dizendo que além da necessidade de horários dos diferentes jornais havia ainda um imperativo econômico na locomoção. Esses meninos transitam pela cidade da qual não eram proprietários, moravam além da delimitação urbana da Avenida do Contorno, e o pouco que recebiam pelo árduo trabalho lhes impelia a escolher entre comer e voltar para casa.

Em geral esses meninos jornaleiros residem nas villas mais afastadas do centro urbano da Capital. Ganhando em geral, pequena porcentagem sobre a venda dos jornaes, não podem diariamente vir ao centro de suas actividades duas ou tres vezes por dia e voltar ao seu pobre barracão, onde moram com sua mãe ou irmãos menores, de que são arrimos em numerosos casos. Por falta de recursos são obrigados a pernoitar no centro da cidade, por ahi, no chão das officinas dos jornaes, nos predios em construcção, ou mesmo ao relento, muitas vezes por falta de um melhor abrigo.²¹⁵

A falta de recursos também é visível nas representações imagéticas:

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 37.

Figura 47 - Pequenos Jornaleiros



216

Legenda: O Pequeno Jornaleiro come philosophicamente o seu pão, ganha honradamente, através de mil percalços. E' elle que todas as manhãs nos traz o pão do espirito e da curiosidade. As boas e as más novas...

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936

Na primeira imagem é visto o jornaleiro Newton trabalhando, enquanto na segunda o jornaleiro não identificado é figurado no que pode ser uma pausa ou um final de um dia de trabalho. Em uma e outra é perceptível ver a condição de pobreza que eles estão e são reconhecidos. A primeira imagem é veiculada com um texto que fala a respeito da morte do pequeno jornaleiro Newton, enquanto que o texto da segunda imagem se dedica a pedir à sociedade doações de recursos à causa dos pequenos jornaleiros. Em um e outro texto há detalhes sobre a vida, com destaque para as dificuldades materiais desses meninos e a benemerência da sociedade belorizontina.

Representado com sua bolsa de trabalho, sua “roupa esfarrapada” e descalço, “Newton Rosa (...) Buscando o pão para a sua mãe viuva e desprotegida, encontrou, aos 10 anos de existencia, com a morte, que delle se acercou de maneira tão tragica. (...).”²¹⁷ Ele morreu sob as rodas de um dos bondes da cidade, o que apesar de trágico era, de alguma forma, normal:

²¹⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 05.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 37.

²¹⁷BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 2024, p. 05.

“A sua desventura, sob as rodas de um auto-omnibus, quantas vezes não foi um episódio banal nos seus labios garotos?”²¹⁸

Na foto ao lado, a representação é a razão deste trabalho de jornaleiro: o provimento de si e da família. Na legenda: “O Pequeno Jornaleiro come philosophicamente o seu pão, ganhado honradamente, através de mil percalços. E’ elle que todas as manhãs nos traz o pão do espírito e da curiosidade. As boas e as más novas...”²¹⁹ Ele representa os pequenos jornaleiros como crianças trabalhadoras, o pão em suas mãos é dito como fruto do seu trabalho, não como um direito de, na sua infância, ter garantido os elementos de subsistência.

Não lhes foi negado apenas o pão, o lazer também não fazia parte de suas vivências. No Natal, enquanto para alguns as preocupações estavam em torno dos presentes e das festas de fim de ano, e as crianças esperavam brinquedos; os jornaleiros, por sua vez, receberam como presente o que deveria ter-lhes acompanhado durante todo o ano: capas de chuva, por intermédio da benemerência da Caixa Econômica Federal.

Figura 48 - Natal do Pequeno Jornaleiro



220

Legenda: A CAIXA ECONOMICA e o Natal do Pequeno Jornaleiro. Muito louvavel, humana e profundamente sympathica, foi a iniciativa da Caixa Economica Federal de Minas Geraes, distribuindo capas impermeaveis a todos os pequenos vendedores de jornaes como presente de Natal. O dr. Theophilo Ribeiro da Costa Cruz, um

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 37.

²²⁰ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1936, p. 20.

dos directores da Caixa Economica e o realizador dessa obra piedosa e christã, pode estar certo de que o seu gesto tem o applauso unanime e sincero de todos bellorizontinos.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1936

Os três jornaleiros desfilam com as capas de chuva que identificam a sua posição na cidade em que transitaram, acredito que dá para perceber algum tipo de satisfação em suas feições. A ação é classificada como piedosa e cristã: “Muito louvavel, humana e profundamente sympathica, foi a iniciativa da Caixa Economica Federal de Minas Geraes, distribuindo capas impermeaveis a todos os pequenos vendedores de jornaes como presente de Natal.”²²¹. O presente de Natal foi dignidade e o lazer, ainda que em um momento propício, ainda não apareceu para eles.

Em outro texto é possível ler mais uma vez a subtração do lazer desses meninos. Em texto construído como uma crônica, em que o jornaleiro, adormecido sob uma pilha de jornais, sonha com elementos que podem ser encaixados na ideia de dignidade:

Um palacio encantado. (...) E sonhando, elle entrou. Havia um confortavel dormitorio, caminhas limpas e brancas, grandes cobertores. Depois enxergou amplos salões de aulas, todos illuminados, piscina, praça de esportes, officinas bem montadas e um refeitório com sopas fumegantes. E o pequeno sorrindo, gargalhando quasi, sonhava sempre...
E as creanças bem vestidas entravam aos bandos e eram acariciadas pelas professoras... “Aquilo era o paraizo”, gritou em sonho. (...) ²²²

Piscina e praça de esportes aparecem com alguma recorrência na revista em importantes eventos esportivos e sociais, já para os pequenos jornaleiros aparece como uma longe idealização. O abrigo como um palácio é um abrigo funcional. A super valorização é compreensível quando se compara com a realidade de quando ele está acordado, vendo a sua frente “dormitórios” sujos e gelados, sem a oportunidade de estudar e praticar esportes, sem a certeza da próxima refeição e lutando todos os dias pelo pão mais imediato. Na rua gritam as notícias e por vezes escutam gritos de hostilidade da população e da polícia, diferente da mão afável da professora do sonho que acaricia as crianças frequentadoras das escolas.

Ao final desse conto, a esperança é representada na figura cristã católica de um coração de anjo transformado em hóstia que figura a imagem de “Deus fitou-o com o seu olhar luminoso e cheio de bondade, sorriu, abençoou-o e desapareceu. E elle acordou... Sorria de contente... Sentia, dentro de sua alma pequenina, uma nova alvorada surgir.”²²³ E

²²¹ Idem.

²²² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 39.

²²³ Idem.

nas últimas linhas decidiu que: “Seguirei a minha vida toda no caminho da virtude e do cumprimento do dever.” O sonho do jornalista representa as expectativas do poder público e da sociedade civil engajada na associação de ajuda aos pequenos jornalistas e, sobretudo, na manutenção da ordem pública.

Toda essa movimentação da imprensa em torno da questão dos jornalistas começou no final da década de 1920 no Rio de Janeiro, em resposta à forte atuação do juiz de menores Mello Matos em repreensão aos proprietários de jornais que ilegalmente liberavam a venda dos periódicos para os menores de 14 anos. Assim, a Associação Protetora dos Menores Jornalistas foi inaugurada em 1928 pela entidade classista Círculo da Imprensa, com atuação efetiva apenas em 1938 sob a gestão da Primeira Dama, Darcy Vargas. Em Belo Horizonte essa ideia se instala em 1930, com a inauguração da Associação de Assistência do Pequeno Jornalista. Apenas na década de 1940 que as dependências da Casa do Pequeno Jornalista ficam prontas, com o objetivo de abrigar crianças “fora da lei”, entendidas como aquelas que trabalham em atividades desempenhadas em locais moral e legalmente desaprovados, sem muitas vezes respeitar o limite de 14 anos para trabalhar e muitas vezes não cumprirem com a obrigatoriedade do ensino primário, “ainda assim, foi construída uma instituição pelo poder público em parceria com instituições religiosas e segmentos da sociedade civil, com o intuito de abrigá-los e assisti-las.” (Silva, 2007, p. 251).

O objetivo dessa associação era fornecer uma casa que serviria como moradia e escola, congregando os elementos do sonho do pequeno jornalista no conto apresentado acima: “as caminhas limpinhas, os amplos salões de aula e a praça de esportes.” Ao pedir recursos para a causa, o texto na revista explica esses objetivos e aí vemos, mais uma vez, o lazer subtraído da vida desses meninos: “Foi para dar um tecto e educação religiosa e moral aos pequenos jornalistas que deliberamos fundar a Associação de Assistência ao Pequeno Jornalista e construir uma casa onde eles possam pernoitar e receber, nas horas de lazer a educação de que tanto necessitam.”²²⁴ O lazer foi considerado como um elemento acessório que poderia ser retirado a fim de dar lugar a outras urgências: a educação.

A construção desse apoio aos menores trabalhadores é feita a partir de um discurso que mobiliza sentidos de humanidade, nos textos aqui apresentados é possível perceber o grande destaque ao frio e a fome. A revista faz um apelo para arrecadação de recursos: “Abandonemos a obsessão do dinheiro, do conforto escandaloso ou da ostentação irritante e ajudemos aos desafortunados!”²²⁵ Quem se coloca nessa posição de benemérito das causas

²²⁴ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 38.

²²⁵ Idem.

humanas da sua cidade é o próprio dono da revista ao noticiar a respeito da morte do pequeno jornalista, ao final do texto, a voz do diretor aparece em ação de caridade:

O nosso director, logo que teve sciencia do doloroso facto e sabendo que Newton, quando foi atropelado e morto, vendia BELLO HORIZONTE e as folhas vespertinas, dirigiu-se ao necrotério, onde visitou piedosamente o corpo e num gesto de altruismo dirigiu-se á Agencia Sant'Anna a seguinte carta:

-“Humberto. - Estou vindo, agora, do necroterio, onde se acha depositado o corpo do infeliz jornalista, morto por um auto-omnibus agora ha pouco.

Sabedor de que esse pobre menino, era, como um outro irmão, tambem jornalista, o arrimo da velha mãe, peço a V. que entregue a essa infeliz senhora, para auxilio do enterro do seu filhinho, toda a renda apurada na venda avulsa da edição de “Bello Horizonte” ora em circulação. Muito grato, o Siqueira.²²⁶

Apesar disso, não se pode pensar que tal movimentação deva-se exclusivamente ao bem-estar desses menores, “há também uma preocupação com o conjunto da sociedade dita organizada e, sobretudo, da parcela prioritária. Deixar esse contingente entregue à sua própria sorte seria pôr em risco o equilíbrio de uma sociedade que se queria modernizar e controlar.” (Silva, 2007, p. 244).

Figurando os menores descalços, famintos e maltrapilhos, a imprensa pretendia mobilizar a sociedade organizada, pelo discurso da caridade, com objetivos de enfrentamento do problema do desordenamento social. Em meio às páginas lidas a respeito do lazer, encontrando atividades como esportes, festas, teatro, cinema e rádio, se deparar com temas como a fome e o frio foi bastante destoante. Essas páginas tratam de um grupo de pessoas, mais especificamente crianças e jovens, cujo lazer lhes foi negado.

O destaque das precariedades e das ações de benemerência de alguns dos setores privilegiados da sociedade objetivava a manutenção da ordem burguesa e a promoção dessa e de suas personalidades. Como foi o caso de uma publicação na revista no primeiro número da revista do ano de 1937 em que se deu visibilidade à ação de caridade da senhora Zannetti Ciufu, bem como de comerciantes e industriais, que em razão da época natalícia promoveram distribuição de gêneros de primeira necessidade: alimentos e roupas, aos que vivem em “profunda miséria”.

²²⁶ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 2024, p. 05.

Figura 49 - O natal dos pobres



Legenda: A generosidade do povo bellorizontino e a profunda miséria de uma parte da nossa população deram-nos esses quadros commovedores que o cliché fixa e que foram recolhidos durante o dia de Natal, quando varias associações e famílias mineiras organizaram o Natal dos Pobres de Bello Horizonte, com larga e abundante distribuição de mantimentos. Ao alto, um flagrante da entrega de donativos feita pela Sra. Zannetti Ciufu, na sua residencia, á rua Gabro, 21. Em baixo, no campo do Palestra Football Club quando ali se procedia uma profusa distribuição de generos alimenticios, producto da generosidade do povo, dos commerciantes e industriaes bellorizontinos.

Fonte: Revista Bello Horizonte, 1937

A dita “nossa população” que se encontrava na miséria, na cidade que se queria desenvolvida, foi reunida em um campo de futebol ocupando todos os cantos da fotografia em ângulo panorâmico. Esse tipo de registro preocupa-se em registrar a quantidade. Trata-se de uma publicação que não questiona, apesar de lamentar o “comovente quadro”, mas constrói uma cena em que se celebra os inconstantes e incertos eventos que promovem os valores cristãos e a capacidade socioeconômica dos proprietários da capital, como a Sra. Zanetti Ciufu que na identificada rua Gabro, 21 protagonizou atos de benevolência com os mais necessitados.

²²⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 11 jan. 1937, p. 21.

Dando continuidade às ações de caridade que se efetivam na cidade e são incentivadas na revista *Bello Horizonte*, temos algumas ações de benemerência a partir dos divertimentos. Em notícia no canto inferior da página, sem imagem ou algum trato editorial mais especial, a revista de n. 93 traz o texto sob o título “solidariedade”, dizendo a respeito da importância da caridade para a cidade de Belo Horizonte e demais cidades mineiras. O texto traz dois exemplos, sendo o Hospital das Crianças e o Preventório São Tarcísio. O primeiro “foi construído e aparelhado com uma pequena porcentagem que os frequentadores de cinema pagavam juntamente com o ingresso: apenas um ou dois tostões.”²²⁸ O segundo foi construído com fundos recolhidos em “algumas festas”, objetivando acolher crianças separadas de seus pais diagnosticados com Hanseníase, uma prática de tratamento muito comum até a década de 1960.

A Hanseníase é uma doença milenar, com notícias de casos já no século 6 a.C., que ficou conhecida como lepra ou doença de Lázaro. A sua cura é datada apenas na metade do século XX, assim, por séculos e milênios era uma doença que não tinha cura e as pessoas diagnosticadas com elas estavam sentenciadas ao abandono e à morte na miséria. Os doentes eram excluídos do convívio social, enviados para leprosários e impedidos de entrar em qualquer estabelecimento, sendo obrigados a usarem roupas especiais que inibissem contato com as pessoas, uma vez que acreditava-se ser uma doença de rápida e fácil transmissão.

A lepra foi chamada de Hanseníase apenas no século XIX em razão do nome do norueguês Armauer Hansen que em 1873 descobriu que a doença era causada por uma bactéria e não um produto do pecado. Mesmo com a descoberta da origem da doença os preconceitos persistiram, pois a segregação dos doentes era ainda entendida como a medida mais eficaz para barrar a propagação da enfermidade, o que mudou apenas de 1962 com a internação compulsória sendo abandonada como tratamento. Na década de 1980 descobriu-se que apesar de contagiosa, a transmissão é lenta, não equiparado ao vírus da gripe e associados que se propagam facilmente.

No período em análise, o tratamento para essa doença era ainda o afastamento da pessoa enferma. A partir da década de 1920 a Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra (FSALDCL) começou a atuar em diferentes estados e cidades do país. Essa federação agia em parceria com os governantes na promoção de políticas e eventos que visavam combater a enfermidade. As ações se orientavam no que era conhecido como tripé de combate à moléstia, o qual consistia em três diferentes campos de atuação: o leprosário, para onde eram enviados os doentes; o dispensário, que recebia os

²²⁸ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 jun. 1938, p. 49.

comunicantes com os doentes para exames de saúde periódicos; e o preventório, que atuava como abrigo para os “órfãos de pais vivos”, recebendo menores que foram separados de seus pais diagnosticados com a doença e enviados para os leprosários. (Santos, 2009).

Em Minas Gerais funcionava a Sociedade Mineira de Proteção aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, a qual atuava nas diferentes frentes de controle dessa doença, bem como foi a responsável pela construção do Preventório São Tarcísio. De acordo com a revista os recursos para tal advieram do chamado “tostão do Lázaro” adquirido a partir de “algumas festas” que permitiu a criação desse “admirável recolhimento de pobres crianças que seriam atiradas aos azares da sorte impiedosa. E agora cerca de 200 crianças ali encontram abrigo, amparo e preparação para a vida social.”²²⁹ A revista não especifica quais são essas festas, se preocupa em detalhar a potencialidade do local para o cuidado com as crianças, as quais têm a acolhida publicizada pelo discurso da caridade, mas que também podem ser compreendidas como alvo das políticas de controle dos grupos dominantes ao serem condicionadas à “preparação para a vida social”, como forma de combater os “azares da sorte impiedosa”, ou seja, a expectativa era de que seriam preparadas para trabalhos, práticas e comportamentos condizentes com a ordem estabelecida.

Essas associações se desenvolveram com uma forte participação feminina em ações filantrópicas. Eunice Weaver, presidente da FSALDCL, foi uma das mais fortes expressões da articulação social e governamental em prol dos preventórios no Brasil, atuando por mais de trinta anos de sua vida pela causa da segregação dos filhos sadios de pais leprosos. Ela viajou por diferentes regiões do país com o objetivo de filiar outras mulheres à associação, espalhando a necessidade da segregação e a acolhida sob um regime educacional disciplinador. Muitas mulheres atuaram nessa medida que perdurou no país por mais de quatro décadas, se perpetuando mesmo quando os argumentos médicos já estavam em sentido oposto ao da segregação dos doentes e pessoas de suas relações. As mulheres que atuaram nessas associações detinham capital político e econômico proveniente dos seus sobrenomes, por serem filhas ou esposas de homens de forte atuação política e social, “seus pais e/ou maridos eram engenheiros, jornalistas e funcionários públicos; exerciam cargos de destaque, como presidência de entidades financeiras, por exemplo, ou atuavam como comerciantes, empresários, industriais ou capitalistas “bem-sucedidos”. (Santos; Leandro, 2019, p. 68). Ou seja, eram capazes de sustentarem esse projeto que se anunciava pelos votos cristãos da caridade e atuava no sentido do controle da população menos favorecida.

²²⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 jun. 1938, p. 49.

Esses dois exemplos, a construção do Hospital das Crianças e do Preventório, são nomeados como “bello movimento de solidariedade social”, protagonizado por Belo Horizonte, identificada como “uma grande cidade, com 200 mil habitantes, e que, por isso, torna-se relativamente fácil colher resultados assim significativos.”²³⁰ O texto finaliza com um apelo para que as estratégias de caridade a partir dos momentos de lazer, permaneçam e sigam produzindo resultados: “Desde que todos contribuam com a pequena quota, no final o resultado é surpreendente. O essencial é que todos concorram pontualmente.”²³¹

Essas notícias que valorizam as ações de caridade a partir dos momentos de lazer, como o cinema, o teatro e as festas beneficentes, para angariar recursos, também podem ser lidas como um incentivo para que tais práticas de divertimento aconteçam e se fortaleçam na cidade. De forma que a frequência às salas de cinema, ao teatro e aos salões, se não motivadas pelo filme, peça ou comemoração, seria pela preservação dos valores cristãos.

Há ainda uma notícia que destaca a caridade a partir das mãos que também se estenderam em busca de ajuda: “Luiz Januário e a sorte grande.” Trata-se da história de um homem pobre com deficiência física que arranjou como meio de trabalho a venda de bilhetes de loterias. O texto abre essa história dizendo que “(...) nem sempre os ricos são presenteados com uma fortuna de loteria. Também os pobres, os necessitados podem tirar a sorte grande. Depende da propria sorte do individuo.”²³² Segundo o texto, em um dia de trabalho comum, Luiz Januário não conseguiu vender o último bilhete, então comprou e fez a sua aposta, sendo agraciado pela sorte, pois o último bilhete estava premiado, rendendo-lhe a quantia de 500 contos.

A despeito de dispor de consideráveis quantias de dinheiro, o novo rico da cidade não fora visto nos clubes, festas e locais esportivos, nem nos bares e restaurantes que serviam almoços e banquetes em homenagens à dadas personalidades da capital, “Luiz continuou vendendo os seus bilhetes. Fôra nesse trabalho que se enriquecera. Queria continuar, para que, vendendo bilhetes da “Mão Feliz”, levasse a fortuna a outros lares, também necessitados.”²³³ Assim, essa matéria serviu para incentivar a compra de bilhetes de loteria, a qual seria uma forma para se enriquecer, contudo, de maneira controlada, para suprir as necessidades e não misturar os diferentes grupos sociais.

A notícia do prêmio do senhor Luiz Januário, que pouco ou nada revolucionou sua vida social, finaliza as considerações deste capítulo que buscou mostrar como a revista *Bello*

²³⁰ Idem.

²³¹ Idem.

²³² BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 28 jul. 1937, p. 56.

²³³ Idem.

Horizonte, apesar de pretender publicizar uma bela, próspera e divertida cidade para se viver e se portar como a capital do estado sob bases republicanas, também deixa perceber como a cidade poderia ser difícil para uma parcela da população que era consideravelmente maior do que aquela que cabia nos salões de festas e nas páginas da revista. O acesso à essas pessoas não se dá pelo interesse do diretor em mostrar a cidade em suas conflitivas e diversas relações e jeitos de se viver, mas por meio de textos que são construídos como forma de valorizar a ação das senhoras e senhores moradores da capital que se organizam em prol do seus valores e interesses de controlar e construir a cidade moderna que pretendiam. É justamente por ter sido construída a partir de um ideal de modernidade que Belo Horizonte restringia a presença das classes populares no seu centro, “trabalhadores e pobres ocupavam a periferia da cidade.” (Cota, 2016, p. 43).

A possibilidade de ler a respeito das empregadas domésticas se deu por estarem figuradas nos anúncios como parte dos produtos e serviços que compõem as casas modernas. Os pequenos jornaleiros são apresentados como parte do sucesso da revista e, depois, como causa importante de interesse tanto da imprensa quanto da cidade em controlar a miséria urbana. A população pobre e necessitada de gêneros básicos, como comida e roupas, são vistas em festas de caridade que promovem valores e jeitos de ser que condizem com a modernidade pretendida, sem questionar que essa é excludente e produtora das desigualdades.

Assim, tem-se que apesar de ser um periódico que se constrói pela e para a elite social, é também uma fonte a ser considerada para estudos que se dediquem às diferenças socioeconômicas na cidade de Belo Horizonte em 1930 e 1940. Não trata-se de uma fonte essencial para tanto, mas ao dizer sobre a população mais pobre da cidade a partir das vendas e manutenção da ordem capitalista, a revista pode ser considerada como uma das vias de acesso às pessoas comuns.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre história, lazer e gênero, construída neste trabalho, objetivou discutir o lazer enquanto representação na mídia impressa na década de 1930. Esse estudo buscou mostrar como as experiências de lazer foram mobilizadas pela imprensa, analisando umas das revistas de maior circulação na cidade e no estado de Minas Gerais, a revista *Bello Horizonte*. Tal periódico foi usado como fonte de pesquisa para diferentes trabalhos (Cedro, 2019; Cota, 2016; Yasmim, 2019, 2022; Mayor, 2017), mas ainda não havia sido considerada como fonte de pesquisa principal para se discutir o lazer e as sociabilidades da capital mineira. Trata-se de uma revista de existência longa, vinte anos de circulação, com importante material literário, noticioso e fotográfico.

O idealizador dessa revista, o experiente jornalista Augusto Siqueira, atuou na capital mineira com um significativo sucesso, conseguindo sobreviver à difusa imprensa belorizontina mantendo uma robusta revista ilustrada por duas décadas. O jornalista e empresário da já moderna imprensa, se inseriu nesse ramo ao lado governista. O seu sucesso deu-se, em grande medida, por produzir um material que publicava as ações do governo de Getúlio Vargas, sobretudo num plano regional destacando a atuação do governador Benedito Valadares. Na imprensa ele era reconhecido como um homem que conservava bom relacionamento político e social com as autoridades políticas, administrativas, comerciais, industriais e sociais, bem como entre as pessoas menos desprovidas de prestígios sociais e econômicos. Contudo, em sua revista figurava apenas os primeiros, aqueles que atuavam na política, economia, comércio e indústrias, as ditas personalidades sociais de Belo Horizonte da década de 1930, proprietários nas ruas e avenidas da nova cidade. Os últimos, os populares, apareceram de maneira esporádica e secundária, sendo figurados em anúncios ou reportagens que se dedicavam às ações de benemerência dos primeiros.

No decorrer de suas páginas a revista é constituída por uma diversidade de conteúdos que caracterizam as revistas modernas do século XX, apresentando um caleidoscópio da vida política, social e cultural, veiculando também textos e páginas que formulam representações das experiências de lazer regionais, da capital mineira e demais localidades do estado de Minas Gerais. Para esse trabalho foram considerados os textos, escritos e imagéticos, que veicularam práticas de lazer, encontrando variações como o footing, o teatro, o cinema, o rádio, os esportes e as festas. A leitura dessas possibilidades de lazer também se atentou para as demarcações de gênero. Como mulheres e homens estavam sendo representados quando inseridos nessas atividades? O que cabia ou era limitado a elas e a eles?

As mulheres representadas nesta revista são aquelas que dispunham de recursos financeiros, sendo filhas ou esposas de personalidades da política, do comércio, indústrias e também do meio militar. São as mulheres cujo trabalho não era uma realidade, mas uma proibição de um lado e conquista do outro, são mulheres alvos do discurso da modernidade, o qual determinava que deveriam ser esguias e atléticas, mas com suas condições femininas preservadas, como a beleza e a saúde a serviço da maternidade. Esse esclarecimento é fundamental ao considerarmos que o gênero feminino é demasiadamente amplo e diverso, por responder aos condicionantes contextuais como raça, classe, etnia, sexualidade, religião e tantos outros que atua na diversidade do “ser mulher”.

Dito isso, temos que para as mulheres, os espaços de lazer veiculados, apesar de diversos limites à sua atuação, ainda significou a conquista de ampliação de acesso à cena pública. Se até meados do século XIX “as mulheres que frequentavam as casas de dança e outros lugares de lazer público, como tavernas, parques de diversão, cassinos e até salões de música, eram consideradas prostitutas” (Rodrigues, 2006, p. 133), as possibilidades de lazer como esporte, bem como o cinema, teatro, as festas, o rádio e o footing, concedem visibilidade e legitimidade da presença feminina no espaço urbano. O discurso da revista tanto trouxe convites para que as senhoritas belorizontinas ocupassem os diferentes espaços públicos e de lazer, quanto também reforçou os limites para essas atuações. Em relação às tentativas de controle da atuação feminina, os textos que rechaçaram práticas femininas são reveladores das conquistas das mulheres do período em tela. Ainda que os textos de uma revista que foi gerenciada e escrita por homens desmereceram com críticas e jocosidades as estudantes, trabalhadoras e apreciadoras de arte e literatura, a revista também disse que as mulheres na década de 1930 estavam ocupando as universidades, os palcos, as telas de cinema e outros diferentes e dinâmicos espaços. E, no que diz respeito aos homens, a revista constrói representações que os homenageiam como ousados e prósperos construtores da cidade moderna, ao vangloriar que são os empresários e os proprietários de terra que em ações patrióticas investem em prédios como o Cine Teatro Brasil, a praça de esportes Minas Tênis Clube, a doação do terreno para a construção da Pampulha e outros espaços que contaram com o dispêndio financeiro daqueles celebrados como os que trabalharam pelo engrandecimento da cidade. A linguagem imperativa de como devem se vestir e se portar também está presente para os homens, ainda que a recorrência de elogios fosse alta, o reforço na educação do corpo, vestes e modos masculinos também foram possíveis de se identificar. Dito isso, conclui-se que os elogios e críticas às mulheres e homens nos diferentes espaços e

atividades de lazer serviram para educar os corpos das e dos cidadãos daquela que se queria uma capital moderna.

Essa pesquisa não buscou responder quais foram as possibilidades de lazer na cidade de Belo Horizonte na década de 1930 e quais foram aquelas destinadas para os homens e para as mulheres. A preocupação do estudo foi entender quais foram essas possibilidades que chegaram a ser notícia numa das revistas de maior circulação na cidade e no estado de Minas Gerais no período em tela. O resultado encontrado foi uma variação de atividades que aconteciam, sobretudo, em ambientes privados cujo acesso se dava via recursos financeiros e também sociais. A representação desses espaços e das pessoas que ali frequentavam tinham como ponto em comum o pouco destaque para as diferenças sociais, construindo uma suposta homogeneidade dos cidadãos belo horizontinos ao valorizar aspectos como elegância e distintivos que promoviam exclusividades. No que diz respeito às demarcações e diferenças de gênero em cada variação das possibilidades de lazer foi possível perceber que a revista atuou na construção de mulheres e homens modernos, atuando para a consolidação de um estilo de vida público. Maiores descrições sobre as subjetividades desses personagens não foram encontradas. As descrições, prescrições, elogios e críticas às mulheres e aos homens se fizeram de maneira a preservar as diferenças entre os gêneros de maneira assimétrica, de forma que os convites e incentivos para que as mulheres pudessem ocupar a cena pública belorizontina se desse de maneira restrita às funções de embelezamento e que a construção da cidade moderna fosse atribuídas aos esforços masculinos, à coragem e persistência dos empresários e políticos mineiros. Assim, a revista propôs relações de gênero que atuaram na perpetuação da desigualdade entre mulheres e homens. Terminarei de apresentar essas relações nas linhas que se seguem, nas quais tecerei considerações finais a respeito das representações de lazer e gênero para cada uma das variações de lazer encontradas neste estudo.

Desde o seu primeiro número a revista assumiu o compromisso com seus leitores de comparecer e registrar seus momentos festivos. A revista foi convidada e se fez presente em diferentes tipos de comemorações, adentrando tanto os salões mais elegantes da sociedade mineira, como o Automóvel Clube, quanto as festividades supostamente íntimas que aconteciam nas residências de proprietários dos “palacetes” da cidade, e ainda os espaços como bares, restaurantes e confeitarias. Onde houvessem pessoas trajando ternos ou vestidos acompanhadas de um pequeno chapéu e luvas à mão, se divertindo, passeando e festejando, a equipe da revista se fazia presente para registrar e divulgar uma cidade movimentada e enfeitada por pessoas ditas como elegantes, objetivando construir uma cidade moderna em

suas páginas. Em relação às diferenças de gênero, os homens eram destacados em homenagens pelas suas trajetórias políticas e comerciais e as mulheres eram elogiadas pela organização e presença elegante nas festividades. Há que se dizer também que esses momentos de festividades eram importantes para o fortalecimento dos laços sociais. A divulgação de nomes e personalidades sociais em espaços distintos como o Automovel Club, o Celestino Club e também nas residências de dadas personalidades reforçavam laços de amizade e também de diferentes interesses. Em relação às mulheres, a publicação da sua participação e comparecimento nesses eventos ajudou a reforçar a legitimidade da sua presença e circularidade no espaço público.

O footing foi uma prática que ganhou grande visibilidade na imprensa ao convidar os cidadãos ao moderno movimento da vida urbana. A proposta era de que mulheres e homens se dividissem em lados opostos da Avenida ou das praças, para que pudessem realizar a troca de olhares. Propunha-se, em suma, a circulação das pessoas pela rua, era a educação das pessoas em cidadãos, normalizando a vida pública e movimentada da estrutura urbana e moderna que se queria implementar. Na revista essa educação se deu pela voz masculina. Um colunista assinava a página “footing” e nela escrevia como se estivesse na avenida, do lado masculino e em companhia de outros homens, admirando, comentando e censurando as mulheres que passavam. Seus comentários versavam sobre suas roupas, corpos, postura, preferências e ocupações. Nesse cenário, os homens da cidade, definiam o que era a mulher moderna e urbana que a nova capital mineira gostaria de ver por sua avenida, ruas, praças e parques. Apesar dos imperativos dizeres, essa prática serviu para normalizar a presença feminina na cena pública. A mulher poderia andar pelas ruas da cidade e ocuparam-nas, ora sendo ressaltadas pela elegância e destino à igreja ou ao cinema, ora rechaçadas pela liberdade com que caminhavam em direção às livrarias, cafés, trabalho e universidade. De um jeito ou de outro o footing sagrou-se como uma prática que contribuiu para a legitimação da presença feminina pelas vias públicas da cidade, pela construção da mulher moderna, a qual mais do que enfeitar as ruas, abria caminhos da cidade para seus próprios interesses, usando as vias de acesso urbana para alcançarem mais oportunidades em diferentes outros espaços.

Em 1930 o majestoso prédio do Theatro Municipal, construído com uma arquitetura neoclássica pouco antes da cidade ser dominada pelo estilo Art Déco, já era chamado de “Velho Municipal”. A arquitetura não explica sozinha essa desvalorização, os espetáculos no Municipal eram demasiadamente caros e não recebiam companhias de teatro com frequência. O cinema ajudou nesse marasmo de público e de espetáculos, pois o cinema era um lugar que representava uma novidade moderna e mais acessível, abrigando em seus espaços cada vez

mais pessoas de diferentes camadas sociais, se tornando uma importante fonte de renda para quem se aventurou nesse negócio moderno. O espaço do teatro foi construído de maneira a acomodar um farto público, o qual segundo a bibliografia não existiu e as fontes também não endossam senão um desejo ao noticiar uma imprecisa multidão a aplaudir os espetáculos. Diferentemente da platéia quando o palco do municipal era ocupado por candidatos e outras personalidades políticas que usaram o amplo espaço para a realização de seus eventos, ocasião em que a revista fotografou a platéia cheia, conseguindo sustentar as recorrentes descrições de um público numeroso. Em relação às construções de gênero nos textos que se dedicaram ao teatro pode-se dizer que enquanto os homens sempre foram destacados pela sua capacidade e habilidades artísticas, algumas atrizes foram noticiadas primeiro por atributos físicos e, apenas depois, por suas habilidades artísticas. Ainda assim, houveram mulheres artistas, tanto no teatro, quanto no cinema e no rádio, que foram elogiadas pelas suas performances enquanto artistas. O teatro tanto recebeu mulheres que dominavam instrumentos musicais considerados desafiadores, apresentando espetáculos de complexa execução, quanto apresentações de técnicas mais modestas, por também funcionar como um lugar formativo para a elite social belo-horizontina, já que ali se prepararam e se apresentaram moças e rapazes da dita melhor sociedade.

O cinema chegou nos anos iniciais da cidade, se consolidando a partir da década de 1920. Em 1930 o cenário cinematográfico mostra um quadro em que o mercado está consolidado, as empresas hollywoodianas conseguiram se preponderar nas exibições de seus filmes nas salas de cinema brasileiras. A revista aborda a temática cinematográfica com mais força nos números iniciais, trazendo crônicas cinematográficas que permitem ler o funcionamento e incorporação deles na cidade. Houve também veiculação de textos sobre os artistas e seus trabalhos e influência na propagação da chamada, e às vezes condenada, “cultura moderna.” O cinema foi, das representações de lazer, a mais ousada nas suas representações femininas, trazendo tanto mulheres que usavam calças e trabalhavam com dedicação e satisfação, quanto textos explicitamente contrários à participação feminina na cena pública pelas vias do trabalho ou outras que não o embelezamento da cidade. Em relação aos homens, eles foram representados como os prósperos comerciantes da nova arte, os quais em diferentes frentes fizeram a experiência cinematográfica acontecer na cidade.

A revista *Bello Horizonte* também se dedicou a estimular a população a se apropriar do rádio, destacando a necessidade de adquirir esses produtos através de anúncios publicitários, publicações de cartas e páginas dedicadas aos artistas. Essa abordagem evidenciou a atuação da revista e do próprio Siqueira no diálogo com os setores de comércio,

indústria e transmissão do rádio, colaborando para construir uma capital ouvinte e integrada com o restante do estado, como queria o governo de Benedito Valadares que promoveu uma das maiores rádios da América Latina, a Rádio Inconfidência. Dessa forma, a revista consolidou-se como uma das promotoras da modernidade, ao trabalhar para a manutenção de determinados valores e comportamentos saudáveis e úteis à sociedade belo-horizontina. Os homens aqui são os artistas ou então os fabricantes, gerentes e comerciantes deste produto. As mulheres, por sua vez, foram muito veiculadas enquanto artistas. Efigeninha foi um grande destaque da cidade nessa época, alcançando sucesso e reconhecimento em diferentes regiões do estado, chegando a ser cobiçada por outras rádios em escala nacional. Para elas o rádio se apresentou tanto quando um veículo informativo, em que pudessem ter acesso a informações de diferentes assuntos e partes do globo, bem como um meio de atuação, já que muitas alcançaram sucesso e reconhecimento ao colocarem suas vozes no microfone e seus corpos em palcos para exibições ao vivo, para um platéia que queria conhecer os rostos das vozes que ouviam.

As representações da revista de tons governistas veicularam práticas esportivas valorizadas e prescritas a partir de diferenciações e determinações de gênero. Para homens e mulheres, os esportes eram propagados como imprescindíveis à educação integral do indivíduo, que nesse momento era compreendida em três eixos principais: física, intelectual e espiritual. O homem deveria ser forte e viril, para trabalhar na direção e desenvolvimento econômico e moral da nação; enquanto a mulher deveria ser bela, mãe e esposa dedicada, como também saudável, necessitando de atentar-se às práticas esportivas, mas aquelas permitidas a elas, pois não se poderia ameaçar as feminilidades que, em última instância, as caracterizam. Com relação às modalidades esportivas veiculadas a revista trouxe notícias e fotos daquele que já era o esporte mais consumido e praticado em Minas Gerais e no Brasil, o futebol. Esse foi representado com notícias rápidas sobre os jogos da semana, com destacado interesse no clube Atlético Mineiro, um dos grandes e mais tradicionais times da cidade, bem como contou com uma série de fotos mostrando os times, os diretores e as madrinhas do futebol. As mulheres não praticaram tal esporte no período em análise, mas se fizeram presentes na torcida, nas festas dos clubes e até mesmo no campo, sendo fotografadas ao lado dos jogadores enquanto madrinhas do time. Ainda que não fossem divulgadas como atletas nessa modalidade esportiva, se fizeram bastante presentes. Em relação à prática, as mulheres foram fotografadas enquanto nadadoras e jogadoras de vôlei. Tais fotografias ressaltam muito mais aspectos de feminilidade do que propriamente de atletas. Ainda assim, foram fotografadas de uniforme e disputaram campeonatos. A feição na foto era de orgulho de fazer

parte daquele time, daquele esporte. Levantaram a bandeira do seu time com orgulho e posaram em escala, em grupo, como um time. Quero dizer que com todas as limitações e restrições elas se posicionaram como jogadoras. Outro ponto interessante visto nas imagens desses times é que enquanto nos times de futebol havia mulheres sendo fotografadas junto ao time enquanto madrinhas, nos times femininos não havia um homem entre elas enquanto padrinho, entre elas havia uma criança, talvez como mascote do time. A vinculação da criança ao time feminino pode ter servido como estratégia para legitimação da prática esportiva feminina, demonstrando que a tal prática não ameaçaria a função feminina de primeira ordem nessa sociedade, qual seja, a maternidade.

Essas foram as representações de lazer e gênero encontradas na revista. O ponto em comum entre elas é que a revista as constroem enquanto acontecimento social objetivando endossar a construção de uma sociedade moderna, desenvolvida e elegante. Não foram veiculadas outras formas de lazer, principalmente os lazers daquelas e daqueles que não dispunham de recursos financeiros, sociais e políticos que lhes permitiriam usufruir das modernas instalações urbanas. As formas de se divertir nas ruas e nos diferentes espaços públicos, sem exigência de dinheiro ou posição social, não ganharam as páginas de uma revista que registrava os acontecimentos destacando a posição social e as propriedades na nova capital. As pessoas que não moravam na área urbana da cidade, mas que circulavam pela capital em busca da sua subsistência e dos seus, não foram registradas, se não em momentos de benevolência daquelas e daqueles que ocupavam os planejados e valorizados espaços urbanos. Assim, a cidade de Belo Horizonte apresentada pela revista é aquela construída “segundo os preceitos mais racionais da organização do espaço, (que) procurou afastar mendigos e pobres, corroborando o projeto arquitetônico a funcionalidade e a ordem social pré-estabelecida.” (Cota, 2016, p. 37). Esses grupos sociais afastados englobam as empregadas domésticas, os pequenos jornaleiros, os filhos de pais hansenianos, e demais necessitados. Esses raros personagens na revista foram lidos em momentos em que a desigualdade foi usada como momento propício para que o grupo dominante pudesse se promover como caridosos e exibirem a sua condição em dispor de recursos financeiros e sociais capazes de organizar eventos e donativos divulgados com os nomes, endereços e categorias profissionais dos organizadores e não dos beneficiados. Os textos, ainda que permitissem acessar esses outros grupos, continuavam tendo como foco a população mais privilegiada em suas ações de benevolência, valoradas como cristãs.

Em suma, essa pesquisa trabalhou buscando compreender as representações de lazer e gênero, entendendo que essas construções são reveladoras das representações da cidade de

Belo Horizonte, ao menos da parcela que a revista escolheu mostrar em suas páginas. Ao se atentar para os valores associados ao corpo feminino e masculino em espaços e atividades de lazer, concluiu-se que o esporte, o cinema, o teatro, as festas, o rádio e o footing conferiram visibilidade e legitimidade à mulher no espaço público urbano. Essas práticas também foram apresentadas enquanto ousados projetos de investimento e desenvolvimento dos homens de negócio da capital, que queriam construir uma cidade que fosse moderna a partir da prosperidade da estrutura de produção e vivência social capitalista. A revista *Bello Horizonte* desempenhou um papel fundamental na promoção da modernidade, veiculando textos que educavam para a vida pública que também era experienciada na vivência dos momentos de lazer. No entanto, ao divulgar principalmente as vivências da elite, a revista ocultou os lazes e aspectos da vida da maioria da população. A revista construiu uma imagem de Belo Horizonte como uma cidade moderna e capitalista, enquanto silenciava as experiências das classes menos privilegiadas, evidenciando uma visão seletiva e elitista da sociedade.

A revista *Bello Horizonte* circulou por vinte anos na cidade e perpassou pelo período Vargas, o segundo grande conflito mundial, encerrando suas atividades nos “dourados anos de 1950”. No seu nível regional foi uma revista que acompanhou a inauguração do Cine-Theatro Brasil na Avenida Afonso Pena, a construção da Pampulha e suas sociabilidades à beira da lagoa, bem como a expansão das indústrias e comércios da cidade. Finalizo esse trabalho com um convite, ao dizer que aqui essa revista foi mais uma vez submetida à análise enquanto fonte potente das discursividades que edificaram a capital mineira, mas que ainda não se esgotou. Deixo registrado que novas investigações serão muito bem servidas por esse rico acervo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Gelka Arruda. **Para a família do Brasil: o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista Alterosa (1939-1945)**. Orientador: Rafael Fortes Soares. 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 mar. 1933, p. 06.

BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 19 ago. 1933, p. 05.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 19 ago. 1933, p. 17.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 ago. 1933, p. 12.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 set. 1933, p. 09.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 set. 1933, p. 20.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1933, p. 19.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1933, p. 20.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 set. 1933, p. 07.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 set. 1933, p. 19.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 set. 1933, p. 07.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 set. 1933, p.14.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 07.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 10.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 11.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 15.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 12.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 out. 1933, p. 22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 10.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 14.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 18.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 09.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 16.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 out. 1933, p. 17.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 08.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 10.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 nov. 1933, p. 29.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 nov. 1933, p.08.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 nov. 1933, p. 12.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 nov. 1933, p. 12.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 nov. 1933, p. 12.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 nov. 1933, p. 22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 dez. 1933, p. 05.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 dez. 1933, p. 06.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 11.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 18.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 04 jan. 1934, p. 23.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 04 jan. 1934, p. 26.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 05.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 08.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 15.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 fev. 1934, p. 31.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 09.

- BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 14.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, p. 11.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, p. 17.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 mar. 1934, p. 07.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 jun. 1934, p. 05.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 16.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 20.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 37.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 39.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 ago. 1934, p. 51.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 06.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 37.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 02 set. 1934, p. 58.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p.27.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p. 30.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 set. 1934, p. 44.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 nov. 1934, p. 10.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 19.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 22.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 06 dez. 1934, p. 32.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, jan. 1935, p. 30.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, capa.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 08.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 30-31.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 37.

- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 set. 1935, p. 38.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 out. 1935, p. 02.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 17 out. 1935, p. 19.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 out. 1935, p. 05.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 31 out. 1935, p. 14-15.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 15 nov. 1935, p. 21.
- BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 05 dez. 1935, p. 03.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 dez. 1935, p. 24.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1935, p. 05.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 abr. 1936, p. 16.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 abr. 1936, p. 17.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 26 jun. 1936, p. 19.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 abr. 1936, p. 19.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 20 ago. 1936, p. 63.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 32-33.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 37.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 38.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 16 set. 1936, p. 39.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 18.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 09 out. 1936, p. 23.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 29.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 30.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 37.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 nov. 1936, p. 51.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 nov. 1936, p. 52.

- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1936, p. 11.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 21 dez. 1936, p. 20.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 11 jan. 1937, p. 21.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 29 jan. 1937, p. 51.
- BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 14.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 40.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 68.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 12 jun. 1937, p. 71.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 jul. 1937, p. 05.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 41.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p.47.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937. p. 58.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 62-63.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 ago. 1937, p. 80.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 25 set. 1937, p. 03.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 23.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 27.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 13 nov. 1937, p. 45.
- BELLO Hoiroznte. Belo Horizonte, 21 jan. 1937, p. 48.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 28 jul. 1937, p. 56.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 23 nov. 1937, p. 12-13.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 jun. 1938, p. 18.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 03 jun. 1938, p. 49.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, jan. 1939, p. 32.
- BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mar. 1939, p. 12-13.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mai. 1939, p. 32.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, capa.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, p.22.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, p. 66.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, fev. 1941, p. 24.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, n. 185, 1948, capa.

BELLO Horizonte, Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

BRAZÓPOLIS. Brazópolis, 21 fev. 1937, p. 04.

BRAZOPOLIS. Brazópolis, 28 fev. 1937, p. 04.

BUEST, Andreana Alba Nery de Mello; CARVALHO, Marília Gomes de. Figura de cinema e imagem feminina. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 1, n. 3, p. 39-55, 2005. Disponível em: <<https://acesse.dev/FPvL5>> Acesso em: 05 jun. 2024.

BURKE, Peter. **O historiador como colunista**: ensaios da *Folha*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

BURITY, L. M. D. “Eis o que me ocorre, por hoje”: a campanha presidencial de 1937 e a candidatura de José Américo de Almeida nas correspondências de Juraci Magalhães e Artur Neiva. **Revista Aedos**, v. 10, n. 23, p. 9–34, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/87451>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano**: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALEIRE, Irene. Invivo. Fundação Oswaldo Cruz. Hanseníase na História. Disponível em: <<https://www.invivo.fiocruz.br/historia/hanseniasse-na-historia/#:~:text=No%20Brasil%2C%20at%C3%A9%20meados%20do,doentes%20deixou%20de%20ser%20regra.>> Acesso em: 01 jul. 2024.

CEDRO, Marcelo. Arte, Cultura e Sociabilidade na BH de JK (1940-1945). In: DIAS, Cléber; ROSA, Maria Cristina. **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 59-89

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso da Mídia**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Vol. 5, n. 11, jan/abr. 1991. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>> Acesso em: 15 set. 2023.

CHRISTÓFARO, Alice Conceição. **A Caixa do Estudante Pobre Edelweiss Barcellos: discursos sobre a pobreza dos estudantes na Universidade de Minas Gerais. (1932-1935)**. Orientador: Laerthe de Moraes Abreu Júnior. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e práticas escolares, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del-Rei, 2012.

COSTA, Mauri da Silva Drumond. **Estado Novo e esporte: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)**. 2013. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História Comparada)–Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

COSTA, Yasmine Ávila Catarinozzi da. **Design e Memória Gráfica Mineira: um estudo da revista Bello Horizonte (1933-1950)**. Orientador: Sérgio Antônio Silva. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Design)- Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

COSTA, Yasmine Ávila Catarinozzi da; BRAGA, Marcos da Costa. O Design Gráfico das Capas da Revista Bello Horizonte nos Anos 1930. **Blucher Design Proceedings**, v. 6, n. 4, p. 2334-2346, 2019. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-design-grfico-das-capas-da-revista-bello-horizonte-nos-anos-1930-33812>> Acesso em: 08 fev. 2024.

COTA, Leide Mara da Conceição. **Rádio, educação e formação da identidade nacional: um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1930-1945)**. Orientadora: Ana Maria de Oliveira Galvão. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; SCHUFFNER, Luciana Silva. Esporte, **Trabalho e Juventude do Estado Novo: O Caso do Minas Tênis Clube**. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 215-226, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20413>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

DEVIDE, Fabiano Pries. **A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos**. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 125-144, mai./ago. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-8918.2837>> Acesso em: 02 mar. 2024.

ESTADO de Minas, Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

FELIPE, André Luis. **Coral lírico de Minas Gerais e a prática musical como política pública: patrimônio, tradição e modernidade**. Orientador: Eduardo Pires Rosse. 2020. 119 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 04.

FREITAS, Marcel de Almeida. A influência Italiana na arquitetura de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 14, n. 15, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/815-Texto%20do%20artigo-2681-1-10-20091029.pdf> Acesso em: 29 fev. 2024.

GOELNNER, Silvana Vilodre. "**As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte**": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/790>> Acesso em: 02 mar. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Movimento**. Porto Alegre. Vol. 7, n. 13,(2000), p. 61-70., 2000. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25034>>. Acesso em: 05 jan. 2024.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações sobre a categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HOMEM, Fernando Pacífico. **As influências do maestro Sebastião Vianna no cenário musical erudito de Belo Horizonte**. Orientador: Lucas Robatto. 2013. 371 f. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27815>> Acesso em: 29 fev. 2024.

ISOLAN, Flaviano Bugatti. História Comparada, História Transnacional e cinema: diálogos e um estudo de caso. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 01, 2016. Disponível em: <https://ppghc.historia.ufrj.br/images/publicacoes/rhc_volume010_Num001_jun16_007.pdf> Acesso em: 15 jun. 2024.

JAIR Silva. Gazeta de Paraopeba. n. 2.274, 30/11/1952. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/pdf/830232/per830232_1952_02274.pdf> Acesso em: 06 jun. 2024.

JÚNIOR, Wanderley Marchi. "**Sacando**" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Orientador: Ademir Gebara. 2001. 282 f. Tese

(Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Belo Horizonte, 2001.

LAVOURA e comércio. Uberaba, 05 set. 1938, p. 04.

LINHARES, Joaquim Nabuco; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Editora UFMG, 1995.

MARTINS, Rafaela Cristina. **A divisão funcional do espaço doméstico por gênero: um olhar através da imagem da mulher na propaganda de eletrodomésticos**. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte, v. 7, n. 3, 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5651>> Acesso em: 20 jun. 2024

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MARTINS, Ana Luiza.; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 135p.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. Orientador: Sílvio Ricardo da Silva. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 2, n. 3, p.49–66, 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/494>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MEZZAROBBA, Cristiano; PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: revista de educação física**, 2011. Disponível em:
<<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11629>> Acesso em: 22 jan. 2024.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

MOLINARI, Luis Gustavo; ROCHA, Hugo Mateus Gonçalves. Automóvel Club. In: INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO DE MINAS GERAIS. **Guia dos bens tombados IEPHA/MG**. 2. ed. Belo Horizonte: IEPHA, 2014. v. 1.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Rádio e música popular nos anos 30. **Revista de História**, n. 140, p. 75-93, 1999. Disponível em:
<<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i140p75-93>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

NASCIMENTO, Janaina Batista do. **Estado Novo e Malandro: um desafinado dueto a embalar a era Vargas**. Monografia. Universidade Federal de Uberlândia, 2008. Orientadora: Prof Dr^a Dilma Andrade de Paula. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19081/1/EstadoNovoMalandro.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2024

NETO, Georgino Jorge de Souza; SILVA, Sílvia Ricardo da. **O advento do lazer em Belo Horizonte ou das “festas e diversões”: um estudo dos hábitos de divertimento na ‘cidade moderna’ a partir do Minas Geraes**. LICERE - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em:
<<https://doi.org/10.35699/2447-6218.2009.870>> Acesso em: 29 fev. 2024.

O que é Sururu. Enciclopédia Significados. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/sururu/#:~:text=Surura%20na%20g%C3%ADria,onde%20encontram%2Dse%20os%20moluscos.>> Acesso em: 29 nov. 2023

PRATA, Nair. História do rádio em Minas Gerais. In: CUNHA, Mágda Rodrigues da; HAUSSEN, Doris Fagundes (Ed.). **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Edipucrs, 2003.

PORTES, Écio Antônio. O estudante pobre na Universidade Federal de Minas Gerais: uma abordagem histórica. **Educação em Revista**, v. 41, 2005. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982005000100006&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 29 fev. 2024

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. Orientadora: Regina Helena Alves da Silva. 2006. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <> Acesso em: 29 fev. 2024.

ROSA, Maria Cristina; SILVA, Igor Maciel. **Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/ MG nas três primeiras décadas do século XX**. LICERE, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, jun./ 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.24004>> Acesso em: 02 mar. 2024.

SÁ, Arthur Autran Franco de. Os produtores cinematográficos e o Estado na Argentina e no Brasil (1930-1945). **Galáxia (São Paulo)**, n. 38, p. 84-97, 2018. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/1982-2554234732>> Acesso em: 20 jul. 2024.

SANTOS, Flávia da Cruz. O conceito de divertimento na cidade de São Paulo (1828-1867). Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 67, p. 315-365, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-2767.2020v67p315-365>> Acesso em: 16 mai. 2024.

SANTOS, Franciele Lunelli Santos; LEANDRO, José Augusto. **Mulheres da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, 1926-1947**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000500004>> Acesso em: 01 jul. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. Editora Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SILVA, Adriana Oliveira da. **Damas da sociedade: caridade, política e lazer entre as mulheres de elite de Itabuna (1924-1962)**. Orientadora: Andréa da Rocha Rodrigues. 2012. 173 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012. Disponível em: <> Acesso em: 29 fev. 2024.

SILVA, Marina Guedes Costa. **A moral e os bons costumes: a experiência da cidade na narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926)**. Orientadora: Andrea Moreno. 2009. 150 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Wesley. **Por uma história sócio-cultural do abandono e da delinquência de menores em Belo Horizonte**. Orientadora: Diana Gonçalves Vidal. 2007. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VILHENA, Kellen Nogueira. **Entre "sãos expansões do espírito" e "sarrilhos dos diabos": lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922)**. Orientador: Tarcísio Mauro Vago. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VILHENA, Kellen Nogueira. Parque municipal de Belo Horizonte-História e memória. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 8, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/1981-3171.2005.1519>> Acesso em: 20 jul. 2024.